O LIVRO QUE INSPIROU A SÉRIE

HOUSE *of* CARDS

MICHAEL DOBBS

Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

HOUSE *of* CARDS

HOUSE *of* CARDS

MICHAEL DOBBS

Tradução

Luis Reyes Gil

Benvirá

Sumário

PARTE UM O EMBARALHAMENTO
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
PARTE DOIS O CORTE
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
PARTE TRÊS DANDO AS CARTAS
Capítulo 24
Capítulo 25

Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Epílogo

PARTE UM

O EMBARALHAMENTO

Nada dura, não para sempre. Nem o riso, nem o tesão, nem mesmo a própria vida. Não para sempre. E é por isso que tentamos aproveitar da melhor forma possível aquilo que temos.

Por que desperdiçar uma vida em busca de um epitáfio? "Lembrado com carinho." Quem, a não ser um estúpido, gostaria de ter isso cinzelado acima da cabeça? Trata-se de mero sentimentalismo incontido. Vamos encarar os fatos: a vida é um jogo de soma zero, e a política, a maneira pela qual se decide quem ganha e quem perde. E quer a gente goste ou não, somos todos jogadores.

"Respeitado por todos que o conheceram." Outra lamúria monumental. Não na minha lápide. Não é o respeito, e sim o medo que motiva um homem. É assim que impérios são construídos, é assim que revoluções começam. Esse é o segredo dos grandes homens. Quando um homem teme que você o esmague, que o destrua completamente, ele certamente passará a respeitá-lo. O medo fundamental é inebriante, sobrepujante, libertador. É sempre mais forte do que o respeito.

Sempre.

1

QUINTA-FEIRA, 10 DE JUNHO

Parecia ter passado apenas um instante desde que chegara em casa, tropeçando de exaustão no último degrau, e o sol da manhã já se esgueirava para bater em seus olhos, insinuando-se pela cortina e começando a se aninhar em seu travesseiro. Virou-se, irritada. A cabeça pesada, os pés doendo e a cama vazia ao lado dela. Ajudar a matar aquela segunda garrafa de Liebfraumilch tinha sido uma péssima ideia. Baixou a guarda, ficou encurralada num canto com um pentelho do *Sun* que era cheio de espinhas e de segundas intenções. Precisou derramar o que restava do vinho na camisa do cara para fazê-lo desistir. Deu uma rápida espiada debaixo do edredom, só para ter certeza de que não tinha cometido uma loucura gigantesca e o cara não estava por ali à espreita. Suspirou aliviada; viu que não tinha sequer tirado as meias.

Mattie Storin esmurrou o travesseiro até domá-lo e se deitou de novo. Ela merecia uns momentos a mais na cama, sabia que não conseguiria dormir nem um pouco naquela noite. Noite de eleição. Dia da Condenação. A Vingança dos Eleitores. As semanas anteriores tinham sido terríveis para Mattie, sitiada pelo editor, apertada demais entre os prazos, dividida entre a excitação e a exaustão. Talvez depois daquela noite conseguisse uns dias de folga para colocar a vida em dia, buscar um ganho de qualidade tanto em relação ao vinho quanto a um homem com quem passar a noite. Enrolou-se mais apertado com o edredom. Mesmo com a claridade daquele sol do começo do verão, sentia um friozinho.

Aquela era sua vida desde que deixara Yorkshire quase um ano antes. Tivera esperança de conseguir deixar para trás todas as acusações e a raiva, mas elas ainda projetavam uma sombra gélida que a acompanhava aonde quer que fosse, especialmente na cama. Sentiu um arrepio, enterrou o rosto no travesseiro fofo.

Tentou ser filosófica. Afinal, não tinha mais quaisquer dispersões emocionais, nenhum obstáculo que a impedisse de descobrir se realmente tinha o necessário para se tornar a melhor correspondente política num mundo ferozmente masculino. Só precisava se preocupar com ela mesma; nem gato tinha. Mas é difícil ser filosófica quando seus pés estão congelando. E quando não se tem mais uma roupa limpa para vestir. Afastou o edredom, pulou da cama, e então descobriu que a gaveta de calcinhas e sutiãs estava vazia. Tinha calculado mal, esquecido, era coisa demais para fazer e pouco tempo, e menos ainda para lavar a droga da roupa. Procurou em outras

gavetas, em cada canto, fez a maior bagunça, mas não achou nada. Merda, pelo menos nenhum homem tinha presenciado aquela cena. Mergulhou no cesto de roupa suja, foi revirando e achou uma calcinha de uma semana antes, mas que ela havia usado só um dia. Virou a calcinha do avesso, se enfiou nela. Pronta para a batalha. Com um suspiro, Mattie Storin abriu a porta do banheiro e tocou seu dia em frente.

* * *

Enquanto o crepúsculo começava a se assentar no céu de junho, quatro conjuntos de *spots* de iluminação das equipes de televisão se acenderam com uma pancada surda, pintando a fachada do edifício com um clarão de alta intensidade. A luz brilhante penetrou fundo pela fachada neogeorgiana da sede do partido. Uma cortina se agitou na janela do terceiro andar quando alguém deu uma rápida olhada na cena lá fora.

A mariposa também viu as lâmpadas. Ela aguardava a noite chegar descansando numa fenda de uma das torres próximas da bela igreja de St. John, construída por Wren no centro da Smith Square. A igreja fora há muito desconsagrada, St. John deixado de lado, mas suas quatro torres de pedra calcária ainda dominam a praça hoje ateia no centro de Westminster. Elas parecem olhar para baixo com expressão de desaprovação. Mas não a mariposa. Ela começa a zunir, animada. Estende as asas, atraída por dez mil watts e movida por milhões de anos de instinto.

A mariposa extenua-se no ar do início da noite, força seu corpo por aquele rio de luz. Voa sobre as cabeças daquela multidão cada vez maior, alheia ao agito e ao passo acelerado dos preparativos. Voa, cada vez mais perto, ansiosa, apaixonada, errática, ambiciosa, sem se dar conta de mais nada a não ser do poder pelo qual se sente atraída, um poder além dos sonhos, além da resistência. Ela não tem escolha.

Houve um lampejo luminoso quando o corpo da mariposa tocou a lente um milissegundo antes de suas asas cobrirem o vidro abrasador e evaporarem. Sua carcaça queimada e enegrecida soltou pequenos vapores de desespero ao tombar em direção ao chão. A noite havia feito sua primeira vítima.

* * *

Outra vítima precoce da noite estava apoiada no balcão envernizado do bar Marquis of Granby, na esquina próxima daquela crescente turbulência. O marquês de Granby original tinha sido uma figura militar popular havia mais

de duzentos anos, e existiam mais bares com seu nome do que com o de qualquer outro personagem no país, mas o marquês sucumbira à política, perdera o rumo e morrera endividado e aflito. Um destino similar estava reservado a Charles Collingridge, segundo seus muitos e tolerantes amigos. Não que Charles Collingridge tivesse sido eleito alguma vez, mas nem o marquês havia sido, e não era assim que as coisas funcionavam naquela época. Collingridge estava nos seus cinquenta e tantos anos, parecia mais velho, acabado, e não tivera uma carreira militar particularmente gloriosa – dois anos de serviço militar obrigatório, que deixaram nele pouco mais do que uma sensação de sua própria inadequação à ordem da vida. Charles sempre tentara fazer o que era decente, mas era muito propenso a acidentes. Isso é comum em quem tem o vício da bebida.

Seu dia começara cedo com um barbear e uma gravata, mas agora os pelos começavam a aparecer e a gravata já pendia a meio-pau. Os olhos diziam ao *barman* que aquela boa dose de vodca que ele servira dois copos antes não fora a primeira do dia dele. Mas Charlie era um beberrão simpático, de sorriso fácil e sempre com algum comentário generoso na ponta da língua. Devolveu seu copo vazio com um empurrão pelo balcão.

– Mais uma? – perguntou o *barman*, em dúvida.

– E outra para você, meu caro – respondeu Charlie, pegando a carteira. – Ah, espere, acho que estou com dinheiro curto… – murmurou, olhando fixamente para uma nota solitária, sem acreditar. Vasculhou o bolso, puxou para fora o chaveiro, um lenço cinza e algumas moedas. – Tenho certeza de que pus em algum lugar…

– Essa nota aí já dá – disse o *barman*. – E para mim, não precisa nada, não, obrigado. Parece que a noite vai longe.

– Vai, sim. Sabe meu irmão mais novo, o Henry, você conhece?

O *barman* acenou com a cabeça que não, empurrou o drinque pelo balcão, feliz ao ver que o velho bêbado estava sem dinheiro e logo iria embora do bar.

– Você não conhece o Henry? – perguntou Charlie, surpreso. – Pois deveria. – Deu um gole. – Todo mundo conhece o Henry. – Mais um gole. – É o primeiro-ministro.

2

Ter visão é uma ideia muito boa para um político. Sim, o Fator Visão, é disso que se trata. É realmente útil, você não acha? Porque, num dia claro, a maioria dos políticos consegue enxergar até – bem, eu conheço alguns que conseguem enxergar bem longe, até Battersea.[1]

Francis Ewan Urquhart era um homem composto de várias partes – membro do Parlamento, Conselheiro de Estado, o que lhe deu o prefixo de Muito Honorável, Ministro da Coroa e Comandante da Excelentíssima Ordem do Império Britânico. Ele era todas essas coisas, e aquela era sua noite, embora naquele exato momento ele não se sentisse muito à vontade. Espremido num canto de uma sala pequena e abafada, pressionado com força contra uma horrível luminária da década de 1960, que dava toda a pinta de que iria tombar a qualquer hora, estava rodeado por um bando de senhoras que trabalhavam na sua campanha e que haviam eliminado qualquer possibilidade de ele escapar dali, enquanto continuavam papeando animadamente a respeito de seus brincos e sapatos pontudos da última moda. Ficou se perguntando por que perdiam tempo com aquilo. Ali era o subúrbio chique de Surrey, lugar das classes sociais A e B na terminologia das pesquisas de opinião, onde todo mundo tinha o passaporte em dia e uma Range Rover na garagem. Range Rover? A única hora em que esses carros viam lama era quando alguém dirigia distraído pelo gramado da frente numa madrugada de sexta-feira ou quando deixavam seus pequenos Joãozinhos e Marias nas escolas particulares. Angariar votos era considerado quase vulgar naquele ambiente. E lá os votos não eram contados, eram pesados.

– Mais um *vol-au-vent*, senhor Urquhart? – Uma bandeja de petiscos côncavos foi empurrada perante ele por uma mulher gorda, cujos seios estavam cobertos por um vestido estampado de flores grandes, e que parecia estar escondendo dois gatos ariscos.

– Não, obrigado, senhora Morecombe. Desse jeito eu vou explodir!

Explodir de impaciência. Havia uma culpa, uma que remontava a várias gerações. Os Urquhart eram uma importante família guerreira das Terras Altas da Escócia, com seu castelo às margens do Lago Ness, mas os MacDonalds haviam chegado e agora o castelo estava em ruínas. As memórias de infância de Urquhart remetiam ao ar puro e estimulante das charnecas, àqueles dias em que, na companhia de um velho ajudante de caça, passava horas deitado na turfa úmida e de aroma doce à espera do

gamo certo, do mesmo jeito que imaginava o irmão mais velho, Alastair, esperando os alemães nas cercas-vivas dos arredores de Dunquerque. Seu irmão o chamava de F.U., um apelido que com frequência lhes valia um cascudo do pai, mesmo vários anos antes de Francis poder entender o motivo.[2] Ele não se importava, sentia-se feliz em acompanhar o irmão mais velho. Mas Alastair não voltaria para casa. A mãe dele ficou arrasada, nunca se recuperou, vivia da memória do filho perdido e negligenciou Francis. E, assim, F.U. acabou vindo para o sul, para Londres. Para Westminster. Para o Surrey. Abandonou suas obrigações. A mãe nunca mais falou com ele de novo. Trair sua herança em relação à Escócia já era imperdoável; mas para o Surrey?

Ele suspirou, embora mantivesse o sorriso. Esse era o décimo oitavo comitê do dia e o fio de entusiasmo que havia alinhavado o humor do começo da manhã há muito tempo já se desfizera e virara um mero fio de novo. Faltavam ainda quarenta minutos para que as urnas fechassem e o último voto pudesse ser depositado. A camisa de Urquhart grudava na pele de tanto suor. Estava cansado, desconfortável, encurralado por aquele bando de mulheres que o perseguiam com uma persistência canina.

Mesmo assim, ele mantinha o sorriso, porque sua vida estava prestes a mudar, fosse qual fosse o resultado. Urquhart estava há anos naquela escalada política, passando de cargos secundários a cargos ministeriais menores e agora participando do Gabinete como líder da bancada, um dos doze postos de maior poder dentro do Governo. O cargo lhe propiciava um esplêndido escritório no número 12 da Downing Street, a poucos metros do gabinete do primeiro-ministro. Atrás das portas daquele número 12, dois dos mais célebres bretões de todos os tempos, Wellington e Nelson, haviam se encontrado pela primeira e única vez. As paredes continham ecos da história e de uma autoridade que agora era dele.

Mas o poder de Urquhart não vinha diretamente do seu cargo público. O papel de líder da bancada não implicava uma hierarquia ministerial de fato. Urquhart não tinha um grande Departamento de Estado ou uma máquina substancial de servidores públicos para comandar; sua tarefa era anônima, um trabalho incessante de bastidores, sem pronunciamentos públicos e sem entrevistas para a televisão. Um homem das sombras.

E também um homem da disciplina. Ele era o Mandante, aquele que tinha a função de pôr um pouco de ordem na casa. Isso significava que não era apenas respeitado, mas também um pouco temido. Era o membro do ministério com as antenas políticas mais aguçadas dentro do Governo. A fim de poder dar seu voto, dia após dia, noite após noite, precisava saber onde seus membros do Parlamento poderiam provavelmente ser encontrados, e

para isso tinha de conhecer seus segredos – com quem estavam conspirando, com quem poderiam estar dormindo, se estariam sóbrios o suficiente para votar, se haviam posto as mãos no bolso de alguém – ou na mulher de alguém. Todos esses segredos, com suas pequenas arestas afiadas, eram reunidos e mantidos num caderninho preto, trancado dentro de um cofre, e nem o primeiro-ministro tinha acesso às chaves.

Em Westminster, esse tipo de informação é poder. Muitos parlamentares do partido de Urquhart deviam sua continuidade no cargo à capacidade do líder da bancada em resolver e ocasionalmente encobrir seus problemas pessoais. *Backbenchers*[3] decididos a se rebelar ou parlamentares desencaminhados por sua ambição acabavam mudando de ideia quando eram lembrados de alguma antiga imprudência que lhes tivesse sido perdoada pelo partido, mas nunca esquecida. Era impressionante como os políticos se tornavam maleáveis quando confrontados com a possibilidade de uma colisão entre suas vidas pública e privada. Razão pela qual mesmo aquela alma melancólica de Staffordshire, o secretário dos Transportes, um homem que havia planejado fazer uma declaração bem fora de suas atribuições e próxima demais da seara do primeiro-ministro, havia decidido pensar melhor. Tudo o que foi preciso foi fazer um telefonema para a casa de sua amante, e não para a sua residência de casado.

– Francis, como diabos você me achou aqui?

– Nossa, Keith, será que eu cometi alguma gafe terrível? Desculpe, eu queria ter uma conversa rápida com você sobre o seu pequeno pronunciamento, mas parece que procurei seu número na lista errada.

– Mas de que raios de lista você está falando?

– Você não sabia? A gente mantém dois registros. Um é o oficial, o outro… Bem, não se preocupe, temos esse caderninho preto muito bem guardado. Não vai acontecer de novo. – E depois de uma pausa: – Não é mesmo?

O secretário de Transportes deu um suspiro, cheio de melancolia e culpa.

– Não, Francis, não vai acontecer de novo.

Mais um pecador que se arrependeu depressa.

O partido estava em dívida com Francis Urquhart, todos sabiam disso. E, depois dessa eleição, seria a hora de cobrar essa dívida.

De repente, Urquhart foi trazido de volta ao momento presente por uma de suas devotadas senhoras. Os olhos dela estavam empolgados, as bochechas coradas, a respiração acelerada com um hálito forte, do gosto residual azedo de sanduíches de ovo e agrião, seu senso de reserva e discrição suplantados pelo calor e pela agitação do dia.

– Diga-nos, senhor Urquhart, quais são seus planos? Ainda pretende concorrer à próxima eleição? – perguntou de modo impertinente.

– Como assim? – retrucou, meio assustado, os olhos brilhando, ofendido.

– O senhor não pensa em se aposentar? Já está com 61 anos, não é? Terá 65 ou mais na próxima eleição – insistiu ela.

Ele curvou sua figura alta e angular de modo a encará-la bem nos olhos.

– Senhora Bailey, eu ainda estou em plena posse das minhas faculdades mentais e em muitas sociedades teria acabado de entrar em meu melhor período para a política – respondeu com lábios que não carregavam mais qualquer indício de bondade. – Ainda tenho muito trabalho pela frente. Muita coisa que quero realizar.

Ele virou-lhe as costas, sem se incomodar em ocultar sua falta de paciência, mesmo sabendo no fundo que ela estava certa. Os fortes tons avermelhados de seu cabelo na juventude haviam ido embora há tempos, o ouro virara prata, como ele gostava de brincar. Usava agora o cabelo mais comprido, como que para compensar. Sua compleição corporal mais avantajada não o deixava mais usar os ternos de corte tradicional, como podia fazer anos atrás, e seus olhos azuis haviam ficado mais frios com o passar de tantos invernos. Sua altura e sua postura ereta apresentavam uma imagem diferente naquela sala cheia de gente, mas um ministro, um homem com o qual cruzara, uma vez lhe dissera que ele tinha um sorriso parecido com a alça de uma urna de cinzas mortuárias frias. “E essas cinzas serão as suas um dia, seu velho malandro”, o homem havia complementado. Urquhart já não estava mais naquele primeiro fluxo da meia-idade e não havia como esconder isso, nem para si mesmo. A experiência não era mais uma aliada.

Por quantos anos havia visto homens mais jovens e menos talentosos do que ele avançarem mais rápido? Quantas vezes havia secado seus olhos, limpado suas bundas, enterrado seus segredos da vista alheia a fim de deixar-lhes o caminho livre? Sim, eles lhe deviam algo! Ele ainda tinha tempo para deixar sua marca, mas tanto ele quanto a senhora Bailey sabiam que não era tanto tempo assim.

No entanto, apesar de ele ter lhe dado as costas, ela continuou atrás, discursando sobre a proposta de um sistema de mão única para o shopping da High Street. Ele ergueu os olhos numa súplica e conseguiu atrair a atenção da esposa, Mortima, que estava envolvida em trivialidades do outro lado da sala. Um olhar foi suficiente para que ela percebesse que seu resgate já estava demorando demais, e ela foi correndo até ele.

– Senhoras, vão nos desculpar, mas temos que voltar para o hotel e trocar de roupa antes da contagem dos votos. Eu nem sei como agradecer por sua ajuda. Vocês sabem o quanto são indispensáveis para o Francis.

Urquhart conseguiu até dar um sorriso para a senhora Bailey; foi como uma borboleta efêmera, tão breve que quase morreu antes que pudesse ser

vista, mas suficiente para reparar o estrago da relação. Ele foi apressadamente até a porta. Despedia-se da anfitriã, quando se deteve ao receber um sinal de sua agente de campanha, que fazia anotações rápidas enquanto falava ao telefone.

– Estou só anotando os últimos resultados da pesquisa, Francis – explicou ela.

– E eu aqui me perguntando por que isso não foi feito há uma hora. – De novo aquele sorriso amarelo bem desanimado que morre antes de chegar aos olhos da outra pessoa.

– Não parece tão animadora quanto a pesquisa anterior – disse ela, corando por causa da bronca. – Parece que um monte daqueles que nos apoiam ficaram em casa. É difícil avaliar, mas suspeito que a maioria não vá comparecer para votar. Não sei dizer qual porcentagem.

– Que se danem. Eles merecem uma dose de Oposição por alguns anos. Talvez isso os faça levantar a bunda do sofá.

– Querido – sua esposa o acalmou, como já fizera incontáveis vezes antes –, isso é muito pouco generoso. Com uma maioria de quase 22 mil, podemos aceitar essas pequenas quedas, não é mesmo?

– Mortima, eu não estou num clima generoso. Estou com calor, cansado e já não aguento mais ouvir tanta conversinha-fiada. Pelo amor de Deus, me tire daqui.

Ele saiu pisando firme enquanto ela se virava para acenar um último agradecimento e uma despedida àquela sala lotada. Ainda teve tempo de ver a luminária tombar de vez no chão.

* * *

O clima de ameaça controlada que normalmente preenchia o escritório do editor desaparecera, substituído por uma sinistra sensação de pânico que ameaçava fugir do controle. A primeira edição já havia ido há tempos para a gráfica, completa, com uma grande manchete de primeira página que dizia: “Reeleição garantida!”, mas isso havia sido às 18h00, quatro horas antes de as eleições terminarem. O editor do *Daily Chronicle* fizera sua aposta no resultado da eleição para que sua primeira edição tivesse um mínimo de interesse na hora em que chegasse às ruas. Se acertasse a aposta, seria o primeiro a dar a notícia. Se errasse, estaria com água até o pescoço e rodeado de crocodilos.

Essa era a primeira eleição que Greville Preston enfrentava como editor, e não se sentia nada confortável. O nervosismo era evidente na sua constante mudança das manchetes, nos insaciáveis pedidos de atualizações que fazia à

sua equipe de política e no seu linguajar cada vez mais pesado. Fora colocado no cargo fazia apenas alguns meses pelo novo dono do Chronicle Newspapers com uma instrução simples e irredutível: "Tenha sucesso!". Fracassar não era uma opção que fizesse parte do seu contrato e ele sabia que não teria uma segunda chance – assim como não demonstrava um pingo de remorso pela sorte dos demais que trabalhavam no *Chronicle*. A fim de conseguir uma recuperação econômica imediata, o pessoal do financeiro exigiu cortes implacáveis de pessoal, e um grande número de funcionários mais antigos viram-se "racionalizados" e trocados por gente menos experiente e bem mais barata. Foi ótimo para o resultado financeiro, mas acabou com o ânimo da redação. O expurgo criou insegurança entre o pessoal que ficou, os leitores leais não entenderam as mudanças e Preston ficou com a sensação crônica de um perigo iminente, uma condição que o dono do jornal decidira não fazer nada para aliviar.

A estratégia de Preston para aumentar a circulação colocou o jornal num segmento de mercado mais baixo, mas ainda não dera os frutos prometidos. Ele era um homem baixinho, que chegara ao jornal com ares de um novo Napoleão, mas que emagrecera a ponto de ter que usar suspensórios para segurar as calças e que agora precisava de litros de café para ficar de olho aberto. Sua aparência antes agradável e bem cuidada começara a se diluir nas incontáveis gotas de suor que se juntavam nas suas sobrancelhas e faziam seus óculos de armação pesada escorregar pelo nariz. Dedos que antes tamborilavam enquanto pensava agora estalavam de impaciência. Aquela disposição cuidadosamente estudada de transmitir uma imagem de autoridade fora carcomida pela sua insegurança interior, e ele não tinha mais certeza de estar à altura das situações que se apresentavam, quaisquer que fossem. Tinha até parado de comer a secretária.

Agora ele virava as costas para aquele monte de monitores de tevê ligados, encostados numa das paredes do seu escritório, e encarava os membros da equipe que o vinham fazendo passar por aquele apuro.

– Como diabos vocês sabem que está dando errado? – gritou ele.

Mattie Storin recusou-se a ceder. Aos 28 anos, era a mais nova da equipe de política do jornal, substituindo um dos correspondentes veteranos que entrara em conflito com o pessoal do financeiro por seu hábito de realizar suas entrevistas em longos almoços no Savoy. No entanto, apesar de sua relativa juventude e de ser nova na redação, Mattie tinha confiança nas suas opiniões, que alguns homens incompetentes interpretavam erradamente como teimosia. Estava acostumada a gritarem com ela e não tinha problemas em gritar de volta. De qualquer modo, era tão alta quanto Preston, "e quase tão bonita", como ela muitas vezes ironizava à custa dele. O que importava se ele ficava a maior parte do tempo olhando fixamente para os peitos dela? Isso

lhe garantia o emprego e às vezes fazia que ganhasse algumas das discussões com ele. Ela não o via como uma ameaça sexual, conhecia a secretária dele bem demais para isso, e ser assediada por baixinhos com suspensórios vermelhos horríveis era o preço que ela escolhera pagar para vir para o sul. Sobrevivendo aqui, ela poderia fazer carreira em qualquer lugar.

Ela virou-se para encará-lo, com as mãos enfiadas defensivamente nos bolsos da sua moderna calça *bag*. Falou bem devagar, torcendo para que a voz não traísse seu nervosismo.

– Grev, conversei com vários deputados do Governo nas últimas duas horas e todos estão com previsões pouco otimistas. Liguei para o supervisor eleitoral do primeiro-ministro e ele disse que as pesquisas estão com um erro de 5%. Isso está longe de ser um voto de confiança no Governo. Tem alguma coisa acontecendo lá fora, dá para sentir. Não parece que teremos uma reeleição do Governo, e muito menos uma "reeleição garantida".

– E daí?

– E daí que a nossa matéria de capa não vai colar.

– Bobagem. Todas as pesquisas durante a eleição deram que o Governo seria reeleito com uma margem tranquila, mas você quer que eu mude a manchete da primeira página, e baseada no quê? Na sua intuição feminina?

Mattie sabia que a agressividade dele vinha do seu nervosismo. Todo editor vive na corda bamba; o segredo deles é não dar pista disso. Mas Preston dava.

– Tudo bem – ele insistiu –, eles tinham uma maioria de mais de cem na última eleição. Agora você vem e diz o que a sua intuição feminina sugere que vai acontecer amanhã. As pesquisas de opinião estão prevendo por volta de setenta cadeiras. O que a pequena Mattie Storin acha disso?

Ela ficou na ponta dos pés, só para poder olhá-lo de cima.

– Você pode acreditar nas pesquisas se quiser, Grev, mas não é esse o sentimento nas ruas. Não há entusiasmo entre aqueles que apoiam o Governo. Eles não vão comparecer para votar. Isso vai puxar a maioria para baixo.

– Vamos lá – ele provocou. – Então quanto vai ser?

Ela não conseguiu ficar mais tempo na pontinha do pé. Balançou a cabeça devagar para enfatizar sua cautela, e seu cabelo loiro ficou roçando nos ombros de leve.

– Uma semana atrás eu teria dito cinquenta. Agora, acho que é menos – ela respondeu. – E talvez bem menos.

– Meu Deus, não pode ser menos. Nós apoiamos esses filhos da puta o tempo todo. Eles precisam fazer a parte deles.

"E você a sua", murmurou ela. Todos sabiam onde estava metido o editor, ou seja, no meio de um dos maiores pântanos da Fleet Street. A única

convicção política firme de Preston era a de que seu jornal não podia ficar do lado perdedor, e isso nem sequer era uma convicção dele, mas uma que lhe havia sido inculcada pelo novo dono *cockney* do jornal, Benjamin Landless. Esse era um dos poucos aspectos atraentes de Preston: ele não se dava ao trabalho de ser discreto e de esconder suas verdadeiras opiniões, punha isso à vista de todos. Como ele costumava lembrar à sua já insegura equipe, graças à nova política de concorrência do Governo era mais fácil comprar dez novos editores do que um novo jornal, "assim o Governo não corre o risco de ficar puto da vida porque a gente está apoiando a porra da Oposição".

Landless vinha cumprindo sua palavra. Colocara seu crescente exército de jornais do lado do Governo, e tudo o que esperava em troca era que o Governo produzisse o resultado adequado da eleição. Não era razoável, é claro, mas Landless nunca achara que ser razoável fosse ajudar a extrair o melhor de seus empregados.

Preston tinha ido dar uma olhada nos monitores de televisão, esperando receber notícias melhores. Mattie tentou de novo. Sentou-se na ponta da grande mesa do editor, tampando a pilha de pesquisas de opinião na qual ele confiava tão cegamente, e tentou organizar seu ponto de vista.

– Veja bem, Grev, vamos analisar as coisas como são. Quando a Margaret Thatcher finalmente esgotou aquele seu jeito de ameaçar dar bolsadas em quem não concordasse com ela e foi forçada a se aposentar, eles ficaram desesperados para mudar de estilo. Queriam uma coisa nova. Algo menos abrasivo, menos autoritário; já tinham tido suficientes provações e sofrido suficiente exposição por causa de uma maldita mulher.

"Você devia entender isso melhor do que ninguém", pensou ela.

– Então, na sua sabedoria, escolheram o Collingridge, pela simples razão de que ele se mostrava confiante na tevê, cordial com as senhorinhas idosas e não parecia muito dado a controvérsias. – Ela encolheu os ombros com desdém. – Mas eles perderam o que tinham de melhor. Agora fazem uma política feijão com arroz, não sobrou energia nem entusiasmo. O Collingridge fez a campanha com o mesmo vigor de um professor de escola dominical. Mais sete dias ouvindo o cara dizer essas banalidades e eu acho que até a mulher dele ia votar no pessoal do outro bando. Qualquer coisa, só para haver uma mudança.

Preston tinha virado de costas para os monitores e agora batia os dedos no queixo. Finalmente parecia estar prestando atenção. Pela décima vez naquela noite Mattie ficou imaginando se ele usava laquê para deixar o cabelo tão bem penteado. Ela suspeitava que ele estava começando a ficar careca. Tinha certeza de que ele fazia as sobrancelhas com pinça.

Ele voltou à carga.

– Tudo bem, vamos deixar o misticismo um pouco de lado e olhar

friamente os números, que tal? Qual vai ser a maioria então? Eles vão conseguir a reeleição ou não?

– Só um cara muito precipitado afirmaria que não – respondeu ela.

– E eu não tenho a menor intenção de ser precipitado, Mattie. Para mim, qualquer tipo de maioria já me satisfaz. Porra, nas circunstâncias atuais, isso já seria um feito e tanto. Histórico, na verdade. Quatro vitórias seguidas é algo que nunca aconteceu antes. Então, a primeira página fica como está.

Preston terminou de dar suas instruções rapidamente e encheu um copo com champanhe de uma garrafa que estava na sua estante de livros. Não ofereceu a ela. Começou a remexer papéis, dispensando-a, mas Mattie não era de desistir facilmente. Seu avô havia sido um viking moderno, que, nos tumultuados primeiros meses de 1941, navegara o mar do Norte num pesqueiro inundado de água para escapar da Noruega ocupada pelos nazistas e se juntar à Royal Air Force. Mattie herdara dele não só sua natural aparência escandinava mas também uma firmeza de espírito que nem sempre despertava elogios de homens incompetentes. E o que isso importava?

– Então pare só um minuto e pergunte a você mesmo o que a gente pode esperar de mais quatro anos com o Collingridge. Talvez ele seja um cara legal demais para ser primeiro-ministro. O discurso dele foi tão superficial que evaporou na primeira semana da campanha. Ele não desenvolveu nenhuma nova ideia, seu único plano é cruzar os dedos e esperar que nem os russos nem os sindicatos peidem muito alto. É isso o que você acha que o país realmente quer?

– Muito bem colocado, como sempre, Mattie – zombou ele, arrogante mais uma vez. – Mas você está equivocada. Os caras querem consolidação, não um levante. Não querem ver os brinquedos sendo atirados para fora do carrinho toda vez que o bebê é levado para passear. – Ele brandiu seu dedo no ar como um regente de orquestra trazendo o músico distraído de volta à partitura. – Portanto, um par de anos de cerveja quente e críquete não vai ser algo ruim. E o nosso amigo Collingridge de volta à Downing Street será uma coisa maravilhosa!

– Sei, sei… muito maravilhosa – murmurou irônica, virando-se para sair.

3

Jesus ensinou a perdoar nossos inimigos, e quem sou eu para discordar do Todo-poderoso? Mas, na sua infinita sabedoria, ele não mencionou nada sobre perdoar nossos amigos, e menos ainda nossas famílias. Fico feliz em seguir seu conselho nesse assunto. Mas, seja como for, em relação a isso, acho muito mais fácil perdoar a mim mesmo.

Foi o ônibus da Linha 88 passando com um barulhão e estremecendo as janelas do apartamento o que provavelmente fez Charles Collingridge acordar. O pequeno apartamento de um quarto em cima de uma agência de viagens em Clapham não era o que a maioria das pessoas poderia esperar do irmão do primeiro-ministro, mas a redução de despesas falava mais alto. Como ficara sem dinheiro no bar, decidira voltar para casa para se reorganizar. Sentado curvado na poltrona, ainda no seu terno amarrotado, estava completamente sem rumo.

Olhou para seu velho relógio de pulso e xingou. Estava dormindo há horas, mas ainda se sentia exausto. Se não se apressasse iria perder a festa, mas primeiro precisava beber algo para se animar um pouco. Serviu-se de uma boa dose de vodca; nem era mais uma Smirnoff, apenas a marca do supermercado do bairro. Apesar disso, não deixava cheiro no hálito nem exalava aroma quando você derramava no copo.

Levou a bebida com ele e mergulhou na água quente da banheira, dando um tempo para que ela operasse maravilhas nos seus membros cansados. Ultimamente, eles pareciam pertencer a uma pessoa totalmente diferente. Devia estar ficando velho, disse a si mesmo.

Parou em frente ao espelho, tentando reparar os danos do seu último porre. Viu o rosto do pai, repreensivo como de hábito, incentivando-o a perseguir metas que estavam sempre fora do seu alcance, querendo saber por que ele nunca conseguira fazer como o irmão mais novo, Henry. Os dois tiveram tudo igual, frequentaram a mesma escola, mas de algum jeito Henry sempre esteve à frente, e aos poucos o foi ofuscando, na carreira, no casamento. Charles não tinha ressentimento disso, era uma alma generosa, generosa demais, e indulgente. E Henry sempre estivera ali para ajudá-lo quando ele precisou, para dar-lhe conselhos e oferecer um ombro para ele chorar suas mágoas depois que Mary largou dele. Sim, particularmente quando Mary largou dele. Mas ela não havia jogado na cara dele que Henry era muito mais bem-sucedido? “Você não tem competência para isso. Aliás, não tem competência para nada!” E Henry tinha muito menos tempo para se

preocupar com os problemas de qualquer um de seus companheiros depois que foi para a Downing Street.

Quando garotos, eles dividiam tudo; quando jovens, ainda dividiam muita coisa, até mesmo alguma namorada ocasional, ou duas. E um carro, um dos primeiros Minis, antes de Charlie tê-lo enfiado numa vala e ter saído cambaleando, tentando convencer o jovem policial que eram o choque e os ferimentos, e não o álcool, o que o estava deixando tão sem equilíbrio. Mas, naqueles dias, sobrava pouco espaço para seu irmão na vida de Henry, e Charlie sentia – o que sentia, afinal, lá no fundo, quando se permitia ser honesto? Raiva, uma enorme, imensa, desmedida fúria – não em relação a Henry, é claro, mas à vida. Ela não havia funcionado direito para ele, e ele não entendia por quê.

Fez a barba, desviando a navalha dos velhos cortes no rosto inchado, começando a se recompor. O cabelo penteado por cima do início da calvície, a camisa limpa e uma gravata nova, lisa. Logo estaria pronto para a festa da eleição à noite, à qual seus laços de família ainda lhe davam acesso. Um pano de prato esfregado nos sapatos devolveu-lhes um pouco de brilho, e ele estava quase pronto. Mais uma olhada no relógio de pulso. Bem, tudo certo agora. Hora de tomar mais uma.

* * *

Ao norte do rio, um táxi estava empacado no trânsito na periferia do Soho. Aquele lugar vivia com trânsito parado e a noite de eleição parecia ter trazido uma multidão adicional de festeiros para as ruas. No banco de trás do táxi, Roger O'Neill estalava os nós dos dedos de impaciência, vendo, sem poder fazer nada, um monte de bicicletas e pedestres passando rapidamente por ele. Sua agitação crescia, ele não tinha muito tempo. Recebera as instruções. "Chegue aqui logo, Rog", eles haviam dito. "Não podemos ficar esperando a noite inteira, nem mesmo por você. E só vamos estar de volta na terça-feira."

O'Neill não esperava e nem recebia tratamento preferencial, e nunca tentou tirar vantagem de seu cargo. Era diretor de publicidade do partido, mas rezava a Deus para que eles não soubessem nada disso. Havia momentos em que achava que eles poderiam reconhecê-lo, por ter visto uma foto sua nos jornais, mas, quando ficava menos paranoico, compreendia que eles provavelmente nunca liam jornal, e muito menos votavam. Que interesse tais pessoas poderiam ter em política? Até Hitler poderia ser eleito, que eles não estariam nem aí. Que diferença fazia quem estava no poder quando havia tanto dinheiro livre de impostos dando sopa?

O táxi finalmente deu um jeito de atravessar a Shaftesbury Avenue e

entrar na Wardour Street, mas parou em outra barreira de trânsito pesado. Merda, não ia conseguir encontrar com eles. Escancarou a porta.

– Eu vou a pé – gritou para o taxista.

– Desculpe, companheiro. Não é culpa minha. Eu perco um dinheirão parado no trânsito – retrucou o motorista, esperando que a impaciência do seu passageiro não o fizesse perder a gorjeta.

O'Neill saltou no meio da rua, enfiou uma nota na mão do taxista e driblou um motoqueiro enquanto seguia por aquele tumulto infindável de casas de shows eróticos e restaurantes chineses até entrar numa ruazinha estreita, estilo Dickens, cheia de pilhas de lixo. Passou espremido entre fileiras de sacos plásticos e caixas de papelão e desatou a correr. Não estava lá muito apto fisicamente e sentiu o esforço, mas não precisava ir muito longe. Ao chegar à Dean Street virou à esquerda, e cem metros adiante se enfiou na estreita abertura de um daqueles becos do Soho que a maioria das pessoas nem vê, concentradas que estão em achar diversão e evitar o trânsito. Saindo da rua principal, o beco se abria num pequeno pátio, rodeado por oficinas e garagens instaladas nos velhos armazéns vitorianos. O pátio estava vazio, sombrio. Seus passos ressoavam nas pedras do pavimento enquanto ele se apressava em direção a uma portinha verde, que ficava no canto mais distante e escuro do pátio. Parou para dar uma olhada em volta antes de entrar. Não bateu.

Em menos de três minutos, já estava saindo de lá. Sem olhar para os lados, voltou apressado para as multidões da Dean Street. Seja lá o que tivesse ido buscar, evidentemente não era sexo.

* * *

Por trás da fachada de tijolos da sede do partido na Smith Square, em frente às torres de pedra calcária da igreja de St. John, a atmosfera era estranhamente quieta. Durante as últimas semanas, o lugar havia fervido de atividade, mas a maioria das tropas desaparecera no dia da eleição, indo para os distritos eleitorais, aqueles distantes postos avançados do mundo político onde haviam tentado recrutar os últimos poucos convertidos para a causa. Àquela hora, a maioria dos que permaneciam estava jantando cedo nos restaurantes ou clubes vizinhos, procurando exibir confiança mas caindo volta e meia numa discussão incerta sobre os últimos boatos a respeito do comparecimento dos eleitores aos locais de votação, pesquisas de boca de urna e cadeiras cruciais. Ninguém tinha lá muito apetite e logo começaram a voltar, abrindo caminho no meio daquela multidão cada vez maior de espectadores, passando pelos cordões de isolamento da polícia e pelas pilhas

cada vez maiores de mariposas queimadas.

No último mês, aqueles escritórios haviam ficado cada vez mais cheios de gente, superaquecidos e na maior agitação, mas no dia seguinte tudo seria diferente. O período de eleições é um tempo de mudanças, e de sacrifício humano. No final de semana, fosse qual fosse o resultado, muitos deles não estariam mais em seus empregos, mas quase todos voltariam querendo mais, querendo mamar nas tetas do poder. No momento, estavam se ajeitando para o que parecia ser uma espera interminável.

O Big Ben tocou às 22h00. Finalmente, tinha acabado. As urnas de votação estavam fechadas, e o resultado não poderia mais ser afetado por qualquer apelo adicional, explicação, ataque, insinuação, difamação ou trapalhada fatal. Quando o último repique da velha torre de relógio desvaneceu no ar da noite, uns poucos trabalhadores do partido cumprimentaram-se num silencioso reconhecimento e respeito pelo trabalho bem-feito. O quanto teria sido bem-feito, eles logo iriam descobrir. Como em tantas noites anteriores, como se fosse um ritual religioso, iriam dirigir sua atenção para os noticiários da televisão e para a voz familiar de Sir Alastair Burnet. Ele parecia um Moisés moderno, com seu tom tranquilizador e bochechas vermelhas, seu cabelo prateado ondulado, com aquele mínimo de iluminação por trás para criar um efeito de halo.

– Boa noite – começou ele, com uma voz que parecia um regato sereno. – A campanha eleitoral chegou ao fim. Há apenas alguns segundos, milhares de locais de votação por todo o país fecharam suas portas, e agora estamos aguardando o veredito do povo. Os primeiros resultados são esperados para daqui a apenas 45 minutos. Daqui a pouco, entraremos ao vivo para entrevistar o primeiro-ministro, Henry Collingridge, no seu distrito eleitoral de Warwickshire, e o líder da oposição, em South Wales. Mas, antes de mais nada, vamos à exclusiva pesquisa de boca de urna da ITN conduzida pela Harris Research International em 153 locais de votação por todo o país, durante a eleição de hoje. A previsão é a seguinte…

O mais antigo âncora de noticiário do país abriu um grande envelope diante dele, com tanta reverência como se o envelope pardo tamanho A4 contivesse sua certidão de óbito. Ele puxou uma grande ficha de dentro do envelope e deu uma olhada nela. Sem muita pressa e nem demora excessiva, ergueu os olhos uma vez mais para as câmeras, segurando sua audiência de 30 milhões na palma da mão, criando um sutil suspense. Aquele era o seu momento. Depois de 28 anos e nove eleições gerais como apresentador de televisão, ele já anunciara que esta seria a sua última.

– A projeção da pesquisa de boca de urna exclusiva da ITN, e eu ressalto que se trata de uma projeção, não de um resultado, é… – Ele olhou uma vez mais para a ficha, só para confirmar que não havia lido errado.

– Vamos logo com isso, seu velho safado! – ouviu-se uma voz gritar de algum lugar do complexo da Smith Square, e de outro ponto veio o som de um champanhe sendo estourado numa celebração prematura, mas no geral todos mantinham um profundo silêncio. A história estava sendo feita e eles eram parte dela. Sir Alastair olhou fixo para todos eles, mantendo-os na expectativa por mais um momento.

– … que o Governo será reeleito com uma maioria de 34.

O próprio edifício pareceu tremer quando um rugido de triunfo misturado com alívio irrompeu de dentro dele. 34 miseráveis cadeiras! Era uma vitória, e, quando você está num jogo enfiado até o pescoço, é só a vitória que interessa, não o modo como o jogo foi jogado ou se o resultado foi apertado ou não. Haveria tempo mais tarde para uma reflexão mais sóbria, para que a história chegasse ao seu veredito, mas a história que se dane, por enquanto já era suficiente ter sobrevivido. Em cada canto havia lágrimas de alegria, de exaustão e de alívio, que para muitos eram coisas quase tão boas quanto um orgasmo e, aos olhos de alguns poucos mais velhos, até melhores.

A tela dividiu-se em tomadas sem som das reações dos líderes dos partidos ao saberem da notícia. Collingridge foi visto assentindo, em aceitação, com um meio sorriso que não era totalmente de satisfação, enquanto seu oponente, com um amplo sorriso e sacudindo a cabeça, não deixou aos espectadores nenhuma dúvida de que a Oposição não se resignaria à derrota. “Esperem e verão”, percebia-se ele pronunciar, em tom triunfal. Então seus lábios se moveram de novo, dizendo algo que depois os especialistas em leitura labial disseram ser em galês. Duas palavras, ambas muito impróprias.

* * *

– Caralho! – disparou Preston, com o cabelo caindo nos olhos, revelando os segredos da careca reluzente embaixo. – Que merda foi essa que eles fizeram? – Ele contemplou as ruínas da sua primeira edição e começou a rabiscar furiosamente uma manchete no seu bloco de notas. “Maioria do Governo decepada!”, tentou. Arrancou a folha, amassou-a e atirou no cesto de lixo.

– “Vitória apertada” – sugeriu Mattie, tentando esconder qualquer indício de satisfação.

– “Collingridge acuado” – tentou o editor de novo.

Todas foram parar no cesto de lixo.

Olhou em volta desesperado, buscando alguma ajuda e inspiração.

– Vamos aguardar – aconselhou Mattie. – Falta só meia hora para sair o primeiro resultado.

A multidão é vulgar. Jogue sempre de olho na multidão, elogie o homem comum e faça-o pensar que é um príncipe.

Sem esperar pelo primeiro resultado, as celebrações já estavam em pleno andamento na agência de publicidade do partido. Com a confiança demonstrada por aqueles mestres do pensamento positivo, a equipe da Merrill Grant & Jones Company PLC havia se espremido durante quase três horas na área de recepção da agência para testemunhar a história sendo feita e cada um de seus detalhes sendo projetados em duas grandes telas de televisão. Corria um rio de champanhe, ajudando a empurrar um suprimento infindável de pizza frita e Big Macs, e as previsões de uma maioria drasticamente reduzida apenas serviam para incentivar os celebrantes a esforços mais febris. Mesmo naquela primeira hora já ficava claro que as duas figueiras ornamentais que embelezavam a área da recepção há vários anos não iriam sobreviver àquela noite; parecia provável também que várias das secretárias jovens tampouco iriam. A maioria das cabeças mais ajuizadas procurava se controlar, mas parecia haver pouca razão para moderação exagerada. E o pessoal da publicidade não é moderado, absolutamente. De qualquer modo, o cliente estava dando um exemplo assustador.

Como muitos dublinenses aventureiros instalados na cidade, Roger O'Neill era conhecido por seu humor rápido, seus exageros irresistíveis e sua incansável determinação para se envolver em tudo. Sua energia era tão impressionante – e seus entusiasmos tão variados – que ninguém poderia ter total certeza do que ele fazia antes de entrar no partido – alguma coisa em relações públicas ou na televisão, comentava-se, e havia também boatos sobre algum problema com o imposto de renda, ou então talvez com a Garda, a polícia irlandesa – mas o fato é que ele estava disponível quando o cargo de diretor de publicidade ficou vago e ele o preencheu com elegância e competência, movido por um suprimento incessante de cigarros Gauloises e por vodca com água tônica.

Quando jovem, mostrou ser uma grande promessa como meio-campista de rúgbi, mas era um talento que acabou não florescendo, pois seu estilo era individualista demais, pouco apropriado para jogos em equipe. "Com ele em campo", queixava-se seu técnico, "eu tenho dois times jogando, o Roger e os outros catorze. Vou tirar o cara." E assim Roger foi sendo devidamente excluído, em muitas áreas de sua vida, até que a Fortuna lhe sorriu e o trouxe para a Smith Square. Aos 40 anos de idade, seu cabelão escuro desgrenhado estava agora visivelmente ficando grisalho e seu tônus

muscular já havia ido embora há tempos, mas O'Neill recusava-se a admitir a evidência de sua meia-idade, escondendo-a sob um guarda-roupa cuidadosamente escolhido e vestido com uma informalidade estudada, que fazia as roupas de grife produzirem seu melhor efeito. Esse estilo não conformista e os resíduos de um sotaque irlandês nem sempre o fizeram ser muito querido pelos chefões do partido – "fala muita merda e não tem substância", dissera um deles em alto e bom som –, mas outros simplesmente ficavam impressionados com seu vigor incomum.

Abrir uma trilha pelo mato cerrado foi bastante facilitado por sua secretária. Penélope "Oi, me chamo Penny" Guy. 1,60 metro, roupas muito bem escolhidas e um corpo arrasador para vesti-las. Havia ainda aquele outro aspecto que a fazia se destacar da multidão de Westminster. Era negra. Não apenas mulata ou escura, mas daquele tom polido de meia-noite que fazia seus olhos brilharem e seu sorriso iluminar a sala. Havia se formado em História da Arte, taquigrafava 120 palavras por minuto e era implacavelmente prática. Isso, como seria de se esperar, despertou uma avalanche de fofocas quando ela chegou pela primeira vez com O'Neill, mas sua absoluta eficiência silenciou – e até conquistou – os céticos São Tomés, que ainda eram muitos.

Era também absolutamente discreta. "Tenho uma vida privada", explicava quando preciso. "E é desse jeito que vai permanecer."

Naquele exato momento, na Merrill Grant & Jones – ou Grunt & Groans, [1] como Penny preferia chamar a agência –, ela, sem qualquer dificuldade, fazia-se o centro das atenções de vários homens de mídia ouriçados e também do vice-diretor de criação, enquanto procurava garantir que O'Neill tivesse sempre seu copo e seus cigarros disponíveis, mas muito bem racionados. Ela não queria que ele passasse da conta, muito menos naquela noite. Àquela altura, ele estava no maior papo com o diretor administrativo da agência.

– O futuro começa bem aqui, Jeremy, não podemos perder isso de vista. Precisamos desse estudo de marketing o mais rápido possível. Ele vai nos mostrar o quanto os nossos esforços têm sido eficazes, em que medida os anúncios funcionaram ou não, que impacto eles tiveram, de que jeito nós chegamos aos nossos eleitores. Se a gente ganhar, quero que todo mundo saiba que eles devem isso a nós. Se perdermos, que Deus nos ajude… – De repente, espirrou com toda força. – Merda. Me desculpe. É essa danada dessa gripe. Mas se a gente perder, quero ser capaz de mostrar a todo o mundo que a gente foi melhor que o outro lado na nossa estratégia de comunicação e que a única coisa que atrapalhou foi a política. – Ele chegou mais perto, e a testa dos dois quase se encostaram. – Você sabe o que é preciso, Jeremy. É a

nossa reputação que está em jogo, não só os políticos, por isso não vá fazer merda. Isso tudo tem de ficar pronto no máximo sábado de manhã. Quero que saia nos jornais de domingo e quero que saia com o mesmo destaque da bunda de uma atriz famosa.

"E eu que achava que o cara criativo aqui tinha de ser eu", refletiu Jeremy, bebericando mais um pouco de champanhe. "Mas isso não nos dá muito tempo."

O'Neill baixou o tom de voz, chegou mais perto ainda para que o publicitário pudesse sentir a acidez do tabaco francês na sua respiração.

– Se você não conseguir os números, invente a porra toda. Eles todos vão estar cansados demais para examiná-los detidamente, e se chegarmos primeiro, fazendo barulho, ficaremos numa boa. – Parou só o tempo de assoar o nariz, o que não ajudou em nada a melhorar o visível desconforto do outro. – E não se esqueça das flores. Quero que você mande o maior buquê que encontrar para a mulher do primeiro-ministro na Downing Street, logo de manhã cedinho. No formato de uma letra C gigante. E garanta que ela irá receber o buquê assim que acordar.

– Da sua parte, é claro.

– Ela vai ficar sentida se as flores não chegarem, porque eu já avisei que iria mandar. Quero que as câmeras de tevê filmem as flores chegando.

– E que todos saibam quem as mandou – o outro homem acrescentou.

– Estamos todos juntos nisso, Jeremy.

Sim, mas é só o seu nome que vai no cartão, Jeremy quase acrescentou, mas não o fez. A sinceridade poderia ir longe demais. A essa altura, ele estava habituado aos monólogos sem respiro e também às instruções e procedimentos contábeis irregulares exigidos por O'Neill. Um partido político não era como nenhum outro cliente; pautava-se por regras diferentes e às vezes perigosas, mas os últimos dois anos trabalhando com aquela conta haviam dado a Jeremy e à sua jovem agência de publicidade mais do que o suficiente para sufocar as dúvidas que persistiam. No entanto, enquanto aguardavam ansiosamente os resultados, um medo silencioso bateu nele quando pensou no que poderia acontecer caso perdessem. Apesar das garantias de O'Neill de que estavam todos juntos nisso, não tinha dúvidas de que a agência seria transformada no bode expiatório. Tudo parecia muito diferente quando eles começaram o trabalho, com as pesquisas de opinião prevendo uma vitória confortável, mas a confiança começara a evaporar com as pesquisas de boca de urna. O seu setor era um setor de imagens, onde as reputações murchavam como flores do dia anterior.

O'Neill continuou falando sem parar, efervescente, irreprimível, até que sua atenção foi tomada pela imagem de mais de 1,80 metro de Sir Alastair, que agora colocava a mão em concha na orelha com a cabeça inclinada de

lado. Alguma coisa lhe chegava ao ponto eletrônico.

– E agora acredito que estamos prontos para o primeiro resultado da noite. Torbay de novo, me disseram. Quebrando todos os recordes. Apenas 43 minutos depois do encerramento das urnas e já vejo os candidatos se reunindo atrás do supervisor eleitoral. É hora de entrar ao vivo…

* * *

A Sala da Assembleia, Torbay. Vitoriana, lotada de gente, úmida, desesperadoramente quente, estourando de tensão. Pilhas de votos contados espalhados por mesas sobre cavaletes, caixas pretas de votação vazias empilhadas de um lado. No palco de uma das extremidades, em meio a fileiras de jacintos e clorófitos, rosetas, insígnias e adereços de gala, os candidatos estavam reunidos. O primeiro resultado estava prestes a ser anunciado, embora a cena parecesse mais uma pantomima de cidadezinha do interior do que uma eleição; a promessa de cobertura nacional da mídia havia atraído mais do que o número comum de candidatos excêntricos, que agora davam o melhor de si para aproveitar a oportunidade, agitando balões e chapéus coloridos para atrair a atenção das câmeras.

O candidato Raio de Sol, vestido da cabeça aos pés numa malha amarela justa e agitando um girassol de plástico, tão imenso quanto ridículo, ficara de propósito em pé bem à frente do sobriamente vestido candidato Tóri. O Tóri, com seu terno bem passado e o cabelo cortado para a ocasião, tentou mover-se para a sua esquerda para escapar daquela situação embaraçosa, mas a única coisa que conseguiu foi trombar com o homem da Frente Nacional, que estava incitando um pequeno tumulto na multidão ao exibir um punho fechado e um braço cheio de tatuagens. O Tóri, desesperado para fazer a coisa certa e em dúvida sobre o que o seu manual do candidato prescrevia fazer em tais circunstâncias, foi relutantemente para trás do girassol. Enquanto isso, uma jovem, representando o partido Mantenha Nossos Mares Limpos e que estava vestida de chiffon azul e verde, ficava andando para trás e para a frente diante de todo mundo, fazendo esvoaçar metros de tecido que ondulavam como uma maré montante.

O oficial tossiu no microfone.

– Obrigado, senhoras e senhores. Eu, como supervisor eleitoral para o distrito de Torbay, declaro aqui que os votos auferidos na eleição foram os seguintes…

* * *

– Pois aqui estamos na agitada Torbay – interveio Sir Alastair em seu tom de voz sepulcral. – O Governo mantém o primeiro assento da noite, mas com uma maioria reduzida e uma oscilação para baixo de quase 8%, segundo o computador. O que isso significa, Peter? – o apresentador do noticiário perguntou, enquanto a imagem foi cortada para o comentarista político do canal de tevê. Uma figura de óculos, meio desconjuntada num paletó de tweed de Oxford, surgiu na tela.

– Significa que as pesquisas de boca de urna estão basicamente corretas, Alastair.

5

Política exige sacrifício. Sacrifício dos outros, é claro. O que quer que um homem possa alcançar sacrificando-se pelo seu país, sempre há mais a ser ganho permitindo que os outros o façam primeiro. Como diz minha mulher, timing *é tudo.*

– Show de bola, hein, Roger? Outra maioria. Não sei nem lhe dizer o quanto estou absolutamente maravilhado com isso. Aliviado. Satisfeito. Com tudo isso. Parabéns. Meus parabéns, mesmo! – O entusiasmo excitado do diretor-presidente de um dos maiores clientes de varejo da Grunt & Groans foi despejado no rosto de O'Neill sem qualquer efeito visível. Aquele industrial de peito grande estava adorando aquilo, suando, sorrindo; a noite estava virando uma festa do partido de fato e de direito, apesar de o Governo ter acabado de perder suas duas primeiras cadeiras da noite.

– Muito gentil da sua parte, Harold. Sim, eu acho que uma maioria de trinta ou quarenta cadeiras será suficiente. Mas você merece parte do crédito – respondeu O'Neill. – Outro dia eu estava lembrando ao primeiro-ministro o quanto seu apoio vai além da doação corporativa. Me lembro do discurso que você fez no almoço da Sociedade Industrial no último mês de março. Meu Deus, foi muito bom, de verdade; se você me permite um palavrão, você botou pra foder. Com certeza, você recebeu treinamento profissional para isso, não foi? – Sem esperar pela resposta, O'Neill foi em frente. – Eu falei pro Henry… desculpe, para o primeiro-ministro!… falei para ele que você tinha ido muito bem, que a gente precisava encontrar mais plataformas para capitães de indústria como você. Para nos dar a visão do chão de fábrica.

– Não há necessidade disso, com certeza – replicou o capitão sem o menor vestígio de sinceridade. O champanhe já o havia feito ultrapassar sua cautela natural e imagens de arminho branco e da Câmara dos Lordes começavam a se materializar diante dos seus olhos. – Olha, depois que tudo isso aqui terminar, talvez a gente possa almoçar juntos, os dois. Num lugar um pouco mais tranquilo, não é? Eu tenho várias outras ideias que talvez ele ache interessantes, a respeito das quais eu gostaria muito que você opinasse. – Os olhos dele se arregalaram de expectativa. Deu mais um gole enorme de vinho. – E por falar em botar pra foder, Roger, me conta aí, e essa sua secretária baixinha, hein?

Antes que o pensamento pudesse ser desenvolvido, O'Neill explodiu numa série de espirros vulcânicos que o fizeram se dobrar inteiro, deixando seus olhos injetados de sangue e tornando impossível qualquer esperança de uma

conversa mais prolongada.

– Desculpe – balbuciou, esforçando-se para se recompor. – É essa maldita gripe. Eu sempre sou um dos primeiros a pegar. – Como se para enfatizar seu ponto de vista, assoou o nariz com um barulho que parecia o de vários trompetes tocando ao lado de alguns bumbos. Logo em seguida, o industrial sumiu de cena.

O Governo perdeu mais uma cadeira, a de subsecretário responsável pelos Transportes, ocupada por um homem inexperiente, que passara os últimos quatro anos indo de um grande acidente de estrada a outro por todo o país, arrastando a mídia atrás dele. Ele desenvolvera uma convicção quase religiosa de que a capacidade da raça humana para o autossacrifício violento era inextinguível; mas não parecia estar aceitando muito bem seu próprio sacrifício. Ficou emburrado, enfrentando sua adversidade, enquanto sua mulher se debulhava em lágrimas.

– Mais notícias ruins para o Governo – comentou Sir Alastair –, e iremos ver como o primeiro-ministro está encarando isso quando entrarmos daqui a pouco ao vivo para saber como ele vê esse resultado. Por enquanto, vamos ver o que o computador está prevendo agora. – Ele apertou um botão e virou-se para olhar para uma grande tela de computador atrás dele. – Está mais próximo de trinta do que de quarenta, a julgar pelas aparências.

Teve início no estúdio uma discussão sobre se uma maioria de trinta seria suficiente para que um governo conseguisse cumprir um mandato inteiro, mas os comentaristas eram interrompidos a toda hora conforme outros resultados chegavam. Na agência, O'Neill pediu licença para se retirar de um grupo de homens de negócios que discutiam acaloradamente e abriu caminho aos empurrões para se enfiar no meio de outra roda – cada vez maior e mais tagarela – composta de admiradores que faziam pressão em torno de Penny. Apesar dos protestos generalizados, ele a puxou de lado rapidamente e cochichou algo no seu ouvido. Ao mesmo tempo, o rosto avermelhado de Sir Alastair intrometeu-se de novo para anunciar que a opinião do próprio primeiro-ministro seria anunciada em seguida. Um silêncio respeitoso tomou conta dos festeiros. O'Neill voltou para o grupo de capitães da indústria. Todos os olhos estavam grudados na tela. Ninguém percebeu Penny pegando sua bolsa e caindo fora na surdina.

No estúdio, foi anunciado mais um ganho da Oposição sobre o Governo. Não era lá uma noite tão esplêndida assim. Então foi a vez de Collingridge. Sua aparição provocou uma manifestação ruidosa de aprovação leal da equipe da Grunt & Groans, se bem que a maioria, a essa altura, já havia perdido quaisquer convicções políticas que tivesse, em função daquela onda toda de celebrações. Diabos, afinal era só uma eleição.

Com todos mantendo o olhar fixo na tela, Henry Collingridge reapareceu,

e seu sorriso forçado sugeria que estava levando o resultado bem mais a sério do que sua plateia. Seu discurso de agradecimento foi mais formal do que polêmico, seu rosto mostrava-se abatido de exaustão por baixo da maquiagem. Por um momento, eles observaram sombriamente, quase sobriamente, o primeiro-ministro sair apressado da plataforma para iniciar sua longa viagem de volta a Londres. Depois, continuaram a celebrar.

Alguns minutos mais tarde, um grito atravessou a atmosfera da festa.

– Senhor O'Neill! Senhor O'Neill! Uma ligação para o senhor.

O segurança que tomava conta da mesa da recepção segurava o telefone no ar e gesticulava muito, apontando para o aparelho.

– Quem é? – perguntou O'Neill do outro lado da sala.

– O quê? – perguntou o guarda, parecendo nervoso.

– Quem é? – O'Neill insistiu.

– Não consigo ouvir nada – o guarda berrou no meio do vozerio.

O'Neill pôs as mãos em concha e de novo perguntou quem era, com uma voz e um volume que fariam jus a um grito de celebração no estádio de rúgbi irlandês de Lansdowne Road.

– É do escritório do primeiro-ministro! – gritou o frustrado guarda, incapaz de se controlar e sem ter muita certeza se deveria ter chamado tanta atenção daquele jeito.

Suas palavras tiveram um efeito imediato. A sala caiu num silêncio de expectativa. De repente, abriu-se uma avenida de O'Neill até o telefone. Obedientemente, ele avançou, tentando parecer modesto e natural.

– É uma das secretárias do primeiro-ministro. Ela vai colocá-lo na linha – disse o guarda, perplexo, se sentindo grato por poder transferir aquela espantosa responsabilidade.

– Alô, Alô. Sim, é o Roger. – Uma breve pausa. – Primeiro-ministro! Que bom poder ouvi-lo. Meus parabéns, meus sinceros parabéns. O resultado é realmente excelente dentro das circunstâncias. Meu velho pai costumava dizer que uma vitória é sempre ótima, não importa se é por 5 a 0 ou 5 a 4… – Seus olhos dispararam em volta da sala; todos os rostos estavam voltados para ele. – O que disse? Ah, sim, sim! Muito gentil da sua parte. Por acaso, estou na agência de publicidade neste exato momento.

Nessa hora, a sala estava tão silenciosa que dava para ouvir os ramos das figueiras balançando.

– Sim, acho que eles fizeram um trabalho maravilhoso, e eu certamente não teria conseguido sem o apoio deles… Posso dizer isso a eles?

O'Neill colocou a mão em cima do bocal e se virou para a plateia, que estava parada, em êxtase total.

– O primeiro-ministro quer que eu, em nome dele, agradeça a todos vocês por terem ajudado a fazer uma campanha tão fantástica. Ele diz que fez

toda a diferença.

O'Neill voltou ao telefone e ficou ouvindo mais alguns segundos.

– E ele não vai pedir o dinheiro de volta!

A sala irrompeu numa grande algazarra de aplausos e aclamações. O'Neill segurou o telefone no alto para captar todos os sons.

– Sim, senhor primeiro-ministro. Quero lhe dizer que estou muito comovido, muito feliz por ter recebido seu primeiro telefonema após a reeleição… Será um prazer revê-lo também. Sim, devo ir para a Smith Square mais tarde… É claro, é claro. Vejo o senhor lá, então. E meus parabéns, uma vez mais.

Ele recolocou o aparelho suavemente no gancho, com uma expressão de intensidade pela honra com que fora agraciado. Voltou-se para a sala. De repente, seu rosto se abriu num largo sorriso e aquela pequena multidão explodiu numa série de cumprimentos, com todo mundo querendo apertar sua mão ao mesmo tempo.

Enquanto eles ainda o saudavam com o tradicional coro "O'Neill é um bom camarada", numa rua vizinha Penny recolocava o telefone do carro no gancho e dedicava-se a retocar seu batom no espelho.

6

Foi meu velho ajudante de caça que me ensinou uma lição, lá no pântano, uma lição que eu sempre lembro. Eu era criança – o que, oito anos de idade? Mas tente retroceder com sua mente, e verá que é nessa idade que as lições entram, se assentam na sua cabeça.
Ele me disse o seguinte. Se você tiver que infligir dor, certifique-se de que será uma dor irresistível e esmagadora, assim o outro saberá que você pode lhe fazer mais mal do que ele jamais será capaz de lhe fazer. O ajudante de caça falava a respeito de cães de caça, é claro. Mas tem sido uma boa lição em política, também.

SEXTA-FEIRA, 11 DE JUNHO

A multidão na Smith Square crescera muito em tamanho à medida que militantes, adversários e meros curiosos esperavam a chegada do primeiro-ministro. A meia-noite já soara há tempos, mas era uma noite em que os relógios biológicos seriam estendidos até o limite. Quem estava lá assistindo podia ver, pelos monitores dos técnicos de televisão, que o comboio, escoltado por batedores da polícia e perseguido por carros com câmeras, já havia deixado há tempos a M1 e estava agora se aproximando do Marble Arch. Chegariam em menos de dez minutos, e três jovens animadoras de torcida contratadas pelo partido estavam incentivando a multidão a se aquecer com uma mistura de canções patrióticas e gritos.

Estavam tendo que trabalhar mais do que em eleições anteriores. Embora as pessoas parecessem superfelizes agitando enormes bandeiras do Reino Unido, dava a impressão de que o entusiasmo era menor naqueles que brandiam as grandes fotos montadas de Henry Collingridge, que haviam acabado de surgir pela entrada da sede do partido. Várias pessoas na multidão estavam usando rádios pessoais e informando os resultados àqueles que estavam à sua volta. Isso não parecia levantar o astral. Até mesmo as animadoras de torcida paravam às vezes para formar um grupinho e discutir as últimas notícias. Havia também um elemento de competição, porque vários apoiadores da Oposição, fortalecidos pelo que acabavam de ouvir, haviam decidido se infiltrar e estavam agora começando a agitar as próprias bandeiras e a cantar palavras de ordem. Meia dúzia de policiais se movimentaram por ali para garantir que as emoções de ambos os lados não transbordassem. Um ônibus, com mais uma dúzia, estava estacionado virando a esquina na Tufton Street. A ordem era comparecer, sem interferir.

Os computadores agora previam uma maioria de 28. Duas das animadoras pararam o seu trabalho e se envolveram numa discussão séria sobre se isso seria uma maioria adequada para governar. Concluíram que talvez fosse e voltaram à sua tarefa, mas os ânimos oscilavam, o entusiasmo inicial arrefecia cada vez mais com preocupação, e elas decidiram poupar suas forças até que Henry Collingridge chegasse.

Dentro do edifício, Charles Collingridge estava ficando mais e mais bêbado. Um dos membros do alto escalão do partido o colocara no escritório da diretoria, numa cadeira confortável, onde ele se sentou sob um retrato do irmão. Não se sabe como, ele deu um jeito de arrumar uma garrafa. Seu rosto cheio de vasos capilares cobrira-se de transpiração, seus olhos estavam úmidos e injetados. Ficava balbuciando: "Um cara legal, meu irmão Henry. Um ótimo primeiro-ministro". Não havia como esconder a pronúncia defeituosa que havia começado a assumir o controle da sua voz enquanto ele repetia a conhecida história familiar. "Podia ter assumido o negócio da família, você sabe, transformá-lo numa das maiores companhias do país, mas sempre preferiu a política. Veja bem, fabricação de acessórios para banheiro também nunca foi minha especialidade, mas fazia meu pai feliz. Sabia que hoje eles até importam as coisas da Polônia? Ou será que é da Romênia?"

Ele interrompeu seu monólogo para derrubar o que restava do copo de uísque sobre a calça. Em meio àquelas desculpas atrapalhadas, o presidente do partido, Lorde Williams, aproveitou a oportunidade para se afastar daquilo. Seus sábios olhos não revelavam nada, mas ele se ressentia de ter que estender a hospitalidade ao irmão do primeiro-ministro. Charlie Collingridge não era um homem mau, longe disso, mas era um homem fraco que vinha se tornando regularmente um maldito incômodo, e Williams gostava de comandar um navio organizado. No entanto, o velho funcionário do partido era um navegador experiente e sabia que não fazia sentido tentar lançar o irmão do almirante pela amurada do navio. Uma vez ele havia levantado o problema diretamente com o primeiro-ministro, tentara discutir a questão do crescente número de boatos com referências irônicas ao seu irmão nas colunas de fofocas dos jornais. Como um dos poucos homens veteranos que haviam sido marinheiros destacados na época pré-Thatcher, ele tinha a antiguidade e alguns até diriam a responsabilidade de fazer isso. Mas não adiantou nada.

"Passei a vida toda derramando sangue, é esse o trabalho que eu faço", havia dito o primeiro-ministro. "Por favor, não me peça para derramar o sangue do meu próprio irmão."

O primeiro-ministro prometera que faria Charlie ter mais cuidado com seu comportamento, ou melhor, que iria ele mesmo cuidar do comportamento de Charlie, mas é claro que nunca tinha tempo, muito menos para se fazer de

babá dele. E sabia que Charlie iria prometer qualquer coisa, apesar de ser cada vez menos capaz de cumprir. Henry não dava lições de moral nem ficava com raiva, sabia que eram sempre os membros da família que sofriam mais com as pressões da política. Em parte era culpa dele. Williams entendia isso, também; afinal, não havia ele passado por três casamentos desde que chegara a Westminster há quase quarenta anos? Havia sempre muitos danos colaterais, a política deixava em sua esteira um rastro de dor e de famílias torturadas. Williams observou Collingridge saindo aos tropicões da sala e sentiu uma ponta de pena, mas logo a sufocou. A emoção não era uma base sobre a qual se pudesse conduzir um partido.

Michael Samuel, secretário de Estado do Meio Ambiente e um dos mais novos e mais telegênicos membros do Gabinete, apareceu para cumprimentar o velho estadista. Era jovem o suficiente para ser filho do presidente e era uma espécie de protegido dele; dera seu primeiro grande salto pelo escorregadio pau de sebo ministerial por obra de Williams, quando, como jovem membro do Parlamento e por recomendação de Williams, foi feito secretário particular do Parlamento. Era o mais ínfimo dos reconhecimentos parlamentares: um cargo não remunerado e bem servil, exercido junto a um ministro veterano, para ir buscar ou carregar isso ou aquilo, fazer as coisas sem se queixar ou questionar – qualidades voltadas para impressionar primeiros-ministros quando estes selecionassem candidatos a promoções. A ajuda de Williams contribuíra para desencadear uma espetacular ascensão de Samuel pela hierarquia ministerial, e os dois homens continuaram grandes amigos.

– Problemas, Teddy? – Samuel perguntou.

– Um primeiro-ministro pode escolher seus amigos e seu Gabinete – suspirou o velho homem –, mas não seus parentes.

– Não mais do que conseguimos escolher nossas parceiras de cama.

Samuel apontou com a cabeça na direção da porta. Urquhart acabara de entrar com a mulher, vindo de seu distrito eleitoral. O olhar de Samuel foi frio. Ele não ia com a cara de Urquhart, que não havia apoiado sua promoção ao Gabinete e que fora ouvido em mais de uma ocasião descrevendo Samuel como “um Disraeli dos dias de hoje, que se acha mais bonito e mais inteligente do que é”. Às vezes, o verniz que encobria o velho e ainda persistente antissemitismo era tênue demais, mas Williams oferecera ao brilhante jovem advogado bons conselhos.

– Francis tem razão – ele disse. – Não se mostre intelectual demais, não se mostre bem-sucedido demais. Não seja liberal demais em questões sociais nem se destaque demais em questões financeiras.

– Você quer dizer que eu preciso parar de ser judeu.

– E, pelo amor de Deus, preste atenção ao que acontece às suas costas.

– Não se preocupe, não temos feito outra coisa nos últimos 2 mil anos.

Agora Samuel olhava sem muito entusiasmo como Urquhart e sua esposa eram forçados por aquele aperto de gente a vir em sua direção.

– Boa noite, Francis, olá, Mortima. – Samuel forçou um sorriso. – Parabéns. Uma maioria de 17 mil. Sei de uns seiscentos membros do Parlamento que vão ficar com muita inveja de vocês amanhã cedo, com uma vitória como essa.

– Michael! Bom, fico feliz em ver que você conseguiu hipnotizar uma vez mais o eleitorado feminino de Surbiton. Bem, se você conseguisse conquistar os votos de seus maridos, poderia ter também uma maioria como a que eu tenho!

Riram educadamente da piada, já habituados a ocultar o fato de que não apreciavam muito a companhia um do outro, mas a coisa logo caiu no silêncio, já que não conseguiam achar um jeito adequado de se livrar da conversa.

Foram salvos por Williams, que acabara de desligar o telefone.

– Desculpe interromper, mas Henry vai chegar a qualquer momento.

– Eu desço com você – Urquhart se dispôs imediatamente.

– E você, Michael? – perguntou Williams.

– Eu espero aqui. Vai ser aquele corre-corre quando ele chegar. Não quero ser atropelado pelas costas.

Urquhart ficou imaginando se Samuel estava dando uma cutucada sutil nele, mas decidiu ignorar e acompanhar Williams, descendo com ele a escada, que estava apinhada com a equipe do partido, na maior animação. A notícia da iminente chegada do primeiro-ministro se espalhara, e a presença do presidente do partido e do supervisor eleitoral na calçada da frente atraiu a atenção da multidão. Uma saudação organizada teve início quando o Daimler preto blindado, com seu batalhão de escoltas, deu a volta pela praça, surgindo por trás dos jardins da St. John para ser recebido pelo brilho das luzes da televisão e por milhares de disparos de flashes de fotógrafos profissionais e amadores tentando capturar a cena.

Quando o carro parou, Collingridge saiu do assento de trás e virou-se para acenar para a multidão e para as câmeras. Urquhart avançou, tentou com excessivo empenho cumprimentar o primeiro-ministro com um aperto de mão e, em vez disso, acabou virando um estorvo. Retirou-se, pedindo desculpas. Do outro lado do carro, Lorde Williams, com o cavalheirismo e a familiaridade que vêm com muitos anos de prática, ajudou com todo cuidado a esposa do primeiro-ministro a sair do carro e plantou-lhe um beijo de tio materno no rosto. De algum lugar surgiu um buquê junto com duas dúzias de funcionários e dignitários do partido, todos eles empenhados em aparecer na cena. Pareceu um pequeno milagre que aquele maremoto de

gente tenha conseguido passar apertado pelas portas giratórias e entrar no edifício sem acidentes.

Cenas similares de confusão e congestionamento repetiram-se lá dentro quando o grupo do primeiro-ministro subiu a escada, parando apenas para a tradicional fala de agradecimento à equipe. Ela precisou ser repetida, pois os fotógrafos da imprensa não haviam conseguido se posicionar a tempo. Durante todo o atraso, o leve empurra-empurra, o barulho, o primeiro-ministro manteve-se sempre sorrindo.

No entanto, uma vez no andar de cima, na relativa segurança da suíte de Lorde Williams, os sinais de estresse que haviam sido tão bem disfarçados durante toda a noite começaram a aparecer. O televisor no canto anunciava que o computador previa uma maioria ainda menor, e Collingridge soltou um longo suspiro em tom baixo.

– Desliga esse troço aí – sussurrou. Então seus olhos empreenderam um lento giro pela sala. – O Charlie andou por aqui hoje à noite? – perguntou.

– Sim, veio, mas…

– Mas o quê?

– Parece que a gente o perdeu de vista.

Os olhos do primeiro-ministro encontraram os do presidente.

– Desculpe – disse o velho, tão baixinho que quase exigiu do primeiro-ministro uma leitura labial.

Desculpe… pelo quê? Pelo fato de meu irmão ser um bêbado? Desculpe por eu quase ter perdido essa eleição, por ter colocado tantos colegas nossos com a cabeça a prêmio, por ter feito mais estragos do que Göring? Desculpe por vocês terem que rastejar comigo pelo esgoto que está prestes a nos atingir? De qualquer modo, obrigado por se preocupar, meu caro amigo.

A adrenalina havia parado de circular e, de repente, ele se sentiu tremendamente cansado. Depois de semanas de assédio por todos os lados e sem ter um só momento de privacidade, sentiu uma necessidade absoluta de estar um pouco a sós consigo mesmo. Virou-se para tentar encontrar algum lugar mais tranquilo e mais privado, mas viu seu caminho bloqueado por Urquhart, que estava parado, em pé, bem junto ao seu ombro. O líder da bancada passoulhe um envelope.

– Refleti um pouco sobre esse remanejamento de cargos – disse Urquhart, o olhar baixo, a voz traindo uma mistura de embaraço e hesitação. – Embora talvez não seja a melhor hora, sei que você vai pensar nisso durante o fim de semana, então preparei algumas sugestões. Imagino que prefira ideias definidas a receber uma folha de papel em branco, então… – Ele estendeu-lhe suas anotações manuscritas. – Espero que sejam de alguma utilidade. – Ele estava pedindo um lugar na mesa de negociações, e por direito, mais do que por ter sido convidado.

Collingridge olhou para o envelope e alguma coisa dentro dele se partiu: aquele pequeno muro que mantém a educação e a honestidade bem distantes uma da outra. Ergueu seus olhos exaustos para o colega.

– Você tem razão, Francis. Essa não é de fato a melhor hora. Talvez a gente devesse pensar primeiro em assegurar nossa maioria antes de começar a demitir nossos colegas.

Urquhart ficou congelado de constrangimento. O sarcasmo o atingiu com força, mais força do que o primeiro-ministro tivera intenção, e ele percebeu que havia passado da conta.

– Desculpe, Francis. Acho que estou um pouco cansado. É claro que você está certo em pensar nisso com antecedência. Olha, eu gostaria que você e o Teddy me procurassem no domingo à tarde, para a gente discutir a questão. Quem sabe você não teria a delicadeza de passar uma cópia da sua carta para o Teddy e me mandar outra para a Downing Street amanhã… ou melhor, logo mais, na manhã de hoje?

O rosto de Urquhart recusou-se a trair a turbulência que crescia dentro dele. Havia sido ansioso demais em relação ao remanejamento de cargos e maldisse a si mesmo por sua estupidez. De algum modo, sua autoconfiança natural o abandonava quando lidava com Collingridge, fruto de uma escolaridade que, em termos sociais, teria lhe colocado dificuldades em ser aceito como membro em qualquer um dos círculos de Urquhart. A inversão de papéis no Governo o enfurecia, o confundia, ele se via agindo de modo inadequado quando na presença do outro homem. Cometera um erro e culpava Collingridge por isso, mais do que culpava a si mesmo, mas agora não era hora de lamentar o terreno perdido. Em vez disso, retrocedeu para uma postura afável, curvando a cabeça em sinal de aceitação.

– É claro, primeiro-ministro. Vou providenciar uma cópia para o Teddy agora mesmo.

– É melhor você mesmo fazer a cópia. Não seria nada bom essa lista ficar circulando por aqui hoje à noite – sorriu Collingridge, ao mesmo tempo que tentava trazer Urquhart de volta à conspiração de poder que sempre pairava na Downing Street. – Seja como for, acho que está na hora de ir embora. A BBC vai querer me ver bem acordado e lúcido daqui a quatro horas, portanto acho melhor eu aguardar os demais resultados lá na Downing. – Virou-se para Williams. – Por falar nisso, o que o maldito computador está prevendo agora?

– Já faz cerca de meia hora que ele parou nos 24. Acho que fica por aí. – Não havia um clima de vitória em sua voz. Havia presidido o pior resultado eleitoral do partido em quase duas décadas.

– Não importa, Teddy. Maioria é maioria. E vai dar ao líder da bancada algo para fazer em vez de ficar sentado o dia inteiro com uma maioria de

mais de cem. Não é, Francis? – E com isso saiu da sala, deixando Urquhart desamparado, segurando seu envelope.

* * *

Em questão de minutos, após a partida do primeiro-ministro, a multidão tanto de dentro quanto de fora do edifício começou a se dissolver perceptivelmente. Urquhart, ainda se sentindo atingido e num estado de ânimo que não era propício nem para celebrar nem para se compadecer, foi até os fundos do primeiro andar, onde sabia que havia um escritório com uma fotocopiadora. Só que a Sala 132A não chegava a ser exatamente um escritório. Era pouco mais que um closet sem janelas, com menos de 2 metros de lado a lado, e reservado a suprimentos e fotocópias confidenciais. Urquhart abriu a porta e sentiu o cheiro antes mesmo de ter tempo de achar o interruptor de luz. Caído no chão, junto a uma estante de metal estreita, estava Charles Collingridge. Havia sujado toda a sua roupa enquanto dormia. Não havia copo ou garrafa por perto, mas o cheiro de uísque no ar era bem forte. Charlie – pelo menos a impressão que dava era essa – se arrastara até lá para encontrar um lugar menos embaraçoso onde pudesse desabar.

Urquhart pegou seu lenço e o segurou junto ao rosto tentando atenuar aquele fedor. Deu um passo por cima do corpo e o virou de costas. Sacudiu-lhe os ombros, mas isso só perturbou por um breve instante a respiração pesada e espasmódica. Um chacoalhão mais firme não provocou muito mais, e um tapa suave no rosto tampouco produziu resultados.

Olhou com nojo para o que via. De repente, o corpo de Urquhart enrijeceu, o desprezo que sentia ali se misturou à humilhação que sofrera nas mãos do primeiro-ministro, e que ainda se fazia sentir. E ali, com certeza, estava a oportunidade para revidar a ofensa. Pegou Charlie pelas lapelas do paletó, ergueu-o, puxou o braço para trás, pronto para acertá-lo, para dar com as costas da mão no rosto patético daquele desgraçado, para dar vazão à sua humilhação e à raiva que sentia por todos os Collingridge. Urquhart estava pronto para a ação, tremendo.

Então um envelope caiu do bolso do paletó de Charlie, pelo jeito alguma conta de luz não paga, um daqueles últimos avisos, com uma tarja vermelha, e de repente Urquhart percebeu que havia outra maneira de reequilibrar os pratos da injustiça, fazê-los pender de volta para o seu lado. Ele não iria acertar Charlie de modo algum, e não era por causa de algum melindre particular, ou por sentir que Charlie era totalmente inocente e não lhe fizera qualquer ofensa, exceto aquele fedor. Urquhart sabia que poderia magoar Henry Collingridge infligindo dor ao seu irmão, quanto a isso não restava

dúvida, mas essa mágoa não seria suficiente, e não iria perdurar. De qualquer modo, esse não seria o melhor jeito – não naquele cubículo fedido, e nem era a hora propícia. Francis Urquhart era melhor do que isso, muito melhor. Melhor que todos eles.

Ele deixou o vulto adormecido de Charles Collingridge cair suavemente no chão outra vez, endireitou as lapelas, deixou-o lá descansando.

– Você e eu, Charlie, vamos nos tornar muito íntimos. Grandes amigos. Não nesse exato momento, é claro. Mas depois que você tiver se limpado um pouquinho, não é?

Ele foi até a fotocopiadora, tirou a carta do bolso, fez uma cópia, depois pegou a conta do bolso de Charlie e fez uma cópia dela também. E então deixou o vulto bêbado do seu novo amigo dormir à vontade.

7

Não foi aquele cara, o Clausewitz, que disse uma vez que a guerra é a continuação da política por outros meios? Ele estava errado, é claro, ridiculamente errado. Política? Guerra? Como minha querida esposa Mortima constantemente me lembra, não existe diferença entre as duas.

DOMINGO, 13 DE JUNHO

O carro oficial de Urquhart veio pela Whitehall e virou na Downing Street, sendo recebido pela vigorosa saudação de um policial e por centenas de *flashes* explodindo. Era domingo, pouco antes das 16h00. Ele deixara Mortima em casa, em Pimlico, com suas visitas, oito pessoas, mais do que o usual para um domingo, mas era aniversário da morte do pai dela e ele tinha o hábito de encher essa data de distrações. Os homens e um punhado de mulheres da imprensa estavam agrupados atrás de barreiras no lado mais distante da rua, em frente à porta mais famosa do mundo, que se abriu quando o carro parou – como um tipo de buraco negro político, como Urquhart costumava imaginar, dentro do qual novos primeiros-ministros desapareciam e quase nunca emergiam sem estarem rodeados por hordas protetoras de servidores públicos, e apenas depois de lhes terem sugado a vida.

Urquhart fez questão de se sentar na janela do lado esquerdo do banco traseiro; assim, quando descesse diante do número 10 iria oferecer uma visão desimpedida dele mesmo para as câmeras da imprensa e da televisão. Ele procurou se esticar ao máximo em altura e foi recebido por um coro de perguntas, gritadas pelo grupo da imprensa, o que lhe deu um pretexto para andar até lá e trocar algumas palavras. Localizou Manny Goodchild, a legendária figura da Press Association, firme debaixo de seu chapéu de feltro amassado e estrategicamente posicionado entre as câmeras da ITN e da BBC News.

– Bem, Manny, tem alguma boa dica sobre o resultado? – perguntou ele.

– Senhor Urquhart, o senhor sabe que meu editor não iria colocar uma boa dica justamente na minha boca.

– Mesmo assim. – Urquhart ergueu uma sobrancelha.

Os lábios do velho homem de imprensa enrugaram como duas minhocas fora de sincronia.

– Vamos colocar da seguinte maneira: a senhora Goodchild já agendou

suas férias em Maiorca, e graças ao senhor Collingridge eu vou com ela também.

Urquhart suspirou de um jeito teatral.

– Isso são maus ventos.

– E por falar em maus ventos, senhor Urquhart – seus colegas aproveitaram a deixa depois que Manny quebrou o gelo –, o senhor veio aqui aconselhar o primeiro-ministro a respeito do remanejamento de cargos? Será que não deveríamos ter uma boa limpeza depois de um resultado decepcionante como esse? E será que tudo isso significa um novo cargo para o senhor?

– Bem, eu vim aqui discutir uma série de questões, mas acho que o remanejamento deve entrar na pauta – respondeu Urquhart modestamente. – E nós vencemos, lembrem-se disso. Não seja tão pessimista, Manny.

– Há boatos de que o senhor espera um novo cargo mais importante.

Urquhart sorriu.

– Não posso comentar rumores, Manny, e de qualquer modo você sabe bem que isso cabe ao primeiro-ministro decidir. Estou aqui apenas para dar meu apoio moral.

– Então o senhor veio aconselhar o primeiro-ministro junto com Lorde Williams, não é?

O sorriso fez força para sobreviver.

– Lorde Williams? Ele já chegou?

– Há mais de uma hora. Ficamos imaginando quando é que alguém mais iria aparecer.

Foi preciso empregar cada grama de experiência acumulada em seus muitos anos na política para que Urquhart não deixasse transparecer sua surpresa.

– Então preciso ir – anunciou. – Não posso fazê-los esperar. – Fez um aceno gentil de cabeça, virou nos calcanhares e atravessou de volta a rua com passos largos, abandonando seu plano de acenar para as câmeras da porta do número 10, achando que isso talvez soasse presunçoso.

Do outro lado do saguão de lajotas pretas e brancas, um corredor atapetado levava à Sala do Gabinete. O jovem secretário político do primeiro-ministro esperava por ele no final do corredor. Conforme Urquhart se aproximava, sentiu que o jovem estava pouco à vontade.

– O primeiro-ministro o aguarda, senhor líder da bancada.

– Sim, é por isso que estou aqui.

O secretário se retraiu.

– Ele está no estúdio no andar superior. Vou avisar que o senhor já chegou. – Dever cumprido, subiu logo a escada para evitar o risco de qualquer outra tirada sarcástica.

Foram doze minutos estalando os dedos e espiando o relógio até que ele reaparecesse, o que deixou Urquhart observando distraidamente os retratos de antigos primeiros-ministros que enfeitavam a famosa escadaria. Ele nunca conseguiria se livrar do sentimento de que muitos daqueles recentes ocupantes do cargo haviam sido muito inconsequentes. Desinteressantes, inadequados à tarefa. Ao contrário, gente como Lloyd George e Churchill haviam sido magníficos líderes naturais, mas será que lhes permitiriam ascender ao topo nos dias de hoje? Um havia sido promíscuo e vendera títulos nobiliárquicos; o outro gastara tempo demais com bebida, dívidas e surtos de destemperança; os dois eram gigantes, no entanto nenhum deles teria se dado bem com os modernos meios de comunicação. Hoje, o mundo estava por conta dos pigmeus, homens de pequena estatura e menos ambição ainda, homens escolhidos não por serem excepcionais, mas porque não ofendiam, homens que seguiam as regras em vez de inventá-las, homens… Em suma, homens como Henry Collingridge.

O retorno do secretário político interrompeu seus pensamentos.

– Desculpe fazê-lo esperar, senhor líder da bancada. O primeiro-ministro está pronto para recebê-lo agora.

A sala usada por Collingridge como estúdio ficava no primeiro andar, de frente para o jardim da Downing Street que dá para o St. James's Park. Uma sala modesta, como muitas outras partes dessa confusão de espaços que compõem o segundo endereço mais importante do país. Ao entrar, Urquhart pôde ver que, apesar dos esforços para arrumar a grande escrivaninha, muitos papéis foram remexidos e muitas notas rabiscadas durante a última hora ou mais tempo. Uma garrafa vazia de clarete espiava do cesto de lixo e havia alguns pratos com migalhas e uma folha de alface murcha espreitando furtivamente do peitoril da janela. O presidente do partido estava sentado à direita do primeiro-ministro, com suas anotações esparramadas sobre o tampo de couro verde. Ao lado dele, via-se uma grande pilha de pastas de papel pardo contendo biografias de primeiros-ministros.

Urquhart trouxe uma cadeira sem braços e se sentou na frente dos outros dois, sentindo-se um pouco como um garoto de escola na sala do diretor. Collingridge e Williams tinham suas silhuetas contra as janelas. Urquhart semicerrou os olhos protegendo-se da luminosidade, e ficou balançando inquieto sua própria pasta de anotações em cima do joelho.

– Francis, foi muito gentil da sua parte contribuir com algumas ideias para o remanejamento – começou o primeiro-ministro. Sem cerimônias, direto ao assunto. – Eu lhe sou muito grato; você sabe o quanto essas sugestões são úteis para estimular meus próprios pensamentos.

Urquhart inclinou a cabeça em silenciosa gratidão.

– Você obviamente dedicou bastante trabalho a isso. Mas antes que a

gente desça às questões específicas, acho que primeiro devemos conversar um pouco sobre os objetivos amplos. Você sugeriu… bem, como poderia chamá-lo?… um remanejamento bastante radical. – Collingridge deu uma olhada na folha de anotações diante dele, através de seus óculos de leitura, que ele mantinha apenas para ocasiões privadas. Seu dedo correu pela lista. – Seis novos membros para o Gabinete, muitas trocas de pastas no restante. – Ele suspirou, recostou-se em sua cadeira, como se quisesse criar um distanciamento de tudo aquilo. – Me diga por quê. Por que uma intervenção tão pesada? O que você acha que isso traria de bom?

Os sentidos de Urquhart estavam em alerta. Ele não se preocupava com isso. Ele queria ter participado do primeiro estágio, mas os outros dois já estavam bem à frente dele, e ele não sabia onde. Não tivera a chance de farejar os pontos de vista do primeiro-ministro, ler seus pensamentos; era uma posição pouco salutar para um líder de bancada. Ficou imaginando se não estava sendo alvo de alguma armadilha.

Enquanto piscava os olhos contra a luz do sol que vazava por trás da cabeça do primeiro-ministro, não conseguia ler nada da sua expressão. Seu desejo agora era que não tivesse colocado seus pensamentos no papel, pois isso não deixaria nenhum espaço para manobrar, nenhuma rota de fuga, mas era tarde demais para lamentar. Williams olhava fixo para ele como um falcão. Falava bem devagar, como se não quisesse despertar nenhum alarme, procurando palavras capazes de encobrir seu rastro.

– É claro, primeiro-ministro, são apenas sugestões, na verdade indicações do que o senhor poderia fazer. Pensei que, no geral, talvez fosse melhor partir logo para a ação, ou seja, melhor pecar por excesso de mudanças do que por excesso de timidez, simplesmente porque isso indica que o senhor está firme no comando. Que a sua expectativa é de que seus ministros tenham uma série de novas ideias e pensamentos. E seria também uma oportunidade de excluir uns poucos dos nossos antigos colegas; seria lamentável, mas necessário se o senhor deseja injetar algum sangue novo.

Merda, ele pensou de repente, que coisa mais inadequada dizer isso com aquele velho filho da puta do Williams sentado à direita do primeiro-ministro. Mas já tinha falado, agora não havia como recuar.

– Nós ficamos no poder por mais tempo do que qualquer outro partido desde a guerra, o que nos coloca um novo desafio – continuou. – Tédio. Precisamos garantir uma imagem revigorante para a equipe de governo. Precisamos ter cuidado para não parecermos rançosos.

A sala ficou em silêncio. Então, lentamente, o primeiro-ministro começou a bater o lápis na mesa.

– Isso é muito interessante, Francis, e eu concordo com você… em grande medida.

Ah, aquela hesitação, aquela pequena pausa, o que será que denotava? Urquhart percebeu que estava com as mãos cerradas, as unhas enterradas na própria carne.

– Teddy e eu estivemos discutindo exatamente esse tipo de problema – continuou o primeiro-ministro. – Introduzir uma nova geração de talentos, encontrar um novo ímpeto, colocar caras novas em novos lugares. E achei muito convincentes várias de suas sugestões de mudanças nos primeiros níveis ministeriais abaixo do Gabinete.

Mas elas não eram as que mais importavam, todos sabiam disso. E o tom do primeiro-ministro havia mudado, ficado mais sombrio.

– O problema é que mudanças demais no alto escalão podem ser algo muito perturbador. A maioria dos ministros leva um ano para tomar pé da situação na sua nova função, e nesse exato momento ficar um ano sem ser capaz de mostrar sinais positivos de progresso é um prazo excessivo. Na visão de Teddy, as suas mudanças no Gabinete, em vez de ajudarem a implementar nosso novo programa, iriam provavelmente atrasá-lo.

Mas que novo programa? Urquhart gritava a pergunta dentro da sua cabeça. O discurso do partido tinha tanta espinha dorsal quanto um saco de algas marinhas.

– Mas, com todo respeito, primeiro-ministro, não acha que quando o eleitorado nos retira nossa maioria ele está nos falando sobre seu desejo de que haja algum grau de mudança?

– Um ponto interessante. Mas como você mesmo disse, nenhum governo durante nosso tempo de vida ficou no poder tantos anos quanto nós. Francis, sem querer ser complacente, de forma alguma, não acho que seríamos capazes de reescrever os livros de história se os eleitores achassem que ficamos sem gás. No fim das contas, acho que eles estão satisfeitos com o que nós oferecemos.

Era hora de mudar de rumo.

– Talvez o senhor esteja certo, primeiro-ministro.

– E há outro ponto, absolutamente vital nas presentes circunstâncias – continuou Collingridge. – Temos que evitar causar a impressão de que estamos em pânico. Isso passaria a mensagem errada. Lembre-se de que o Macmillan destruiu seu Governo quando demitiu um terço do seu Gabinete. Isso foi interpretado como sinal de fraqueza, e em menos de um ano ele estava fora do cargo. Não tenho vontade de que isso se repita. – Ele deu uma última batida de lápis na mesa e o colocou de lado. – Estou pensando numa abordagem muito mais controlada.

Collingridge deslizou uma folha de papel pela mesa em direção ao seu líder da bancada. Nela estava uma lista dos cargos do Gabinete, 22 ao todo, com nomes ao lado de cada um.

– Como você pode ver, Francis, estou sugerindo que não haja qualquer mudança no Gabinete. Espero que isso seja interpretado com um sinal de força. Temos um trabalho a fazer, e penso que devemos mostrar que queremos seguir adiante com ele.

Urquhart rapidamente devolveu o papel à mesa, preocupado com o tremor da sua mão, que poderia trair seus sentimentos íntimos.

– Se é isso o que quer, senhor primeiro-ministro.

– É isso. – Houve uma pausa mínima. – E é claro que suponho que possa contar com seu apoio incondicional, certo?

– Certamente, senhor primeiro-ministro.

Urquhart quase não reconheceu a própria voz, que soava como se viessse de uma parte totalmente diferente da sala. Não pareciam ser suas palavras. Mas não tinha escolha: era ou o apoio ou o suicídio por meio da renúncia imediata. Mas não podia deixar as coisas daquele jeito.

– Preciso dizer que eu… de certo modo estava procurando alguma mudança para mim. Um pouco de experiências novas… novos desafios. – Suas palavras vacilavam, pois sentia sua boca de repente muito seca. – O senhor deve se lembrar, primeiro-ministro, que havíamos discutido a possibilidade…

– Francis – o primeiro-ministro o interrompeu, mas não de maneira rude –, se eu deslocar você, terei que deslocar outras pessoas. A fileira de dominós toda começa a tombar. E eu preciso de você onde você está. Você é um excelente líder de bancada. Tem se dedicado a ficar entrincheirado bem no coração e na alma do Partido Parlamentarista. Você conhece todos muito bem. Temos que encarar o fato de que, com uma maioria pequena como essa, estamos fadados a ter uma ou mais situações muito difíceis nos próximos anos. Eu preciso de um líder de bancada que seja forte o suficiente para lidar com elas. Preciso de você, Francis. Você é ótimo para trabalho de bastidores. Podemos deixar para os outros o trabalho na linha de frente.

Urquhart baixou o olhar para evitar que vissem aquela confusão de sentimentos de deslealdade que jorrava dos seus olhos. Collingridge interpretou isso como expressão de aceitação.

– Estou sinceramente agradecido por sua compreensão e apoio, Francis.

Urquhart sentiu como se a porta da cela se fechasse com uma batida forte. Agradeceu a ambos e se despediu. Williams não havia pronunciado uma única palavra.

Urquhart saiu pela porta dos fundos, pelo portão do número 10. Isso o fez passar pelas ruínas da velha quadra de tênis dos Tudor, onde Henrique VIII havia jogado, e depois pelo escritório do Gabinete, que dava para a Whitehall, para o acesso que ficava ao longo da entrada para a Downing Street, bem fora da vista do pessoal da imprensa que estava lá aguardando. Não conseguiria

encará-los. Ficara com o primeiro-ministro por menos de meia hora e não confiava que seu rosto pudesse apoiar as mentiras que teria de lhes contar. Pediu a um guarda de segurança do escritório do Gabinete que ligasse e mandasse trazer seu carro até lá. Não quis saber de conversa fiada.

8

A verdade é como uma boa garrafa de vinho. Com frequência, você a encontra escondida no canto mais escuro da adega. Ela precisa ser virada de vez em quando. E precisa de uma espanada leve, também, antes que possa vir à luz e começar a ser usada.

A BMW meio batida já estava do lado de fora da casa na Cambridge Street, Pimlico, há quase quinze minutos. Os assentos vagos mostravam um caos de jornais velhos e embalagens de barras de cereais que só uma mulher solteira e muito ocupada poderia produzir, e no meio daquilo tudo estava Mattie Storin, sentada, mordendo seu lábio. O anúncio do remanejamento no final daquela tarde levou a uma febril discussão sobre se o primeiro-ministro havia sido brilhante e audacioso, ou se simplesmente perdera o rumo. Ela precisava obter o ponto de vista dos homens que haviam ajudado a moldar as decisões. Williams havia sido persuasivo e dado seu apoio como sempre, mas o telefone de Urquhart tocava, tocava, e ninguém atendia.

Sem entender muito bem por que, depois que terminou seu expediente no *Chronicle* ela decidira dirigir até a casa londrina de Urquhart, que ficava a apenas dez minutos da Câmara dos Comuns, numa das elegantes ruas secundárias que enfeitam as melhores partes do bairro de Pimlico. Pensou que a encontraria no escuro e vazia, mas em vez disso descobriu luzes acesas e sinais de movimento. Ligou uma vez mais, mas ainda não obteve resposta.

O mundo de Westminster é um clube com muitas regras não escritas e guardado ciosamente tanto pelos políticos quanto pela imprensa – e particularmente pela imprensa, o chamado "lobby" de jornalistas que de modo tranquilo e discreto regula a atividade da mídia no Palácio de Westminster. Esse lobby permite, por exemplo, que declarações resumidas e entrevistas sejam fornecidas com o entendimento explícito de que a fonte nunca será identificada, nem mesmo por meio de alguma dica, tudo sob sombras. Isso estimula os políticos a serem absolutamente indiscretos e abrirem confidências; por sua vez, permite que o lobby de jornalistas alcance seus objetivos e crie as manchetes mais destacadas. O código de *omertà* é o passaporte do lobby de jornalistas; sem ele, o repórter – ou a repórter – encontrará todas as portas fechadas – e as bocas também. Revelar fontes é uma ofensa gravíssima, e bater à porta particular de um ministro é algo só um pouco abaixo na lista de comportamentos condenáveis que levam à supressão de todas as formas úteis de contato. Os correspondentes políticos não ficam perseguindo sua presa até sua casa; isso é tido como falta de educação e gera um mar de broncas, deixando o jornalista marcado.

Mattie deu mais uma mordida na parte de dentro da sua bochecha. Estava nervosa. Ela não transgredira as regras, nem de leve, mas por que o maldito homem não atendia o telefone? Que raios estava acontecendo com ele?

Uma voz grossa do norte cochichou no seu ouvido, uma voz da qual ela sentira falta muitas vezes desde que saíra do *Yorkshire Post* e se afastara do sábio e veterano editor que dera a Mattie o primeiro bom emprego dela. O que dizia ele? "As regras, minha cara, são apenas um cobertor confortável para um homem velho, algo para se enrolar quando o frio aperta. Elas existem como uma orientação para quem tem bom senso e para coibir os estúpidos. Nunca ouse entrar na minha sala do jornal para me dizer que perdeu uma boa história por causa das malditas regras de outra pessoa."

– Ok, ok, seu cuzão miserável, pare de me encher – disse Mattie em voz alta. Conferiu o cabelo no retrovisor, passando uma mão por ele para restaurar-lhe alguma vida, abriu a porta do carro, pôs o pé na calçada e na mesma hora desejou estar em outro lugar. Vinte segundos depois, a casa ecoou com o som da aldrava de metal enfeitada da porta da frente.

Urquhart atendeu a porta. Estava sozinho, numa roupa informal, não esperava visitas. A esposa voltara para o campo e a empregada não trabalhava nos fins de semana. Conforme seus olhos pousaram em Mattie, foram se enchendo de impaciência; na escuridão da rua, não conseguiu reconhecer imediatamente quem era.

– Senhor Urquhart, tentei entrar em contato a tarde toda. Espero não estar sendo inconveniente.

– Às 22h30? *Inconveniente*? – A impaciência se transformara em exasperação.

– Desculpe, mas preciso de alguma ajuda. Não houve mudança no Gabinete, nenhuma. Isso é extraordinário. Estou tentando entender o raciocínio que há por trás disso.

– O *raciocínio* por trás disso? – a voz de Urquhart mergulhou fundo no sarcasmo. – Sinto muito, mas não tenho nada a declarar. – Ele começou a fechar a porta e então viu sua visita indesejada dar um passo à frente, teimosamente. Com certeza aquela garota tonta não iria enfiar o pé na porta; seria cômico demais. Mas Mattie falava calmamente e baixinho.

– Senhor Urquhart. Tenho uma história muito boa. Mas não acho que o senhor iria gostar se eu publicasse.

Urquhart parou, intrigado. Que diabos ela queria dizer? Mattie sentiu a hesitação dele, e jogou um pouco mais de iscas na água.

– A história seria a seguinte: "Ontem à noite havia sinais de uma profunda divisão no Gabinete a respeito do não remanejamento. O líder da bancada, que há tempos era visto como alguém alimentando ambições de

alcançar um novo cargo, recusou-se a endossar a decisão do primeiro-ministro". O que acha disso?

Somente agora que os olhos dele se ajustavam às sombras para além do degrau da porta é que Urquhart reconheceu a nova repórter do *Chronicle*. Ele a conhecia apenas de vista, mas havia visto e lido o suficiente dela para suspeitar que não era nenhuma boba. E ficou ainda mais perplexo em vê-la agora ali, acampada na sua porta, tentando intimidá-lo.

– Você não está falando sério – disse Urquhart bem devagar.

Mattie abriu seu maior sorriso.

– É claro que não. Mas o que se poderia esperar que uma garota fizesse? Você não atende o telefone nem aceita conversar cara a cara.

A honestidade dela o desarmou. E ao vê-la sob a luz da luminária acima da sua porta, com os reflexos cintilantes do seu cabelo loiro curto, precisou admitir que já tivera visões bem menos atraentes naquele lobby.

– Eu realmente adoraria contar com a sua ajuda, senhor Urquhart. Preciso de algo substancial, algo a que eu possa me agarrar, senão vou ficar no vazio. E é assim que o senhor está me deixando nesse momento. Por favor, me ajude.

Urquhart bufou, encarou-a.

– Eu deveria estar muito zangado agora. E ligar para o seu editor, exigindo desculpas por um assédio tão atrevido como esse.

– Mas não vai, não é mesmo? – Ela estava sendo intencionalmente sedutora. Embora seus contatos anteriores tivessem sido mínimos, ela se lembrou do olhar que ele lhe lançara um dia, quando passavam pelo Saguão Central, aquele discreto brilho masculino nos olhos dele que absorvera tudo dela, como quem não quer nada.

– Bem, então, acho que talvez seja melhor você entrar… Senhorita Storin, não é?

– Por favor, me chame de Mattie.

– A sala de estar fica lá em cima – indicou. Fez isso soar como se fosse uma pequena confissão. Seguiu na frente e a levou até uma sala com decoração um pouco tradicional demais, mas de extremo bom gosto, com paredes mostarda cobertas com quadros a óleo de cavalos e cenas bucólicas, e mobília elegante com incrustações. Havia estantes de livros altas, fotos de família emolduradas, uma lareira de mármore branco. As cortinas e abajures eram de seda, a iluminação esparsa, a atmosfera intensa. Serviu-se de uma boa dose de *single malt*, um Old Glenfiddich, e, sem perguntar, fez o mesmo para ela e se sentou numa poltrona de couro escuro. Um livro com a lombada rachada equilibrava-se no braço da poltrona – peças de teatro de Molière. Mattie sentou-se diante dele, nervosa, empoleirada na beirada do sofá. Pegou um pequeno bloco de notas da sua bolsa a tiracolo, mas Urquhart o

rejeitou com um gesto.

– Estou cansado, senhorita Storin… Mattie. Foi uma campanha longa e não estou certo de que conseguiria me expressar muito bem. Por isso, sem anotações, se não se importa.

– É claro. Vamos seguir os termos do lobby. Posso usar o que você me disser, mas não posso atribuí-lo a você em hipótese alguma. Sem impressões digitais.

– Exatamente.

Ele afastou seu Molière, ela guardou o bloco de notas e recostou-se no sofá. Mattie estava vestindo uma blusa branca de algodão apertada; ele percebeu isso, mas sem qualquer intenção predatória. Os olhos dele pareciam absorver as coisas, penetravam mais fundo que os da maioria. Ambos sabiam que estavam em meio a um jogo.

Ele pegou um cigarro de uma cigarreira de prata, tragou profundamente, e começou.

– O que você diria se eu lhe contasse, Mattie, que o primeiro-ministro encara isso como a melhor maneira de se manter no cargo? De não deixar os ministros confusos com novas responsabilidades? De tocar em frente a todo vapor?

– Eu diria, senhor Urquhart, que não há nada de extraconfidencial nisso!

Urquhart riu da franqueza da jovem jornalista. Tragou fundo a nicotina. Parecia estar gostando daquele pacto.

– E eu diria também – Mattie continuou – que na visão de muitas pessoas a eleição mostrou a necessidade de algum sangue novo e de novos enfoques. Vocês perderam um monte de cadeiras. A aprovação que obtiveram dos eleitores não foi exatamente efusiva, certo?

– Temos uma clara maioria e ganhamos bem mais cadeiras do que o principal partido de oposição. Não é tão ruim assim depois de vários anos no poder… Você não acha?

– Estamos aqui por causa do que você acha, não do que eu acho.

– Me perdoe.

– Mas não foi realmente muito promissor para a próxima eleição, certo? Mais do mesmo. O barco continua afundando.

– Acho que isso já é um pouco cruel! – disse Urquhart, sabendo que deveria estar mais combativo.

– Eu fui a um dos seus comícios eleitorais.

– É mesmo, Mattie? Me sinto lisonjeado.

– Você falou em nova energia, novas ideias, novos empreendimentos. Em resumo, o que você dizia é que haveria mudanças, e alguns novos atores. – Ela fez uma pausa, mas Urquhart não pareceu inclinado a responder. – O seu próprio discurso eleitoral, tenho ele aqui… – Fisgou um folheto em papel

brilhoso de um maço amarrotado na sua bolsa. – Fala sobre “os estimulantes desafios que temos pela frente”. Bem, tudo isso é tão estimulante quanto os jornais da semana passada. Espere um pouco… Pelo jeito sou só eu que falo aqui…

Ele sorriu, bebericou. Manteve-se em silêncio.

– Vou lhe fazer uma pergunta direta, senhor Urquhart. O senhor realmente acha que isso é o melhor que o primeiro-ministro poderia fazer?

Urquhart não deu uma resposta imediata, mas ergueu lentamente seu copo uma vez mais até os lábios, olhando para ela por cima da borda de cristal.

– Você acha que Henry Collingridge é o melhor que esse país pode oferecer? – insistiu ela, com mais suavidade.

– Mattie, como diabos você espera que eu responda a uma pergunta como essa? Eu sou o líder da bancada, sou totalmente leal ao primeiro-ministro, e às suas escolhas. Ou melhor, nesse caso, às suas “não escolhas”. – O toque de sarcasmo escapou de novo na sua voz.

– Sim, mas e quanto a Francis Urquhart, um homem que alimenta muitas ambições para o seu partido, e que está desesperadamente ansioso pelo seu sucesso? Esse homem apoia isso?

Não houve resposta.

– Senhor Urquhart, no meu texto de amanhã vou registrar fielmente sua lealdade pública ao remanejamento e sua justificação dele. Mas…

– Mas?

– Estamos conversando nos termos do lobby. Todos os meus instintos sugerem que o senhor não concorda muito com o que está acontecendo. Eu quero saber. O senhor quer ter certeza de que os seus pensamentos particulares não vão chegar aos meus colegas, ou aos *seus* colegas, ou virar uma fofoca de Westminster. Dou-lhe minha palavra quanto a isso. É só para mim, porque tudo isso pode ser importante nos próximos meses. E, a propósito, ninguém mais sabe que eu vim vê-lo aqui hoje à noite.

– Você está me propondo um trato? – ele murmurou baixinho.

– Sim. Acho que você quer isso. E com alguém como eu. Uma porta-voz.

– E por que você acha que eu iria querer?

– Porque você me deixou entrar.

Ele ficou olhando fixo com seus olhos azuis que pareciam cavar fundo dentro dela, atiçando-a.

– Você quer ser um ator, não apenas um peão no jogo – disse ela.

– Melhor ter alguma fama do que ficar relegado ao esquecimento, não é mesmo?

– Eu acho que sim – disse ela, devolvendo o olhar fixo, demorando-se, sorrindo.

– Vamos tentar o seguinte, Mattie. Uma história simples. A história de um primeiro-ministro rodeado por ambição, não a própria, mas a ambição dos outros. Essas ambições foram crescendo desde a eleição. Ele precisa mantê-las em xeque, sufocá-las, senão elas poderão escapar ao controle e destruí-lo completamente.

– Você está me dizendo que há muita rivalidade e discordância dentro do Gabinete?

Ele fez uma pausa para medir bem as palavras antes de continuar num tom de voz lento, deliberado.

– Um grande olmo prestes a apodrecer. E quando a podridão toma conta, é só uma questão de tempo. Portanto, há algumas pessoas que, como você deve supor, estão imaginando como será a vida nos próximos dezoito meses, ou dois anos, e em que posição elas gostariam de estar se, e quando, a árvore cair. Como acontece com todas as árvores no final.

– E por que ele não se livra daqueles que criam problemas?

– Porque não pode correr o risco de desagradar antigos ministros de Gabinete causando tumulto entre os deputados do baixo clero, sendo que ele conta com uma maioria de apenas 24, que poderia desaparecer na primeira querela parlamentar. Ele precisa manter tudo o mais calmo e contido possível. Não pode nem trazer o grupo mais combativo para cargos do novo Gabinete, porque toda vez que você manda um ministro novo para um novo departamento ele entra num surto de entusiasmo e quer deixar sua marca. Isso desperta interesse de pessoas importantes na mídia, como você. De repente, descobrimos que os ministros não estão simplesmente fazendo seu trabalho, mas também promovendo a si mesmos para uma disputa de liderança que inevitavelmente deve acontecer. É um câncer. O governo é atirado num caos, todo mundo olhando paranoico por cima do ombro, confusão, desarmonia, acusações de falta de pulso… e, de repente, temos uma crise de liderança.

– Então cada um tem de ficar onde está. Você acha essa uma boa estratégia?

Ele deu um gole grande do uísque.

– Se eu fosse o capitão do *Titanic* e visse um maldito iceberg à frente, acho que optaria por uma mudança de rota.

– Disse isso ao primeiro-ministro essa tarde?

– Mattie – ele a repreendeu –, você está me apertando demais. Eu estou gostando muito da nossa conversa, mas receio que eu estaria indo longe demais se começasse a divulgar os detalhes de nossas discussões privadas. Você cometeu uma falta de ataque agora.

– Então me deixe perguntar sobre Lorde Williams. Ele ficou um tempo enorme reunido com o primeiro-ministro hoje à tarde, ainda mais

considerando que estavam apenas decidindo não fazer nada.

– Um homem que envelheceu a serviço de seu partido. Cuidado com um homem velho com pressa.

– Ele com certeza não acha que poderia se tornar líder do partido. Não para a Câmara dos Lordes!

– Não, é claro que não, mesmo o querido Teddy não seria egoísta a esse ponto. Mas ele é um político da antiga, e gostaria de se certificar de que a liderança vá parar nas mãos certas.

– Nas mãos de quem?

– Se não nas dele, então nas de algum de seus jovens acólitos.

– Como quem, por exemplo?

– Não arrisca um palpite?

– Samuel. Você quer dizer Michael Samuel – ela disse, excitada, franzindo os lábios.

– Você teria boas razões para pensar isso, Mattie.

– Como sabe?

– Não estou em posição de comentar – Urquhart sorriu, e terminou seu uísque. – Imagino que já lhe dei bastante material para especular. Acho que poderíamos encerrar a conversa.

Mattie assentiu com relutância.

– Obrigado, senhor Urquhart.

– Obrigado por quê? Eu não disse nada – concluiu, ficando em pé.

A mente dela zumbia com teorias enquanto tentava juntar as peças do quebra-cabeça. Estavam no meio de um aperto de mãos na porta da frente quando ela voltou a falar.

– A senhora Urquhart?

– Não está hoje. Está no campo.

Ainda estavam de mãos dadas.

– Por favor, dê-lhe minhas lembranças.

– Darei, Mattie. Darei.

Ela soltou a mão e virou-se para ir embora, mas hesitou.

– Uma última pergunta. Uma eleição para disputar a liderança do partido. Caso fosse haver alguma, iria concorrer?

– Boa noite, Mattie – disse Urquhart, fechando a porta.

* * *

DAILY CHRONICLE. SEGUNDA-FEIRA, 14 DE JUNHO, PÁGINA 1.

O primeiro-ministro deixou ontem muitos observadores surpresos ao anunciar que não haveria mudanças no Gabinete. Depois de uma reunião de várias horas com o presidente do partido, Lorde Williams, e também com o líder da bancada, Francis Urquhart, Henry Collingridge enviou ao seu partido uma mensagem do tipo "manter a mesma rota".

No entanto, fontes idôneas de Westminster expressaram ontem à noite perplexidade diante da decisão. Em alguns setores ela foi vista como uma demonstração da fragilidade da posição do primeiro-ministro, diante do que foi interpretada como uma campanha sem brilho algum.

Especula-se cada vez mais que Collingridge provavelmente não irá disputar uma nova eleição, e alguns ministros veteranos já parecem estar manobrando para se posicionar bem caso haja alguma disputa precoce pela liderança. Um ministro do Gabinete comparou o primeiro-ministro ao "capitão do *Titanic* na hora em que avistou o bloco de gelo".

A decisão de não fazer quaisquer mudanças no Gabinete, a primeira vez desde a guerra que uma eleição não é seguida por algum remanejamento de ministros, foi interpretada como sendo a maneira mais eficaz de Collingridge manter sob controle as rivalidades em lenta fervura dos seus colegas de Gabinete. Ontem à noite, o líder da bancada defendeu a decisão como sendo "a melhor maneira de continuar levando adiante a tarefa", mas já há especulações sobre os prováveis concorrentes a uma disputa pela liderança.

Contatado ontem à noite, Lorde Williams considerou qualquer sugestão de uma iminente eleição da liderança como uma "bobagem". Declarou: "O primeiro-ministro levou o partido a uma quarta vitória eleitoral histórica. Estamos em excelente forma". O apoio de Williams como presidente do partido seria crucial numa disputa pela liderança e sabe-se que ele é muito próximo de Michael Samuel, o secretário do Meio Ambiente, que poderia ser um dos concorrentes.

Os membros da Oposição foram rápidos em atacar o que consideraram uma indecisão do primeiro-ministro. O líder da oposição disse: "Os fogos do descontentamento estão ardendo dentro do Governo. Não acredito que o senhor Collingridge tenha força ou apoio suficientes para debelá-los. E já aguardo com ansiedade a próxima eleição".

Uma importante fonte do Governo descreveu a situação como "um grande olmo prestes a apodrecer".

9

Alguns homens nunca conseguem viver com seus princípios. Em Westminster, é útil ser visto almoçando com eles de vez em quando, mas não com excessiva frequência, para não se ver confundido com um hipócrita.

TERÇA-FEIRA, 22 DE JUNHO

O'Neill achou ótimo, embora de início tivesse ficado um pouco surpreso por receber um convite de Urquhart para almoçar no seu clube na St. James Street. O líder da bancada nunca demonstrara antes muita simpatia pelo homem de comunicações do partido, mas agora sugeria que ambos fossem "celebrar o esplêndido trabalho que você fez para nós durante toda a campanha". O'Neill interpretou isso como um reconhecimento de sua crescente importância dentro do partido.

E havia sido um almoço excelente, ao qual nada faltara. O'Neill, muito tenso como sempre, havia se fortalecido com uns dois copos bem servidos de vodca com água tônica antes que ele chegasse, mas eles não teriam sido necessários. Duas garrafas de Château Talbot '78 e dois bons conhaques foram suficientes para dar conta até mesmo de seu apetite irlandês. Ele sabia que havia falado muito, sempre fazia isso, mas não tinha como evitar; tempos atrás, Urquhart o irritara um pouco, talvez por seu ar um pouco frio e reservado, e pelo fato de uma vez O'Neill ter entreouvido Urquhart se referir a ele como "um carinha de marketing"; mas, agora, Urquhart mostrava-se um anfitrião atencioso, enquanto ele falava sem parar. Ambos foram até as robustas poltronas de couro rachado que ficavam em volta das mesas de bilhar da sala dos fundos do White's. Quando as mesas não estavam sendo usadas, aqueles assentos eram um lugar tranquilo e confidencial para os membros do clube levarem seus convidados.

– Conte-me, Roger, quais são seus planos agora que a eleição terminou? Vai continuar no partido? Não gostaríamos de perder alguém como você.

O'Neill abriu mais um sorriso vencedor, apagou o cigarro que estava fumando, na esperança de que houvesse algum Havana em vista, e garantiu ao seu anfitrião que iria permanecer pelo tempo que o primeiro-ministro quisesse.

– Mas como é que você iria bancar isso, Roger? Posso ser só um pouco indiscreto? Eu sei que o partido paga bem pouco aos seus funcionários, e o dinheiro sempre fica curto depois de uma eleição. Os próximos dois anos

provavelmente serão duros. Seu salário vai ficar congelado, e seu orçamento reduzido. É sempre a mesma coisa, nós políticos sendo míopes como sempre. Você não se sente tentado a aceitar alguma das propostas mais atraentes que podem estar à sua disposição?

– Bem, nem sempre é fácil, Francis, como você já deve ter percebido. O problema não é tanto o salário, sabe? Eu trabalho na política porque sou fascinado por ela e adoro participar disso. Mas seria uma tragédia se o orçamento ficasse muito baixo. Ainda há tanto trabalho a ser feito. – Seu sorriso era largo, seus olhos brilhavam, mas começaram a dançar agitados enquanto ele refletia sobre o que o outro homem havia dito. Passou a brincar nervosamente com seu copo. – A gente deveria trabalhar para a próxima eleição desde já. Ainda mais com todos esses ridículos boatos circulando sobre divisões dentro do nosso partido. Precisamos de publicidade positiva, e para criá-la eu preciso de verba.

– Um ponto interessante. Será que o presidente seria receptivo a tudo isso? – Urquhart ergueu uma sobrancelha interrogativa.

– E será que algum presidente de partido se mostra alguma vez receptivo a isso?

– Talvez eu possa fazer algo a respeito, Roger. Gostaria de poder ajudá-lo. Gostaria muito. Poderia tentar insistir com o presidente quanto ao seu orçamento, se você quiser.

– Está falando sério? Isso seria extremamente generoso da sua parte, Francis.

– Sim, mas há algo que eu preciso lhe perguntar primeiro, Roger. E vou ser muito franco.

Os olhos glaciais do homem mais velho olharam diretamente os de O'Neill, assumindo seu habitual brilho. Então O'Neill assoou o nariz bem alto. Mais um hábito, notou Urquhart, assim como o constante bater dos dedos anular e médio da mão direita. Era como se houvesse outra vida acontecendo dentro de O'Neill, uma que estivesse bem separada do resto do mundo e que se revelava apenas por meio dos maneirismos hiperativos de O'Neill e de seus olhos ariscos.

– Outro dia, Roger, recebi a visita de um velho conhecido, dos dias em que eu ocupava cargos de diretoria na City. Hoje ele é uma das pessoas que financia a agência de publicidade do partido. E se mostrou preocupado. Foi muito discreto, mas estava bastante preocupado. Disse que você tinha o hábito de pedir consideráveis somas de dinheiro à agência para cobrir suas despesas.

A agitação parou por um momento. Urquhart reparou o quanto era raro ver O'Neill parar de se mexer tanto.

– Roger, quero deixar bem claro a você que não estou tentando pegá-lo

em nenhuma armadilha ou sendo ardiloso. Isso é uma coisa estritamente entre nós dois. Mas para poder ajudá-lo, eu preciso ter certeza dos fatos.

O rosto e os olhos começaram a se mexer de novo, e a risada pronta de O'Neill fez sua reaparição nervosa.

– Francis, fique tranquilo, não há nada de errado, absolutamente nada. É uma bobagem, é claro, mas fico grato por você ter levantado o assunto comigo. O que acontece simplesmente é que em muitas situações eu incorro em despesas no lado da publicidade que são mais fáceis de serem pagas pela agência do que pela máquina do partido. Como, por exemplo, pagar uns drinques para um jornalista ou levar um contribuinte do partido para almoçar fora. – O'Neill ia acelerando sua explicação, o que dava sinais de que ele a praticara bastante. – Veja bem, se eu pago essas despesas, tenho de pedir reembolso ao partido. Que leva aquele tempo todo para preencher o maldito cheque – dois meses ou mais. Você sabe como eles são, a tinta leva uma eternidade para secar. Francamente, considerando o que eles me pagam, não tenho como bancar isso. Então eu cobro por meio da agência, consigo o dinheiro de volta imediatamente e eles incluem na contabilidade deles. É como se fosse um empréstimo sem juros para o partido. E, enquanto isso, eu posso tocar meu trabalho adiante. E as quantias são realmente bem pequenas.

O'Neill pegou de novo seu uísque enquanto Urquhart juntava seus dedos e observava o outro homem esvaziar seu copo.

– Pequenas, assim, por volta de 22.300 libras só nos últimos dez meses, Roger?

O'Neill quase engasgou. Seu rosto se contorceu conforme ele se esforçava para tomar fôlego e ao mesmo tempo emitir logo a necessária negação.

– Não é isso tudo, de jeito nenhum… – protestou. Seu queixo ficou caído enquanto ele pensava no que dizer a seguir. Essa parte da explicação ele não havia praticado. O'Neill agora se agitava como uma mosca aprisionada na teia da aranha. Urquhart teceu mais alguns fios de seda.

– Roger, você tem cobrado da agência despesas comuns, sem uma discriminação clara, que somam exatamente 22.300 libras desde o início de setembro do ano passado. O que começou como pequenas despesas cresceu nos últimos meses para cerca de 4 mil libras por mês. Não se gasta tudo isso em drinques e bebidas nem nos meses mais quentes da campanha eleitoral.

– Posso lhe garantir, Francis, que todas as despesas que eu apresentei foram absolutamente legítimas!

– É cara, não é…? A cocaína…

Os olhos vítreos de O'Neill congelaram de horror.

– Roger, como líder da bancada, eu tenho familiaridade com todos os problemas que possam acometer um homem. Já lidei com casos de

espancamento de esposa, adultério, fraude, doença mental. Tive até um caso de incesto. Certo, tudo bem, não deixamos o sujeito concorrer à reeleição, é claro, mas tampouco havia algo a ganhar em permitir que a coisa se tornasse pública. É por isso que quase nunca se ouve alguma coisa a respeito deles. No caso de incesto, eu coloquei um limite, mas em geral a gente não entra em considerações morais. Pela minha cartilha, todo homem merece ser perdoado uma vez, desde que a coisa permaneça no âmbito privado.

Fez uma pausa; um brilho voltou aos olhos de O'Neill, de desespero.

– Um dos meus novos deputados é médico. Eu o encarreguei especificamente de me ajudar a localizar sinais de tensão. Afinal, temos mais de trezentos deputados para tomar conta, e todos vivem sob tremenda pressão. Você ficaria surpreso também se soubesse o número de casos de abuso de drogas que temos. Há um centro de recuperação, muito agradável e absolutamente privado, nos arredores de Dover, para onde a gente envia esse pessoal, às vezes por uns dois meses. A maioria se recupera completamente, um deles é até um ministro. – Ele se inclinou para a frente para reduzir a distância entre os dois. – Mas ajuda muito identificá-los cedo, Roger. E a cocaína virou um problema grave há pouco tempo. Dizem que está na moda, seja lá o que isso significa, e também que é incrivelmente fácil de se conseguir. Faz um cara bom ficar brilhante, é o que dizem. Pena que crie dependência muito rápido. E que seja tão cara.

Urquhart não tirara os olhos de cima de O'Neill um segundo durante sua narrativa. Ele via algo estranho e constrangedor naquela agonia que fazia O'Neill definhar. Qualquer dúvida que pudesse ter a respeito do diagnóstico foi dissipada pelas mãos trêmulas e pelos lábios que se abriam, mas não conseguiam falar. Quando, por fim, O'Neill encontrou palavras, elas vieram como uma queixa.

– Mas o que você está dizendo? Eu não sou viciado em drogas. Eu nunca chego nem perto!

– Não, é claro que não, Roger. – Urquhart adotou seu tom mais tranquilizador. – Mas acho que você precisa aceitar que algumas pessoas podem chegar às conclusões mais lamentáveis a seu respeito. E o primeiro-ministro, você sabe, particularmente no seu estado de ânimo atual, não é um homem que se disponha a correr riscos. Por favor, acredite em mim, não é uma questão de condenar um homem sem julgamento, mas simplesmente de optar por uma vida mais calma.

– Henry não acreditaria numa coisa dessas! Você com certeza não comentou nada… – O'Neill estava ofegante, como se tivesse trombado com um touro bravo.

– É claro que não, Roger. Quero que você me veja como seu amigo. Mas o presidente do partido…

– Williams? O que foi que ele disse?

– Sobre drogas? Nada. Mas eu receio que nosso querido Lorde não seja lá um dos seus maiores fãs, ele não foi muito favorável a você junto ao primeiro-ministro. Ao que parece, acha que você é mais culpado pelo resultado da eleição do que o próprio Collingridge.

– O quê? – a frase saiu como um guincho.

– Não se preocupe, Roger, eu defendi você. Não há o que temer. Desde que você tenha meu apoio.

Urquhart sabia o que estava fazendo, conhecia muito bem a paranoia que ocupa a mente de um dependente de cocaína e sabia do impacto que sua história inventada sobre a insatisfação do presidente iria deixar nas precárias emoções de O'Neill. Este tinha uma ambição por notoriedade que só podia ser alcançada por meio da continuada proteção do primeiro-ministro; isso era algo que ele não podia se dar ao luxo de perder. "Desde que você tenha meu apoio." Essas palavras ressoaram nos ouvidos de O'Neill. Era como dizer: "Um passo em falso e você está morto". A teia do medo se fechara em torno de O'Neill. Agora era a hora de lhe oferecer uma saída.

– Roger, já vi fofoca destruir muita gente. Os corredores de Westminster podem se tornar um campo de execução. Seria uma tragédia pela qual eu nunca iria me perdoar se você fosse tirado da jogada, seja pela hostilidade de Teddy Williams em relação a você, seja simplesmente porque as pessoas interpretam mal seus arranjos para ressarcir as despesas e sua… gripe crônica.

– O que eu devo fazer? – com a voz melancólica.

– Fazer? Bem, Roger, minha sugestão é que você confie em mim. Você precisa de um apoio forte nos círculos internos do partido, particularmente neste momento. Há uma onda no mar, ela está crescendo, o barco do primeiro-ministro está começando a fazer água, ele não pensaria duas vezes em atirar alguém como você pela amurada do navio se isso o ajudasse a salvar sua pele. Pessoas assim acham que você é pouco mais do que lastro.

As palavras estavam produzindo o efeito desejado. O'Neill estava se contorcendo na sua poltrona, meio alheio, bebericando de seu copo de cristal já vazio, a velha poltrona de couro gemendo debaixo dele. Urquhart parou por um momento para absorver cada detalhe.

– Preciso da sua ajuda, Francis.

– Foi por isso que convidei você para essa conversa, Roger.

O outro chorava. As lágrimas rolavam pelo seu rosto.

– Não vou deixar que eles demitam um cara bom como você, Roger. – Seu tom era o de um padre lendo um salmo. – Cada tostão das suas despesas é legítimo. É isso que eu vou dizer à agência. Vou aconselhá-los a continuarem com esse arranjo, e mantê-lo confidencial, para evitar alguma inveja indesejada de gente de dentro do partido que quer cortar o orçamento de

publicidade. Mas há mais coisa a ser feita. Precisamos garantir que o primeiro-ministro fique totalmente informado do bom trabalho que você está fazendo. E eu preciso aconselhá-lo a não baixar a guarda agora, a continuar com uma alta intensidade de propaganda se ele pretende superar os meses difíceis que tem pela frente. Seu orçamento irá sobreviver. E você, também, Roger.

– Francis, você sabe o quanto eu ficaria grato por isso… – murmurou O'Neill.

– Mas, em troca disso, tem uma coisa que eu vou precisar, Roger.

– Peça o que quiser.

– Para poder te proteger, eu preciso saber de tudo que está acontecendo na sede do partido.

– É claro.

– E particularmente o que o presidente pretende fazer. Ele é um homem muito ambicioso e muito perigoso, que faz seu próprio jogo e ao mesmo tempo professa lealdade ao primeiro-ministro. Você precisa ser meus olhos e meus ouvidos, Roger, e terá de me colocar a par imediatamente de qualquer coisa que souber a respeito dos planos do presidente. Seu futuro pode depender disso.

O'Neill estava enxugando as lágrimas, assoando o nariz; seu lenço ficara num estado deplorável.

– Você e eu, Roger, temos que trabalhar juntos nisso. Você vai me ajudar a conduzir o partido por esses tempos difíceis que temos pela frente. Como Horácio defendendo a ponte.

– Francis, eu nem sei como lhe agradecer.

– Você saberá, Roger, você saberá.

* * *

Uma porta bateu. Mortima estava de volta. Subiu correndo a escada, procurando por ele em cada quarto, até que o encontrou no terraço, admirando Londres à noite, com a Victoria Tower ao longe, em seu esplendor iluminado na extremidade sul do edifício do Parlamento. A bandeira inglesa ondulava ao sabor das suaves correntes de ar lançadas ao alto pelas ruas quentes. O edifício parecia ter sido esculpido em pedra fosforescente. Urquhart fumava, o que era uma visão rara.

– Francis, você está bem?

Ele se virou, assustado, como se estivesse surpreso por vê-la, e então voltou a olhar para a Victoria Tower por cima dos telhados de Westminster.

– Quando você me ligou e disse que havia acontecido algo, pensei que

estivesse doente. Você me assustou e…

– Foi ali, naquela torre, que se produziu a sentença de morte de Carlos I. E a Declaração de Direitos. São leis do Parlamento que remontam a mais de quinhentos anos. – Ele falou como se não tivesse ouvido o que ela dissera ou notado sua preocupação.

– Alguma coisa *aconteceu*. – Ela chegou perto, pegou no braço dele. Seus olhos pareciam tomados por alguma aparição ou vislumbre que apenas ele podia ver e que se situava em algum lugar pela noite afora.

– Se prestar atenção, Mortima, vai ouvir os gritos da multidão do lado de fora dos portões.

– Você consegue ouvir?

– Consigo.

– Francis? – A voz dela ainda vacilava de preocupação.

Só então ele se voltou para ela de fato. Apertou-lhe a mão.

– É bem coisa sua, isso de voltar correndo. Desculpe se a deixei preocupada. Não, não estou doente, estou ótimo. Na verdade, há tempos não me sentia tão bem.

– Não entendo. Você estava tão desapontado por não ter sido promovido.

– Nada dura. Nem os grandes impérios, e muito menos primeiros-ministros fracos. – Sua voz estava cheia de desprezo. Ele passou seu cigarro para ela; ela tragou fundo os fortes vapores.

– Você vai precisar de gente para te ajudar – ela cochichou, devolvendo o cigarro.

– Acho que já encontrei alguém.

– A jornalista jovem que você mencionou?

– Talvez.

Ela silenciou por um tempo. Ficaram os dois no escuro, compartilhando a noite, os sons abafados das vidas que transcorriam abaixo deles, o ar de conspiração.

– Será que ela vai se manter leal a você?

– Jornalistas leais?

– Você precisa dar um jeito de enredar a menina, Francis.

Ele a olhou fixamente, ofereceu-lhe um leve sorriso que logo sumiu. Não havia humor nele.

– Ela é jovem demais, Mortima.

– Jovem demais? Bonita demais? Inteligente demais? Ambiciosa demais? Acho que não, Francis. Não para um homem como você.

Seu sorriso voltou, mais animado agora.

– Como sempre, Mortima, estou em dívida com você.

Ela era doze anos mais nova do que ele, ainda vibrante, e carregava com muita elegância os quilinhos a mais que os anos lhe haviam imposto. Ela era

sua amiga mais íntima, a única pessoa a quem permitia acesso ao seu interior, em quem podia confiar cegamente. Eles tinham suas vidas independentes, é claro, ele em Westminster e ela… bem, ela amava Wagner. Que nunca fora uma de suas preferências. Ela às vezes sumia por vários dias, viajava para o exterior com outras pessoas para compartilhar a paixão pelo ciclo do *Anel dos Nibelungos*. Ele nunca questionara sua fidelidade, nem ela a dele.

– Isso não vai ser fácil – disse ele.

– E tampouco quer dizer que não vá dar certo.

– E quais seriam os limites? – ele perguntou, com a delicadeza que uma pergunta como essa poderia permitir.

Ela ficou na ponta dos pés para beijar-lhe o rosto, então voltou para dentro, deixando-o sozinho com a noite.

10

Uma vez conheci um homem cuja memória era tão ruim que esqueceu completamente que havia dependurado um Howard Hodgkin deitado de lado na parede e só foi perceber três anos depois, mas que se lembrava de ter sido curador da Tate, coisa que nunca fora. Virou ministro da Cultura, é claro. Fico imaginando o que aconteceu com ele depois disso…

QUARTA-FEIRA, 30 DE JUNHO

O Strangers' Bar, na Câmara dos Comuns, é uma sala pequena com painéis de madeira escura num cantinho tranquilo de frente para o Tâmisa, onde membros do Parlamento podem levar seus convidados "de fora" ou não membros. Costuma ficar lotado, com muito barulho e fofocas, ocasionalmente com violência moral, e, algumas vezes, física também. Certos políticos jamais ficam sóbrios.

O'Neill apoiava um cotovelo no balcão do bar, enquanto se esforçava para que o outro cotovelo não derrubasse o drinque da mão do seu convidado.

– Mais uma, Steve? – perguntou para seu companheiro, impecavelmente vestido.

Stephen Kendrick era um deputado da Oposição recém-eleito, que ainda não encontrara seu lugar. Sua aparência comunicava mensagens diversas, com seu terno Armani cinza claro de mohair e abotoaduras de um branco perolado contrastando com a caneca de chope amargo Federation que segurava com sua mão de unhas impecáveis.

– Você sabe melhor do que eu que estranhos não podem comprar bebida aqui. Seja como for, como faz apenas algumas semanas que eu frequento esse lugar, acho que é um pouco cedo para arruinar minha carreira sendo flagrado passando tempo demais com o cachorro de estimação irlandês do primeiro-ministro. Alguns de meus colegas mais dogmáticos iriam considerar isso uma traição. Bem, só mais uma e chega, esse é o meu limite! – Ele deu um sorriso forçado e piscou para a garçonete. Outra caneca e mais uma vodca com água tônica dupla apareceram diante deles. – Você sabe, Rog, eu ainda estou me beliscando para ver se é verdade. Nunca esperei de fato chegar até aqui. Ainda não sei direito se isso tudo é um sonho ou um maldito pesadelo. – Sua voz conservava o forte sotaque da periferia de Blackburn. – Coisa engraçada, o destino, não é? Quando trabalhamos juntos naquela pequena empresa de relações públicas há sete anos, quem ia adivinhar que

você viraria o principal cão de guarda do primeiro-ministro e eu o deputado mais novo e mais talentoso da Oposição?

– Sem dúvida não seria aquela loirinha telefonista que a gente costumava dividir.

– Nossa querida e pequena Annie.

– E eu achava que o nome dela era Jennie…

– Rog, eu não me lembro de você se preocupar antes em saber o nome delas.

A brincadeira finalmente quebrou o gelo. Quando O'Neill telefonara para o novo deputado sugerindo um drinque em nome dos velhos tempos, os dois tinham sentido dificuldade em recuperar a velha familiaridade de anos atrás. Durante as duas primeiras rodadas de bebida, haviam estudado um ao outro, evitando o assunto da política, que ora dominava a vida de ambos. Agora O'Neill decidira que era hora de mergulhar fundo.

– Steve, por mim, não me incomodo se você pagar a bebida pelo resto da noite. Deus do céu, do jeito que os meus patrões estão levando as coisas no momento, acho que até um santo iria querer encher a cara.

Kendrick aceitou a abertura.

– Pois é, a coisa degringolou, e foi muito de repente, com certeza. O seu pessoal parece que perdeu o chão de vez. Caramba! Eu ouço as fofocas e não acredito. O Samuel furioso com o Williams por ele arriscar o pescoço pelo primeiro-ministro, o Williams puto com o Collingridge por ele ter fodido com a eleição, e o Collingridge irado com tudo e com quase todos. A coisa está feia!

– Eles estão todos estressados, não veem a hora de sair de férias. Só pensam no que vão levar no bagageiro do carro.

– Olha, desculpa dizer isso, mas seu chefe tem de colocar um fim nesse bate-boca todo, e tem de fazer isso rapidinho. Eu posso ser novato nessa história, mas depois que boatos como esses começam a circular, eles ganham vida própria. E viram realidade. E digo mais, é justamente aí que você e sua poderosa máquina de publicidade têm de entrar para ajudar, eu acho, como se fossem a Sétima Cavalaria no alto da colina.

– Acho que é mais como a última batalha do general Custer – disse O'Neill com alguma amargura.

– Qual é o problema, Rog, o tio Teddy fugiu e levou embora todos os seus soldadinhos de chumbo ou algo no estilo?

O'Neill esvaziou o copo com uma entornada brusca e raivosa. Kendrick, com a cautela vencida pela curiosidade, pediu mais uma rodada.

– Já que você insiste, Steve, que fique entre nós, velhos amigos, o nosso antigo e demasiadamente superestimado presidente decidiu se retirar para trás das barricadas. Justo agora que era preciso sair à luta.

– Ah, será que estou notando o desabafo de um diretor de publicidade

frustrado que recebeu ordens de calar a boca por uns tempos?

O'Neill bateu seu copo no balcão, irritado.

– Eu não deveria te contar isso, eu acho, mas você ia acabar sabendo logo de qualquer jeito. Você se lembra daquele programa de expansão de hospitais que prometemos implantar nas eleições, juntando verbas do governo e os fundos levantados em nível local? Uma ideia brilhante. E a gente tinha uma campanha promocional maravilhosa pronta para ser lançada durante o verão, enquanto vocês bundas-moles estivessem de férias no litoral de Cuba, ou onde quer que passem as férias.

– Mas?

– Não vai mais acontecer, né? Eu tinha tudo armado, Steve, tudo prontinho. E quando seu bando fizesse as malas e voltasse em outubro, eu já teria conquistado as mentes e os corações dos eleitores de todos os cargos secundários do país. Estávamos com a campanha toda pronta. Comerciais, 10 milhões de folhetos, mala direta. "Recuperando a saúde dos hospitais." Mas… O velho filho da puta deu pra trás. Do nada.

– Mas por quê? – Kendrick perguntou para consolar. – Problemas de dinheiro depois das eleições?

– Não, e isso é o mais estupidamente ridículo da coisa, Steve. O dinheiro cabia no orçamento e os folhetos já estavam impressos, mas ele não deixou a gente distribuir. Ele simplesmente veio lá do número 10 hoje cedo e disse que a coisa estava cancelada. Eles perderam os colhões, isso sim. E ainda teve a cara de pau de perguntar se as porras dos folhetos estariam muito desatualizados no ano que vem. Isso é amador demais!

Deu outro longo gole de vodca e ficou olhando fixamente para o fundo do copo. O'Neill rezou para ter seguido as instruções de Urquhart para não demonstrar deslealdade excessiva, não ir além de uma ofensa profissional e um pouco de excesso alcoólico. Ainda estava confuso. Não tinha ideia da razão pela qual Urquhart havia lhe dito para inventar uma história totalmente espúria sobre uma campanha de publicidade inexistente e plantá-la no Strangers' Bar, mas como o objetivo era atolar Williams na merda, ele o fez de bom grado. Enquanto rodava a fatia de limão dentro do copo, viu Kendrick dedicar-lhe um olhar longo e deliberado.

– O que tá acontecendo, Rog?

– Se pelo menos eu soubesse, meu chapa. É um baita dum mistério. Uma zona da porra.

* * *

QUINTA-FEIRA, 1° DE JULHO

A sala da Câmara dos Comuns é uma construção relativamente recente, do pós-guerra, erguida depois que as bombas da Luftwaffe erraram as docas e atingiram a Mãe dos Parlamentos. Mas, apesar de sua relativa juventude, a sala tem uma atmosfera de séculos atrás. Ao se sentar quieto no canto da sala vazia, num dos estreitos bancos verdes, o frescor desaparece e os fantasmas de Chatham, Walpole, Fox e Disraeli voltam a andar entre as fileiras de assentos.

Trata-se de um lugar especial, com profundo sentido, mas pouco prático. Há assentos para apenas cerca de 400 dos 650 membros do Parlamento, que não conseguem ouvir direito os alto-falantes rudimentares embutidos na parte de trás dos assentos sem inclinar a cabeça de lado e dar a impressão de que estão dormindo. E às vezes estão.

O projeto baseia-se no da velha St. Stephen's Chapel, onde ficavam os antigos parlamentares, como meninos do coro da igreja em bancos frente a frente, embora tenha restado pouco de angélico no arranjo atual. Os membros ficam confrontados, como antagonistas. São separados por linhas vermelhas no tapete, que representam a distância do comprimento de uma espada, embora isso seja ilusório, pois o perigo mais iminente nunca fica a uma distância maior que uma adaga, nos bancos de trás.

Quase todos os primeiros-ministros acabam sendo atacados, demitidos ou forçados de modo sangrento a deixar o cargo. Mais da metade dos membros do partido do Governo julga-se capaz de fazer melhor. Aqueles que foram demitidos, ou aos quais o cargo nunca foi oferecido, sentam-se atrás do seu líder medindo a largura respectiva de seus ombros. A pressão é implacável. Toda semana, primeiros-ministros são convocados para um "Debate com o primeiro-ministro", uma instituição honrada apenas pelos seus excessos. Em princípio, ela dá aos membros do Parlamento a oportunidade de obter informações do líder do Governo de Sua Majestade; na prática, é um exercício de sobrevivência que deve mais à arena romana de Nero e de Cláudio do que aos ideais da democracia parlamentar. Geralmente, as perguntas dos membros da Oposição nem sequer simulam a busca por informações; elas têm apenas o objetivo de criticar, de infligir dano. Trata-se de um pretexto patético para tentar arrasar o primeiro-ministro – ainda que seja apenas com palavras. E, do mesmo modo, as respostas dadas raramente buscam dar informações, mas, pelo contrário, têm a intenção de revidar e causar dor e humilhação. E os primeiros-ministros têm sempre a última palavra, o que lhes dá a vantagem no combate, como um gladiador que tem permissão para dar o último golpe. É por isso que se espera que um primeiro-ministro saia vencedor. O infortúnio se abate sobre o primeiro-ministro que não o consegue. A tensão e o terror nunca estão muito distantes do sorriso confiante. Foi o que levou Macmillan a adoecer de tensão, o que fez Wilson

perder o sono e o que fez Thatcher perder as estribeiras. E Henry Collingridge nunca esteve à altura de qualquer um desses seus predecessores.

O dia seguinte à investida noturna de O'Neill no Strangers' Bar não vinha sendo tranquilo para o primeiro-ministro. O secretário de imprensa da Downing Street estava muito abatido por causa da catapora de seus filhos e, por isso, o resumo diário para a imprensa daquele dia foi de qualidade bem inferior e, pior ainda para o impaciente Collingridge, foi fornecido com atraso. O Gabinete também estava atrasado, pois apesar de se reunir na hora habitual, às 10h00 de quinta-feira, havia perdido tempo com uma confusão, quando o ministro da Fazenda tentou dar explicações, sem qualquer ofensa evidente a Collingridge, sobre como a reduzida maioria do Governo derrubara os mercados financeiros ao tornar impossível naquele ano fiscal a implementação do programa de expansão de hospitais que havia sido prometido com tanto alarde durante a campanha eleitoral. O primeiro-ministro deveria ter assumido o controle da discussão, mas ficou divagando e acabou criando uma situação constrangedora.

– Uma pena, certamente, que o ministro da Fazenda não tenha tido mais cautela antes de permitir que fôssemos a campo e fizéssemos acordos apressados – comentou o secretário da Educação, de maneira cáustica.

O ministro murmurou tristemente que não era culpa sua que os resultados da eleição tivessem sido piores do que poderiam prever os mais cínicos no mercado de ações, um comentário do qual se arrependeu na mesma hora. Collingridge tentou consertar e instruiu o secretário da Saúde a preparar uma explicação plausível para a mudança de planos. Também ficou decidido que essa mudança de curso seria anunciada dentro de quinze dias, durante a última semana antes do recesso parlamentar.

– Vamos esperar – disse o septuagenário ministro – que a essa altura as mentes já estejam concentradas nas loucuras do verão.

Assim o Gabinete ultrapassou seu tempo em 20 minutos, o que significou que a reunião do primeiro-ministro com os seus assistentes para o "Debate com o primeiro-ministro" também atrasou, e sua irritação o fez assimilar muito pouco do que estavam querendo lhe passar. Quando entrou apressado na Câmara lotada, pouco antes do tempo designado para as perguntas, não estava armado, nem atento como de costume.

Isso não pareceu fazer muita diferença à medida que Collingridge rebatia perguntas da Oposição e aceitava os elogios de seu próprio partido com uma facilidade que, se não era muito inspirada, pelo menos era adequada. O presidente da Casa, o homem encarregado dos procedimentos parlamentares, deu uma espiada no relógio e decidiu que, com apenas pouco mais de 1 minuto para o fim da sessão, haveria tempo apenas para mais uma pergunta antes do encerramento. A questão seguinte na pauta de assuntos

era de um dos novos membros; um bom momento, decidiu ele, para iniciar os novatos.

– Stephen Kendrick – anunciou na Câmara.

– Número 6, senhor.

Kendrick ficou em pé por um instante para indicar a questão da pauta de assuntos que estava em seu nome: "Perguntar ao primeiro-ministro se ele irá listar seus compromissos oficiais do dia". Era uma questão protocolar, idêntica às Perguntas 1, 2 e 4, que já haviam sido formuladas.

Collingridge ergueu-se pensativo e olhou para a pasta vermelha de resumos já aberta na caixa de despachos à sua frente. Leu em tom monótono. Todos já haviam ouvido aquilo antes. "Eu remeto o Honorável Membro à resposta que já dei alguns momentos atrás às Perguntas 1, 2 e 4." Como suas respostas prévias não haviam dito qualquer coisa de novo, simplesmente que ele iria passar o dia em reuniões com seus colegas de ministério e em um jantar oferecido ao primeiro-ministro belga em visita ao país, ninguém até aquele momento tivera qualquer notícia interessante sobre as atividades do primeiro-ministro – e a intenção tampouco era essa. As cortesias *combativas* estavam agora encerradas e uma batalha estava prestes a se iniciar. Kendrick ficou em pé junto a seu banco na Oposição.

Steve Kendrick era um jogador, um homem que encontrara sucesso profissional num setor que recompensava a autoconfiança, a ousadia e os colhões avantajados. Ninguém havia ficado mais surpreso do que ele mesmo, exceto talvez sua ex-mulher, quando ele decidiu arriscar sua conta de despesas e seu carro esporte para concorrer a um cargo parlamentar secundário. Não que ele esperasse ou quisesse de fato vencer; afinal, o Governo vinha assentado numa maioria bastante razoável, mas lutar por uma vaga contribuiria para firmar seu nome e o beneficiaria tanto social quanto profissionalmente. Ele passara várias semanas nas primeiras páginas das revistas corporativas de relações públicas. "O homem com consciência social" sempre alcançava boa repercussão num setor agressivamente comercial como aquele.

Sua maioria de 76, após três recontagens, havia sido um choque desagradável. Significava uma sensível redução de sua renda e uma vida privada cheia de brechas, que agora seria examinada de perto, e com chances de ele ser desbancado nas eleições seguintes de um jeito ou de outro. Portanto, o que estava em jogo? Ele não tinha coisa alguma a perder, a não ser seu anonimato.

Kendrick dormira mal à noite e tivera uma manhã frustrada, às voltas com o que O'Neill havia lhe contado. Por que cancelar uma campanha publicitária de promoção de uma política que iria angariar muitos votos? Não fazia o menor sentido, a não ser que… A não ser que o problema fosse a

própria política e não a campanha publicitária. Com certeza devia ser isso. Ou não? O que mais poderia ser? Ou então ele era inexperiente demais para entender o que estava acontecendo? Quanto mais ele fuçava no quebra-cabeça, mais este se mostrava esquivo. O que seria melhor, perguntar ou acusar? Uma pergunta ou uma condenação? Sabia que, se errasse, a primeira e mais duradoura impressão que ele iria deixar seria a do bobo da Câmara.

As dúvidas ainda soavam na sua cabeça como buzinas, quando ele ficou em pé. Sua insegurança momentânea fez que a agitação normal da Casa arrefecesse conforme os deputados sentiam sua hesitação. Será que o novo membro havia travado? Kendrick respirou fundo e decidiu que não fazia sentido tentar se apegar à sua dignidade. Ele arriscou.

– O senhor primeiro-ministro poderia explicar à Casa por que cancelou seu prometido programa de expansão hospitalar?

Nenhuma crítica. Nenhuma elaboração. Nenhuma frase acrescentada, nenhuma insinuação que pudesse dar ao primeiro-ministro algum tempo para se desviar ou abaixar a cabeça. Ouviu-se um murmúrio logo que o novo parlamentar voltou a se sentar. O programa hospitalar? Cancelado? A brincadeira havia ficado interessante agora, e os cerca de trezentos espectadores voltaram-se como se fossem um só para olhar na direção de Collingridge. Este ficou em pé com algum esforço, sentindo ao fazer isso que o suprimento de sangue para o cérebro lhe faltava. Viu que não havia nada na sua pasta vermelha de resumos de onde pudesse tirar alguma inspiração, nenhum apoio, nada em que se agarrar. A coisa vazara, havia sido filtrada por alguém, um estrago, ele estava fodido. Deu um amplo sorriso. Era o que se devia fazer. Apenas aqueles que estavam sentados perto dele puderam ver os nós dos dedos dele embranquecendo enquanto agarrava a caixa de despachos.

– Espero que o nobre cavalheiro tenha o cuidado de não se deixar levar pelas leviandades do verão, pelo menos até que agosto chegue. Já que se trata de um novo membro, é uma boa oportunidade para lembrá-lo que nos últimos quatro anos sob esse governo, o serviço de saúde desfrutou de uma considerável expansão real em seus investimentos, algo em torno de 6% a 8%. – Collingridge sabia que estava assumindo um tom indesculpavelmente arrogante, mas não conseguia encontrar as palavras certas, e o que mais poderia fazer? – O serviço de saúde tem se beneficiado do nosso sucesso em controlar a inflação mais do que qualquer outra área do Governo, o que pode ser comparado…

Do seu banco, um pouco acima da bancada de assentos de couro verde, Kendrick olhava fixamente. O primeiro-ministro não o encarava olho no olho, ficava olhando em volta. Estava perdido.

– Responda a porra da pergunta – ele grunhiu num sotaque do norte que

de algum modo tornava essa indelicadeza mais aceitável ou pelo menos mais esperada. Vários outros membros fizeram eco à sugestão.

– Deverei responder à pergunta à minha maneira e no meu devido tempo – cortou o primeiro-ministro. – É lamentável esse fingimento da Oposição, vindo agora reclamar, quando sabem muito bem que os eleitores chegaram às suas próprias conclusões e que apenas recentemente registraram alguma insatisfação em relação a este governo por meio do seu voto. Eles ainda nos oferecem seu apoio, e eu reafirmo nossa determinação em protegê-los e em proteger seu sistema hospitalar.

Gritos desagradáveis de desaprovação das bancadas de Oposição fizeramse ouvir mais alto. A maioria deles não seria registrada pelo *Hansard*, cujos editores às vezes tinham os ouvidos notavelmente surdos, mas eram claramente audíveis para o primeiro-ministro, cada sílaba. Os próprios membros de sua bancada começaram a ficar inquietos, sem saber por que Collingridge simplesmente não confirmava a política e a enfiava goela abaixo de Kendrick.

Collingridge foi avançando penosamente em meio a uma série de interrupções.

– A Casa será notificada… Essa não é a prática habitual dos governos… discutir antecipadamente as especificidades dos novos planos de investimento… Deveremos anunciar no devido tempo as nossas intenções.

– Admita que vocês fizeram isso. Vocês desistiram do plano, não é verdade? – o nobre e habitualmente desrespeitoso deputado de Newcastle West irrompeu de sua cadeira abaixo do corredor entre as fileiras, e o fez tão alto que nem mesmo o *Hansard* poderia alegar que não havia ouvido.

Os rostos da Bancada Frontal da Oposição se abriram em sorrisos, finalmente percebendo o que estava acontecendo. Seu líder, posicionado a menos de 2 metros de onde estava Collingridge, virou-se para o colega do lado e fez o mais alto dos cochichos galeses.

– Quer saber, eu acho que ele está enrolando. Está tentando tirar o corpo fora! – E começou a brandir sua pauta de assuntos, assim como todos os seus colegas. Pareciam as velas de antigos galeões sendo içadas para uma batalha.

A dor de mil confrontos na Casa brotou de dentro de Collingridge. Ele não estava preparado para aquilo. Não podia convencer a si mesmo a admitir a verdade e, no entanto, tampouco podia mentir para a Casa, e não conseguia encontrar um discurso que fosse capaz de tecer essa delicada linha entre a honestidade e a mentira ostensiva. Enquanto observava a presunção nos rostos diante dele e ouvia suas zombarias, lembrou-se das muitas mentiras que haviam contado a respeito dele ao longo dos anos, da crueldade que haviam demonstrado e das lágrimas que haviam feito sua mulher derramar. Ao olhar para aqueles rostos contorcidos a poucos metros, sua paciência se

esgotou. Precisava colocar um fim naquilo, e não sabia mais como fazê-lo. Então jogou os braços para cima.

– Eu não preciso ficar ouvindo comentários desse tipo de um bando de cães – rosnou, e se sentou de volta. Como um urso recuando diante da roda de cães de caça.

Mesmo antes que o grito de triunfo e de raiva tivesse chance de se fazer ouvir dos bancos da Oposição, Kendrick já estava de novo em pé.

– Questão de ordem, senhor presidente. As observações do primeiro-ministro caíram em absoluto descrédito. Fiz uma pergunta perfeitamente direta sobre a razão pela qual o primeiro-ministro havia voltado atrás em sua promessa eleitoral e tudo o que obtive foram insultos e evasivas. Embora compreenda a relutância do primeiro-ministro em admitir que perpetrou uma fraude gigantesca e desonrosa contra o eleitorado, não há nada que o senhor possa fazer para proteger o direito dos membros desta Casa de obter uma resposta direta a uma questão direta? Sei que sou novo neste lugar, mas deve haver algo na Lei de Disposições Estatutárias que cubra este ponto.

Ondas de aprovação varreram as bancadas da Oposição, enquanto o presidente da Casa lutava para se fazer ouvir em meio ao tumulto.

– O Honorável Membro talvez seja novo, mas parece já ter desenvolvido um olho aguçado para os procedimentos parlamentares, e neste caso saberá que eu não sou mais responsável pelo conteúdo ou pelo tom das réplicas do primeiro-ministro do que sou pelas perguntas que lhe sejam colocadas. Próximo assunto!

Enquanto o presidente tentava passar para outras questões, um Collingridge de rosto vermelho se levantou e saiu furioso da Câmara, fazendo um gesto para que o líder da bancada o seguisse. O epíteto muito pouco parlamentar de “Covarde!” ressoou atrás dele por toda a sala. Nos bancos do Governo não havia sequer um silêncio de indefinição.

* * *

– Como é que ele ficou sabendo disso, santo Cristo? Como é que esse filho da puta descobriu?

A porta mal acabara de ser batida no escritório do primeiro-ministro que ficava próximo à saída da Câmara quando a conversa começou. O semblante normalmente tranquilo do primeiro-ministro de Sua Majestade havia sido posto de lado para revelar uma fera selvagem de Warwickshire.

– Francis, só faltava essa. Só faltava essa agora, estou lhe dizendo. A gente recebeu o relatório do ministro da Fazenda na reunião do Gabinete ontem, hoje de manhã o Gabinete inteiro discute o assunto pela primeira vez, e à

tarde cada um dos bostinhas da Oposição já está sabendo? Menos de duas dúzias de ministros do Gabinete sabiam disso, apenas um punhado de servidores civis estava por dentro. Quem vazou isso, Francis? Quem? Você é o líder da bancada. Quero que você descubra quem foi o canalha e quero ele pendurado na torre do relógio pelas bolas!

Urquhart deu um profundo suspiro de alívio. Até a explosão do primeiro-ministro, não tinha ideia se o dedo da culpa já estava apontado na sua direção ou não. Ele sorriu, mas só por dentro.

– Eu simplesmente não acredito, Henry, que algum dos nossos companheiros do Gabinete iria querer deliberadamente deixar vazar algo assim – começou ele, já excluindo implicitamente a possibilidade de algum funcionário ter vazado a informação e estreitando o círculo da suspeita de modo a incluir apenas os membros do Gabinete.

– Seja quem for o responsável, conseguiu me humilhar. Eu quero o cara fora, Francis. Eu quero, eu insisto, que você descubra quem foi o verme. E depois quero ele jogado como comida para os abutres.

– Henry, posso falar como amigo?

– É claro!

– Eu receio que tenha havido bate-boca demais entre nossos companheiros desde a eleição. Tem muita gente querendo o cargo do outro.

– Todos eles querem o meu cargo, eu sei disso, mas quem seria tão… tão cretino, tão calculista, quem foi o artista de merda que deixou vazar de propósito algo assim?

– Não sei dizer… – uma sutil hesitação – … com muita certeza.

Collingridge captou a inflexão.

– Um palpite plausível, pelo amor de Deus.

– Não seria justo.

– Justo? Você acha que o que acaba de acontecer comigo foi justo, todo mundo pondo na minha bunda?

– Mas é que…

– Nada de “mas é que isso ou aquilo”, Francis. Se aconteceu uma vez, pode acontecer de novo e com certeza vai acontecer. Acuse, insinue, faça o que achar melhor. Ninguém está registrando isso em ata. Mas eu quero alguns nomes! – O punho de Collingridge esmurrou a mesa com tanta força que a luminária deu um pulo.

– Se você insiste, eu vou especular. Não sei de nada ao certo, entenda bem… Vamos trabalhar a partir de deduções. Considerando a escala de tempo em que isso se deu, parece mais provável que tenha vazado da reunião do Gabinete de ontem do que da reunião de hoje, com todo mundo. Você concorda?

Collingridge confirmou com um gesto de cabeça.

– E, além de nós dois, quem mais estava nessa reunião de comitê?

– O ministro da Fazenda, o secretário das Finanças, os da Saúde, da Educação, do Meio Ambiente, da Indústria e do Comércio. – O primeiro-ministro relacionou todos os ministros do Gabinete que haviam comparecido.

Urquhart permaneceu em silêncio, obrigando Collingridge a avançar com a lógica ele mesmo.

– Bem, os dois do Tesouro dificilmente iriam vazar o fato de que foram eles que melaram o plano. Mas o da Saúde se opôs com muita ênfase, então o Paul McKenzie teria razões para vazar a informação. O Harold Earle, da Educação, sempre teve a boca mole. E o Michael Samuel tem desfrutado demais da companhia da mídia para o meu gosto.

As suspeitas e incertezas que espreitavam nos recessos mais obscuros da mente do primeiro-ministro foram sendo trazidos à tona.

– Há outras possibilidades, Henry, mas acho que são mais improváveis – Urquhart complementou. – Como você sabe, o Michael é muito próximo do Teddy Williams. Eles discutem todas as questões juntos. Pode ter vazado da sede do partido. Não do Teddy, tenho certeza, ele nunca… Mas de algum dos funcionários de lá pode. Alguns deles levam a vida com um salário miserável.

Collingridge ponderou por alguns instantes em silêncio.

– Será que poderia ter sido o Teddy? – ponderou. – Ele nunca foi meu maior apoiador… gerações diferentes…, mas eu o tirei do monte do lixo, fiz dele um dos membros da nossa equipe. E ele me retribui desse jeito?

– É só uma suspeita, Henry…

O primeiro-ministro desabou na sua cadeira, exausto, já sem disposição de discutir esse pensamento.

– Talvez eu tenha confiado demais no Teddy nos últimos tempos. Imaginei que ele não estivesse mais afiando suas armas, que não tivesse mais ambições, não na Câmara dos Lordes. Um cara da velha guarda. Leal. Será que eu me enganei, Francis?

– Não sei. Você me pediu para especular.

– Procure se certificar, Francis. Faça o que tiver que fazer. Eu quero o cara, seja lá quem for. Eu quero as bolas dele arrancadas pelas orelhas e quero que Westminster inteira ouça os gritos.

Urquhart assentiu, baixou os olhos, como deve fazer um servidor, tentando evitar que o primeiro-ministro visse a satisfação brilhando neles. Collingridge havia anunciado a abertura da temporada de caça. Urquhart estava de volta ao campo de caça, os pés firmes no mato, só esperando os pássaros levantarem voo.

11

Cristóvão Colombo foi uma grande decepção. Quando ele partiu não tinha ideia para onde ia, e quando chegou não tinha ideia onde estava. Se você quer ferrar os nativos, é muito melhor ficar em casa.

SEXTA-FEIRA, 16 DE JULHO – QUINTA-FEIRA, 22 DE JULHO

A vida na Câmara dos Comuns pode ser estimulante, ocasionalmente histórica, mas essa não é a norma. A norma é uma droga. Longos expedientes, carga pesada de trabalho, excesso de dispersões e poucas folgas. Tudo isso garante que a longa pausa de verão seja vista pelos políticos como um oásis num deserto. E enquanto eles esperam que chegue, a paciência vai ficando menor e o equilíbrio também. Nos dias anteriores ao recesso, Urquhart movimentou-se pelos corredores e foros da Casa tentando estimular o ânimo e acalmar as dúvidas de muitos dos *backbenchers* do Governo, que se sentiam cada vez mais preocupados com o desempenho gradativamente irregular de Collingridge. O ânimo é mais fácil de se derrubar do que de se recompor, e alguns dos velhos políticos achavam que talvez Urquhart estivesse forçando um pouco a barra, e seus esforços obstinados acabavam servindo para lembrar a muitos deles que o primeiro-ministro caíra em águas surpreendentemente agitadas. Contudo, se havia alguma falha no líder da bancada, tratava-se de algo geralmente visto como uma lealdade excepcional, embora agressiva às vezes. Mas o que importava tudo aquilo afinal? As brisas do sul da França com as quais todos sonhavam logo iriam levar embora muitas das preocupações dos parlamentares.

Agosto era uma válvula de segurança, e por isso os governos davam um jeito de colocar os anúncios difíceis nos últimos dias quentes da temporada, com frequência deixando de fora os detalhes e os publicando em uma Resposta por Escrito no *Hansard*, o volumoso relatório oficial dos procedimentos parlamentares. Isso significava que o assunto havia sido exposto de maneira aberta e clara num registro público, mas numa época em que a maioria dos parlamentares já estava arrumando suas mesas e tentando lembrar onde haviam guardado seus passaportes. Mesmo que um ou dois vissem o detalhe, raramente havia tempo ou oportunidade de fazer algo a respeito. Era a verdade, a verdade inteira e nada mais que a verdade – só que escrita em letra bem miúda.

Assim, foi por azar que uma fotocópia do rascunho de uma Resposta por

Escrito do secretário de Estado da Defesa acabou sendo encontrada nada menos do que dez dias antes de ser publicada – caída sob uma cadeira do Bar da Annie, onde parlamentares e jornalistas se reuniam para fofocar. E o embaraço adicional era que a Resposta por Escrito anunciava a intenção de impor substanciais cortes no Exército Territorial, com base no fato de esse exército vir se mostrando cada vez menos relevante para os planos do Governo na era nuclear. O que tornou a questão ainda mais estranha é que o rascunho foi encontrado pelo jornalista de política do *Independent*. Todo mundo gostava do sujeito e o respeitava; ele sabia como apurar uma história. Portanto, quando isso virou manchete de primeira página no seu jornal quatro dias mais tarde, no início daquela última semana antes do recesso de verão, as pessoas encararam a notícia como algo confiável. E o pequeno incidente logo se transformou em caos.

O revide partiu de uma fonte inesperada. O pagamento do Exército Territorial não era substancial, mas beneficiava um grande número pessoas, várias delas muito influentes. Havia considerável prestígio envolvido. Em grupos eleitorais espalhados pelo país, eram muitos os membros veteranos que orgulhosamente acrescentavam a abreviatura "TD" depois de seus nomes – "Territorial Decoration", uma condecoração àqueles que haviam servido e que iriam defender as forças "Territoriais" até a última gota de tinta de caneta.

Desse modo, quando os parlamentares se reuniram para encaminhar alguns dos assuntos finais da sessão com o líder da Casa, a atmosfera estava pesada não só por causa do calor de verão, mas devido às acusações de traição e aos apelos emocionais para uma mudança de curso, quase todos provenientes da bancada do Governo. A Oposição praticamente não trabalhara, e seus membros ficaram apenas observando, como leões romanos saciados vendo os cristãos fazerem todo o trabalho por eles.

Sir Jasper Grainger, da Ordem do Império Britânico, juiz de paz e um ardoroso TD, estava em pé. Aquele senhor idoso ostentava com orgulho uma gravata regimental cuidadosamente passada a ferro e um pesado terno de três peças em tweed, recusando-se a comprometer seus padrões pessoais apesar da precariedade do ar-condicionado. Era um veterano *backbencher* e o presidente eleito do Comitê de Defesa dos Backbenchers. Suas palavras tinham peso.

– Posso voltar ao ponto levantado por vários dos meus Honoráveis Colegas a respeito desses cortes desnecessários e profundamente prejudiciais? Será que o líder da Casa não teria alguma dúvida a respeito da profundidade dos sentimentos de seus próprios apoiadores quanto à questão? – Conforme sua raiva aumentava, pequenas bolhas de espuma de saliva se juntavam nos cantos da sua boca. – Teria ele alguma ideia do dano que isso irá causar ao

Governo ao longo dos próximos meses? Concederia ele, mesmo agora, algum tempo para que a Casa debatesse e revertesse essa decisão? Pois, se não o fizer, irá deixar o Governo vulnerável às acusações de má-fé, bem como irá deixar o país vulnerável aos seus maus amigos.

Brados de apoio vigoroso vieram de todos os lados, exceto do Banco Frontal do Governo. O líder da Casa, Simon Lloyd, aprumou-se e ajeitou-se de novo para ir até a caixa de despachos; ele começava a achar que ela deveria ter sido construída com sacos de areia em volta. Era um homem forte, decidido, mas haviam se passado vinte minutos tórridos e ele ficara irritado à medida que descobria que a resposta que preparara previamente oferecia cada vez menos proteção contra as granadas atiradas contra ele pelo seu próprio lado. Estava aliviado pelo fato de o seu primeiro-ministro e o secretário da Defesa estarem sentados ao lado dele na bancada frontal. Por que haveria de sofrer sozinho? Vacilava de um lado para o outro, assim como sua argumentação.

– Meu Honorável Colega não compreendeu direito. O documento publicado nos jornais é uma propriedade do governo que foi roubada. Roubada! E essa é uma questão que está bem acima dos detalhes do próprio documento. Se precisa haver algum debate, é sobre essa flagrante violação da honestidade. O senhor é um homem honrado e experiente, e francamente eu esperava que se juntasse a mim numa condenação sincera desse roubo de importantes documentos do governo. Precisa entender que, ao ficar falando sobre os detalhes do documento, o senhor está compactuando com essa prática de roubo puro e simples.

Aquilo soou muito bem, num primeiro momento, até que Sir Jasper se levantou e pediu permissão para discutir o ponto. Isso normalmente não seria concedido, mas as circunstâncias não eram normais. Em meio àquela agitação das papeletas da pauta de assuntos por toda a Câmara, o presidente da mesa consentiu. O velho soldado aprumou-se para assumir toda sua altura, as costas retas, os bigodes eriçados e o rosto afogueado de raiva genuína.

– É o meu Nobre e Honorável Colega que não está entendendo – trovejou ele. – Será que não consegue compreender que eu preferiria viver ao lado de um ladrão comum britânico do que de um soldado russo comum, que é justamente o destino que esta política está ameaçando nos impor?

Seguiu-se uma gritaria, que exigiu do presidente da mesa um minuto inteiro para controlá-la. Durante esse tempo, o líder da Casa se virou e lançou um olhar de puro desespero ao primeiro-ministro e ao secretário da Defesa. Eles se aproximaram, confabularam algo, até que Collingridge fez um gesto breve de cabeça, afirmativo, para o líder da Casa. Este se ergueu lentamente uma vez mais.

– Senhor presidente – começou ele, e fez uma pausa para limpar a garganta, que a esta altura estava seca. – Senhor presidente, meus Nobres e Honoráveis Colegas e eu ouvimos com atenção o clima desta Casa. Eu tenho a permissão do primeiro-ministro e do secretário de Estado da Defesa para dizer que, à luz das representações colocadas hoje aqui por todas as partes, o Governo irá examinar uma vez mais essa importante matéria, para ver…

O que o Governo iria ver parecia ser de pouco interesse para os demais; suas palavras se perderam no meio de um imenso clamor. Ele levantara a bandeira branca. Os colegas davam tapinhas nas costas de Sir Jasper, a Oposição celebrava, os repórteres políticos rabiscavam seus blocos de anotações. Em meio à algazarra e à confusão geral, jazia a solitária figura de Henry Collingridge, sentado, desamparado, encolhido, olhando fixamente para suas meias.

* * *

– Acabaram com ele, você não acha? Não sobrou nada – comentou Manny Goodchild, jornalista da Press Association, enquanto Mattie tentava passar pela multidão espremida no saguão fora da Câmara. Ela não parou. Havia discussões por todos os cantos: os membros da Oposição, felizes com a desgraça alheia, clamando vitória entre eles mesmos enquanto os partidários do Governo, com convicção consideravelmente menor, tentavam clamar vitória para o bom senso. Mas ninguém tinha a menor dúvida de ter testemunhado uma saia justa do primeiro-ministro.

Mattie perseguia sua presa. Acima da confusão, ela viu a figura alta de Urquhart, com seu rosto sem expressão, movimentando-se, evitando as perguntas de vários *backbenchers* agitados. Ele sumiu por uma oportuna porta. Mattie correu atrás dele. Encontrou-o subindo de dois em dois degraus a escada de mármore que leva às galerias superiores.

– Senhor Urquhart! – gritou ela, sem fôlego, atrás do ministro fugitivo. – Por favor! Preciso da sua opinião.

– Não estou certo se tenho alguma hoje, senhorita Storin. – Urquhart lançou sua resposta por cima do ombro, nem parou.

– Ouça, tem certeza de que não estamos de novo naquele jogo do “líder da bancada recusa apoio ao primeiro-ministro”?

De repente, Urquhart parou e se virou, ficando cara a cara com uma ofegante Mattie. Seus olhos claros brilharam, não havia humor neles.

– Está certo, Mattie, acho que você tem direito a esperar algo. Bem, o que você está achando?

– Colocaram o cara no espeto. Essa é a visão oficial. Se os pés do

Collingridge estavam no fogo antes disso, agora parece que chegou a vez das partes mais sensíveis da sua anatomia.

– Sim, você pode colocar as coisas assim. Não é novidade que um primeiro-ministro tenha que se livrar de suas roupas, é claro. Mas que alguém as rasgue e jogue fora na frente de todos…

Mattie esperou em vão que Urquhart concluísse. Ele não iria condenar seu primeiro-ministro, não abertamente, ali na escada. Mas se havia se decidido a não o condenar, tampouco fazia qualquer tentativa de justificá-lo.

– Mas esse é o segundo grande vazamento em questão de semanas. De onde eles vêm?

Ele olhou fixamente para ela com seu jeito de falcão que ela achava tão atraente, e só um pouco assustador.

– Como líder da bancada, sou responsável apenas pela disciplina nas bancadas do Governo. Não espere que eu também vá fazer o papel de diretor de escola com meus colegas de Gabinete.

Os lábios dela tremeram, ela falou ofegante.

– Os vazamentos estão vindo do próprio Gabinete?

Ele ergueu a sobrancelha.

– Eu disse isso?

– Mas quem? E por quê?

Ele chegou mais perto.

– Nossa, parece que você enxerga dentro de mim. É impressionante, senhorita Mattie Storin. – Ele ria para ela agora, e tão perto que ela podia sentir o calor do seu corpo. – Respondendo à sua pergunta, eu simplesmente não sei – continuou ele. – Mas, sem dúvida, o primeiro-ministro irá me instruir a descobrir.

– Formalmente ou informalmente?

– Eu acho que talvez eu já tenha falado o suficiente – respondeu ele, e continuou escada acima.

Mas Mattie não era fácil de se dispensar.

– Fascinante. Obrigada. Fique tranquilo, será tudo nos termos do lobby, é claro.

– Mas eu não lhe revelei nada.

– O primeiro-ministro está prestes a iniciar uma investigação para descobrir qual dos membros do seu próprio gabinete está deixando vazar informações importantes.

Ele parou uma vez mais, virou-se.

– Ouça, Mattie, eu não estou em posição de comentar. Mas você é muito mais sensível do que a maioria dos seus colegas estúpidos. Tenho a impressão de que é a sua lógica, mais do que as minhas palavras, que levam você às suas

conclusões.

– Eu não gostaria de metê-lo em nenhuma encrenca.

– Mas, Mattie, eu acho que é justamente isso que você gostaria de fazer. – Ele estava brincando com ela, quase flertando.

Ela olhou fixamente para ele, e sua voz agora era pouco mais que um sussurro.

– Você entende muito mais de encrenca do que eu. E teria em mim uma aluna muito aplicada.

Ela não estava muito certa do porquê havia dito aquilo. Deveria ter ficado vermelha, mas não ficou. E ele deveria ter se esquivado da insinuação, mas não desviou o olhar – saboreou-a com os olhos.

De repente, ela agarrou seu braço.

– Se nós dois vamos ser maus juntos, precisamos aprender a confiar um no outro. Então, deixe-me esclarecer bem uma coisa: você não está negando que o primeiro-ministro vai ordenar uma investigação a respeito da conduta dos membros do seu gabinete. E ao não negar isso, você está confirmando.

Foi a vez de Urquhart abaixar o tom de voz.

– Pode-se dizer que sim, Mattie. Eu não estou em posição de comentar.

– Essa é a história que eu vou escrever. Se eu estiver errada, por favor, eu lhe peço, me pare agora.

Ela apertou seu braço com mais força. A mão dele em cima da dela.

– Parar você, Mattie? Por quê? A gente está apenas começando.

Uma vida com crédito ampliado, comida indiana e filhos provavelmente nunca irá manter um homem confortável por muito tempo. Mas, desses três, eu recomendaria o crédito ampliado.

Maldade. Será que era isso que o movia? Sim, provavelmente, Urquhart decidiu conforme subia as escadas. Apoiou-se na parede e riu alto, para a consternação de dois colegas que passavam por ali e foram embora depressa, balançando a cabeça em desaprovação. Acabou na Galeria dos Convidados, onde o público em geral se espremia em fileiras de bancos estreitos para ver os procedimentos da Casa se desenrolando lá embaixo. Urquhart captou o olhar de um cavalheiro indiano, baixinho e impecavelmente vestido, para quem ele arrumara um assento na Galeria, e acenou para ele. O homem fez um enorme esforço para conseguir sair daqueles bancos públicos lotados, espremendo-se por joelhos, murmurando desculpas ao passar, até que se viu em pé diante de seu anfitrião. Urquhart lhe fez um gesto para que silenciasse e o levou até um pequeno corredor atrás da galeria.

– Senhor Urquhart, foram noventa minutos muito divertidos e instrutivos. Estou muito agradecido ao senhor por me conseguir um lugar tão confortável. – O homem tinha um forte sotaque do subcontinente e sua cabeça se inclinava para um lado, depois para o outro, com os trejeitos típicos da maneira indiana de falar.

Urquhart sabia que aquilo era uma mera lenga-lenga, que mesmo pequenos cavalheiros indianos como Firdaus Jhabwala achavam aqueles assentos muito desconfortáveis, mas concordou. Conversaram educadamente enquanto Jhabwala foi recolher sua pasta preta executiva de couro do balcão da recepção. Ao chegar, ele se recusara terminantemente a entregá-la, até que lhe disseram que só entraria na galeria se a deixasse lá.

– Fico muito feliz que nós ingleses ainda possamos confiar nossas posses a gente comum da classe trabalhadora – declarou ele, bem sério, dando tapinhas na pasta.

– Sem dúvida – respondeu Urquhart, que não confiava nem nos trabalhadores nem em Jhabwala. Apesar disso, ele era um eleitor que parecia ter vários negócios locais prósperos e havia feito uma doação de 500 libras para suas despesas de campanha, sem pedir nada em troca, exceto uma entrevista pessoal na Câmara dos Comuns. “Não a respeito de eleições”, ele explicara à secretária de Urquhart ao telefone. “Trata-se de uma questão nacional, não local.”

Quinhentas libras por uma xícara de chá pareceu uma boa troca. Indo à

frente, Urquhart conduziu seu convidado por uma pequena visita – os belíssimos mosaicos Pugin do Saguão Central, os afrescos da St. Stephen's Chapel, o teto abobadado em carvalho do Westminster Hall, que se elevava tão alto e tão escuro que quase se perdia de vista. Aquelas vigas tinham mil anos de idade, a parte mais antiga do palácio. Foi ali que Jhabwala pediu para parar um pouco.

– Eu gostaria de um momento em silêncio, neste lugar onde o rei Charles foi condenado e Winston Churchill recebeu as honras fúnebres de estado.

O líder da bancada ergueu a sobrancelha surpreso.

– Senhor Urquhart, por favor não me julgue pretensioso – o indiano insistiu. – Os laços da minha família com as instituições britânicas remontam a quase 250 anos, aos dias da Honorável Companhia das Índias Orientais e de Lorde Clive, a quem meus ancestrais aconselharam e emprestaram consideráveis somas. Tanto antes desse tempo como depois, minha família sempre ocupou postos de prestígio nos ramos judicial e administrativo do governo indiano. – Certamente havia motivos para orgulho, mas mesmo enquanto as palavras soavam na voz vibrante de Jhabwala, seus olhos baixaram, tristes. – No entanto, senhor Urquhart, desde a independência, aquele subcontinente, antes grandioso, foi aos poucos ruindo e entrando numa nova idade das trevas. A moderna dinastia Gandhi revelou-se muito mais corrupta do que qualquer outra que a minha família tenha servido nos dias coloniais. Eu sou um parse, uma minoria cultural que encontrou pouca aceitação sob o novo Raj. Foi por isso que me mudei para a Grã-Bretanha. Meu caro senhor Urquhart, por favor acredite quando lhe digo que me sinto parte deste país e de sua cultura do que jamais poderia me sentir na Índia moderna. Eu acordo e agradeço todos os dias por poder me considerar um cidadão britânico e conseguir educar meus filhos nas universidades britânicas.

– Isso é muito… muito comovente – respondeu Urquhart, que particularmente nunca vira com bons olhos o fato de estrangeiros ocuparem vagas nas universidades britânicas e declarara isso em público em diversas ocasiões. Ele apressou seu convidado em direção às salas de entrevistas sob o Grande Hall, com os sapatos de ambos estalando nas lajotas gastas enquanto o sol incidia pelas velhas janelas e criava escadarias de luz até o piso. – E o que o senhor faz exatamente, senhor Jhabwala? – perguntou Urquhart, hesitante, com receio de que sua indagação desencadeasse outro monólogo.

– Eu, senhor, sou comerciante; não sou uma pessoa instruída, não tanto quanto meus filhos. Abandonei qualquer esperança disso durante o grande tumulto da independência da Índia. Tive então que abrir caminho não com o meu cérebro, mas com minha dedicação e trabalho duro. Fico feliz em poder dizer que fui até relativamente bem-sucedido.

– Que tipo de comércio?

– Tenho vários ramos de negócios, senhor Urquhart. Imóveis. Atacado. Uma pequena financeira. Mas não sou um capitalista de mente estreita. Tenho bastante consciência dos meus deveres para com a comunidade. E é sobre isso que desejava falar com o senhor.

Eles haviam chegado à sala de entrevistas e, a convite de Urquhart, Jhabwala sentou-se numa das cadeiras verdes, seus dedos percorrendo com satisfação a grelha com ornamentos de ouro adornando o encosto de couro.

– Então, senhor Jhabwala, como poderia ajudá-lo? – Urquhart começou.

– Não, não, meu caro senhor Urquhart, sou eu que desejo ajudá-lo.

Rugas de perplexidade surgiram na testa de Urquhart.

– Senhor Urquhart. Eu não nasci neste país. Isso significa que forçosamente devo trabalhar com particular intensidade para poder ganhar o respeito da comunidade. E é o que eu tento fazer. No Rotary Club local, em várias associações de caridade. E, como sabe, sou um grande entusiasta do primeiro-ministro.

– Receio que o senhor não o tenha visto em seu melhor momento esta tarde.

– E por isso mesmo suspeito que ele precise de seus amigos e partidários mais do que nunca – Jhabwala declarou, batendo a palma da mão sobre a valise de couro que estava deitada na mesa à sua frente.

As rugas se fizeram mais profundas na testa de Urquhart enquanto ele tentava descobrir o sentido e o rumo das observações de seu convidado.

– Senhor Urquhart. Sabe que tenho grande admiração pelo senhor.

– Si-i-i-i-m – disse Urquhart, cauteloso.

– Fiquei feliz em ajudar de maneira modesta o seu esforço eleitoral e ficaria feliz em fazer isso de novo. Pela sua pessoa, senhor Urquhart. E por nosso primeiro-ministro!

– O senhor deseja… fazer… uma doação?

A cabeça inclinava-se de um lado para o outro uma vez mais. Urquhart achou aquilo desconcertante.

– Campanhas eleitorais costumam ser muito caras, meu caro senhor Urquhart. Fico imaginando se me seria permitido fazer uma pequena doação? Para reabastecer os cofres…

Quando se tratava de doações de fontes estrangeiras, Urquhart ficava bem fora da sua zona de conforto. Era comum tais questões levarem políticos a enfrentar problemas, às vezes até a prisão.

– Bem, tenho certeza de que… Como o senhor mesmo disse, essas coisas têm custos altos… Eu acredito que poderíamos…

– Por favor, Urquhart, seja objetivo!

– Senhor Jhabwala, posso perguntar com quanto o senhor está pensando

em contribuir?

Em resposta, Jhabwala girou a combinação de números do segredo de sua valise e soltou as duas presilhas de metal. A tampa abriu sozinha e ele virou a valise de frente para Urquhart.

– Acredita que 50 mil libras representariam um gesto de apoio aceitável?

Urquhart resistiu à tentação de pegar um dos maços de notas e começar a contar. Notou que todos os maços eram de notas de 20 libras, presas com elástico e não com fitas de papel de banco. Tinha quase certeza de que aquele dinheiro não havia passado por uma contabilidade formal.

– Isso é… muita generosidade da sua parte, senhor Jhabwala. Sim… sem dúvida… como eu disse, é um gesto extremamente generoso. Mas… é um pouco incomum que uma doação ao partido desse porte venha em… dinheiro vivo.

– Meu caro senhor Urquhart, precisa entender que durante a guerra civil na Índia a minha família perdeu tudo. Nossa casa e nosso negócio foram destruídos, escapamos por pouco de morrer. Um bando ateou fogo à agência bancária local, com todos os seus depósitos e registros. O escritório central do banco pediu muitas desculpas, é claro, mas diante da falta de quaisquer registros eles só puderam dizer ao meu pai que sentiam muito, e não cobriram o dinheiro que ele havia depositado. Pode parecer um pouco antiquado da minha parte, eu sei, mais ainda confio mais em dinheiro vivo do que em contas bancárias.

Os dentes do comerciante brilharam num sorriso de satisfação. Urquhart estava convencido de que aquilo era encrenca certa. Respirou fundo.

– Posso ser franco, senhor Jhabwala?

– Mas é claro.

– Às vezes, no caso de doadores que o fazem pela primeira vez, é comum acreditarem que existe algo que o partido possa fazer por eles, quando na realidade nossos poderes são bastante limitados…

Jhabwala assentiu concordando, embora sua cabeça se inclinasse para um lado e para o outro.

– Eu não desejo nada além de ser um firme apoiador do primeiro-ministro. E do senhor. Como parlamentar, o senhor deverá entender que meus interesses comerciais às vezes me fazem entrar em contato mais amigável com autoridades locais em questões como alvarás de construção ou processos de concorrência. Em alguma oportunidade posso pedir seu conselho, mas garanto que não estou procurando favores. Eu não quero nada em troca. Absolutamente nada, nada, nada! Exceto, talvez, pedir que eu e minha esposa possamos ter a honra de nos encontrarmos com o primeiro-ministro em algum momento oportuno, particularmente se ele tiver que ir até nosso distrito eleitoral. Acha isso aceitável? Significaria muito para a

minha esposa.

Quinhentas libras por uma xícara de chá, 50 mil por uma fotografia. O homem fazia propostas generosas.

– Tenho certeza de que isso pode ser arranjado. Talvez o senhor e sua esposa gostassem de comparecer a alguma recepção na Downing Street.

– Seria uma honra, é claro, e talvez fosse possível trocar algumas palavras em particular com ele, para expressar meu grande entusiasmo pessoal.

Um pouco mais do que uma mera foto, então, mas isso era mais do que esperado.

– O senhor há de entender que o primeiro-ministro não poderia aceitar pessoalmente sua doação. Não seria, como posso dizer?, elegante, envolvê-lo em tais assuntos.

– É claro, é claro, senhor Urquhart. E é por isso que quero que o senhor aceite o dinheiro, em nome dele.

– Receio que eu só possa lhe dar um recibo rudimentar. Talvez fosse melhor o senhor depositar o dinheiro diretamente na tesouraria do partido.

Jhabwala ergueu as mãos horrorizado.

– Senhor Urquhart, o que é isso… eu não preciso de recibo. Não do senhor. O senhor é meu amigo. Eu tomei até a liberdade de gravar suas iniciais nesta valise. Veja, Francis Urquhart. – Ele deu uma batidinha nas iniciais com a ponta do dedo. FU destacava-se em maiúsculas, em letras douradas. – É um pequeno gesto que espero que o senhor aceite, pelo maravilhoso trabalho que realizou no Surrey.

Ah, que sujeitinho esperto, insinuante, pensou Urquhart, ao mesmo tempo que devolvia o amplo sorriso de Jhabwala e ficava imaginando quanto iria demorar para ele receber seu primeiro telefonema pedindo ajuda para um alvará de construção. Ele deveria ter expulsado o indiano de lá, mas, em vez disso, esticou o braço por cima da mesa para apertar efusivamente a mão de Jhabwala. Uma ideia estava se formando na sua mente. Esse homem e seu dinheiro eram encrenca, sem dúvida, disso ele não tinha mais qualquer vestígio de dúvida. A questão era, encrenca para quem?

13

Antigamente, Westminster era um pântano à beira do rio. Então eles o transformaram, construíram um palácio e uma grande abadia, fizeram-no crescer em altura, com nobre arquitetura e ambição insaciável. Mas no fundo, no fundo, ainda é um pântano.

SEXTA-FEIRA, 23 DE JULHO

Praed Street, Paddington. Uma revistaria toda molambenta numa rua modesta de dia e, na visão do falatório local, ambiciosa demais à noite. Uma jovem negra hesitou na calçada, respirou fundo o ar da West London e entrou. Por trás da grade de segurança e das janelas sujas, a revistaria era escura e bolorenta. O balconista, um italiano gordo de meia-idade vestindo uma camiseta apertada e com um cigarro dependurado do lábio, estava curvado vendo uma revista daquelas que têm pouco texto. Ergueu os olhos com relutância. Ela perguntou qual era o preço do endereço de correspondência que ele anunciara num pequeno cartaz na janela, explicando que tinha um amigo que precisava de um endereço privado para receber parte de sua correspondência pessoal. O balconista limpou a cinza de cigarro que havia caído sobre o tampo do balcão.

– Esse amigo seu aí, ele tem nome?

Em resposta, ela lhe passou uma cópia de uma conta de água paga.

– Não trabalho com cartão, só dinheiro – ele disse.

– Eu também – ela respondeu.

Ele ofereceu-lhe um sorriso carnal, malicioso.

– Você faz mais barato?

Ela olhou para a barriga dele.

– De você, eu teria que cobrar o dobro.

Ele levantou o lábio de baixo, olhou com desdém, rabiscou alguma coisa rapidamente. Ela pagou a taxa para um período mínimo de três meses, enfiou na bolsa o recibo de que ela precisaria depois para a identificação, e saiu. O balconista deu uma olhada naquele traseiro de curvas delicadas que ia indo embora, antes de ter sua atenção chamada por uma velha aposentada, que reclamava que seu jornal ainda não tinha chegado. Ele nem viu a jovem entrar no táxi que ficara esperando do lado de fora.

– Tudo bem, Pen? – O'Neill perguntou enquanto ela batia a porta e se sentava no banco de trás ao lado dele.

– Tudo certo, Rog – sua assistente respondeu. – Mas por que caralho o

cara não podia fazer isso ele mesmo?

– Veja bem, eu já lhe disse… Ele tem lá seus problemas pessoais mais delicados para resolver e precisa de alguma privacidade para sua correspondência. Revistinhas de sacanagem, pelo que eu sei. Por isso, sem perguntas, e não comente nada com ninguém, certo?

O'Neill andava irritado, sentia-se desconfortável. Urquhart pedira para ele jurar que manteria segredo, e O'Neill sabia que o líder da bancada ficaria puto se descobrisse que ele havia passado a bola e pedido para Penny Guy fazer o trabalho sujo. Mas sabia que podia confiar em Penny. E, além disso, ressentia-se do jeito que Urquhart parecia olhar para ele, como se fosse um pau-mandado, fazendo-o se sentir ridiculamente insignificante.

Assim que o táxi arrancou, ele se recostou no assento e seus dedos passaram a brincar nervosamente com o pequeno saquinho de plástico no seu bolso. Aquilo logo iria ajeitar as coisas para ele. E fazê-lo se sentir ele mesmo de novo.

* * *

O dia ia ficando cada vez mais quente quando o homem de jaqueta esporte e chapéu de feltro *trilby* aventurou-se na agência de North London do Union Bank da Turquia, na Seven Sisters Road. Ele se apresentou ao atendente cipriota e disse que queria abrir uma conta. Seus olhos escondiam-se atrás de óculos escuros e ele falava com um sotaque regional leve, mas perceptível, que o atendente não conseguia identificar.

Bastaram apenas alguns minutos para que o gerente ficasse disponível para atender, e o novo cliente potencial foi levado a uma área interna. Depois de uma troca de amabilidades o homem explicou que morava no Quênia, mas estava em visita ao Reino Unido por alguns meses para desenvolver seu portfólio de investimentos em opções de férias e imóveis. Tinha interesse em investir num hotel que estava sendo construído nos arredores do *resort* turco de Antália, na costa sul do Mediterrâneo.

O gerente respondeu que não conhecia Antália pessoalmente, mas que ouvira dizer que era um lugar muito bonito e, é claro, o banco teria o maior prazer em ajudá-lo no que fosse possível. Ele passou ao cliente potencial um formulário de registro simples, que pedia nome, endereço, referências bancárias e outros detalhes. O cliente se desculpou por ser capaz de fornecer apenas uma referência bancária do Quênia, mas explicou que era sua primeira viagem a Londres em quase vinte anos. O gerente garantiu ao homem mais velho que o banco estava mais do que acostumado a lidar com solicitações do exterior, e que dispor de apenas uma referência bancária do

Quênia não seria problema algum.

O cliente sorriu. O sistema tinha seu próprio ritmo de operação, lento, e iria levar no mínimo umas quatro semanas para que a referência fosse checada e talvez mais quatro até que ficasse comprovado que a referência era falsa. Tempo suficiente para o que ele tinha em mente.

– E como gostaria de abrir sua conta, senhor? – o gerente perguntou.

O homem abriu uma mala de viagem de veludo marrom e a colocou na mesa entre os dois.

– Gostaria de fazer um depósito inicial de 50 mil libras – em dinheiro.

– Mas, é claro… – disse o gerente, esforçando-se para não demonstrar toda a sua satisfação.

Francis Urquhart recostou-se na sua cadeira e, sem tirar os óculos, esfregou os olhos. Os óculos eram de anos atrás, pelo menos duas receitas antes das lentes de contato atuais, e estavam deixando seus olhos doloridos. Eram um disfarce simples, mas que ele julgava mais do que suficiente para evitar que fosse reconhecido por alguém, exceto por seus colegas mais próximos. Afinal, alguma vantagem deveria haver em ser o membro veterano mais anônimo do Governo de Sua Majestade.

Enquanto Urquhart assinava os formulários necessários com um simples garrancho, o gerente terminou de contar o dinheiro e começou a preencher um recibo. Bancos são como encanadores, pensou Urquhart, dinheiro na mão e sem perguntas.

– Outra coisa – disse Urquhart.

– Pois não.

– Eu não gostaria que o dinheiro ficasse parado numa conta corrente. Gostaria que comprasse algumas ações para mim. Poderia providenciar isso?

O gerente assentiu satisfeito. Mais uma comissão.

– Eu gostaria que adquirisse 20 mil ações ordinárias da Renox Chemical Company PLC. Elas estão sendo comercializadas hoje a pouco mais de 240 *pence* a ação, eu acho.

O gerente consultou sua tela e garantiu a seu cliente que a transação seria concluída por volta das 16h00, por um custo de 49.288,40 libras, incluindo impostos e comissões. Isso deixaria exatamente 711,60 libras na nova conta. Urquhart assinou mais alguns formulários com um floreio e a mesma assinatura ilegível.

O gerente sorriu e deslizou o recibo pela mesa até seu novo cliente.

– É um grande prazer poder ajudá-lo, senhor Collingridge.

* * *

Fim do semestre. Última semana antes do início do recesso de verão. E uma grande onda de calor. Muitos parlamentares já haviam abandonado Westminster, e aqueles que ficaram em seus postos estavam desnorteados e impacientes. Sobreviver a temperaturas de 28 graus dentro de um edifício onde a ideia de ar-condicionado consistia em abrir uma janela e se abanar com a folha da pauta era um suplício. Mas logo ia terminar. Faltavam apenas 72 horas de bate-boca.

O Governo não se incomodava com aquela sensação de desnorteamento. O registro iria mostrar que eles, pelo menos, haviam permanecido em seus postos expedindo pilhas de Respostas por Escrito e comunicados à imprensa, enquanto os outros ficavam entregues à própria exaustão. Os políticos ligados ao Ministério da Saúde estavam particularmente atentos a essa dispersão, já que uma das muitas Respostas por Escrito que haviam expedido dizia respeito ao adiamento do programa de expansão hospitalar. Graças ao vazamento, isso já era notícia antiga, mas, agora que constava do registro, eles podiam, no mínimo, mostrar a cara, em vez de fugir para as sombras toda vez que alguém perguntava.

O ministério tinha outros problemas para resolver, além disso. As listas de espera nos hospitais. Um comunicado à imprensa sobre o último surto de caxumba em Gales. E um anúncio de rotina sobre três novos medicamentos que o governo, a conselho de seu médico-chefe do Comitê de Vigilância de Medicamentos, estava liberando para uso geral. Um dos medicamentos era o Cybernox, remédio novo, desenvolvido pela Renox Chemical Company PLC, que havia demonstrado eficácia impressionante no controle do desejo de nicotina quando ministrado em pequenas doses em ratos e beagles dependentes da substância. Os mesmos resultados excelentes haviam sido obtidos em testes estendidos a humanos, e agora a população em geral poderia adquiri-lo sob prescrição médica.

Esse anúncio provocou um alvoroço de atividade na Renox Chemicals. Uma coletiva de imprensa foi convocada para o dia seguinte, o diretor de marketing deu sinal verde para uma campanha previamente planejada de envio de circulares a todos os médicos do país, e a corretora de ações da companhia informou a Bolsa sobre o novo licenciamento.

A repercussão foi imediata. As ações da Renox Chemical Company PLC saltaram de 244 para 295 *pence*. As 20 mil ações ordinárias adquiridas dois dias antes pelos corretores do Union Bank da Turquia agora valiam 59 mil libras, com um pouco de variação para cima ou para baixo.

No dia seguinte, pouco antes do meio-dia, uma ligação telefônica ao gerente do Union Bank da Turquia o instruiu a vender as ações e creditar a

quantia na conta apropriada. A pessoa que fez a ligação também explicou que, infelizmente, o empreendimento hoteleiro em Antália não tinha dado certo e que o titular da conta estava voltando para o Quênia. Pedia ao banco a gentileza de encerrar a conta e aguardar a visita do titular naquela mesma tarde.

Foi pouco antes de a agência fechar às 15 horas que o mesmo homem de óculos escuros, chapéu e jaqueta esporte adentrou a filial da Seven Sisters Road. Foi convidado a ir ao escritório do gerente, onde um chá o aguardava, mas declinou da gentileza. Ficou observando, enquanto o gerente e o assistente colocavam maços de notas de 20 libras em cima da mesa até totalizar o valor de 58.250 mil, mais 92,16 em outras moedas, que o cliente acomodou no fundo de sua mala de viagem de veludo marrom. Ele ergueu as sobrancelhas diante daquelas 742 libras em taxas que o banco havia descontado de sua conta individual e de vida curta, mas, como o gerente suspeitara que faria, preferiu não criar caso. Pediu que lhe mandassem uma declaração de encerramento da conta para seu endereço em Paddington e agradeceu ao funcionário por sua gentileza.

Na manhã seguinte, e menos de uma semana depois que Firdaus Jhabwala havia se encontrado com Urquhart, o líder da bancada entregou 50 mil libras em espécie ao tesoureiro do partido. Pagamentos volumosos em dinheiro vivo não eram novidade, e o tesoureiro ficou feliz ao tomar conhecimento daquela nova fonte de recursos. Urquhart sugeriu que a tesouraria fizesse os arranjos habituais para assegurar que o doador e sua esposa fossem convidados para um ou dois eventos de caridade na Downing Street, e pediu para ser informado quando isso fosse acontecer, para poder fazer um arranjo específico com a secretária política do primeiro-ministro e garantir que o senhor e a senhora Jhabwala tivessem dez minutos a sós com o primeiro-ministro.

O tesoureiro anotou com todo cuidado o endereço do doador, disse que iria escrever e mandar imediatamente a devida carta de agradecimento – em termos adequadamente crípticos – e trancou o dinheiro num cofre.

Único caso entre seus colegas do gabinete ministerial, Urquhart saiu de férias naquela mesma noite sentindo-se profundamente relaxado.

PARTE DOIS

O CORTE

14

Uma vez fui o segundo melhor aluno da classe. Ganhei uma bíblia, encadernada em couro. Uma nota manuscrita no verso da capa dizia que se tratava de um prêmio por um grande feito. Um grande feito? Ficar em segundo?
Li aquela bíblia de cabo a rabo. Percebi que São Lucas dizia que devíamos perdoar nossos inimigos. Li o restante de suas palavras e as palavras de todos os santos – li de verdade. Mas nenhum deles nunca mencionou algo a respeito de perdoar nossos amigos.

AGOSTO

Uma época de descanso, de deixar as preocupações de lado, de chuvas de verão e frescor, de sorvete, morangos, pirulitos e risadas, de lembrar-se de todas aquelas coisas que deveriam compor a vida. Só que as notícias dos jornais durante o mês de agosto foram terrivelmente assustadoras.

Com todos os políticos e os principais repórteres de política em recesso, os jornalistas do segundo time se esforçavam para preencher o vácuo e firmar suas carreiras. Então, iam atrás de todo cochicho que aparecia. O que na terça-feira era apenas uma pequena especulação na página 5, na sexta-feira, às vezes era o destaque da edição. O pessoal de agosto queria deixar sua marca, e a marca que escolhia deixar era com muita frequência dirigida contra a reputação de Henry Collingridge. Os *backbenchers* que haviam ficado ali mofando e esquecidos pelo tempo de repente eram agraciados com artigos de relativo peso, que os descreviam como "figuras importantes do partido", do mesmo modo que os novatos no jogo político eram chamados de "revelações", e todos recebiam espaço desde que tivessem opiniões apimentadas e de impacto. Eram muitos os boatos sobre a desconfiança que o primeiro-ministro nutria por seus colegas de gabinete, assim como os relatos da insatisfação destes em relação a ele, e como não havia alguém por perto para negar os boatos assertivamente, o silêncio era interpretado como uma confirmação. A especulação alimentava-se dela mesma e corria solta.

A reportagem de Mattie desencadeou rumores sobre um "inquérito oficial" a respeito dos vazamentos do Gabinete. Não demorou para que esses rumores virassem previsões de que haveria um remanejamento em outono. A conversa que se ouvia em Westminster era que o estado de ânimo de Henry Collingridge estava ficando cada vez mais instável, embora ele estivesse em reclusão naquele momento, desfrutando de férias numa propriedade

particular a centenas de quilômetros de distância, perto de Cannes.

Foi durante esses dias de cão em agosto que o irmão do primeiro-ministro também virou o assunto de uma avalanche de histórias na mídia, principalmente nas colunas de fofocas. A sala de imprensa da Downing Street era chamada o tempo todo a comentar insinuações de que o primeiro-ministro estava socorrendo financeiramente o "velho e querido Charlie", alvo, cada vez mais, da atenção de seus credores, incluindo a Receita Federal. É claro, Downing Street nunca emitia pronunciamento algum – era algo pessoal, não oficial –, portanto, aquele formal "sem comentários", que era dado em resposta às mais fantasiosas acusações, ficava registrado na cobertura de imprensa quase sempre com alguma distorção e insinuação que o deixava banhado por uma luz francamente prejudicial.

Agosto vinculou o primeiro-ministro cada vez mais intimamente ao seu irmão sem recursos. Não que Charlie estivesse dizendo alguma estupidez; ele tinha o bom senso de se manter à parte. Mas um telefonema anônimo a um dos jornais dominicais sensacionalistas permitiu localizá-lo num hotel barato na zona rural de Bordeaux. Um repórter foi enviado até lá e o fez tomar vinho suficiente para estimulá-lo a produzir alguns genuínos "Charlismos", mas, em vez disso, só conseguiu fazer Charlie ficar irritado e violento contra o repórter e seu bloco de anotações. Então, de repente, Charlie caiu inconsciente. O repórter, na mesma hora, pagou 50 libras a uma garota de seios fartos para que ficasse inclinada sobre aquele corpo adormecido, enquanto um fotógrafo captava aquele momento romântico para a posteridade e para os 11 milhões de leitores do jornal.

"'ESTOU QUEBRADO E FALIDO', DIZ CHARLIE." Abaixo desta manchete gritante, o texto dizia que o irmão do primeiro-ministro estava quase sem recursos e arrasado pelas pressões de um casamento fracassado e de um irmão famoso. Nessas circunstâncias, é claro, o "absolutamente sem comentários" de Downing Street parecia ainda mais insensível do que o habitual.

No fim de semana seguinte, o mesmo fotógrafo foi mandado para acompanhar um dos dias de férias do primeiro-ministro no conforto do sul da França – que, aos olhos ingleses, ficava a uma distância pequena do local onde estava seu angustiado irmão. A insinuação era clara, ou seja, Henry não se dava o trabalho de sair da beira da piscina para ir ajudá-lo. O fato de o mesmo jornal ter noticiado uma semana antes o quanto Henry estava profundamente envolvido em tentar resolver os assuntos financeiros de Charlie parecia ter sido esquecido – até que a assessoria de imprensa da Downing Street ligou para o editor para se queixar.

– E que diabos vocês querem que a gente faça? – foi a resposta. – Nós sempre damos os dois lados da história. Nós o apoiamos, com todos os podres

dele e tudo, durante a campanha inteira. Agora decidimos reequilibrar as coisas um pouco.

Sem dúvida, os jornais foram terríveis em agosto. Extremamente terríveis, de fato.

* * *

SETEMBRO – OUTUBRO

E a coisa ficou pior ainda. Quando o mês de setembro começou, o líder da oposição anunciou que estava renunciando para dar lugar a "um braço mais forte para segurar bem alto a nossa bandeira". Ele sempre fora verborrágico um pouco além da conta, e essa foi uma das razões pelas quais estava sendo posto para fora – por isso e também, é claro, por ter perdido a eleição. Na verdade, ele havia sido aniquilado pelos mais jovens em volta dele, que tinham mais energia e mais ambição, e que faziam suas manobras por baixo do pano, das quais ele só se dava conta quando já era tarde demais. O líder anunciou sua intenção de renunciar ao cargo numa entrevista emocionada de fim de noite, em sua zona eleitoral no coração de Gales, mas, no fim de semana, parecia ter quase mudado de ideia, sob a pressão de sua ambiciosa esposa, até descobrir que não contava mais com um único voto no seu gabinete da Oposição. Mesmo assim, depois que saiu, os outros foram muito eloquentes em seus elogios ao ex-líder. Seu afastamento uniu o partido de um modo mais eficaz do que qualquer coisa que fizera no cargo.

A chegada de um novo líder político eletrizou a mídia e lhe deu carne nova para se banquetear. Mas não foi suficiente para saciá-la, e só estimulou seu apetite por mais. Caiu um, e agora? Qual será o próximo?

Quando Mattie foi convocada a voltar às pressas para o escritório, estava com a mãe na cozinha do velho chalé de pedra nos arredores de Catterick.

– Mas você acabou de chegar, meu amor – protestou a mãe dela, viúva.

– Eles não conseguem ficar sem mim – Mattie observou.

Isso pareceu amolecer um pouco a mãe.

– Seu pai ficaria tão orgulhoso de você – disse ela enquanto Mattie raspava o carvão do pedaço de torrada que acabara de chamuscar. – Tem certeza de que não tem nenhum homem deixando você morta de saudade? – acrescentou a mãe bem-humorada, provocando.

– É coisa de trabalho, mãe.

– Mas… Não há ninguém que você tenha encontrado lá em Londres, alguém interessante, esse tipo de coisa? – pressionou a mãe, observando a filha com curiosidade, enquanto ela se servia de um prato de *bacon* com ovos,

quentinho, direto da frigideira. Mattie estava muito quieta desde que chegara uns dois dias antes. Algo estava acontecendo. – Eu fiquei muito preocupada quando você terminou com aquele cara, sei lá o nome dele.

– O Tony, mãe. Ele tem nome. Tony.

– Não tem mais, depois que foi tonto a ponto de largar você.

– Fui eu que desisti *dele*, mãe, você sabe disso. – Não que ele fosse de se jogar fora, o Tony, longe disso, mas não tinha ambição de ir para o sul, nem mesmo comigo.

– E então – a mãe murmurou, limpando as mãos em um pano de prato –, tem ou não tem alguém? Em Londres?

Mattie não disse nada. Ficou olhando fixamente para fora, pela janela, alheia ao café da manhã. Isso foi resposta suficiente para a mãe.

– Está no começo ainda, não é, filhota? Bem, isso é bom. Sabe, eu fiquei muito preocupada quando você foi para Londres. É um lugar muito solitário, hostil. Mas se você encontrou seu pedacinho de felicidade, então por mim está tudo certo. – Ela pôs uma colherada de açúcar na sua caneca de chá, ficou mexendo. – Talvez não seja justo eu dizer isso, mas você sabe o que seu pai achava de você. Nada no mundo o deixaria mais satisfeito do que estar por perto para ver você se acertando com alguém.

– Eu sei, mãe.

– Como é que ele se chama?

Mattie balançou a cabeça.

– Não é como você está pensando, mãe.

Mas a mãe sabia das coisas, podia ver no rosto, no jeito da filha, sempre com o pensamento longe, lá em Londres, desde que havia chegado. Ela pôs a mão no ombro de Mattie.

– Tudo a seu tempo. Seu pai teria muito orgulho de você, filhota.

Teria mesmo? Mattie duvidava disso. Ela havia tão somente tocado o braço daquele homem, mas desde então passara semanas pensando nele, deitada acordada, tendo um sobressalto toda vez que o telefone tocava, achando que fosse ele. Tendo pensamentos que nunca deveria alimentar em relação a um cara com três anos a mais que seu pai teria se estivesse vivo. Não, seu pai nunca entenderia, e menos ainda aprovaria. Mattie tampouco entendia. Então preferiu não dizer coisa alguma e voltou para seu prato de café da manhã, já esfriando.

15

Convenções partidárias podem ser muito divertidas. Elas parecem um ninho de cucos. Relaxe e curta, observando todos eles tentando puxar o tapete um do outro.

A Oposição elegeu seu novo líder pouco antes da convenção partidária anual do início de outubro. O processo de escolher um novo rosto de fachada pareceu reanimá-los, deu-lhes nova esperança, como ressurreição e redenção envoltas em fita vermelha cintilante. O partido que se reuniu para a convenção era irreconhecível, muito diferente daquele grupo que perdera a eleição apenas alguns meses antes. A celebração se deu sob uma faixa que era tanto enorme quanto simples: "VITÓRIA".

O que aconteceu na semana seguinte, quando o rebanho de Collingridge se reuniu também para sua respectiva convenção, contrastava totalmente com isso. Podia ser estimulante ver o centro de convenções em Bournemouth lotado com 4 mil militantes entusiasmados, mas faltava alguma coisa. Ânimo. Ambição. Audácia. As paredes de tijolo aparente e os adereços cromados serviam apenas para realçar o humor rabugento daqueles que estavam reunidos ali.

Isso representou um considerável desafio para O'Neill. Como diretor de publicidade, seu papel era produzir um clima para a convenção, levantar os ânimos; em vez disso, ele podia ser visto falando com uma agitação cada vez maior com membros individuais do pessoal de mídia, desculpando-se, dando explicações – e culpando alguém. Em especial e quando mais alcoolizado, passou a culpar Lorde Williams. O presidente havia cortado o orçamento, protelado decisões, perdido o controle das coisas. Circulavam rumores de que queria uma convenção discreta, pois achava provável que o primeiro-ministro passasse por maus bocados. "O PARTIDO DUVIDA DA LIDERANÇA DE COLLINGRIDGE" foi a primeira manchete do *Guardian* a chegar de Bournemouth.

Na sala de convenções, os debates se sucediam segundo um rígido esquema preestabelecido. Uma enorme placa fora dependurada sobre a tribuna – "ENCONTRAR O RUMO CERTO". Para muitos, ela pareceu ambivalente. Os discursos esforçavam-se para obedecer a seu comando e as beiradas do saguão foram tomadas por um vozerio dispersivo, que os funcionários da organização se mostraram bastante incapazes de reprimir. Jornalistas e políticos se agrupavam em pequenas rodas nos pontos de café e nas áreas de descanso, mexendo o chá e mostrando insatisfação. O pessoal da mídia ouvia críticas por todos os lados. Ex-membros do Parlamento que

haviam recentemente perdido suas cadeiras verbalizavam sua frustração, embora a maioria pedisse para não ser citada, temendo arruinar suas chances de serem escolhidos para cargos mais seguros na eleição seguinte. No entanto, os caciques eleitorais não se mostravam tão cautelosos. Eles não só haviam perdido seus membros no Parlamento, mas também tinham pela frente vários anos com a Oposição no controle de seus conselhos locais, nomeando o prefeito e os chefes de comissões, colhendo os frutos dos cargos locais.

E, como um ex-primeiro-ministro melancolicamente admitiu, havia "incidentes, meu caro, incidentes" que reduziam os homens mais durões a meros acessos de raiva e desespero. Um dos eventos mais estimulantes da semana seria uma eleição parlamentar complementar, prevista para a quinta-feira. O parlamentar de Dorset East, Sir Anthony Jenkins, sofrera um acidente vascular apenas quatro dias antes da eleição geral. Fora eleito enquanto ainda estava sob cuidados intensivos e enterrado no dia em que deveria estar participando da cerimônia de posse. Dorset East teria que refazer a disputa. Ficava a poucos quilômetros de onde estava acontecendo aquela convenção em Bournemouth, e sua cadeira no Parlamento fora obtida com uma maioria governamental de quase 20 mil votos; portanto, o primeiro-ministro decidira realizar a eleição complementar durante a semana da convenção. Houve quem desaconselhasse aquilo, mas ele argumentou que, pesando prós e contras, o risco valia a pena. A publicidade para a convenção iria proporcionar um bom pano de fundo para a campanha, e haveria também uma forte tendência de votos simpáticos a Sir Anthony (não para quem tivesse conhecido o velho sujeito, seu agente de campanha havia murmurado). Aqueles que trabalhavam na convenção do partido podiam reservar algumas horas e fazer um pouco do tão necessário trabalho de angariar votos, e, quando tivessem terminado sua tarefa e a vitória fosse declarada, o primeiro-ministro teria a enorme satisfação (e a publicidade adicional) de receber o candidato vitorioso durante seu discurso na convenção. Era um plano. Sofrível, mas um plano.

No entanto, quando os ônibus cheios de participantes da convenção voltavam de seu trabalho matinal de convencimento porta a porta, os relatos que chegavam eram de uma receptividade fria e de muitas queixas. A cadeira seria mantida, é claro, ninguém duvidava, vinha sendo do partido desde a guerra, mas a vitória marcante que Collingridge desejava parecia mais distante a cada dia.

Encrenca. Aquela ia ser uma semana difícil, bem diferente da celebração de vitória que os dirigentes do partido haviam planejado.

* * *

Mattie acordou com uma dor de cabeça latejante. Olhou pela janela para a camada de cinza que havia se estendido no céu. Um vento frio e úmido soprava do mar, atormentando gaivotas e chacoalhando sua janela.

– Mais um dia no paraíso – murmurou, jogando as cobertas de lado.

Tinha poucos motivos para se mostrar mal-agradecida. Como representante de um dos grandes jornais do país, era uma das poucas jornalistas que tinham a sorte de receber acomodações no hotel do quartel-general. Outros se arrumavam como podiam em locais mais distantes e iriam se molhar bastante até chegar ao centro de convenções. Mattie, no entanto, era um dos poucos escolhidos, hospedada num hotel onde poderia socializar livremente com políticos e funcionários do partido. Era daí que vinha sua dor de cabeça; ela havia socializado livremente demais na noite anterior. Recebera duas propostas indecorosas, a primeira de um colega de trabalho e, mais tarde naquela noite, de um ministro do Gabinete, que acabou se recuperando da rejeição de Mattie ao voltar sua atenção para uma jovem de uma agência de relações públicas. Foram vistos pela última vez seguindo em direção ao estacionamento.

Mattie tinha poucos pudores a respeito dessas questões. Ela e suas colegas deliberadamente atiçavam os políticos com álcool e havia um preço a pagar quando a fornalha ficava superaquecida. Um político num bar geralmente tinha dois objetivos, fazer sexo ou difamar alguém, e tais encontros eram uma oportunidade magnífica para Mattie ficar sabendo das fofocas. O maior problema era como juntar aqueles pedaços na sua mente confusa na manhã seguinte. Ela esticou as pernas, para forçar o sangue a circular pelo seu sistema, e tentou começar alguns exercícios de calistenia. Cada um de seus membros reagia gritando que aquela era uma maneira estúpida de tentar curar uma ressaca, então, em vez disso, ela optou por uma janela aberta – um movimento que ela imediatamente reconheceu como a segunda má decisão do dia. O pequeno hotel, empoleirado bem no alto do morro, era ideal para pegar o sol de verão, mas, numa manhã de outono, ficava exposto a nuvens velozes e a tempestades marítimas. Seu quarto superaquecido virou uma geladeira em segundos, por isso Mattie decidiu que não tomaria mais uma decisão sequer até providenciar um bom café da manhã.

Foi quando estava saindo do chuveiro que ouviu um barulho abafado no corredor. Alguém entregando alguma coisa. Enrolou uma toalha no corpo e foi até a porta. Era trabalho, na forma de jornais matutinos empilhados do lado de fora no tapete do corredor. Recolheu os jornais e os jogou de qualquer jeito em cima da cama. Conforme se espalharam caoticamente por

sobre o edredom amarrotado, uma folha de papel voou solta e caiu no chão. Ela esfregou os olhos quando a pegou, e então os esfregou de novo. Aquelas névoas mentais da manhã custavam a se dissipar. Quando clarearam um pouco, ela conseguiu ler as palavras destacadas no alto da folha: "Pesquisa de Opinião n° 40, 6 de outubro". Ainda mais proeminente – maiúsculas e em negrito –, estava a palavra: "SECRETO".

Ela se sentou na cama, esfregou os olhos uma vez mais para se certificar. Bem, eles não deviam ter começado a distribuir isso junto com o *Mirror*, pensou ela. Sabia que o partido mandava realizar pesquisas semanais de opinião pública, mas elas tinham uma circulação muito restrita, apenas entre os ministros do Gabinete e um punhado de altos oficiais do partido. Cópias já lhe haviam sido mostradas em raras ocasiões, mas só quando traziam boas notícias que o partido queria fazer circular um pouco; caso contrário, eram mantidas no maior sigilo. No mesmo instante, duas questões saltaram à mente de Mattie, que rapidamente recuperava sua competência mental. Que boas notícias seria possível encontrar na última pesquisa? E por que ela havia sido entregue como se fosse uma porção de peixe com fritas?

Enquanto lia, sua mão começou a tremer de espanto. O partido vencera as eleições há algumas semanas com 43% dos votos. Agora estava com 31%, e 14 pontos percentuais atrás da Oposição. Avalanche e terremoto. E ainda vinha coisa pior. Os números da popularidade do primeiro-ministro eram estarrecedores. Estava a quilômetros do novo líder da oposição. Quase tão popular quanto um verme intestinal. Collingridge tinha maior rejeição do que qualquer primeiro-ministro desde Anthony Eden em sua fase de loucura.

Mattie voltou a prender a toalha em volta do corpo e ficou de cócoras junto à cama. Não precisava mais se perguntar por que lhe haviam mandado a informação. Era dinamite pura, e tudo o que precisava fazer era acender o pavio. O dano que iria produzir se explodisse no meio da convenção do partido seria catastrófico. Tratava-se de um ato deliberado de sabotagem e de uma história brilhante – uma história dela, desde que conseguisse publicá-la primeiro.

Pegou o telefone e ligou.

– Quem é? – uma voz sonolenta de mulher bocejou.

– Alô, senhora Preston? Aqui é Mattie Storin. Desculpe, sinto muito se eu acordei a senhora. O Grev está, por favor?

Houve uns murmúrios discretos antes que o editor pegasse o telefone.

– Quem morreu? – ele disparou.

– O quê?

– Quem morreu, porra? Se não, que outro motivo você teria para me ligar numa hora estúpida como essa?

– Ninguém morreu. Quer dizer… Sinto muito. Esqueci que horas eram.

– Merda.

– Mas não importa que horas são – ela disparou de volta. – Tenho uma história incrível.

– O que é?

– Encontrei no meio dos meus jornais da manhã.

– Bom, isso é um alívio. Quer dizer então que a gente só está um dia atrasado em relação a eles?

– Não, Grev. Quer fazer o favor de ouvir? Eu consegui os últimos números das pesquisas do partido. E são de cair o queixo!

– Como é que você conseguiu?

– Deixaram do lado de fora da minha porta.

– Embrulhado para presente, é isso? – O editor nunca fazia muita força para esconder seu sarcasmo. A essa hora da manhã, então, não fazia força alguma.

– Mas são realmente inacreditáveis, Grev.

– Eu aposto que são, mesmo. Mas quem é que deixou esse presentinho na sua porta? O Papai Noel?

– Hum, eu não sei. – Pela primeira vez, uma sombra de dúvida se insinuou na sua voz. A toalha caíra e ela estava lá, sentada, nua. Sentiu como se seu chefe estivesse de olho grudado nela. Sua lucidez se aguçando com extrema rapidez agora.

– Bom, eu não acho que tenha sido o Henry Collingridge que deixou isso aí com você. Portanto, quem você imagina que poderia querer que a coisa vazasse para você?

O silêncio de Mattie evidenciou sua confusão.

– Você não saiu ontem à noite com algum dos seus coleguinhas, saiu?

– Grev, que inferno, o que isso tem a ver?

– Aprontaram com você, menina. Provavelmente estão sentados no bar neste exato momento tomando uma para curar a ressaca e se mijando de rir. O mesmo não se pode dizer de mim.

– Mas como você sabe?

– Não é que eu saiba, porra. Mas o fato é que você, Mulher-Maravilha, também não sabe!

Houve outro silêncio embaraçoso de Mattie, enquanto ela tentava em vão recuperar a toalha que caíra e pensava ainda em fazer uma última e desesperada tentativa de convencer seu editor.

– Você não quer nem saber o que diz a pesquisa?

– Não. Não se você nem sabe de onde vem isso. E lembre-se, quanto mais os números parecem sensacionais, mais certo é que alguém esteja prontando com você. É um trote, um trote infame!

O som do telefone batido na cara dela explodiu no seu ouvido. Teria

doído ainda que ela não estivesse de ressaca. A manchete de primeira página que ela imaginara na sua cabeça se desmanchou na névoa cinzenta da manhã. Sua ressaca estava mil vezes pior agora. Precisava de uma xícara de café preto. Com urgência. Tinha feito papel de boba. E não era a primeira vez. Só que normalmente ela não fazia isso completamente nua.

16

Qual é o sentido de traçar um risco na areia? O vento sopra e, quando você se dá conta, tudo voltou a ser como era.

Mattie xingou baixinho seu editor enquanto descia rapidamente a ampla escadaria do hotel e achava o caminho para a sala do café da manhã. Ainda era cedo, havia apenas um punhado de gente mais animada por ali. Sentou-se sozinha numa mesa, rezando para não ser perturbada. Precisava de um tempo para se recuperar. Escondeu-se atrás de um exemplar do *Express* e esperou que as pessoas concluíssem que ela estava trabalhando e não curando uma ressaca.

A primeira xícara de café rebateu dentro dela como uma pedrinha que quica num lago ao ser atirada, mas a segunda foi um pouco melhor. Lentamente, sua depressão começou a aliviar e ela a mostrar algum interesse pelo resto do mundo. Seu olhar deu uma volta pela pequena sala vitoriana. Num canto afastado, localizou outro correspondente político numa roda de conversa com um ministro. Mais adiante, uma figura importante do partido com a esposa, um apresentador de noticiário de tevê, o editor de um dos *Sundays*, e mais umas duas pessoas que ela imaginava conhecer, mas não sabia direito de onde. O jovem na mesa ao lado, ela decididamente não sabia quem era. Ele se sentara, mais ou menos como Mattie, quase que se escondendo do resto da sala. Tinha uma pilha de jornais e pastas numa cadeira ao seu lado e um ar de desmazelo acadêmico. Um pesquisador do partido, ela concluiu, não porque o intelecto dela já estivesse trabalhando, mas porque, em cima da mesa, entre o chá e a torrada, havia uma pasta com um logo do partido em destaque e o nome "K. J. Spence".

Seus instintos profissionais começaram aos poucos a se firmar sob o bombardeio constante de cafeína e ela tirou de dentro da sua sempre presente bolsa a tiracolo uma cópia da lista telefônica interna do partido, que a certa altura ela havia pedido ou roubado – não lembrava ao certo.

"Spence, Kevin. Ramal 371. Pesquisa de opinião."

Ela checou de novo o nome no alto da pasta, assimilando as coisas uma por vez. Já chafurdara o suficiente no lixo, não queria fazer papel de boba de novo, pelo menos não até a hora do almoço. O sarcasmo do seu editor minara sua fé nas estatísticas de opinião vazadas, mas isso também despertara sua vontade de resgatar algo de bom do fiasco. Talvez pudesse descobrir quais eram os números reais. Ela procurou os olhos do homem.

– Kevin Spence, não é? Da sede do partido? Eu sou Mattie Storin, do *Chronicle*.

– Sim, eu sei quem você é – ele replicou, meio atrapalhado, mas também satisfeito por ter sido reconhecido.

– Posso me sentar com você para uma xícara de café, Kevin? – perguntou ela, e sem esperar resposta passou para a mesa dele.

Kevin Spence tinha 32 anos, mas parecia mais velho, era solteiro e uma peça antiga da máquina do partido, com um salário de 10.200 libras (sem benefícios). Usava óculos, era tímido, desajeitado, ansioso, sem saber se deveria ou não se levantar por educação quando uma mulher se sentava à sua mesa. Mattie apertou-lhe a mão e sorriu, e logo já estava explicando todo entusiasmado e com detalhes os relatórios regulares que produzira para o primeiro-ministro e o "Comitê de Guerra" do partido durante a eleição.

– Eles passaram a campanha inteira dizendo que praticamente não tinham notícia das pesquisas de opinião – cutucou ela –, e que a única pesquisa que importava…

– …era a do dia da eleição – interrompeu ele, feliz em ver que estavam na mesma sintonia. – Sim, essa é uma pequena ficção que a gente tem. Meu emprego depende de eles levarem as coisas a sério, embora cá entre nós, senhorita Storin…

– Mattie.

– …alguns deles levem as pesquisas a sério demais, pode-se dizer.

– Como assim, Kevin?

– Existe sempre uma margem de erro. E sempre aparece uma pesquisa enganosa bem quando você menos precisa dela! Essas pequenas criaturas perversas ainda dão as caras de vez em quando.

– Como uma que eu acabei de ver – Mattie observou com uma pontada de dor ainda presente por causa de seu embaraço anterior.

– O que você está querendo dizer? – perguntou Spence, agora cauteloso, descansando seu chá no pires.

Ao olhar fixamente para ele, Mattie percebeu que o amável funcionário havia ficado formal, suas mãos agora entrelaçadas em cima da toalha de mesa. Um rubor subiu do colarinho dele em direção aos olhos, e os próprios olhos haviam perdido o entusiasmo. Spence não era um político experiente e não tinha talento para esconder o que sentia. Sua confusão transparecia, mas por que teria ficado tão perturbado? De repente, Mattie ficou em alerta mental. Será que os tais dados da pesquisa eram furados mesmo? Por que não içá-los no mastro da bandeira e ver se alguém lhes fazia algum aceno? Ela já metera os pés pelas mãos várias vezes naquela manhã e fizera papel de boba; um tropeço a mais ou um a menos não iria afetar seu orgulho profissional.

– Pelo que eu sei, Kevin, seus últimos números são bem decepcionantes. Particularmente os do primeiro-ministro.

– Não sei do que você está falando. – As mãos dele ainda entrelaçadas. Talvez rezasse, ou será que queria fazê-las parar de tremer? Então, dispersivamente, pegou sua xícara, mas a única coisa que conseguiu foi derrubá-la. Em desespero, tentou limpar o estrago com seu guardanapo.

Enquanto isso, Mattie já revirara uma vez mais sua bolsa para pegar de lá uma misteriosa folha de papel, que ela passou a alisar em cima da toalha da mesa. Ao fazer isso, notou pela primeira vez as iniciais KJS digitadas ao pé da página. Os últimos resíduos de sua ressaca desapareceram.

– Não são esses os seus últimos resultados, Kevin?

Spence tentou afastar o papel como se estivesse contaminado.

– Onde diabos você conseguiu isso? – Ele olhou em volta desesperado para ver se alguém havia percebido o diálogo.

Mattie pegou a folha e começou a ler em voz alta.

– "Pesquisa de Opinião número 40."

– Por favor, senhorita Storin!

Ele não era um homem acostumado a dissimular, era transparente demais, e sabia disso. Não viu um meio de escapar de seu dilema e decidiu que sua única chance de sobrevivência seria se colocar à mercê de sua companheira de café da manhã. Num cochicho, ele apelou à bondade dela.

– Eu não deveria comentar isso com você. É estritamente confidencial.

– Mas Kevin, é apenas um pedaço de papel.

Os olhos dele espreitaram ao redor da sala novamente.

– Você não sabe como a coisa funciona. Se esses números vazarem, eu vou ser o cara acusado de tê-los passado a você, e aí estou arruinado. Demitido. Absolutamente fodido. Está todo mundo procurando um bode expiatório. Tem boato demais circulando. O primeiro-ministro não confia no presidente, o presidente não confia em nós, e ninguém vai ter pena de um cara como eu. Gosto do meu emprego, senhorita Storin. Se eles me culparem por vazar dados confidenciais a você, estou frito.

– Não imaginei que os ânimos estivessem tão mal assim.

Spence parecia profundamente infeliz.

– Você nem imagina. A coisa nunca esteve pior. Francamente, o que a maioria de nós está tentando fazer é ficar com a cabeça o mais baixa possível, para que, quando a pá da hélice passar, cause o menor estrago possível. – Ele a encarou olho no olho pela primeira vez. – Por favor, Mattie, não me meta no meio disso.

Às vezes, ela odiava seu emprego, e a si mesma. Como naquela hora. Ela precisava espremê-lo até o caroço.

– Kevin, você não vazou esse relatório. Sabe disso, eu sei disso, e posso confirmar a qualquer um que queira saber. Mas, para poder ajudá-lo, preciso também de uma pequena ajuda. Esse foi seu último relatório de pesquisa,

certo?

Ela deslizou o papel pela mesa. Spence deu mais uma olhada angustiada nele e assentiu.

– Eles são preparados por você e têm circulação absolutamente restrita.

Ele assentiu de novo.

– Tudo o que eu preciso saber de você, Kevin, é quem recebe as cópias. Isso não é nenhum segredo de Estado, certo?

O homem estava completamente rendido. Pareceu segurar a respiração por um longo tempo antes de responder.

– Cópias numeradas circulam em envelopes duplamente lacrados apenas para os ministros do Gabinete e cinco altos funcionários da sede do partido: o vice-presidente e quatro diretores. – Ele tentou umedecer a boca com outro gole de chá, mas constatou que havia derramado quase todo ele. – Como é possível que isso tenha chegado até você? – ele perguntou, arrasado.

– Vamos dizer apenas que alguém foi um pouco descuidado, que tal?

– Alguém do meu escritório? Diga que não foi do meu escritório!

– Não, Kevin. Faça as contas. Você acabou de me dar os nomes de mais de duas dezenas de pessoas que viram esses dados. Acrescente as respectivas secretárias ou assistentes e isso eleva o número possível de fontes a bem mais de cinquenta. – Ela lhe ofereceu um de seus sorrisos mais calorosos e reanimadores. – Não se preocupe, não vou envolvê-lo nisso.

O alívio inundou seu rosto.

– Mas vamos nos manter em contato – acrescentou ela.

Mattie saiu da sala de café da manhã com a gratidão de Spence, o que a fazia se sentir melhor, e também com o número de telefone da casa dele, o que a fazia se sentir melhor ainda. Parte dela estava exultante com a notícia de primeira página que agora ela seria capaz de redigir, e com a satisfação que lhe daria ver seu editor ter que lhe pedir desculpas. O noticiário iria se alimentar disso por uma semana. Mas, em meio a tudo isso, surgia outra consideração, mais poderosa. Das cinquenta e tantas pessoas, uma delas seria a que havia aprontado com Collingridge, permitindo o vazamento daquela folha de papel. Mas quem diabos seria?

* * *

O quarto 561 do hotel não poderia ser descrito como cinco estrelas. Era um dos quartos menores, bem afastado da entrada principal, localizado no fim do corredor do último andar e apertado entre os beirais do edifício. Não era ali que a alta hierarquia do partido ficava; tratava-se definitivamente de um quarto para os funcionários.

Penny Guy foi pega desprevenida. Não ouvira qualquer som de passos se aproximando antes de a porta ser escancarada subitamente. Deu um pulo na cama, assustada, expondo seus seios perfeitos.

– Porra, Roger, que tal bater na porta antes de entrar? – Ela atirou um travesseiro no intruso, mais de irritação do que de raiva. – E que diabos você está fazendo acordado tão cedo? Normalmente você só dá as caras na hora do almoço. – Ela nem se deu o trabalho de cobrir seu corpo quando O'Neill se sentou ao pé da cama. Havia um clima descontraído entre os dois, sugerindo a ausência de qualquer possibilidade sexual que seria de se esperar da maioria das pessoas. O'Neill vivia flertando com ela, particularmente em público, podia se mostrar meio possessivo quando outros homens entravam em cena, mas, nas duas ocasiões em que Penny havia trocado as bolas e oferecido mais do que serviços de secretaria, O'Neill se mostrara muito afetuoso e receptivo, mas dissera estar cansado demais. Ela tinha um palpite de que o problema não era ela, que O'Neill era assim com todas as mulheres, que havia uma profunda insegurança sexual correndo em seu interior, ocultada atrás de lisonjas e insinuações. Já havia casado uma vez, tempos atrás, e isso era uma dor que o perseguia pela névoa dos anos, outra parte de sua vida privada que ele zelosamente mantinha encoberta. Penny já trabalhava há quase três anos para O'Neill e era bem dedicada, dispunha-se a deixar o caminho mais fácil para as inseguranças dele, mas O'Neill nunca pareceu disposto a baixar a guarda. Com aqueles que não o conheciam bem, mostrava-se extrovertido, brincalhão, cheio de charme, de ideias e de energia, mas Penny notou que ele vinha tendo um comportamento cada vez mais instável. Sua cautela – até mesmo paranoia – em relação aos relacionamentos vinha piorando nos últimos meses à medida que ele via as pressões da vida política como algo cada vez mais sedutor, apesar de sentir cada vez mais dificuldades em lidar com elas. Atualmente, era raro ele chegar ao escritório antes do meio-dia; começara a fazer muitas ligações telefônicas privadas, andava agitado, sumia de repente. Penny não era nem um pouco ingênua, mas gostava dele, e sua devoção a tornava cega. Sabia que ele dependia dela e, embora não a quisesse na sua cama, precisava dela praticamente em todos os demais momentos do dia. O vínculo entre os dois era forte, e, apesar de não ser tudo o que ela queria, ela se dispunha a esperar.

– Você veio cedo assim só para me paquerar, não foi? – ela provocou, fazendo biquinho.

– Cubra esse seu corpo lindo, sua safadinha. Assim não dá, né? *Esses dois aí* são covardia! – ele exclamou, apontando para os seios dela.

Brincalhona, provocante, ela puxou as cobertas e se cobriu. Estava todinha nua.

– Ah, Pen, minha querida, eu adoraria registrar essa imagem para sempre,

pintada a óleo, na parede do meu quarto.

– Mas não na sua cama.

– Pen, por favor! Você sabe que eu não estou no meu melhor de manhã cedo.

Relutante, ela pegou seu roupão.

– Certo, é cedo demais para você, Rog. Você não passou a noite toda fora, passou?

– Bom, tinha aquela ginasta brasileira incrivelmente linda que ficou me ensinando uma série de exercícios novos. Como a gente não tinha argolas de ginástica, ficamos treinando no lustre. Tá bom assim?

– Ah, cala a boca, Rog – disse ela, firme, com seu humor ficando cinza como o céu daquela manhã. – Me diga, o que está acontecendo?

– Tão jovem e tão cínica?

– É uma qualidade minha.

– Qual? A juventude ou o cinismo?

– As duas. Particularmente no que se refere a você. Bom, me conte o verdadeiro motivo de você estar aqui.

– Ok, ok. Precisei fazer uma entrega. Nas redondezas. Portanto… Pensei em dar uma passada e dizer bom dia. – Era quase a verdade, o mais perto que ele conseguia chegar dela naqueles dias, mas não a verdade toda. Não mencionou que Mattie Storin quase havia flagrado ele enquanto deixava o documento entre os jornais dela e que precisou de um lugar para se esconder durante um tempo. Ah, ele saíra furtivamente por aquele corredor como se estivesse driblando toda a defesa da seleção inglesa em direção ao gol. Que divertido! E isso iria criar problemas para o presidente do partido. Brilhante. Aquele velho rabugento havia sido particularmente antipático com ele nas últimas semanas, como Urquhart havia frisado. A paranoia que tomava conta da mente de O'Neill não lhe permitiu perceber que Williams vinha sendo antipático com quase todo mundo.

– Tá bom, vamos dizer que eu acredito – disse Penny. – Mas pelo amor de Deus, Rog, da próxima vez que vier dizer bom-dia, que tal bater na porta primeiro? E fazer isso depois das 8h30, né?

– Não fique pegando assim no meu pé. Você sabe que eu não vivo sem você.

– Tá bom, chega de declarações de amor, Rog. O que você quer? Deve estar querendo alguma coisa, né, mesmo que não seja meu corpo?

Os olhos dele se desviaram, como se um segredo cheio de culpa estivesse prestes a ser exposto.

– Na realidade, eu vim mesmo lhe pedir uma coisa. Sabe, é um assunto meio delicado… – Ele reuniu todo seu charme de homem de vendas e começou a relatar a história que Urquhart havia martelado na orelha dele na

noite anterior. – Pen, você se lembra do Patrick Woolton, o secretário do Exterior. Você digitou uns dois discursos dele durante a campanha eleitoral e ele com certeza se lembra de você. Ele, ahn… perguntou por você quando o vi na noite passada. Acho que está bastante a fim de você. Bom, seja como for, ele ficou imaginando se você toparia jantar com ele, mas não queria perturbá-la ou ofendê-la perguntando isso para você diretamente, então, eu mais ou menos me ofereci, você sabe, para falar com você antes, já que poderia ser mais fácil para você dizer não para mim do que para ele pessoalmente. Você entende isso, não é, Pen?

– Ai, Rog. – Havia lágrimas em sua voz.

– Qual é o problema, Pen?

– Você está me aliciando para transar com ele? – Seu tom era amargo, uma acusação.

– De jeito nenhum, Pen, é só um jantar.

– Nunca é só um jantar. Desde os meus 14 anos, nunca foi só um jantar. – Ela era de uma segunda geração de imigrantes, fora criada num conjunto residencial superpovoado de Ladbroke Grove e conhecia todas as concessões que eram exigidas de uma jovem negra num mundo de homens brancos. Não que isso a angustiasse além da conta; criava oportunidades para ela, mas ela não teria sua dignidade subtraída, não daquele jeito.

– Ele é o secretário do Exterior, Pen – O'Neill protestou.

– Com uma má reputação tão grande quanto a torre do Big Ben.

– Mas o que você tem a perder?

– Minha autoestima.

– Ora, vamos lá, Pen. Isso é importante. Você sabe que eu não pediria se não fosse.

– Mas que merda você está pensando de mim?

– Eu penso que você é linda, acho isso de verdade. Eu vejo você todo dia e você é a única coisa que põe alegria na minha vida. Mas eu estou desesperado. Por favor, Pen, não me faça perguntas… Você tem de me ajudar nessa. É só um jantar, eu juro.

Os dois haviam chegado às lágrimas, e gostavam um do outro. Ela sabia que ele se magoava por ter que lhe pedir aquilo, mas que por alguma razão não tinha alternativa. E como ela o amava, não fazia questão de saber os motivos.

– Está certo, só um jantar – ela disse baixinho, mentindo para si mesma.

E ele avançou em sua direção e a beijou com alegria antes de sair tão esbaforido quanto entrara.

Cinco minutos mais tarde, O'Neill estava de volta a seu quarto e falando pelo telefone com Urquhart.

– Entrega feita e jantar combinado, Francis.

– Esplêndido, Roger. Você foi excelente. Espero que o secretário do Exterior também se mostre agradecido.

– Mas ainda não entendi como você vai fazer para conseguir que ele convide Penny para jantar. Qual é o sentido disso tudo?

– O sentido, caro Roger, é que ele não vai ter que convidá-la para jantar, absolutamente. Ele está vindo para a minha recepção hoje à noite. Você vai trazer Penny, eu vou apresentar os dois em meio a uma ou duas taças de champanhe e ver como a coisa anda. Se eu conheço bem o Patrick Woolton – coisa que como líder da bancada eu posso garantir –, ele não vai levar mais do que vinte minutos para sugerir a ela que pode ajudá-la a aprimorar sua etiqueta francesa.

– Mas ainda não entendo aonde isso pode nos levar.

– Seja lá o que acontecer, Roger, e isso a gente deve deixar por conta dos dois, que já são adultos, você e eu vamos ficar sabendo.

– Ainda não vejo como isso pode ser útil – protestou O'Neill, ainda esperançoso de que o outro mudasse de ideia.

– Confie em mim, Roger. Você precisa confiar em mim.

– Eu confio. Tenho de confiar. Eu não tenho lá muita escolha, não é?

– Isso mesmo, Roger. Agora está começando a entender. Saber é poder.

O telefone ficou mudo. O'Neill achava que havia entendido, mas ainda não tinha certeza. Lutava para descobrir se era parceiro de Urquhart ou seu prisioneiro. Sem ter como chegar a uma conclusão, vasculhou a gaveta de sua mesa de cabeceira e tirou de lá uma pequena cartela. Engoliu dois comprimidos para dormir e desabou na cama de roupa e tudo.

17

Um cargo político é como a vida. Sua atitude em relação a ele geralmente é determinada pelo fato de você estar chegando ou saindo.

– Patrick. Obrigado por aceitar o convite – foi o cumprimento de Urquhart assim que o secretário do Exterior abriu a porta.

– Você me pareceu sério ao telefone. Quando o líder da bancada diz que quer ter uma conversinha particular com você, isso geralmente quer dizer que ele tem as fotos guardadas a sete chaves mas infelizmente o *News of the World* conseguiu os negativos!

Urquhart sorriu e se enfiou na suíte de Woolton. Era fim de tarde, a ventania já havia parado de soprar, mas o guarda-chuva em pé numa poça de água no hall de entrada de Woolton era prova de um dia de tempestade. Urquhart não vinha de longe, na verdade estava apenas a alguns metros de sua própria suíte, numa fileira de chalés de luxo que ficavam dentro da área do hotel. Haviam sido reservados para os ministros do Gabinete, todos eles guardados 24 horas por dia por escolta policial, o que gerava uma conta bastante alta. O contingente policial local apelidara a área de "Alameda das Horas Extras".

– Bebida? – o simpático nativo de Lancashire ofereceu.

– Obrigado, Patrick. Scotch.

O Muito Honorável Patrick Woolton, Principal Secretário de Sua Majestade para Negócios Estrangeiros e da Commonwealth e um dos muitos emigrantes bem-sucedidos do condado de Merseyside, ficou revirando um armarinho de bebidas que dava sinais de já ter sido usado naquela tarde, enquanto Urquhart colocava a caixa vermelha ministerial, que viera carregando, ao lado das quatro pertencentes do seu anfitrião sobrecarregado de trabalho, perto da poça de água de chuva. Essas caixas revestidas em couro, de cor berrante, eram a marca de qualquer ministro, sua companhia quase constante, onde ficavam guardados os papéis oficiais, discursos e outros itens confidenciais. Um secretário do Exterior precisava de várias caixas vermelhas; o líder da bancada, sem nenhum discurso a fazer e sem crises externas para resolver, chegara a Bournemouth com sua caixa preenchida com três garrafas de uísque malte 12 anos. Os preços das bebidas em hotéis são sempre aterradores, explicou ele à mulher, e não é sempre que você consegue encontrar a marca que procura.

Agora ele encarava Woolton do outro lado de uma mesa de café cheia de papelada, e foi direto ao assunto.

– Patrick, eu preciso da sua opinião. Isso é estritamente confidencial. No que me diz respeito, este tem de ser um daqueles encontros que nunca aconteceram.

– Caramba, você realmente tem umas fotos! – exclamou Woolton, agora só meio de brincadeira. Seu olho para mulheres jovens e atraentes já o levara por caminhos perigosos. Dez anos antes, quando apenas iniciava sua carreira ministerial, passara algumas horas terríveis respondendo perguntas à Polícia do Estado de Louisiana sobre um fim de semana que acabara de passar num motel de Nova Orleans com uma jovem americana, que parecia ter 20 anos, agia como se tivesse 30 e, na verdade, tinha apenas 16 e alguns dias. O incidente havia sido abafado, mas Woolton nunca esquecera a pequena distância que existe entre um futuro político brilhante e uma acusação de estupro amparada na lei.

– Trata-se de algo que pode ser bem mais sério – disse Urquhart baixinho. – Eu tenho colhido algumas vibrações pouco saudáveis nas últimas semanas. A respeito de Henry. Você deve ter notado a irritação em relação a ele na mesa do Gabinete, e a mídia parece não estar mais caindo de amores por ele, de maneira bem perceptível.

– Bom, não haveria razão para esperar um prolongamento da lua de mel depois da eleição, suponho eu, mas as nuvens de tempestade se reuniram com uma rapidez impressionante.

– Patrick, que fique entre nós, eu fui abordado por dois dos mais influentes membros do núcleo do partido. Eles dizem que o sentimento em nível local está ficando muito ruim. Perdemos duas importantes eleições municipais complementares na semana passada, e eram cadeiras que pareciam garantidas, e parece que vamos perder algumas mais nas próximas semanas.

– A maldita eleição complementar de amanhã em East Dorset. Também vamos levar uma surra nessa, pode escrever. Estamos com dificuldade em vencer até eleição de síndico no momento.

– Existe uma opinião, Patrick – continuou Urquhart, num tom de desconforto considerável –, de que a impopularidade pessoal de Henry está arrastando o partido inteiro para o buraco.

– Francamente, é uma opinião de que eu compartilho – disse Woolton, bebericando seu uísque.

– A questão é: quanto tempo ele tem de sobrevida?

– Com uma maioria de apenas 24, não muito. – Woolton colocou as mãos em concha em volta do copo, para se reconfortar. – Mais algumas derrotas em eleições complementares e vamos ter que encarar uma eleição antecipada. – Olhou fixo para a bebida, em vez de olhar para o colega. – E qual é a sua visão das coisas, Francis?

– Como líder da bancada, não tenho uma visão.

– Você sempre foi um malandro esperto, Francis.

– Sim, mas como líder da bancada, me foi pedido por um ou dois dos nossos colegas da alta direção para fazer algumas sondagens discretas e ver qual é a real gravidade do problema. Em resumo, Patrick, e você sabe bem que não é nada fácil…

– Você nem encostou na porra do drinque.

– Me dê só mais um momento. Me pediram para descobrir o quanto nossos colegas acham que estamos encrencados. Cartas na mesa. Será que o Henry ainda é o líder certo para nós? – Ele levantou os óculos, olhou firme para Woolton, e então deu um bom gole antes de se recostar de novo na cadeira.

O silêncio se instalou em volta do secretário do Exterior, empalando-o no cerne da questão.

– Bem, que coisa hein? Quer dizer que já chegamos a esse ponto? – Um cachimbo apareceu do seu bolso, seguido por uma bolsa de tabaco e uma caixa de fósforos. Ele fez uma elaborada cerimônia para preencher o fornilho do cachimbo, socar o tabaco fresco com o polegar, antes de pegar um fósforo. O som do fósforo riscado pareceu muito alto no silêncio. A fumaça começou a dançar em torno de Woolton conforme ele a sorvia da piteira, fazendo o cheiro doce do tabaco se espalhar e deixar seu rosto quase todo coberto por aquela névoa azulada. Agitou a mão para dispersá-la, e ela já não mais o escondia. – Você precisa me perdoar, Francis. Quatro anos desse cargo na Secretaria do Exterior me deixaram pouco preparado para lidar com questões diretas como essa. Talvez eu não esteja mais habituado a pessoas que vão direto ao ponto. Você me fez perder o prumo agora.

Isso era bobagem, é claro. Woolton era famoso por seu estilo político direto, com frequência combativo, que havia dificultado sua adaptação ao cargo na Secretaria do Exterior. Ele estava simplesmente ganhando tempo enquanto pensava.

– Vamos tentar pôr de lado quaisquer visões subjetivas… – ele soprou outra enorme nuvem de fumaça para esconder a flagrante insinceridade de seu comentário – …e vamos analisar o problema como se fosse um parecer relativo a um cargo no serviço público.

Urquhart assentiu, e sorriu por dentro. Ele conhecia a visão pessoal de Woolton, já sabia a que conclusão seu hipotético servidor público iria chegar.

– Em primeiro lugar, temos um problema? Sim, e é um problema sério. Meus compadres lá em Lancashire estão loucos da vida. Acho que está certo você fazer sondagens. Segundo, existe alguma solução sem dor para o problema? Não vamos esquecer que ganhamos a bosta da eleição. Mas não ganhamos como deveríamos. E isso tem a ver com o Henry. Mas… – ele brandiu o cachimbo para dar ênfase –, se existe algum movimento para

substituí-lo, que é essencialmente o que estamos discutindo…

Urquhart fez força para parecer incomodado com a franqueza de Woolton. – …isso criaria um inferno dentro do partido, e aqueles filhos da puta da Oposição iriam adorar. Poderia criar a maior confusão, Francis. Ninguém garante que o Henry vai sair sem chiar. E daria a impressão de um ato desesperado. O novo líder precisaria de no mínimo um ano para vedar todas as rachaduras. Portanto, não devemos nos enganar e achar que botar o Henry para fora é uma alternativa simples. Não senhor. Mas, em terceiro lugar, depois de tudo dito e feito, será que o próprio Henry não é capaz de encontrar uma solução para o problema? Bem, você conhece minha opinião a respeito disso. Eu fui contra ele como líder quando a Margaret saiu e não mudei meu ponto de vista, ainda acho que a escolha dele foi equivocada.

Urquhart abaixou a cabeça, rosto imutável, como se agradecesse a sinceridade; no entanto, estava celebrando por dentro. Havia feito uma boa leitura do homem.

Woolton voltou a encher os copos enquanto prosseguia com sua análise.

– A Margaret conseguiu um equilíbrio extraordinário entre firmeza pessoal e senso de direção. Era implacável quando precisava ser, e muitas vezes quando não precisava também. Parecia estar sempre com tanta pressa de chegar aonde estava indo que *não* tinha tempo a perder fazendo prisioneiros e não se incomodava em passar por cima de alguns poucos amigos. Isso não importava muito, porque ela liderava de fato. Isso a gente precisa reconhecer na garota. Mas o Henry não tem senso de direção, apenas amor ao cargo. E, sem esse senso de direção, estamos perdidos. Ele tenta imitar a Margaret, mas não tem colhões para isso. – Bateu o copo na frente do colega. – Portanto, assim estamos. Se a gente tentar se livrar dele, vamos estar encrencados. Mas se a gente mantiver o cara, vamos ficar na merda. – Ergueu seu copo. – Tim tim, Francis. – E bebeu.

Urquhart ficara uns dez minutos sem falar. A ponta do seu dedo médio corria devagar pela borda do seu copo produzindo um gemido de discordância. Seus olhos ressurgiram, azuis, penetrantes.

– Mas quem é o inimigo, Patrick?

O olhar fixo foi retribuído.

– Aquele, seja quem for, que tiver maior probabilidade de nos derrotar na próxima eleição. O líder da droga da Oposição? Henry?

– E a sua visão? O que *exatamente* você está dizendo, Patrick?

Woolton explodiu numa risada.

– Desculpe, Francis. Eu exagero na conversa-fiada diplomática. Você sabe que eu não posso nem dar um beijo de bom-dia na minha mulher sem que ela fique imaginando quais são minhas intenções. Quer uma resposta direta? Tudo bem. Nossa maioria é pequena demais. No ritmo em que estamos indo,

vamos ser postos para fora na próxima oportunidade. Não dá para continuar desse jeito.

– Então, qual é a solução? Temos que achar uma solução.

– Precisamos aguardar, é isso que a gente precisa fazer. Alguns meses. Preparar a percepção do público, pressionar o Henry a cair fora, de modo que, quando ele fizer isso, a gente possa ser visto como quem atende a um desejo do público, e não como quem é condescendente com rixas internas. As percepções são cruciais, Francis, e vamos precisar de tempo para enfileirar nossos patinhos direito e poder acertá-los.

E você precisa de um pouco de tempo para preparar seu próprio tiro, pensou Urquhart. Seu velho matreiro. Você quer o cargo, sempre quis.

Ele conhecia Woolton. O homem não era bobo, pelo menos não em tudo. Já deveria estar planejando passar o maior número de noites possível nos corredores e bares da Câmara dos Comuns fortalecendo relações estabelecidas, fazendo novas amizades, comendo mal em jantares no circuito eleitoral, passando conversa em editores e colunistas de jornais, construindo suas credenciais. Sua agenda oficial seria enxugada, ele iria gastar menos tempo viajando para o exterior e muito, muito mais tempo indo de um lado para outro da Grã-Bretanha e fazendo discursos sobre os desafios a serem enfrentados pelo país na próxima década.

– Esse é o seu trabalho, Francis, e sem dúvida é um trabalho tremendamente difícil. Ajudar a gente a decidir quando é o tempo certo. Se for cedo demais, vamos todos parecer assassinos. Tarde demais, e o partido estará destruído. Você vai ter que ficar de olho na situação. Suponho que esteja levando suas sondagens a outras partes?

Urquhart assentiu cauteloso, em silêncio. Ele me designou para ser Cássio, pensou, colocou a adaga na minha mão. Urquhart ficou eufórico ao descobrir que não se incomodava com a sensação, nem um pouco.

– Patrick, me sinto honrado por você ter sido tão franco comigo. Profundamente grato pela confiança que demonstrou. Os próximos meses prometem ser difíceis para todos nós e vou precisar constantemente do seu aconselhamento. E você sempre terá em mim um amigo fiel.

– Sei que tenho, Francis.

Urquhart se levantou.

– E, é claro, nenhuma palavra a respeito disso sairá deste quarto.

– O meu pessoal da polícia política está a toda hora me alertando que as paredes têm ouvidos. Fico feliz em saber que meu vizinho de chalé é você! – exclamou Woolton, e deu um tapinha brincalhão nas costas de Urquhart de um jeito um tanto paternal, enquanto sua visita ia pegar sua caixa vermelha.

– Vou dar uma recepção esta noite, Patrick. Todo mundo vai estar lá, será uma reunião muito útil. Você não vai esquecer, não é?

– É claro que não. Eu adoro suas festas. Seria deselegante da minha parte recusar seu champanhe!

– Vejo você em algumas horas, então – replicou Urquhart, pegando uma caixa vermelha.

Assim que Woolton fechou a porta, serviu-se de mais um drinque. Iria pular os debates da tarde na sala de conferências; em vez disso, tomaria um bom banho e tiraria uma soneca, a fim de se preparar para a agenda pesada da noite. Ao refletir sobre a conversa que acabara de ter, ficou imaginando se o uísque não teria nublado seus sentidos. Tentava lembrar em que termos Urquhart havia colocado sua própria oposição a Collingridge, mas não conseguia. "Sujeito ardiloso. Deixou que eu falasse tudo." De qualquer modo, era isso que se esperava de um líder da bancada, e ele podia confiar em Francis Urquhart, não podia? Enquanto ficou sentado imaginando se havia ou não sido um pouco franco demais, não percebeu que Urquhart havia saído de lá com a caixa vermelha errada.

* * *

Mattie estava na maior animação desde que mandara sua matéria depois do almoço. Uma pesquisa de opinião de impacto. Uma primeira página exclusiva, num momento em que ela estava sitiada por todos os seus competidores. Sem dúvida, ganhara muitos pontos nessa convenção do partido. Passara a maior parte da tarde com pensamentos otimistas em relação às novas portas que aos poucos iam se abrindo a sua frente. Acabara de completar seu primeiro ano no *Chronicle* e sua competência começava a ser reconhecida. Outro ano assim, e talvez já estivesse pronta para o próximo passo, quem sabe como editora assistente ou mesmo como colunista, com espaço para escrever análises políticas importantes e não só o feijão com arroz diário. E com amigos como Francis Urquhart, nunca lhe faltariam histórias exclusivas.

Havia um preço a ser pago, é claro. A mãe ainda tinha a impressão de que ela encontrara alguém em Londres, um parceiro para compartilhar a vida, mas sua vida era dura e frequentemente solitária, especialmente quando voltava para seu apartamento tarde da noite e vasculhava de novo o cesto de roupa suja de manhã. Tinha necessidades também, não apenas a vaidade profissional, e elas se tornavam cada vez mais difíceis de ignorar.

E tampouco conseguia ignorar a mensagem urgente de ligar para a redação que recebera pouco antes das 17h00. Ela acabara de ter uma conversa, no terraço, acompanhada por um chá, com o secretário do Interior – ele estava ansioso para que o *Chronicle* cobrisse seu discurso do dia seguinte e de qualquer modo preferia uma hora de bate-papo com uma jovem loira do

que ficar sentado durante outra interminável tarde ouvindo os discursos de seus colegas –, quando uma recepcionista enfiou a mensagem na mão dela. O lobby do hotel estava lotado de gente, mas um dos telefones públicos estava vago e ela decidiu suportar pacientemente aquela barulheira. Quando conseguiu a ligação, a secretária de Preston explicou que ele estava em outra ligação e a passou para o subeditor, John Krajewski, um homenzarrão gentil, com quem ela começara a passar algum tempo durante os longos meses de verão, estimulada por um gosto compartilhado por bons vinhos e pelo fato de o pai dele, assim como o avô dela, ter sido um refugiado de guerra da Europa. Não envolvia sexo, ainda, embora ele tivesse deixado claro que queria algo mais do que trocar fofocas de trabalho. Mas, de repente, o tom dele ficou estranho.

– Oi, Mattie. Olha, ahn… Bom, que merda, eu não vou conseguir explicar nem que eu fique meia hora falando bobagens. O caso é que eu… quer dizer, ele… não vai publicar tua história. Eu sinto muito, de verdade.

Houve um silêncio de perplexidade ao telefone, enquanto ela analisava as palavras para ter certeza de que havia entendido direito. Porém, não importava sob qual perspectiva, as palavras diziam sempre a mesma coisa.

– Mas como assim você não vai publicar?

– É como eu estou te dizendo, Mattie. Não vai rolar. – Krajewski claramente estava tendo uma grande dificuldade com aquela conversa. – Olha, desculpa, mas eu não posso te dar todos os detalhes, porque o Grev é que lidou com o caso pessoalmente… eu não pus a mão nisso, por favor, acredite em mim… mas pelo jeito é uma história tão cabeluda que o nosso querido editor sente que não pode publicar sem a gente saber com absoluta certeza onde está pisando. Ele diz que nós sempre apoiamos esse governo e ele não vai simplesmente atirar a política editorial pela janela com base num pedaço de papel anônimo. Precisamos estar absolutamente certos antes de tomar uma decisão dessas, e isso não é possível, já que não sabemos de onde veio a informação.

– Mas pelo amor de Deus, não interessa de onde a porra do papel veio. Seja lá quem foi que mandou ele para mim, não teria feito isso se soubesse que sua identidade seria divulgada na nossa sala de redação. O que importa é que se trata de algo genuíno, e eu confirmei isso.

Ele suspirou.

– Acredite, Mattie, eu sei como você deve estar se sentindo em relação a isso. Eu queria estar a 1 milhão de quilômetros de distância desse assunto. Tudo o que eu posso te dizer é que o Grev está inflexível. Não vai publicar.

Mattie queria gritar, um grito longo, alto e grosseiro. De repente, arrependeu-se de estar ligando de um lobby de hotel lotado.

– Deixa eu falar com o Grev.

– Não dá, ele tá em outra ligação.

– Tudo bem, eu espero!

– Na verdade – disse o subeditor numa voz meio constrangida –, eu sei que ele vai ficar ocupado por um bom tempo e ele insistiu para eu te dar a notícia pessoalmente. Sei que ele quer conversar com você, Mattie, mas só amanhã. Você não vai conseguir dobrar ele hoje à noite.

– Não dá pra deixar pra amanhã, pô! Desde quando a gente arrisca perder um furo exclusivo só porque o Grev está com a porra do telefone enfiado no rabo? – Mattie explodiu com todo o seu desdém. – Que tipo de jornal é esse em que a gente se meteu, Johnnie?

Ela podia ouvir o subeditor limpando a garganta, incapaz de encontrar as palavras adequadas.

– Eu sinto muito, Mattie – foi o melhor que ele conseguiu.

– Vai se ferrar, Johnnie! – foi tudo o que ela conseguiu sussurrar pelo telefone antes de enfiá-lo de volta no gancho com toda a força. Ele não merecia, mas ela também não. Ela pegou o telefone uma vez mais para ver se ele ainda estava do outro lado da linha para lhe dizer que tudo aquilo havia sido uma brincadeira estúpida, mas tudo o que ouviu foi o som desinteressante da linha telefônica. – Merda! – ela disparou, batendo o fone no gancho de novo. Um dos funcionários da convenção, na cabine ao lado, lançou-lhe um olhar de paquera. Ela arregalou os olhos para ele. – Merda! – disse de novo, de propósito, só para se certificar de que ele ouviria, e saiu pisando duro pelo saguão em direção ao bar.

O *barman* mal acabava de instalar seu sorriso do outro lado do balcão quando Mattie chegou e bateu sua bolsa e uma nota de 5 libras na frente dele.

– Eu preciso de um drinque! – declarou, ainda com uma raiva tão cega que esbarrou no braço de outro cliente, já encostado no balcão envernizado e claramente na expectativa de ser servido com o primeiro drinque da noite.

– Perdão – ela se desculpou, meio brava, sem soar como se realmente quisesse pedir desculpas.

O outro se virou para encará-la.

– Minha jovem, você diz que precisa de um drinque. Você parece mesmo estar precisando. Meu médico disse que não existe isso de precisar de um drinque, mas o que ele sabe? Você se incomodaria se um velho com idade suficiente para ser seu pai a acompanhasse? A propósito, meu nome é Collingridge, Charles Collingridge. Mas, por favor, me chame de Charlie. Todo mundo me chama de Charlie.

– Bom, Charlie, desde que a gente não fale de política, será um prazer. Vou permitir que meu editor faça a primeira coisa decente do dia de hoje, que é lhe pagar um drinque, e duplo!

18

O mundo de Westminster é movido por ambição, exaustão e álcool. E tesão. Especialmente tesão.

O quarto tinha teto baixo e estava cheio de gente. Mesmo com as janelas todas abertas, a "Alameda das Horas Extras" parecia um terminal de aeroporto do Terceiro Mundo. Como consequência, o champanhe gelado servido pela secretária eleitoral de Urquhart estava muito concorrido. O calor e o álcool punham de lado as formalidades e a ocasião estava a caminho de se tornar uma das recepções mais descontraídas do líder da bancada.

Urquhart, no entanto, não estava em condições de circular e aceitar os agradecimentos de seus convidados. Na verdade, estava encurralado num canto pela enorme figura de Benjamin Landless. O magnata dos jornais de East End suava em bicas e já tirara o paletó e desabotoara o colarinho, exibindo os grossos suspensórios verdes parecendo alças de paraquedas que seguravam suas amplas e ondeantes calças. Landless recusava-se a perceber o desconforto de seu interlocutor, e mantinha toda a sua atenção concentrada em sua presa pega na armadilha.

– Mas tudo isso é pura enrolação, Frankie, e você sabe. Eu coloquei a minha cadeia de jornais todinha apoiando vocês na última eleição. Mudei toda a minha sede mundial para Londres. Investi milhões no país. Na minha maneira de ver, vocês me devem algo. Só que se o Henry não tirar as mãos disso, o maldito circo vai pelo ralo na próxima eleição. E pelo fato de eu ter sido tão bom para vocês, os canalhas da Oposição vão me crucificar quando chegarem ao poder. Então é melhor parar com essa besteira, pelo amor de Deus!

Ele fez uma pausa para tirar um grande lenço de seda das dobras de sua calça e enxugar a testa, enquanto Urquhart continuava a provocá-lo.

– Sim, mas com certeza a coisa não está tão ruim assim, Ben. Todo governo passa por maus pedaços. A gente passou por tudo isso antes. Vamos sair dessa.

– Bobagem! Isso é uma baboseira complacente e você sabe disso, Frankie. Você não viu sua última pesquisa de opinião? Eles me passaram por telefone agora no começo da tarde. Hemorragicamente catastrófica! Se vocês fizessem a eleição hoje, iriam para a lata do lixo. Seriam arrasados!

Urquhart sentiu uma onda de satisfação ao imaginar a manchete do *Chronicle* na manhã seguinte, mas não podia se dar o luxo de demonstrar isso.

– Inferno! Mas como você ficou sabendo? Isso sem dúvida vai nos prejudicar muito na eleição complementar de amanhã.

– Não precisa borrar as calças, Frankie. Eu já disse ao Preston para abafar isso. Vai vazar, é claro, não tem outro jeito, mas vai ser depois da eleição complementar. – Ele pôs o polegar no próprio peito. – Eu evitei que a convenção do partido virasse uma jaula de urso. – Deu um suspiro profundo. – É mais do que vocês merecem.

– Sei que o Henry vai lhe agradecer muito, Ben – disse Urquhart, sentindo uma decepção mortal.

– É claro que vai – grunhiu Landless, com seu indicador apontando para o peito de Urquhart –, mas a gratidão do primeiro-ministro mais impopular desde que Jesus Cristo foi crucificado não é algo que se possa colocar no banco.

– O que você quer dizer?

– Acorda, Frankie. Popularidade política é grana. Enquanto vocês todos estão no poder, eu tenho de ser capaz de levar adiante meu negócio e fazer o que sei fazer melhor: ganhar dinheiro. Foi por isso que apoiei vocês. Mas assim que o seu navio começa a fazer água, todo mundo entra em pânico. A Bolsa cai. As pessoas param de querer investir. Os sindicatos ficam fazendo barulho. Eu fico sem conseguir enxergar adiante. E é isso o que está acontecendo desde junho. O primeiro-ministro não seria capaz de organizar nem um concurso de Miss Bumbum nesse momento. Se beijasse um bebê, seria processado por agressão. Ele está acabando com o partido, e levando meu negócio junto. A não ser que você tome alguma providência a respeito, vamos todos ser engolidos por um buraco de proporções homéricas.

– Você realmente acha isso?

Landless fez uma pausa, só para fazer Urquhart entender que não era o champanhe falando mais alto.

– Tenho certeza – rosnou ele.

– Então parece que temos um problema.

– Temos, sem dúvida.

– O que você gostaria que a gente fizesse, Ben?

– Frankie, se meus acionistas me vissem fodendo as coisas desse jeito, eu não duraria até a hora do almoço. Já estaria fora.

– Você quer dizer que…?

– Com certeza. Livrem-se dele. Tchau e bênção!

Urquhart ergueu bem as sobrancelhas, mas Landless era do tipo de homem que, depois que montava num cavalo e saía galopando, não tinha mais quem o segurasse.

– Frankie, a vida é curta demais para ser gasta dando força a um fracassado. Eu não passei os últimos vinte anos da minha vida trabalhando feito louco para ver o seu chefe cagar em cima de tudo.

Urquhart viu seu braço sendo agarrado dolorosamente pelos dedos

imensos de seu convidado. Havia uma força real por trás da cintura imensa daquele homem, e Urquhart começou a entender por que Landless sempre parecia conseguir o que queria. Aqueles que não conseguia dominar com sua riqueza ou vigor comercial, ele capturava com sua força física e chicoteava com sua língua afiada. Urquhart sempre odiara ser chamado de Frankie e aquele era o único homem no mundo que insistia em chamá-lo daquela maneira. Mas ele não iria fazer objeção justo naquela noite, não depois de tantas outras. Ele adorava a perspectiva de que iria perder aquela discussão.

Landless chegou mais perto, com ar conspirador, encurralando Urquhart cada vez mais num canto.

– Vou lhe dar um exemplo em confiança. Certo, Frankie? – Olhou em volta para se certificar de que ninguém estivesse ouvindo. – Um passarinho me contou que não vai demorar muito para a United Newspapers ser colocada à venda. Se isso for verdade, eu quero comprá-la. Na verdade, já tive algumas conversas a sério com eles. Mas esses advogados bichinhas estão me dizendo que eu já tenho um grupo de jornais, e que o Governo não vai permitir que eu compre outro. Eu respondi o seguinte: vocês estão me dizendo que eu não posso me tornar o maior dono de jornais do país, mesmo que esteja dando todas as manchetes em apoio ao Governo! – O suor escorria pelo seu rosto, mas ele ignorava isso. – Sabe o que eles responderam, Frankie? Sabe o que os miolos-moles me disseram? Que é justamente o fato de eu *estar* apoiando o Governo que cria o problema. Se eu der uma simples piscadela para a United a Oposição já vai ficar emputecida. Vai espalhar merda para todo lado. E ninguém teria peito de sair em minha defesa, pelo que eles disseram. A aquisição seria notificada à Comissão de Monopólios e Fusões, ficaria empacada meses e meses com uma manada de advogados caríssimos enfiados em alguma maldita sala de comissão, e eu tendo que ouvir um bando de bichas enrustidas me dando lições sobre como conduzir meus negócios. E você sabe o que me deixa mais puto da vida, Frankie?

Urquhart piscou. Visto bem de perto, o homem era verdadeiramente assustador.

– Não tenho ideia, Ben. Me conte, por favor.

– O que mais me deixa puto da vida – espetando com o dedo de novo – é que não importa quais sejam os meus argumentos, não importa o que eu diga, no final, o Governo vai se recusar a deixar o negócio ir adiante. Por quê? Porque eles não têm colhões para brigar. – Ele assoprou fumaça de charuto no rosto de Urquhart. – E porque o seu Governo não tem colhões, meu pau vai passar o maior aperto. Como se não bastasse eles foderem com o próprio negócio, eles acabam fodendo com o meu também!

Só nessa hora Landless retirou seu dedo do peito do anfitrião. Ficara um tempão cutucando dolorosamente; Urquhart tinha certeza de que na

manhã seguinte iria encontrar uma marca roxa ali. Suas palavras vieram pausadamente.

– Ben, você tem sido um grande amigo do partido. Eu, pelo menos, aprecio muito o que você tem feito. Seria imperdoável se a gente não fosse capaz de retribuir essa amizade. Não posso falar pelo primeiro-ministro, e na verdade me sinto cada vez menos capaz de falar em nome dele a respeito de qualquer coisa hoje em dia, mas eu faria o que fosse possível para apoiá-lo quando você precisasse.

Landless assentia.

– É bom saber disso, Frankie. Gosto de ouvir você dizer isso, gosto muito. Se pelo menos o Henry fosse tão decidido assim.

– Receio que não seja da natureza dele. Mas sei que ele ficará imensamente grato.

– Pelo quê?

– Por essa pesquisa de opinião ter sido barrada. Eu nem consigo imaginar o prejuízo que teria lhe causado se viesse a público. Teria transformado a convenção toda numa briga de foices.

– Sim. Teria. Ou não?

– Veja bem, há também aqueles que acreditam que o progresso nunca ocorre sem algum pequeno desconforto.

As rugas de frustração que vinham cobrindo a testa de Landless agora davam lugar a um semblante risonho. Sua pele estava notadamente rosada e macia, seu rosto com um sorriso largo e malicioso.

– Eu acho que captei o que você quis dizer, Frankie.

– Como assim, Ben?

– Hah! Acho que nós entendemos bem um ao outro, você e eu.

– Sim, Ben, acho que sim.

Landless apertou o braço do líder da bancada uma vez mais, porém com suavidade agora, em gratidão. Então olhou para seu relógio.

– Não acredito, já é tudo isso? Tenho trabalho a fazer, Frankie. A primeira edição vai fechar em menos de meia hora. Preciso dar um telefonema. – Pegou seu paletó e o dobrou em cima do braço. – Obrigado pela festa. Foi divertido. Não vou esquecê-la, Frankie.

Urquhart observou o empresário, com a camisa molhada grudando nas costas largas, abrindo caminho na sala lotada e sumindo pela porta.

* * *

Do outro lado da sala, escondido atrás do aglomerado de corpos, Roger O'Neill estava aconchegado num pequeno sofá com uma jovem e atraente

participante da convenção. Estava num estado de excitação considerável. Seus dedos não paravam um minuto, os olhos dançavam para lá e para cá, as palavras saíam de sua boca a mil por hora. A jovem de Rotherham já havia ficado impressionada com os nomes que O'Neill havia citado e com os segredos que ele compartilhara. Uma espectadora inocente numa conversa de mão única.

– O primeiro-ministro está sob constante vigilância de nossos homens da segurança, é claro. Há sempre alguma ameaça. Irlandeses, árabes, militantes negros. Eles também estão atrás de mim. Vêm tentando há meses. Os rapazes do Corpo Especial de segurança insistiram em me dar proteção durante a eleição toda. Encontraram nossos nomes numa lista de alvos, o do Henry e o meu. Então decidiram me dar proteção 24 horas por dia. Não é de conhecimento público, é claro, mas os mais antenados sabem. – Ele tragou furiosamente um cigarro e começou a tossir. Tirou do bolso um lenço imundo e assoou o nariz bem alto, inspecionando o resultado antes de enfiá-lo de volta no bolso.

– Mas por que você, Roger? – sua jovem companheira arriscou perguntar.

– Alvo fácil. Acesso simples. Boa publicidade – tagarelou. – Se eles não conseguem chegar ao primeiro-ministro, então vão atrás de alguém como eu. – Olhou em volta, apreensivo, seus olhos irrequietos. – Você é capaz de manter sigilo? Um segredo importante? – Deu outra tragada profunda. – Hoje de manhã descobri que meu carro havia sido mexido. Os rapazes do Esquadrão de Bombas foram lá ver, passaram um pente-fino. Descobriram que os parafusos de uma das rodas dianteiras haviam sido afrouxados. Aí, eu vou direto para casa pela estrada, a roda sai do eixo a 130 por hora e… mais trabalho para o pessoal de limpeza da pista! Eles acham que foi proposital. O Esquadrão de Homicídios está a caminho nesse momento para me fazer umas perguntas.

– Roger, isso é terrível – ela comentou com espanto.

– Não comente com ninguém. A divisão especial antiterrorista não quer deixá-los de sobreaviso, querem ter a chance de pegá-los desprevenidos.

– Eu não imaginava que você fosse tão próximo assim do primeiro-ministro – disse a moça, cada vez mais impressionada. – Que hora mais terrível para… – De repente, ofegou. – Você está bem, Roger? Parece muito alterado. Seus… seus olhos… – gaguejou.

Os olhos de O'Neill reviravam loucamente no ritmo das alucinações apavorantes que tomavam conta de seu cérebro. Sua atenção parecia ter se desviado para algum outro lugar; não estava mais lá, com a jovem, mas em algum outro mundo, em alguma outra conversa. Seus olhos oscilaram de volta para olhá-la, mas no instante seguinte já não continuavam mais nela. Estavam injetados de sangue e úmidos, sem foco, e seu nariz pingava como o

de um idoso no inverno; limpou-o superficialmente e sem sucesso com as costas da mão. Enquanto ela o observava, seu rosto ganhou um tom cinzento, seu corpo começou a ter pequenas convulsões e ele ficou em pé de repente. Parecia aterrorizado, como se as paredes estivessem caindo em cima dele.

Ela olhou sem ação, sem saber o que ele precisava, embaraçada demais, não querendo fazer uma cena na frente de todo mundo. Tentou pegar o braço dele e lhe dar algum apoio, mas, quando fez isso, ele se virou de repente e perdeu o equilíbrio. Tentou se segurar nela, agarrou-lhe a blusa e dois botões pularam fora.

– Sai da minha frente, sai da minha frente – ele resmungou.

Empurrou-a para trás com violência, ela tropeçou numa mesa cheia de copos e depois caiu estendida de volta no sofá. O barulho do vidro no chão interrompeu a conversa de todo mundo, pois todos na sala se viraram para ver o que estava acontecendo. A blusa dela perdera mais botões e o seio esquerdo saltou do sutiã.

Houve absoluto silêncio enquanto O'Neill seguia aos tropicões em direção à porta, empurrando ainda mais gente, até desaparecer na noite, e deixando atrás dele uma sala cheia de rostos chocados e uma jovem segurando sua roupa rasgada e tentando controlar as lágrimas de humilhação. Uma mulher mais velha começou a ajudá-la a se recompor e a conduziu até o banheiro. Assim que a porta do banheiro se fechou atrás das duas, a sala foi logo inundada de especulações, e rapidamente virou um mar de fofocas que iriam manter as pessoas envolvidas e entretidas a noite inteira.

Penny Guy não aderiu às fofocas. Um momento antes, ela estava rindo, toda feliz, curtindo muito o humor envolvente e o charme de Merseyside de Patrick Woolton. Urquhart havia feito as apresentações há mais de uma hora e procurado garantir que o champanhe corresse tão fácil quanto a conversa. Mas o momento de magia se dissolveu naquela confusão e o sorriso de Penny murchou, sendo substituído por uma expressão de terrível infelicidade. Ela tentou lutar contra as lágrimas, mas perdeu a batalha, e elas rolaram pelo seu rosto e pareciam não querer parar mais, apesar do apoio e do grande lenço branco que Woolton providenciara. A sua dor era real demais.

– Ele é um cara bom, brilhante naquilo que faz – explicava ela. – Mas, às vezes, as coisas parecem ser demais para ele, e então ele enlouquece um pouco. É tão fora do habitual, isso. – E conforme ela tentava defendê-lo, as lágrimas corriam com mais intensidade ainda.

– Penny. Não fique assim, minha querida. Olhe, você precisa sair desse lugar horrível. Meu chalé fica aqui do lado. O que você acha se a gente for lá para você se secar… Vamos?

Ela sabia no que ia dar. Mas isso já não parecia mais importar muito.

Concordou agradecida e o casal foi abrindo caminho na multidão. Ninguém pareceu notar os dois saindo à francesa da sala. Exceto Urquhart. Seus olhos acompanharam os dois até saírem pela mesma porta por onde Landless e O'Neill haviam saído pouco antes. Sentiu-se profundamente satisfeito. Aquela estava virando uma festa para ficar na memória.

19

Em geral, os candidatos de uma eleição complementar são pouco mais do que uma exigência legal, necessários apenas para que o vencedor sinta que fez algo que valeu a pena. O que raramente é o caso.

QUINTA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO

– Ouça, você não pretende agora tornar habitual me tirar da cama toda manhã, não é? – Mesmo pelo telefone, Preston deixou claro que aquilo era mais uma instrução do que uma pergunta.

Mattie sentia-se pior ainda do que na manhã anterior, depois de várias horas de flagelação alcoólica com Charles Collingridge. Estava tendo considerável dificuldade em captar as sutilezas do que estava acontecendo.

– Que inferno, Grev. Eu fui dormir achando que estava com vontade de te matar por você não publicar a notícia da pesquisa de opinião. Aí eu acordo e descubro uma versão abastardada dela bem na primeira página, assinado "Nossa Equipe de Política". Agora eu não estou mais *achando* que quero te matar, agora eu *tenho certeza* de que quero te matar. Mas primeiro eu queria descobrir por que você tá fodendo com a minha história. Por que mudou de ideia? Quem foi que reescreveu meu texto? E quem diabos é esse "Nossa Equipe Política" se não sou eu?

– Calma, Mattie. Respira, senão vai arrebentar seu espartilho.

– Eu não uso espartilho, Grev!

– Com certeza não estava usando nada ontem à noite, não é? Estava fazendo o quê, piscando os cílios e paquerando algum bonitão ou queimando seu sutiã em algum evento feminista? Mas que nada. Tentei ligar. Ninguém atendia. Se pelo menos estivesse circulando por aí, teria ouvido tudo a respeito.

Mattie começou a relembrar os eventos da noite anterior. Era preciso um esforço considerável, atravessar uma névoa densa. Sua dispersão deu tempo a Preston para continuar.

– Como eu imagino que o Krajewski deve ter lhe contado, parte da equipe editorial aqui não acreditava que houvesse base suficiente no seu artigo para ser publicado hoje.

Ele ouviu Mattie bufar de indignação.

– Vou ser franco com você, eu gostei do texto, desde o início – ele acrescentou, tentando soar como se estivesse realmente sendo sincero. – Eu

quis aproveitá-lo, mas era preciso ter maior confirmação antes de a gente destroçar o primeiro-ministro do país bem no dia de uma importante eleição complementar. Um único pedaço de papel anônimo não era suficiente.

– Eu não destrocei o primeiro-ministro, foi você que fez isso! – Mattie tentou interpor argumentos, mas Preston já se adiantara.

– Então eu tive uma conversa com alguns dos meus altos contatos no partido, e à noite conseguimos as evidências de que precisávamos. Pouco antes do fechamento da edição.

– Mas e meu texto?

– Seu texto precisava ser adaptado, a história estava mudando. Eu tentei localizar você, mas não consegui; reescrevi eu mesmo. Não quis que ninguém mais pusesse a mão, a história é boa demais. Quer dizer, o "Nossa Equipe de Política", no caso, sou eu.

– Eu escrevi um texto sobre uma pesquisa de opinião. Você o transformou na crucificação do Collingridge. Essas citações de "altos contatos no partido", críticas e condenações. Quem mais você tem trabalhando em Bournemouth além de mim?

– Minhas fontes são apenas da minha conta, Mattie, você deveria saber disso.

– Não fala merda, Grev. Eu sou sua correspondente política nessa porra de convenção, você não pode me manter no escuro desse jeito. O jornal produziu uma reviravolta completa no meu texto e causou uma reviravolta na vida do Collingridge. Há algumas semanas, o sol brilhava para o cara e agora ele é… como é que você escreveu?… "uma catástrofe que ameaça afundar o Governo a qualquer momento". Meu conceito por aqui hoje de manhã deve estar abaixo de zero. Você tem de me contar o que está acontecendo!

Preston tentara. Oferecera uma explicação – que não era verdadeira, mas e daí? Agora tinha decidido que era hora de mostrar quem mandava.

– Eu vou dizer o que tá acontecendo. Um furo exclusivo brilhante, é isso que tá acontecendo. E você pode ter sido deixada de fora, Mattie, mas eu sou o editor deste jornal, o que significa que eu não tenho de passar o dia dando justificativas a cada repórter novato perdido pelo interior. Você faz o que te mandam fazer, eu faço o que me mandam, e nós dois mantemos nossos empregos. Certo?

– Então me conte quem lhe diz o que fazer, Grev. – perguntou Mattie. Mas a única resposta que conseguiu foi o sinal de discagem. O telefone ficou mudo. Ela esmurrou o braço da poltrona de frustração. Não conseguiria, não iria mais tolerar aquilo. Ficara imaginando que novas portas estavam se abrindo para ela; em vez disso, seu editor continuava a lhe bater a porta na cara e ainda lhe prendia os dedos nela. Não fazia sentido.

E continuava não fazendo sentido uns bons trinta minutos mais tarde, quando ela tentava clarear suas ideias com mais uma xícara de café na sala do café da manhã. Sentiu alívio ao ver que não havia sinal de Kevin Spence por ali. Uma pilha de jornais matutinos descansava no chão ao lado da sua cadeira, e ela tinha de admitir que Preston estava certo – era uma ótima notícia exclusiva, a melhor primeira página daquele lote. Dados excelentes, citações entre aspas excelentes. Bom demais para Greville Preston ter sido o autor, trabalhando de Londres por telefone. Enquanto fazia força para tirar aquela charada da sua cabeça, ela sentiu uma sombra se estendendo pela sala, então ergueu o olhar e viu a imensa figura de Benjamin Landless se arrastando em direção a uma mesa junto à janela para um papo com Lorde Peterson, o tesoureiro do partido. O empresário acomodou seu amplo traseiro numa cadeira completamente inadequada e se inclinou para frente o máximo que sua pança lhe permitia. Sorriu para Peterson, apertou-lhe a mão, ignorou Mattie totalmente. De repente, ela pensou que as coisas estavam começando a fazer um pouco mais de sentido.

* * *

O secretário político do primeiro-ministro fez cara feia. Pela terceira vez, o assessor de imprensa fazia deslizar o jornal da manhã pela mesa até ele, e pela terceira vez ele o empurrava de volta. Naquele momento, soube como São Pedro deve ter se sentido.

– Pelo amor de Deus, Grahame – o assessor de imprensa disparou, elevando o tom de voz –, não dá para a gente ficar escondendo cada exemplar do *Chronicle* que aparecer em Bournemouth. Ele precisa saber, e você tem de mostrar para ele. Agora!

– E por que precisa ser hoje? – o secretário político suspirou. – Temos uma eleição complementar pela frente e ficamos a noite inteira terminando o discurso dele para amanhã. Agora ele vai querer reescrever a coisa toda, e onde é que vamos arrumar tempo para isso? Ele vai ficar puto da vida. – Fechou sua valise com raiva, num gesto de frustração pouco característico dele. – Toda a pressão das últimas semanas, e agora isso. A gente não tem um momento de paz, né?

Seu colega preferiu não responder, ficou apreciando a vista ao longo da baía pela janela do hotel. Chovia de novo.

O secretário político pegou o jornal e o enrolou bem apertado, depois o atirou voando pela sala. O periódico fez um pouso forçado no cesto de lixo, que caiu e espalhou pelo tapete seu conteúdo: as páginas descartadas do rascunho do discurso, misturadas com cinzas de cigarro e várias latinhas

vazias de cerveja e de suco de tomate.

– Deixa o cara tomar o café da manhã sossegado, pô. Depois eu conto para ele – disse.

Não foi uma boa decisão.

* * *

Henry Collingridge comia seus ovos com gosto. De madrugada, terminara de redigir o discurso que faria na convenção e o deixara com sua equipe para os retoques finais e a digitação, indo para a cama em seguida. Embora por poucas horas, dormiu bem pela primeira vez nas últimas semanas.

O discurso de encerramento da convenção sempre pairava na sua cabeça como uma nuvem escura. Ele não gostava de convenções nem de toda aquela conversa-fiada, de passar a semana longe de casa, daquela comilança toda nos jantares – e do discurso. Principalmente do discurso. Eram longas horas de discussões angustiantes numa sala de hotel cheia de fumaça, parando apenas quando algum progresso parecia à vista, para então comparecer a alguma tediosa cerimônia ou recepção e depois reiniciar as coisas bem mais tarde, tentando retomá-las do ponto em que haviam sido deixadas, só que bem mais cansados e menos inspirados. Se o discurso fosse bem aceito, seria apenas o que se esperava e se exigia. Se não funcionasse, iriam aplaudir do mesmo jeito, mas sairiam comentando que o estresse do cargo estava começando a ficar evidente. A Lei de Murphy.

De qualquer modo, estava quase acabando, faltava só pronunciá-lo em público. O primeiro-ministro estava tranquilo, a ponto de sugerir um passeio pelo calçadão com a esposa antes do café da manhã para tirar as teias de aranha – dane-se se chovesse um pouquinho de vez em quando. Sua escolta o seguia alguns passos atrás. Conforme caminhavam, Collingridge comparava as vantagens de tirar férias de inverno em Antígua ou no Sri Lanka.

– Acho que este ano vamos para o Sri Lanka – disse. – Você, Sarah, pode ficar na praia, se quiser, mas eu preferiria fazer umas duas viagens pelas montanhas. Eles têm alguns mosteiros budistas antigos lá, e as reservas naturais parece que são espetaculares. O presidente do Sri Lanka estava me falando a respeito no ano passado e me pareceu realmente… Querida, você não está me ouvindo!

– Desculpe, Henry. Eu estava… dando uma olhadinha no jornal daquele senhor. – Ela apontou com gesto de cabeça para um homem, um participante da convenção, que se esforçava para manter o jornal aberto na brisa do mar.

– Mais interessante do que eu, pelo jeito?

Mas seu humor brincalhão se perdeu no vento quando ele começou a se

sentir pouco à vontade, lembrando que ninguém lhe dera ainda seu *clipping* diário dos jornais. Alguém com certeza o teria avisado se houvesse algo muito importante, mas… Alguns meses antes, ele cometera um erro quando sua equipe o persuadiu de que não precisava gastar tempo lendo os jornais diários, que um resumo editado seria mais eficiente. Mas funcionários públicos têm sua própria visão, estreita, sobre o que é importante para o dia do primeiro-ministro, e cada vez mais ele achava que os resumos fornecidos tinham lacunas, particularmente no que se referia a questões políticas, e mais ainda quando havia más notícias. Tentavam protegê-lo, é claro, mas ele sempre receara que o casulo que estendiam em volta dele acabaria por asfixiá-lo.

Lembrou-se da primeira vez que pusera os pés no número 10 da Downing Street como primeiro-ministro, depois do trajeto de carro voltando do palácio. Havia deixado a multidão e as equipes de televisão do lado de fora e, conforme a grande porta preta se fechou atrás dele, contemplou uma visão extraordinária. De um dos lados do grande saguão do lado de fora da porta, estavam reunidos cerca de duzentos funcionários, que o aplaudiam com entusiasmo – como haviam feito com Thatcher, Callaghan, Wilson e Heath, e como iriam fazer com seu sucessor. Do outro lado do saguão, de frente para o séquito de funcionários, estava sua equipe política, o time de leais apoiadores que ele rapidamente reunira à sua volta assim que sua campanha à sucessão de Margaret Thatcher começara a decolar, e que ele convidara a comparecer à Downing Street para desfrutar daquele momento histórico. Havia apenas sete deles, apequenados naquele seu novo ambiente. Uma batalha absolutamente desigual. Nos seis meses seguintes, veria poucas vezes seus conselheiros do partido, já que eles haviam sido efetivamente enxotados pela máquina oficial, e não restara mais ninguém do grupo original. Não, não era uma boa ideia confiar tão cegamente em funcionários oficiais, ele concluíra. Decidira então acabar com os resumos da imprensa e voltar a ler os jornais reais, mas ainda não voltara a fazê-lo. Na semana seguinte, com certeza.

Sua atenção voltou para o jornal que estava sendo sacudido por seu dono para voltar à forma. Estava a vários metros, e a essa distância ele tinha grande dificuldade em focalizá-lo bem. Tentou não arregalar demais os olhos. Devagar as palavras entraram em algum tipo de foco.

“CRISE DA PESQUISA ATINGE O GOVERNO”, gritava a manchete.

Ele andou mais cinco passos e arrancou o jornal das mãos do homem, que ficou muito assustado.

“FUTURO DO PRIMEIRO-MINISTRO EM DÚVIDA: SUA QUEDA PESSOAL AFETA O PARTIDO”, ele leu. “TEME-SE O FRACASSO NA ELEIÇÃO COMPLEMENTAR.”

– Henry! – gritou alarmada sua mulher.

– Ma-mas que negócio é esse de… – balbuciou o homem, mas suas palavras congelaram quando ele reconheceu seu agressor.

– O senhor está bem, primeiro-ministro? – perguntou um dos seguranças, interpondo seu corpo entre os dois por precaução.

Collingridge abaixou a cabeça.

– Desculpe, não tive a intenção… Sinto muito – ele gaguejou suas desculpas.

– Não, primeiro-ministro, eu é que sinto muito – disse o homem, recompondo-se. – O senhor não merece isso.

– Não, não mereço… mereço? – emendou Collingridge, antes de se virar e voltar para o hotel a passos decididos.

* * *

Não melhorou nada o humor do primeiro-ministro o fato de ele ter que resgatar o exemplar do *Chronicle* dentre as cinzas de cigarro do cesto de papéis.

– Eu fiquei sabendo por um estranho, Grahame. Será que, de vez em quando, eu poderia não ser o último a saber?

– Sinto muito, primeiro-ministro. Íamos informá-lo assim que o senhor terminasse o café da manhã – veio a resposta tímida.

– Acha que me sobrou algum apetite depois disso? Olha esse lixo! Já não basta, Grahame, já não basta o maldito…

Ele parou. Havia chegado ao ponto da reportagem do *Chronicle* em que a descrição dos fatos era superada pelas especulações e pelo sensacionalismo.

> Esta recente queda revelada nas pesquisas privadas do partido promete colocar muita pressão sobre o primeiro-ministro. Ele fará seu discurso da convenção amanhã em Bournemouth, que será encarado como mais importante ainda, talvez até decisivo. Rumores sobre o estilo e a eficácia da liderança de Collingridge vêm crescendo desde a eleição, quando seu desempenho desapontou muitos de seus colegas. Essas dúvidas com certeza serão fortalecidas pela última pesquisa, que lhe confere o índice mais baixo de popularidade que qualquer primeiro-ministro já obteve desde que esses levantamentos foram iniciados há quase quarenta anos.

– Que merda – Collingridge murmurou baixinho enquanto lia.

> Na última noite, um destacado ministro comentou: “Há falta de

pulso ao redor da mesa do gabinete e na Câmara dos Comuns. O partido está irrequieto. Nossa posição, basicamente excelente, está sendo minada pela falta de apelo de nosso líder". Visões ainda mais duras estavam sendo manifestadas em algumas áreas do governo. Altas fontes do partido especulavam que se estava caminhando rapidamente para um impasse. "Precisamos decidir entre um novo início ou então deslizar lentamente para o declínio e a derrota", disse outra fonte importante. "Já tivemos reveses desnecessários em excesso desde a eleição. Não podemos nos permitir outros." Segundo uma visão menos drástica, Collingridge seria como "uma catástrofe que ameaça afundar o Governo a qualquer momento".

– Merda! – Collingridge exclamou, bem alto, dispensando a precaução de falar baixinho.

A eleição complementar de hoje em Dorset East, que vinha sendo considerada como uma cadeira segura do Governo, está agora sendo vista como crucial para o futuro do primeiro-ministro.

* * *

Um homem pode passar metade da sua vida no alto da hierarquia política aprendendo a lidar com seu medo de altura, mas às vezes ele fica mais zonzo e as coisas todas podem se revelar excessivas para ele.

– Descubra quem é o rato de esgoto por trás disso, Grahame! – rosnou Collingridge, esganando o jornal entre as mãos como se fosse um frango. – Quero saber quem escreveu isso. Quem foi que falou com eles. Quem vazou a pesquisa. E amanhã no café da manhã, eu quero as bolas deles todos torradas!

– Devo ligar para Lorde Williams? – sugeriu o secretário político.

– Williams! – explodiu Collingridge. – Mas se foi a porra da pesquisa dele que vazou! Eu não quero desculpas, quero respostas. Vá atrás do líder da bancada. Localize-o e, não importa o que ele estiver fazendo, traga-o aqui. Imediatamente.

O secretário juntou toda sua coragem para saltar o obstáculo seguinte.

– Antes que ele venha, primeiro-ministro, posso sugerir que a gente dê uma outra olhada no seu discurso? O senhor pode querer mudar algumas coisas… em função das notícias publicadas hoje… e não temos muito tempo…

– O discurso fica como está. Não vamos mudar uma palavra. Não vou

jogar fora um discurso perfeitamente bom só porque esses dementes da imprensa saíram por aí espalhando merda. Portanto, localize o Urquhart. Agora mesmo!

* * *

Quando o telefone tocou para Urquhart, que estava tranquilo em seu chalé, não era o primeiro-ministro, mas o secretário do Exterior do outro lado da linha. Para o alívio de Urquhart, Woolton estava dando risadinhas.

– Francis, você é completamente desligado!

– Meu caro Patrick, eu não sei…

– Eu vou precisar colocar mais água no seu uísque da próxima vez. Você saiu do meu quarto com uma das minhas caixas vermelhas ontem, e deixou a sua aqui. Eu fiquei com os seus sanduíches e você com uma cópia dos mais recentes planos secretos para invadir Papua Nova Guiné ou seja lá qual for a bobagem que eles querem que eu assine esta semana. Sugiro que a gente faça a troca antes que eu seja preso por perder documentos confidenciais do governo. Estarei aí em 20 segundos.

Logo Urquhart estava com um sorriso achando um jeito de se desculpar com seu colega de ministério, mas Woolton não fez caso.

– Tudo bem, Francis. A verdade é que eu não teria conseguido ler esse monte de coisas mesmo, não ontem à noite. Sabe, eu preciso é lhe agradecer. Acabou sendo uma noite excepcionalmente estimulante.

– Fico contente por você, Patrick. Essas convenções podem ser bem divertidas às vezes.

No entanto, assim que Woolton saiu, ainda dando risadas, o humor de Urquhart mudou. Ele ficou sério, e sua testa franziu de preocupação enquanto trancava a porta por dentro, testando a maçaneta para ter certeza de que estava fechada. Sem perda de tempo, desceu as persianas para cobrir as janelas e, só quando teve certeza de que não havia a menor chance de ser observado, colocou a caixa vermelha com cuidado em cima da mesa. Examinou-a detidamente procurando eventuais sinais de que tivesse sido manipulada, e depois ficou procurando a chave num molho grande que tirou do bolso e a enfiou devagar na fechadura. Ao abrir a tampa, não havia nem papéis nem sanduíches, mas um bloco de isopor que preenchia todo o interior da caixa. Tirou o isopor e o pôs de lado, depois virou a caixa. Com delicadeza, soltou um canto do couro vermelho e puxou uma tira dele até revelar uma pequena cavidade aberta na parede da caixa. O esconderijo não media mais do que 5 centímetros quadrados, e aninhado no meio dele havia um radiotransmissor completo, com sua própria bateria Mercury miniaturizada,

cortesia de seu fabricante japonês.

O gerente da loja de artigos de segurança perto da Tottenham Court Road, que ele visitara duas semanas atrás, ostentara uma expressão de total indiferença quando Urquhart explicou sua necessidade de checar um empregado desonesto. “Acontece”, foi tudo que disse. Ele mostrou um entusiasmo bem maior ao descrever todas as possibilidades do equipamento que ele estava fornecendo. Aquele era um dos transmissores mais simples e no entanto mais sensíveis do mercado, explicou, e garantiu que era capaz de captar praticamente qualquer som não obstruído dentro de um raio de 50 metros e reenviá-lo a um receptor feito sob encomenda e ao gravador de fita ativado por voz. “É só se certificar de que o microfone esteja apontado na direção da fonte e eu garanto que vai soar como uma sinfonia de Mahler.”

Urquhart foi até seu *closet* e tirou de lá outra caixa vermelha ministerial. Dentro, aninhado em outra proteção de isopor, havia um rádio FM portátil modificado com um gravador cassete embutido sintonizado na frequência do transmissor. Urquhart notou com satisfação que a fita de longa duração que havia instalado estava quase toda usada. Portanto, tinha havido bastante barulho para ativar o gravador.

– Acho que não é simplesmente porque você ronca, Patrick – Urquhart fez a piada para si mesmo. Em seguida, o equipamento deu mais um clique, começou a funcionar, rodou uns 10 segundos e parou.

Ele pressionou o botão *rewind* e estava observando os dois carretéis gêmeos girando quando o telefone tocou de novo, convocando-o à presença do primeiro-ministro. Com urgência. Outra lição sobre sondagem.

– Não importa – ele disse, passando os dedos nas duas caixas de couro vermelho –, me esperem que eu já volto.

Estava rindo quando saiu pela porta.

Alguns políticos encaram um alto cargo como um marinheiro encara o mar, isto é, como uma grande aventura, cheia de imprevistos e de emoções. Eles o veem como um caminho para seu destino. Eu o vejo como algo em que provavelmente irão se afogar.

SÁBADO, 16 DE OUTUBRO

Não foi só o *Chronicle* que, no dia seguinte ao discurso do primeiro-ministro, declarou que havia sido um desastre. Quase todos os outros jornais fizeram o mesmo, assim como vários *backbenchers* e o líder da oposição.

Quando a notícia estourou na convenção, nas primeiras horas da manhã de sexta-feira, a derrota na eleição complementar de Dorset East havia deixado os fiéis do partido estupefatos a princípio, mas o sentimento havia se dissipado por volta do café da manhã. Enquanto comiam sua granola ou o café da manhã inglês, começaram a expor sua frustração, e só podia haver um alvo. Henry Collingridge.

Por volta da hora do almoço, os correspondentes políticos em Bournemouth pareciam ter sido submergidos por altos funcionários do partido, anônimos, cada um alegando ter advertido o primeiro-ministro a não realizar eleições complementares na semana da convenção e que agora absolviam a si mesmos da responsabilidade pela derrota. Por sua vez, e em desespero, o escritório do primeiro-ministro revidou – extraoficialmente, é claro. Eles diziam que a culpa era da sede do partido, cujo responsável, é claro, era Lorde Williams. A explicação, no entanto, geralmente caía em ouvidos moucos. O instinto de bando prevaleceu.

Como foi colocado por um jornal, tradicional aliado do governo:

> O primeiro-ministro falhou ontem mais uma vez. Ele deveria ter usado seu discurso para dirimir crescentes dúvidas sobre sua liderança, mas um de seus colegas de Gabinete o descreveu como "inepto e inadequado". Após a desastrosa pesquisa de opinião e a humilhante derrota na eleição complementar num dos seus redutos mais seguros, o partido estava à procura de uma análise realista e de uma restauração da confiança. Em vez disso, nas palavras de um representante, "tivemos uma reapresentação requentada de um velho discurso eleitoral".
>
> As críticas a Collingridge tornaram-se mais abertas. Peter Bearstead,

membro do Parlamento de uma cadeira secundária de Leicester North, dissera na noite anterior: “O eleitorado nos deu um alerta severo na eleição. Não parece mais se satisfazer com clichês e com uma complacência asfixiante. Talvez esteja na hora de o primeiro-ministro pensar em renunciar”.

Num prédio de escritórios na margem sul do Tâmisa, o editor do *Weekend Watch*, o principal programa de atualidades, deu uma rápida lida nos jornais e convocou às pressas uma reunião de sua equipe. Vinte minutos depois, o programa planejado para o dia seguinte, sobre extorsões promovidas por proprietários de terras, havia sido engavetado, e todo o segmento de 60 minutos fora remodelado. Bearstead foi convidado a participar, bem como vários institutos de pesquisa de opinião e especialistas. O novo programa foi intitulado “Hora de ir embora?”.

De sua casa nos arborizados subúrbios próximos a Epsom, o gerentegeral dos formadores de mercado da Barclays de Zoete Wedd ligou para dois colegas. Combinaram de estar no escritório bem cedo na segunda-feira. “Toda essa confusão política vai perturbar os mercados. É hora de se livrar de algumas ações antes que os filhos da puta comecem a vendê-las.”

O candidato derrotado na eleição complementar de East Dorset foi contatado pelo *Mail* no domingo. O jornal esperou propositalmente que ele terminasse um almoço no qual afogara suas mágoas. O ânimo do candidato em relação ao líder de seu partido era intenso. “ELE ME CUSTOU MINHA VAGA NO PARLAMENTO. SERÁ QUE ELE SE SENTE SEGURO EM SEU CARGO?” Uma grande manchete.

Em sua magnífica mansão de campo em estilo palladiano em New Forest Hampshire, Urquhart foi contatado por telefone por vários de seus colegas de Gabinete e parlamentares importantes, que expressaram suas preocupações. O presidente do comitê executivo das bases do partido também ligou para ele de Yorkshire com preocupações similares. “Você sabe que eu normalmente passaria isso para o presidente do partido, Francis”, explicou o bonachão de Yorkshire, “mas parece que há uma guerra aberta entre a direção do partido e Downing Street. De repente, até sobra para mim, que estou no meio disso.”

Nesse ínterim, em Chequers, a residência de campo oficial do primeiro-ministro, situada em meio a gramados ondulantes e sob forte esquema de segurança na área rural de Buckinghamshire, Collingridge estava simplesmente sentado, ignorando seus papéis oficiais, e sem inspiração. A avalanche começara a rolar montanha abaixo, e ele não tinha a mais vaga ideia do que fazer para detê-la.

* * *

O golpe seguinte, que se deu mais para o final daquela tarde, pegou quase todos de surpresa. Até mesmo Urquhart. Ele esperava que o *Observer* levasse pelo menos mais umas duas semanas checando a pilha de papéis e fotocópias que ele havia lhes enviado de modo totalmente anônimo. Um pouco de investigação de praxe por meio de seus advogados era o mínimo que ele esperava, mas parece que o *Observer* tinha medo de que algum concorrente estivesse também correndo por fora. "Se a gente não publicar, estamos fodidos; se a gente publicar, também. Então, manda ver!", o editor havia gritado para o pessoal da redação.

Urquhart estava em sua garagem, onde guardava seu Rover Speed Pilot 1933, quando recebeu a ligação. O Rover era um carro que ele usava para dirigir como um doido por aquelas estradinhas de New Forest, "como uma versão humana do Pateta dirigindo", como sua esposa comentava, na certeza de que nenhum policial iria ser mesquinho a ponto de multar um clássico inglês tão bonito, e, de qualquer modo, o delegado-chefe era membro do mesmo clube de golfe. Urquhart estava regulando os carburadores triplos do carro quando Mortima o chamou de dentro da casa.

– Francis! Chequers ao telefone!

Ele pegou a extensão na parede da garagem, limpando as mãos sujas de graxa num pano com cuidado.

– Francis Urquhart, pois não.

– Senhor líder da bancada, um momento, por favor. Estou como o primeiro-ministro na linha – uma voz feminina solicitou.

A voz que veio aos tropicões pelo telefone era quase irreconhecível. Apagada, insegura, exaurida.

– Francis, acho que tenho más notícias para lhe dar. O *Observer* entrou em contato comigo, os filhos da puta. Dizem que vão publicar uma história amanhã. Eu não sei explicar direito, mas eles dizem que o meu irmão Charles tem comprado ações de empresas com base em informações privilegiadas: informações do governo. E que levantou um dinheirão com isso. Eles dizem que têm provas documentais: comprovantes bancários, recibos de corretoras, o diabo. Ele comprou cerca de 50 mil libras em ações da Renox, os caras disseram, dois dias antes de a gente aprovar um novo medicamento deles. Vendeu essas ações um dia depois com um belo lucro. Fez tudo isso usando um endereço falso em Paddington, eles disseram. Essa vai ser a história principal. – Uma pausa, exaurido, como se não tivesse mais energia para continuar. – Francis, todo mundo vai supor que eu passei a informação para ele. O que eu faço?

Urquhart recostou-se confortavelmente no velho assento de couro do

carro antes de responder. Era um assento no qual ele estava habituado a assumir riscos.

– Você comentou alguma coisa com os caras do *Observer*, Henry?

– Não. Não acho que eles estivessem esperando algum comentário meu. Na verdade, estavam tentando encontrar o Charlie.

– Onde ele está?

– Fora de cena, eu espero. Consegui encontrá-lo. Ele… estava bêbado. Eu só disse para ele tirar o telefone do gancho e não atender a porta.

Urquhart agarrou a direção, olhando fixamente para frente. Sentiu-se estranhamente distanciado. Havia dado ignição numa máquina que era muito mais poderosa do que sua capacidade de controlá-la. Ele não tinha mais certeza do que estaria à sua espera ao virar na próxima curva, só sabia que estava acelerando mais do que poderia ser considerado seguro. Não podia mais parar, nem queria. Já era tarde demais para repensar o assunto.

– Onde está o Charlie?

– Na casa dele, em Londres.

– Você precisa mandar alguém lá tomar conta dele. Não dá para confiar nele sozinho, Henry. Olha, eu sei que é difícil para você, mas há uma clínica de recuperação de alcoólatras nos arredores de Dover que o escritório do líder da bancada usou algumas vezes com parlamentares *backbenchers*. Tudo muito confidencial, muito profissional. O doutor Christian, o diretor da clínica, é um cara ótimo. Eu vou ligar para ele e pedir que vá até o Charlie. Acho que você vai ter que arrumar alguém mais da família para estar lá também, caso o Charlie apronte alguma. O que você acha? Sua esposa, Sarah, talvez? A gente precisa se mexer logo, Henry, porque o *Observer* vai estar na rua em poucas horas e a casa do seu irmão vai ser sitiada. A gente precisa sair no braço com esses caras. Com Charlie nessa condição, a gente não sabe o que ele é capaz de dizer ou de fazer.

– Mas, e depois, o que a gente faz? Não posso esconder o Charlie para sempre. Ele vai ter que encarar isso cedo ou tarde, não é?

– Desculpa eu perguntar, Henry, mas ele fez isso mesmo? Esse negócio das ações?

O suspiro que veio pelo telefone foi como ar rançoso escapando de um esquife há muito enterrado.

– Eu não sei. Simplesmente não sei. Mas… – A hesitação tinha cheiro de dúvida e de derrota. – Todos sabem que a gente licenciou um novo medicamento da Renox. Qualquer um que tivesse ações teria lucrado bastante. Mas o Charlie não tinha dinheiro nem para pagar suas contas de água e luz, imagine então para ficar esbanjando com ações. E como é que ele iria ficar sabendo sobre a Renox?

Urquhart respondeu com um tom que não permitia réplica.

– Bom, vamos nos preocupar com isso quando tivermos cuidado dele. Ele precisa de ajuda, quer ele aceite ou não, e a gente precisa arrumar algum espaço onde ele possa respirar. Você e eu, Henry, precisamos cuidar dele. E você, particularmente, Henry, vai ter que ter muita cautela. – Uma pausa curta, para as palavras se sedimentarem. – Você não pode se dar o luxo de errar desta vez.

A concordância cansada de Collingridge foi murmurada ao telefone. Ele não tinha mais vontade nem capacidade de discutir, e acolheu com alegria a autoridade do líder da bancada, ainda que ela acabasse tanto com seu orgulho familiar quanto com a dignidade de seu cargo.

– O que mais eu posso fazer, Francis?

– Nada. Não enquanto a gente não tiver tirado o Charlie de circulação. Vamos manter nossa munição bem guardada. Primeiro, vamos ver o que o *Observer* diz, depois podemos ir à luta. Enquanto isso, não vamos nos manifestar.

– Obrigado, Francis. Por favor, ligue para o doutor Christian então, veja se ele pode ajudar. A Sarah pode chegar à casa do meu irmão em apenas duas horas, se sair agora. Cuide de tudo. Oh… droga!

Urquhart podia ouvir a emoção extravasando na voz do primeiro-ministro.

– Não se preocupe, Henry. Vai dar tudo certo – ele o animou. – Confie em mim.

* * *

De início, Charles Collingridge não fez qualquer objeção quando sua cunhada entrou em seu apartamento usando uma chave reserva. Ela o encontrou roncando numa poltrona, cercado por uma bagunça indicativa de uma tarde de excessos. Passou cinco frustrantes minutos chacoalhando o cunhado na tentativa de acordá-lo, sem muito resultado, até que recorreu a gelo enrolado em um pano de prato. Foi quando ele começou a fazer objeções. Seus protestos foram crescendo quando ele começou a entender o que Sarah estava dizendo, tentando convencê-lo a “sair de lá por alguns dias”, mas o diálogo ficou totalmente incoerente quando ela começou a questioná-lo sobre as ações. Ela não conseguia extrair dele coisa alguma que fizesse sentido, nem convencê-lo a ir com ela.

Foi preciso esperar a chegada do doutor Christian e do vice-líder da bancada, quase uma hora depois, para que a situação tivesse algum progresso. Encheram uma bolsa de mão com alguns pertences pessoais, e os três enfiaram o irmão, que ainda protestava, na parte de trás do carro do doutor Christian, estacionado discretamente atrás do edifício.

Para sorte deles, Charlie havia perdido a coordenação física necessária para poder oferecer alguma resistência. Infelizmente, porém, a questão toda havia consumido tempo, tempo demais, e quando o Ford Granada preto do doutor saiu de trás do edifício para a rua principal, com Sarah e Charles no banco traseiro, a cena toda foi registrada pela câmera de uma equipe de reportagem da ITN que acabava de chegar ao local.

O registro filmado de um Charles em fuga, afundado no banco de trás do carro, acompanhado da angustiada esposa do primeiro-ministro, foi o destaque do noticiário noturno.

21

A lealdade pode ser uma boa notícia, mas raramente é boa conselheira.

DOMINGO, 17 DE OUTUBRO

As cenas do fugitivo Charles Collingridge ainda eram a notícia do momento quando o *Weekend Watch* foi ao ar. O programa fora montado numa correria frenética e havia muita coisa descosturada. A sala de controle cheirava a suor e tabaco rançoso, não houvera tempo para uma repassada adequada e o texto do *teleprompter* para as partes finais ainda estava sendo digitado enquanto o apresentador dava seu boa-noite aos telespectadores.

Não haviam conseguido convencer um único ministro a fazer alguma declaração; quanto mais eles insistiam, mais agressivas eram as recusas. Um dos empolados comentaristas políticos ainda não havia chegado ao estúdio. O técnico de som ainda estava desesperado procurando baterias novas quando o diretor de estúdio fez a contagem regressiva com os dedos, para o programa entrar no ar. Uma pesquisa de opinião de última hora havia sido encomendada para a Gallup e o executivo-chefe da empresa de pesquisas, Gordon Heald, estava apresentando os resultados ele mesmo. Passara a manhã no seu computador e parecia um pouco excitado e vermelho. Não eram só as luzes do estúdio, era o que seus pesquisadores haviam descoberto. Outra queda na popularidade do primeiro-ministro. Sim, uma queda significativa, Heald admitia. Não, não havia sequer um exemplo anterior de primeiro-ministro que tivesse vencido uma eleição depois de ter sofrido uma baixa tão grande de popularidade.

Os prognósticos sombrios eram corroborados por dois jornalistas políticos veteranos e tornados ainda mais infernais por um economista, que previa tumulto nos mercados financeiros nos dias seguintes. Em meio a suas divagações, ele foi cortado pelo apresentador, que dirigiu as atenções para Peter Bearstead. Normalmente, o membro do parlamento, representante das East Midlands, teria gravado sua declaração de antemão, mas não houve tempo para isso, e ele participava ao vivo. Na pauta do diretor, estava programado para falar 2 minutos e 50 segundos, mas isso não levou em conta o fato de que, depois de começar, o Honorável, tagarela e diminuto parlamentar de Leicester North desse mais trabalho para ser despachado do que o mais insuportável dos chatos.

– Certo, senhor Bearstead, mas qual o grau das dificuldades do partido na

sua opinião?

– Isso depende.

– Depende do quê?

– Depende de quanto tempo teremos que ficar brigando com o atual primeiro-ministro.

– Então, o senhor ratifica seu comentário do início da semana de que talvez o primeiro-ministro deva reconsiderar sua posição?

– Não, não exatamente. Estou dizendo que ele deveria renunciar. Ele está destruindo nosso partido e agora se envolveu no que parece ser um escândalo familiar. Isso não pode continuar. Simplesmente não pode!

– Mas o senhor acha provável que o primeiro-ministro renuncie? Afinal, acabamos de ter uma eleição, podemos estar a quase cinco anos da próxima. Isso deixaria uma margem enorme para uma eventual recuperação do terreno perdido.

– Acredite em mim, nós, com certeza, não iremos sobreviver a mais cinco anos com esse primeiro-ministro! – O parlamentar mostrava-se agitado, intenso, balançando para lá e para cá na sua cadeira do estúdio. – Precisamos de gente com a mente lúcida, não de pessoas desencorajadas, e eu insisto que o partido deve chegar a uma decisão sobre o assunto. Se ele não renunciar, então teremos que forçá-lo a isso.

– Mas como?

– Abrindo uma disputa de liderança.

– Contra quem ele poderia concorrer?

– Bem, se ninguém se habilitar, eu mesmo me apresento.

– O senhor desafiaria Henry Collingridge pela liderança do partido? – o apresentador mostrou-se surpreso. – Mas, com certeza, o senhor não teria chances de vencer!

– É claro que não – Bearstead respondeu, quase com desdém. – Mas isso aguçaria o foco mental das grandes feras na nossa selva. Todos eles pressionam, mas ninguém tem peito de fazer nada. Então, se eles não fazem, eu faço. Eu jogo aberto.

O lábio inferior do apresentador se mexia conforme ele tentava achar o ponto certo para intervir.

– Não quero interrompê-lo, mas gostaria de esclarecer melhor isso, senhor Bearstead. O senhor está dizendo que o primeiro-ministro deveria renunciar, ou que está querendo disputar a liderança do partido com ele?

– É preciso que haja uma eleição interna para redefinir a liderança, e tem de ser antes do Natal, faz parte das normas do partido depois de uma eleição. Eu sei que normalmente isso não passa de uma formalidade, mas dessa vez será uma disputa real. Meus colegas precisam se convencer dessa necessidade.

Uma expressão de dor parecia ter tomado as feições do apresentador. Ele segurava seu fone de ouvido, enquanto ouvia uma gritaria nos bastidores. O diretor pedia que aquela entrevista crucial continuasse, e dane-se o cronograma; o editor gritava que deviam cortar antes que o maldito idiota do entrevistado mudasse de ideia e arruinasse aquela história sensacional. Um cinzeiro espatifou-se no chão, alguém soltou um palavrão.

– Vamos fazer um pequeno intervalo comercial, e já, já estamos de volta – cortou o apresentador.

22

"Política". A palavra vem do grego antigo. "Poli" significa "muitos". E "tica" vem de "ticaca", algo sem valor, pequeno.

SEGUNDA-FEIRA, 18 DE OUTUBRO – SEXTA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO

A libra esterlina começou com uma acentuada queda na abertura dos mercados financeiros de Tóquio. Era pouco antes da meia-noite em Londres. Às 9h00, e com todos os jornais de segunda-feira fazendo alarde daquela provocação a Collingridge, o índice FT All Share havia caído 63 pontos. E caiu mais 44 pontos até a hora do almoço. Os homens de dinheiro não gostam dessas surpresas.

O primeiro-ministro também não se sentia em sua melhor forma. Não dormira e quase não falara desde a noite de sábado, atingido por uma forte depressão. Em vez de deixá-lo ir para a Downing Street naquela manhã, Sarah o fez ficar em Chequers e chamar um médico. O doutor Wynne-Jones, o leal e experientíssimo médico de Collingridge, prescreveu um sedativo e descanso. O sedativo lhe deu algum alívio imediato; Collingridge teve suas primeiras horas de sono prolongado desde o início da convenção do partido uma semana antes, mas sua esposa ainda podia ver a tensão palpitando por trás de suas pálpebras fechadas. Mesmo dormindo, seus dedos continuavam agarrando firme as cobertas.

Mais tarde, na segunda-feira à tarde, depois que emergiu de seu sono medicamentoso, Collingridge instruiu o sitiado escritório na Downing Street a divulgar que ele, é claro, iria participar da disputa pela liderança e que estava confiante na vitória, que estava ocupado demais com a condução dos negócios do Governo para dar quaisquer entrevistas, mas que teria declarações a fazer até o fim da semana. Charlie também não dera entrevista alguma. Ainda não dissera nada de sensato a respeito das ações, e o consequente e oficial "sem comentários" não seria suficiente para estabilizar o barco da família.

Na sede do partido, Lorde Williams ordenou a realização de mais algumas pesquisas de opinião, e a toque de caixa. Queria saber o que o país de fato pensava. O restante da máquina do partido se movia com bem menos velocidade. Quando se sacudiu a poeira das regras para a eleição pela disputa de liderança, constatou-se que estavam longe de ser claras e objetivas. O processo ficava sob o controle do presidente do Comitê dos Backbenchers do Partido Parlamentar, Sir Humphrey Newlands, enquanto a escolha da data

ficava a cargo do líder do partido. A confusão aumentou quando se soube que Sir Humphrey, demonstrando um senso de oportunidade dos mais precários, partira de férias para uma ilha particular do Caribe na semana anterior, e estava sendo muito difícil entrar em contato com ele. Isso resultou numa torrente de especulações entre os jornalistas, alguns achando que ele teria saído de cena de propósito para ganhar tempo enquanto os grandes poderes da hierarquia do partido se mobilizavam para tentar convencer o "Leão de Leicester" – como Bearstead havia sido apelidado – a se retirar da disputa. Por volta da quarta-feira, porém, o *Sun* descobriu Sir Humphrey num trecho prateado de praia em algum lugar perto da ilha de Santa Lúcia na companhia de vários amigos, incluindo pelo menos três mulheres jovens e exiguamente vestidas, que obviamente eram quase meio século mais jovens do que ele. Foi anunciado que ele voltaria para Londres assim que fossem providenciados os voos necessários. Assim como Charlie Collingridge, a esposa dele não fez qualquer declaração pública a respeito.

Num mar tempestuoso como esse, Henry Collingridge começou a se ver à deriva, isolado dos conselhos de seu sábio e astuto presidente do partido. Não tinha qualquer razão especial para desconfiar de Williams, é claro, mas o fato de a mídia martelar a toda hora que havia uma distância cada vez maior entre os dois começou a tornar realidade o que antes havia sido pouco mais que uma fofoca irresponsável. A desconfiança é uma questão que depende mais da mente do que dos fatos. O orgulhoso e idoso presidente do partido sentia que não devia oferecer conselhos antes que lhe fossem solicitados, enquanto Collingridge interpretava seu silêncio como prova de sua deslealdade.

Sarah foi visitar Charlie e voltou tarde e muito deprimida.

– O aspecto dele está terrível, Henry. Eu não imaginava o quanto ele vinha acabando com a própria saúde. Bebida demais. Os médicos disseram que ele estava perto de se matar.

– Eu me sinto culpado – Henry murmurou. – Podia ter feito o Charlie parar. Se eu não tivesse tanta coisa com que me preocupar… Ele comentou algo sobre as ações?

– Ele não consegue articular nada muito coerente; fica só dizendo: "50 mil libras? Mas que 50 mil libras são essas?". Ele jura que nunca passou nem perto de nenhum banco turco.

– Espertalhão!

– Querido… – Ela mordia o lábio, tentando dizer algo. – Será mesmo?…

– Que ele tem culpa? Eu simplesmente não sei. Mas, seja como for, que escolha eu tenho? Ele precisaria ser inocente, porque, se de fato comprou essas ações, aí só um completo imbecil acreditaria que eu não lhe disse para fazer isso. Se Charlie for culpado, eu vou cair junto com ele.

Ela agarrou o braço do marido alarmada.

– Mas você não poderia dizer que o Charlie estava doente, que não sabia o que estava fazendo, sei lá, que ele de algum modo… descobriu essa informação sem você saber… – A justificativa dela se desmanchou. Nem ela acreditava naquilo.

Ele a pegou em seus braços, envolvendo-a, reconfortando-a com seu corpo de um jeito que suas palavras não eram capazes. Beijou-a na testa e sentiu o calor de suas lágrimas em seu peito. Percebeu que também estava quase chorando, e não sentiu vergonha.

– Sarah, não vou ser eu quem vai acabar com o Charlie. Deus sabe quanto ele tem tentado fazer isso por conta própria, mas ainda sou o irmão dele. E sempre serei. Ou nós dois sobrevivemos ou afundamos juntos nessa, se for o caso. Mas, aconteça o que acontecer, vamos encarar isso como uma família. Juntos.

* * *

Aquela temporada toda da convenção do partido foram seis semanas de privação de sono e de trabalho duro, e Mattie pensara em reservar um pouco de tempo para se recuperar. Um fim de semana prolongado já seria suficiente. Não importava quantas garrafas de vinho chileno exótico ela tomasse ou quantos filmes antigos assistisse, seu pensamento continuava voltando para seu emprego. Para Collingridge. E Urquhart. E Preston. Particularmente Preston. Ela pegou várias folhas de lixa e começou a lixar as partes de madeira de seu apartamento vitoriano, mas isso não ajudou, por mais que ela atacasse a pintura velha com fúria. Ainda estava puta da vida com seu editor.

Na manhã seguinte, às 9h30, ela se viu de volta à redação, grudada na cadeira de couro em frente à mesa de Preston, cercando o editor. Ele não iria bater o telefone na cara dela dessa vez. Mas não adiantou.

Ela já estava lá havia quase uma hora quando a secretária dele espiou pela porta com ar de quem se desculpa.

– Desculpe, Matts, o chefão acabou de ligar dizendo que vai ter um compromisso fora e só volta depois do almoço.

O mundo conspirava contra Mattie, derramando molho na blusa dela. Ela tinha vontade de gritar e estava cada vez mais perto de fazê-lo. Portanto, não foi muito oportuno John Krajewski escolher justo aquele momento para procurar seu editor.

– Não sabia que você estava aqui, Mattie.

– E não estou. Pelo menos, não por muito tempo. – Ela se levantou para

sair.

Krajewski ficou travado, acanhado; costumava ficar assim na presença dela, gostava dela um pouco demais para poder ficar confortável.

– Olha, Mattie, peguei o telefone umas dez vezes desde a semana passada pensando em te ligar, mas…

– Mas o quê? – disparou ela.

– Acho que talvez eu estivesse ocupado demais para ficar levando bronca.

– Bom, então você foi… – Ela hesitou, já quase explodindo de raiva e dizendo que ele estava certo na sua suposição, mas voltou atrás. Não havia sido culpa dele. – Você foi prudente – ela disse, a voz ficando mais doce.

Desde que a mulher dele morrera num acidente de trânsito dois anos antes, Krajewski perdera muito de sua autoconfiança, tanto com as mulheres quanto na sua capacidade profissional. Era competente, havia sobrevivido, mas a casca protetora que construíra em volta de si só agora começava a abrir algumas brechas. Várias mulheres haviam tentado, atraídas por sua figura alta, meio desengonçada, e seus olhos tristonhos, mas ele queria mais do que a compaixão delas e uma transa por pena. Queria algo, alguém, que agitasse seu mundo e desse um novo sentido a sua vida. Queria Mattie.

– Quer conversar sobre isso, Mattie? Que tal jantarmos juntos? Longe disso tudo aqui. – Fez um gesto irritado apontando na direção da mesa do editor.

– Tá dando em cima de mim? – um pequeno indício de sorriso começou a aparecer nos cantos dos lábios dela.

– Só um pouquinho…

Ela pegou a bolsa e jogou no ombro.

– Oito horas no Ganges – instruiu ela, tentando em vão parecer severa enquanto passava por ele e saía do escritório.

– Às oito, então – ele gritou quando ela passou. – Devo ser masoquista, mas de qualquer jeito estarei lá.

E de fato estava. Na verdade, chegara dez minutos adiantado a fim de poder tomar uma cerveja antes que ela chegasse, cinco minutos atrasada. Sabia que iria precisar de um pouco de coragem artificial. O Ganges, virando a esquina do apartamento de Mattie em Notting Hill, era um pequeno restaurante bengali com um grande forno de tijolos e um proprietário que comandava uma excelente cozinha durante o tempo em que se permitia ficar afastado de suas tentativas de derrubar o governo de sua terra natal. Quando Mattie chegou, pediu uma cerveja e acompanhou o ritmo de Krajewski até não sobrar nada de *tikka* nos seus pratos. Ela afastou seu prato, como se limpasse o espaço.

– Acho que a gente cometeu um erro terrível, Johnnie.

– Alho demais no pão indiano?

– Eu quero ser uma jornalista. Uma boa jornalista. No fundo eu acho que tenho tudo para ser uma grande jornalista. Mas isso não será possível tendo um bunda-mole como editor, não é?

– O Grev, de fato, tem esse lado menos atraente bastante forte, eu acho.

– Eu abri mão de muita coisa para vir aqui para Londres.

– Engraçado, a gente lá de Essex sempre fala em *subir* para Londres.

– Eu decidi. Tomei uma resolução. Não vou mais aguentar merda nenhuma do Greville Preston. Estou pulando fora.

Ele olhou bem no fundo dos olhos dela, viu a agitação. Avançou o corpo e pegou a mão dela.

– Não precipite as coisas, Mattie. O mundo da política está desabando, você precisa de um emprego, um assento na primeira fila perto do ringue, para ser parte da ação. Não pule fora antes de estar pronta.

– Johnnie, você me surpreende. Eu esperava do meu subeditor um apelo mais apaixonado para eu continuar como parte da equipe.

– Não estou falando como subeditor, Mattie. – Ele apertou a mão dela. – De qualquer forma, você está certa. Grev é um merda. A única coisa perdoável nele é que é um merda, mas de um jeito totalmente descomplicado. Ele nunca te decepciona. Sabe, naquela noite…

– Me conte antes que eu arranque suas bolas.

O garçom chegou com mais uma rodada de cerveja. Ele destampou a dele antes de responder.

– Ok, sala da redação, pouco antes de fechar a primeira edição. Uma noite tranquila, sem muitas notícias de última hora. Grev está lá, falando sem parar, inventando histórias, dizendo que estava bebendo com o Denis Thatcher na noite em que explodiram a bomba em Brighton. Ninguém acreditou naquilo, o DT não seria visto nem morto com o Grev Preston, menos ainda bebendo com ele, e a Lorraine, da Reportagem, jura que estava trepando com ele em Hove naquela hora. Não importa, o caso é que o Grev está lá, na metade do seu discurso, quando a secretária dele chama. Telefone. Então ele some no seu escritório para atender. Dez minutos depois, ele volta para a sala de redação todo atrapalhado. Alguém acendera uma fogueira embaixo dele. “Parem tudo”, ele gritou. “Vamos mudar a primeira página.” Todos nós pensando, Deus do céu, devem ter baleado algum presidente, porque o cara está agitado, nervoso. Então ele pede para colocar o texto que você redigiu numa das telas e anuncia que a gente vai abrir com ele. Mas que temos que deixá-lo mais forte.

– Não faz sentido. A razão pela qual ele barrou o texto foi principalmente porque, segundo ele, era forte demais! – protestou ela.

– Fica quieta e ouve. Vai ficar melhor ainda. Então lá está ele, olhando por cima do ombro de um dos repórteres de Geral que está sentado na frente do

monitor, e fica ditando mudanças diretamente pro cara. Distorcendo as coisas, dando um toque mais sensacionalista, transformando tudo num ataque pessoal ao Collingridge. “A gente precisa fazer esse filho da puta se contorcer”, ele diz. E você se lembra daquela história das aspas, de fontes importantes do Gabinete, nas quais ele se baseou para reescrever? Acho que ele inventou aquilo tudo, na hora. Cada uma das citações. Ele não tinha nada anotado, só ia ditando as coisas direto na tela. Pura ficção, do início ao fim. Mattie, acredita em mim, você devia estar nas nuvens pelo fato de teu nome não ter aparecido assinando o artigo.

– Mas por quê? Por que raios inventar uma história dessas? O que fez ele mudar de ideia tão depressa? *Quem* fez ele mudar de ideia? Com quem ele estava falando ao telefone? Quem era a tal fonte em Bournemouth?

– Eu não sei.

– Ah, mas acho que eu sei – ela sussurrou. – Tem de ser. Só pode ser. O maldito do Benjamin Landless.

– A gente não trabalha mais para um jornal, trata-se de pouco mais do que um bando de linchadores trabalhando para a diversão pessoal do nosso patrão.

Os dois voltaram às suas cervejas por um instante, tentando afogar sua infelicidade.

– Ah, mas não é só o Landless, não é? – disse Mattie, como se a cerveja tivesse refrescado sua mente.

– Ah, não? – Krajewski havia aproveitado a oportunidade de mergulhar em sua bebida para passar os olhos por Mattie. Ele ia ficando mais dispersivo, enquanto ela se mostrava cada vez mais concentrada.

– Veja, o Grev não poderia ter tramado esse artigo sem o meu texto, e eu não poderia tê-lo escrito sem o vazamento da pesquisa de opinião. Você pode acreditar em coincidências se quiser, mas tem alguém mais, alguém de dentro do partido que está vazando as pesquisas e manipulando as cordinhas.

– O quê? E vazando todo o outro material desde as eleições também?

– É claro! – Ela terminou o resto de sua cerveja com ar triunfal. A adrenalina estava sendo despejada em suas veias. Isso iria compor a melhor história de todas. Era para isso que ela viera para o sul.

– Johnnie, você está certo!

– Estou? – disse ele, surpreso. Perdera o fio da meada umas duas cervejas atrás.

– Definitivamente, essa não é a hora de jogar a toalha e desistir. Eu vou chegar ao fundo disso tudo nem que tenha que matar alguém. Você me ajuda?

– Se é isso o que você quer, é claro.

– Não fala assim, tão desanimado.

– Mas… sabe, é que… Ah, chega de hesitação. Você lembra que falou em arrancar minhas bolas se eu não te contasse tudo?

– É, mas você contou.

– Mesmo assim, você não gostaria de fazer isso?

– Você quer dizer… – Sim, ele queria, ela podia ver em seus olhos. – Johnnie, eu não quero ter nenhum caso com gente do trabalho.

– Caso? Quem está falando em ter um caso? A gente já tomou cerveja demais para isso. Por enquanto, eu já ficaria muito feliz com uma boa e velha trepada.

Ela riu.

– Acho que nós dois merecemos isso – ele insistiu.

Ela ainda estava dando risadas quando os dois saíram do restaurante de mãos dadas.

* * *

A declaração da Downing Street – ou melhor, o resumo, pois na verdade não foi expedida na forma de um comunicado à imprensa, mas por meio das palavras do secretário de imprensa, Freddie Redfern – foi bem simples. "O primeiro-ministro nunca forneceu a seu irmão qualquer tipo de informação reservada do Governo que tivesse alguma importância comercial. Nunca discutiu qualquer aspecto da empresa Renox Chemicals com ele. O irmão do primeiro-ministro encontra-se extremamente adoentado e está sob cuidados intensivos no presente momento. Seus médicos declararam que não está apto a dar entrevistas ou a responder perguntas. No entanto, posso assegurar que ele nega categoricamente a aquisição de quaisquer ações da Renox, nega ter qualquer endereço falso em Paddington ou estar envolvido nessa questão sob qualquer aspecto. Isso é tudo que posso lhes dizer por enquanto. E é tudo que posso deixar registrado."

– Vamos lá, Freddie – um dos jornalistas reunidos objetou –, você não pode se safar apenas com isso. Se os Collingridge são inocentes, como você explica a matéria do *Observer*?

– Eu não sei. Identidade trocada, confusão com algum outro Charles Collingridge, como é que eu posso saber? Mas eu conheço Henry Collingridge há muitos anos, do mesmo jeito que você me conhece, e sei que ele é incapaz de descer a profundidades tão sórdidas. O cara é inocente. Você tem minha palavra quanto a isso!

Ele falou com a veemência de um profissional colocando sua própria reputação em jogo junto com a de seu patrão, e o respeito do lobby de

jornalistas por um de seus antigos colegas fez o dia pender em favor dos Collingridge – a duras penas.

"SOMOS INOCENTES!" – bradava a primeira página do *Daily Mail* no dia seguinte. Como ninguém havia sido capaz de desenterrar qualquer prova incriminatória, a maior parte dos demais jornais seguiu a mesma linha. Por enquanto.

* * *

– Francis, você é o único rosto sorridente que eu andei vendo.

– Henry, a coisa vai melhorar. Eu prometo. Os cães vão se dispersar assim que perderem o faro.

Estavam sentados na sala do Gabinete, jornais espalhados sobre o tecido marrom.

– Obrigado por sua lealdade, Francis. Significa muito para mim nesta hora.

– As nuvens de tempestade estão indo embora.

Mas o primeiro-ministro balançava a cabeça negativamente.

– Gostaria que fosse assim, mas você e eu sabemos que é só um respiro. – Ele suspirou. – Eu não sei o quanto de apoio firme eu ainda tenho entre meus colegas.

Urquhart não comentou o assunto.

– Não posso me dar o luxo de cair fora. Eu preciso dar a eles alguma coisa na qual possam se agarrar, mostrar que eu não tenho coisa alguma a esconder. É hora de retomar a iniciativa.

– O que você pretende fazer?

O primeiro-ministro se sentou em seu lugar, quieto, mascando a ponta da caneta. Deu uma olhada no grande retrato a óleo de Robert Walpole, seu predecessor de longo mandato, dependurado sobre a lareira de mármore.

– A quantos escândalos e crises ele sobreviveu, Francis?

– Mais do que você jamais terá de enfrentar.

– Ou que eu tenha condições de enfrentar – sussurrou Collingridge, buscando inspiração naqueles olhos escuros e perspicazes. De repente, enquanto ele estava distraído, o sol se insinuou pelo céu cinza de outono, inundando a sala de luz. Isso pareceu lhe dar esperança. A vida seguiria adiante.

– Recebi um convite daqueles filhos da puta do *Weekend Watch*. Eles querem que eu participe do programa deste domingo e dê minha versão, para reequilibrar as coisas.

– Confio neles como confio num ninho de víboras.

– Mesmo assim, acho que eu devo ir e fazer bonito! Eles prometeram que

seriam só dez minutos, no máximo, sobre as bobagens do *Observer*, e o resto sobre política geral e nossos planos para o quarto mandato. Olhar para frente, tirar a discussão da lama. O que você pensa sobre isso?

– Eu, pensar, senhor primeiro-ministro? Eu sou apenas o líder da bancada, o senhor não me paga para pensar.

– Sei que o desapontei, Francis, mas neste exato momento eu não poderia ter alguém melhor do que você do meu lado. Depois que isso terminar, prometo, você terá o que quer.

Urquhart assentiu com a cabeça, lentamente, em gratidão.

– Você faria isso? Se estivesse no meu lugar? – Collingridge insistiu. – Freddie Redfern diz que é perigoso demais.

– Também é perigoso não fazer nada.

– E então?

– Em horas como essa, com tanta coisa em jogo, acho que um homem deve seguir o que seu coração lhe diz.

– Excelente! – exclamou Collingridge, batendo as mãos. – Fico feliz por você pensar assim. Porque eu já aceitei.

Urquhart assentiu em aprovação, mas de repente o primeiro-ministro soltou um palavrão. Ficou olhando fixamente para suas mãos. A caneta havia vazado. Suas mãos estavam todas imundas, e ele todo coberto de tinta.

* * *

Penny Guy estava aguardando uma chamada de Patrick Woolton. Ele conseguira arrumar o número de sua linha direta e a vinha usando para convidá-la para sair de novo. Ele insistiu bastante, mas ela foi inflexível. O que tiveram fora apenas algo de festa de convenção, nada mais, embora ela tivesse que admitir que ele era divertido e notavelmente atlético para alguém de sua idade. Um equívoco, mas uma lembrança que não fazia mal a ninguém. Porém, a chamada que veio era de Urquhart, querendo falar com o chefe dela. Ela passou a ligação e segundos mais tarde a porta da sala dele foi fechada com cuidado.

Alguns minutos depois, Penny ouviu a voz de O'Neill falando alto, embora ela não conseguisse distinguir o que ele estava gritando. E quando a luzinha na extensão apagou, para indicar que a chamada havia sido encerrada, não havia som algum vindo do escritório de O'Neill. Ela hesitou por mais alguns minutos, mas, impelida por um misto de curiosidade e preocupação, bateu delicadamente na porta e a abriu com cautela.

O'Neill estava no canto da sala, sentado no chão, amparado pelo ângulo formado pelas duas paredes, com a cabeça entre as mãos.

– Rog…?

Ele levantou a cabeça, assustado, com os olhos cheios de caos e dor. Falava baixinho, com uma voz áspera e a fala desconjuntada.

– Ele… me ameaçou, Pen. O maldito… me ameaçou. Disse que, se eu não topar, ele… Eu tenho de alterar o arquivo…

Ela se ajoelhou ao lado dele, aninhou sua cabeça em seu seio. Nunca o vira daquele jeito.

– Que arquivo é esse, Rog? O que você tem de fazer?

Ele tentou balançar a cabeça numa negativa; não iria responder.

– Deixa eu te ajudar, Rog. Por favor.

Ele levantou a cabeça abruptamente, sua expressão era feroz.

– Ninguém pode me ajudar!

– Deixa eu levar você para casa – disse ela, tentando erguê-lo.

Ele a repeliu.

– Sai de perto de mim! – rosnou. – Não encosta em mim! – Então ele viu a expressão de dor nos olhos dela e alguma chama dentro dele pareceu se extinguir. Desabou no canto como um menino, escondendo a cabeça, envergonhado. – Tô fodido, sabe? Completamente fodido. Você não pode fazer nada. Ninguém pode. Vai embora.

– Não, Rog.

Mas ele a empurrou, com tanta violência que ela caiu para trás.

– Vai se foder, sua putinha! Me deixa… me deixa.

Confusa, chorando, ela ficou em pé. Ele escondeu o rosto da visão dela de novo, não quis mais falar. Ela foi embora. Ainda ouviu a porta ser batida e trancada por dentro atrás dela.

23

A poeira da ambição ao explodir deixa o pôr do sol mais bonito. E eu adoro sair e caminhar ao crepúsculo.

DOMINGO, 24 DE OUTUBRO

Weekend Watch. Uma nação inteira assistindo. Leões e cristãos – ou, pelo menos, um cristão. Collingridge começava a relaxar conforme o programa se desenrolava. Ele ensaiara muito nos dois dias anteriores e as perguntas eram bem as que ele esperava, dando-lhe a oportunidade de falar com vigor genuíno sobre os anos à frente. Ele insistira para que as perguntas sobre Charlie e as acusações do *Observer* fossem deixadas para o final – não queria correr o risco de ver aquelas putinhas da produção descumprindo sua promessa de fazer o assunto se estender por apenas dez minutos. De qualquer modo, ele queria manter ambos os pés no chão. Depois de 45 minutos discutindo os interesses nacionais e seu brilhante futuro, com certeza qualquer pessoa equilibrada iria achar as perguntas simplesmente maldosas e irrelevantes.

Sentada numa cadeira à beira do piso do estúdio, Sarah sorria de modo encorajador enquanto o programa ia para seu último intervalo comercial. Ele mandou um beijo para ela e o diretor de estúdio fez sinais avisando que estavam prestes a entrar no ar de novo.

– Senhor primeiro-ministro, nesses minutos finais do nosso programa, gostaria de levantar a questão das acusações a respeito do seu irmão Charles, publicadas pelo *Observer* na semana passada, e das implicações de uma possível negociação imprópria com ações.

Collingridge assentiu, o rosto sério, sem se intimidar.

– Sabemos que, no início desta semana, Downing Street emitiu uma declaração negando que sua família tivesse qualquer conexão com o assunto, e sugerindo que poderia tratar-se de um caso de confusão de identidades. O senhor confirma?

– Sim, não há conexão alguma. Absolutamente. Pode ter havido alguma confusão com outro Charles Collingridge, pelo que sei, mas realmente não estou em posição de explicar essa história extraordinária do *Observer*. Tudo que posso dizer é que ninguém da minha família teve qualquer coisa a ver com as ações da Renox. Você tem minha palavra de honra em relação a isso. – Ele pronunciou as palavras lentamente, inclinando-se para frente, olhando diretamente para o apresentador.

– Segundo informações, seu irmão nega ter criado um endereço alternativo numa revistaria de Paddington.

– Exatamente – Collingridge confirmou. – Já é bem conhecido que ele não se encontra em suas melhores condições no presente momento, mas…

– Desculpe interrompê-lo, primeiro-ministro, nosso tempo é muito curto. No início desta semana, um de nossos repórteres remeteu um envelope a ele, aos cuidados de Charles Collingridge, no mesmo endereço de Paddington usado para abrir a conta bancária. Era um envelope bem vistoso, vermelho, para assegurar que se destacaria bastante. Então ontem ele foi buscá-lo. Nós o filmamos. Gostaria que o senhor olhasse para o monitor. Desculpe a péssima qualidade do vídeo, mas tivemos que usar uma câmera escondida porque o dono da loja pareceu bastante relutante em colaborar.

O apresentador girou sua cadeira para poder ver, junto com a plateia, o vídeo granulado porém ainda discernível que estava sendo projetado na grande tela atrás dele. Collingridge lançou um olhar de preocupação a Sarah antes de, cautelosamente, girar sua própria cadeira. Observou o repórter chegando perto do balcão, puxando vários pedaços de plástico e papel de sua carteira para se identificar e explicando ao balconista da loja que havia uma carta esperando por ele aos cuidados de Charles Collingridge, que usava aquele endereço para sua própria correspondência. O balconista, o mesmo homem obeso e habitualmente ofensivo, que atendera Penny vários meses antes, explicou que não iria entregar cartas a não ser para alguém que pudesse assinar um recibo.

“Tem um monte de cartas importantes que vêm parar aqui”, torceu o nariz. “Não posso simplesmente entregar a qualquer um.”

“Mas, olha, está ali. O envelope vermelho. Estou vendo daqui.”

Coçando a barriga e franzindo a testa, meio hesitante, o balconista se virou e tirou os envelopes de um escaninho numerado atrás dele. Havia três. Ele colocou o envelope vermelho em cima do balcão na frente do repórter, com os outros dois do lado. Tentava checar se o nome escrito no envelope – a/c Charles Collingridge – batia com os cartões de identificação do repórter, e então a câmera deu um zoom nos outros envelopes. Levou alguns segundos até a câmera conseguir foco nítido no que estava escrito neles. Ambos os envelopes estavam endereçados a Charles Collingridge. Um deles trazia o logotipo do Union Bank da Turquia. O outro havia sido enviado pelo Escritório de Vendas e Publicações do Partido, na Smith Square.

O apresentador se virou de novo para seu adversário. O cristão estava encurralado.

– O primeiro envelope, do Union Bank da Turquia, parece confirmar que esse endereço era usado para comprar e vender ações da Renox Chemical Company. Mas ficamos intrigados com a carta enviada da sede do seu

partido. Então ligamos para o tal Escritório de Vendas e Publicações, fingindo que éramos um fornecedor com uma entrega para Charles Collingridge, mas que estava com o endereço ilegível.

Collingridge sabia o que deveria fazer. Tinha de interromper aquele estupro da reputação de seu irmão e denunciar os métodos imorais e subreptícios usados pelo programa, mas sua boca havia virado areia do deserto e, enquanto lutava para tentar encontrar as palavras, o estúdio foi tomado pelo som gravado da ligação telefônica.

"...então o senhor poderia apenas confirmar o endereço do senhor Collingridge para que a gente possa entregar a encomenda diretamente?"

"Um minuto, por favor", disse uma voz jovem e ansiosa. "Vou ver se aparece aqui na tela."

Havia o som de um teclado sendo digitado.

"Ah, aqui está. Charles Collingridge, Praed Street 216, Paddington, Londres W2."

"Muito obrigado. Você foi muito atenciosa."

O apresentador voltou-se uma vez mais para Collingridge.

– O senhor gostaria de comentar alguma coisa, primeiro-ministro?

O primeiro-ministro ficou olhando fixamente, em silêncio, tentando decidir se aquele era o momento em que deveria simplesmente abandonar o estúdio.

– É claro, nós levamos a sério sua explicação de que poderia ser um caso de troca de identidades ou de confusão com algum outro Charles Collingridge.

Collingridge queria gritar que aquilo não era uma explicação "dele", que havia sido apenas uma observação casual e sem pré-julgamentos feita por seu assessor de imprensa, mas o apresentador já seguia adiante, bloqueando qualquer via de fuga.

– O senhor sabe quantos outros Charles Collingridges existem na lista telefônica de Londres, primeiro-ministro?

Collingridge não respondeu, ficou apenas sentado com ar soturno, o rosto pálido.

– Talvez o senhor se interesse em saber que não há nenhum outro Charles Collingridge na lista telefônica de Londres. Na realidade, fontes da British Telecom dizem que há apenas um Charles Collingridge em todo o Reino Unido. E é o seu irmão, senhor primeiro-ministro.

De novo, uma pausa, como um convite a uma resposta, que não foi dada.

– Como isso parece ser um abuso de informação privilegiada, perguntamos tanto à Renox Chemical Company quanto ao Departamento de Saúde se tinham algum Charles Collingridge trabalhando para eles. A Renox declarou que nem eles, nem nenhuma de suas filiais, tinham algum Collingridge entre

seus funcionários. A assessoria de imprensa do Departamento de Saúde foi mais cautelosa, prometendo retornar o contato, o que não aconteceu. No entanto, o escritório de seu sindicato foi muito mais solícito. Eles também confirmaram que não tinham nenhum Collingridge trabalhando em nenhum dos seus 508 escritórios espalhados pelo país. – O apresentador ficou procurando nas suas anotações. – Ao que parece, eles tinham uma funcionária, na verdade, Minnie Collingridge, que trabalhou em seu escritório de Coventry até dois anos atrás, mas voltou para a Jamaica. – O leão sorriu ao fechar suas mandíbulas.

Ao lado do palco do estúdio, Collingridge podia ver Sarah. Lágrimas escorriam dos olhos dela.

– Senhor primeiro-ministro, estamos quase chegando ao final do nosso programa. Há alguma coisa que o senhor gostaria de dizer?

Collingridge estava sentado, olhando fixamente para Sarah, querendo correr até ela, abraçá-la e mentir para ela dizendo que não era o caso de chorar, que tudo iria se ajeitar. Ele ainda continuou sentado, imóvel na sua cadeira, enquanto o estranho silêncio que se instalara no estúdio era quebrado pela música de encerramento do programa.

Era o fim.

* * *

Quando voltou para Downing Street, Collingridge foi direto para a Sala do Gabinete. Entrou rígido, passeando lentamente seu olhar exausto pela sala. Andou devagar em volta da mesa do Gabinete, tão apropriadamente moldada na forma de um ataúde, passando os dedos pelo tecido felpudo marrom, parando na extremidade, onde havia se sentado pela primeira vez como o mais jovem membro do Gabinete. Parecia fazer muito mais que dez anos, quase outra vida.

Quando chegou a sua própria cadeira, no meio da sala, sob o olhar daquele grande sobrevivente, Walpole, pegou o único telefone, que ficava ao lado de seu mata-borrão. A pequena central telefônica da Downing Street era uma instituição legendária, conhecida simplesmente como a “Central”, com operadoras que pareciam dotadas de poderes de feitiçaria que conseguiam localizar qualquer pessoa a qualquer hora.

– Por favor, o ministro da Fazenda.

Em menos de meio minuto o ministro estava na linha.

– Colin, você assistiu? Será que os mercados vão reagir muito mal?

O ministro deu uma opinião meio constrangida, mas honesta.

– Foi ruim, hein? Bem, vamos aguardar. Vou ficar em contato com você.

Collingridge então falou com o secretário do Exterior.

– Quais foram os danos, Patrick?

– Mais fácil dizer *o que* não sofreu danos, Henry. A gente vem tentando há anos satisfazer nossos irmãos em Bruxelas. Agora eles devem estar rindo de nós.

– Você acha que dá para reverter?

Collingridge obteve um silêncio prolongado como resposta.

– A coisa está tão feia assim, é?

– Sinto muito, Henry.

E, por um momento fugaz, Collingridge acreditou que o outro homem realmente sentia.

A seguir, foi a vez do presidente do partido. Williams era da antiga, com muita experiência, já havia vivido épocas tristes. Sabia que tais ocasiões se ajustavam melhor à formalidade do que à amizade.

– Senhor primeiro-ministro – ele começou, pois estava falando com o cargo mais do que com o homem –, nesta última hora recebi chamadas de sete de nossos onze presidentes regionais. Sinto dizer que, sem exceção, eles acreditam que a situação é bem desastrosa para o partido. Eles sentem que estamos num ponto sem volta.

– Não, Teddy – Collingridge contradisse, fatigado –, eles sentem que *eu* estou além do ponto sem volta. A diferença é essa.

Fez mais uma chamada, agora para seu secretário particular, pedindo que arranjasse uma entrevista no palácio por volta da hora do almoço do dia seguinte. O secretário ligou de volta quatro minutos depois para dizer que Sua Majestade estaria disponível para vê-lo às 13h00.

E assim terminou.

Ele imaginou que se sentiria aliviado, como se um grande fardo tivesse sido removido de seus ombros, mas cada músculo de seu corpo doía como se tivesse sido chutado durante horas por vários zagueiros de futebol. Ergueu os olhos para contemplar os traços severos de Walpole.

– Ah, sim, você combateu os filhos da puta… até o fim. Você provavelmente venceu. Mas este cargo já arruinou meu irmão e agora está me arruinando. Não vou deixar que acabe com a felicidade de Sarah também – sussurrou. – Melhor avisá-la.

Um pouquinho depois ele saiu da sala à procura da mulher, depois de secar seu rosto.

PARTE TRÊS

DANDO AS CARTAS

24

O momento da mudança é quando não se pode mais resistir a ela. Em outras palavras, quando você agarrou um cara pelas bolas e está puxando com força, ele invariavelmente segue os seus passos.

SEGUNDA-FEIRA, 25 DE OUTUBRO

No dia seguinte à desastrosa participação no *Weekend Watch*, pouco antes das 10h00, os membros do Gabinete se reuniram em torno da mesa revestida de feltro. Haviam sido convocados individualmente à Downing Street, mas não para uma reunião formal de Gabinete, que normalmente era realizada numa quinta-feira, e a maioria se surpreendeu ao descobrir que seus colegas também tinham sido convocados. O clima era de tensão, pois traziam com eles o peso dos conteúdos dos jornais e seus explosivos editoriais, e a conversa em volta da mesa acontecia em tom excepcionalmente baixo enquanto aguardavam seu primeiro-ministro.

Quando a sala foi invadida pelos sons do Big Ben anunciando as horas, a porta se abriu e Collingridge entrou.

– Bom dia, senhoras e senhores. – Falou em um tom baixo pouco usual. – Estou grato por vê-los todos aqui. Não vou ocupar muito seu tempo.

Tomou assento na única cadeira com braços da sala e tirou uma única folha de papel da pasta de couro que vinha carregando. Colocou-a com cuidado sobre a mesa diante dele e então observou lentamente seus colegas a sua volta. Os olhos dele estavam inflamados, insones. Não se ouvia um som na sala.

– Sinto não ter podido informá-los de que a reunião desta manhã seria com o Gabinete completo. Quis assegurar que todos vocês estivessem presentes sem criar atenção ou especulação indevidas. – Deu uma olhada em volta da mesa para ver se conseguia ler algo em seus rostos, à procura de Barrabás. – Vou ler para vocês um pronunciamento curto que mais tarde irei tornar público. Irei ao palácio transmitir seu conteúdo formalmente à Sua Majestade às 13h00 em ponto. Devo pedir a todos vocês, com base em seu juramento de posse no cargo, que não divulguem o conteúdo desta mensagem antes que seja emitida oficialmente. Preciso assegurar que Sua Majestade a ouça de minha parte e não por meio da imprensa. É uma questão de cortesia com a Soberana. Peço isso a cada um de vocês como um favor pessoal.

Pegou a folha de papel e começou a ler com voz pausada, franca.

– Recentemente houve um surto de acusações na mídia sobre questões de negócios envolvendo a mim e minha família. Essas acusações não dão sinais de que vão arrefecer. Tenho declarado sistematicamente, e repito hoje, que não fiz nada de que possa me envergonhar. Mantive-me estritamente dentro das normas e convenções que devem pautar a conduta de um primeiro-ministro.

Passou a língua pelos lábios secos. O papel que segurava tremeu.

– A acusação implícita que foi feita contra mim é uma das mais graves para qualquer detentor de um cargo público, a de ter usado meu cargo para enriquecer minha família. Não sei explicar as circunstâncias extraordinárias referidas pela mídia que deram origem a essas acusações, então pedi ao secretário do Gabinete que empreenda uma investigação formal e independente a respeito delas. Tenho confiança que a investigação oficial promovida pelo secretário do Gabinete irá por fim estabelecer a verdade dos fatos e minha completa isenção nessa questão.

Ele piscou, esfregou seus olhos exaustos.

– Essa investigação irá inevitavelmente levar algum tempo para ser concluída. Nesse ínterim, as dúvidas e insinuações irão causar danos reais ao funcionamento normal do Governo, assim como vêm causando a meu partido e também àqueles que eu amo. O tempo e as atenções do Governo deveriam ser dedicados a implementar o programa com base no qual fomos recentemente reeleitos, mas isso está se revelando impossível. A integridade do cargo de primeiro-ministro está sendo posta em questão, e minha primeira obrigação é proteger esse cargo.

Limpou a garganta, com um som que parecia uma trovoada distante e breve.

– Portanto, para restabelecer e preservar essa integridade inconteste, pedi hoje a permissão de Sua Majestade a Rainha para abrir mão do cargo de primeiro-ministro tão logo um sucessor possa ser escolhido.

O silêncio era profundo. Por um momento, os corações pararam de bater.

– Dediquei toda minha vida adulta a perseguir meus ideais políticos – ele continuou –, e vai contra cada um dos ossos do meu corpo deixar o cargo dessa maneira. Não estou fugindo das acusações, e sim assegurando que elas possam ser esclarecidas da maneira mais rápida e diligente possível. Também quero devolver um pouco de paz à minha família. Acredito que a história irá mostrar que fiz a avaliação correta.

Collingridge recolocou a folha de papel em sua pasta.

– Senhoras e senhores, obrigado – ele disse, secamente, e antes que alguém pudesse suspirar, e menos ainda reagir, saiu pela porta a passos largos.

Todos os membros de um Gabinete são tratados como Corretos e Honoráveis Cavalheiros. Há apenas três coisas erradas num título como esse…

Urquhart sentou-se na ponta da mesa do Gabinete, imóvel. Os murmúrios e expressões de surpresa irromperam à sua volta, mas ele não iria se juntar a eles, não poderia. Ficou um bom tempo olhando para a cadeira vazia do primeiro-ministro.

Havia feito isso. Sozinho. Destruíra o homem mais poderoso do país. Enquanto os outros em volta da mesa promoviam uma erupção de falatório confuso, sua mente resgatou uma memória de quarenta anos atrás, quando era recruta no Exército e se preparava para fazer seu primeiro salto de paraquedas de 750 metros de altura sobre os campos de Lincolnshire. Sentado na abertura de salto de um bimotor Islander, com os pés balançando ao vento, olhando para a paisagem lá embaixo a 1 milhão de quilômetros. Saltar era um ato de fé, de confiança no próprio destino, era mostrar desdém por atos que deixavam outras pessoas aterrorizadas. Mas a vista lá de cima valia o risco. Conforme ele e os outros saltavam, a resistência do vento deslocava-os de lado; um deles quebrou uma perna, outro um ombro, mas Urquhart quis voltar ao avião de novo na hora, e repetir o salto.

Agora, enquanto olhava para a cadeira vazia, sentia exatamente a mesma coisa. Deu interiormente um grito eufórico, enquanto por fora mantinha um ar constrito, para parecer tão chocado quanto os demais ao seu redor.

* * *

Enquanto os demais permaneceram lá, remoendo aquela confusão, Urquhart andou os poucos metros de volta ao escritório do líder da bancada na Downing Street, número 12. Trancou-se em sua sala particular e por volta das 10h20 já havia feito duas ligações telefônicas.

Dez minutos mais tarde, Roger O'Neill convocou uma reunião de todo o escritório de comunicação na sede do partido.

– Gente, vocês vão ter que cancelar todos os seus compromissos do almoço hoje. Tive notícia de que pouco depois das 13h00 podemos esperar uma declaração muito importante da Downing Street. É absolutamente confidencial, não posso lhes dizer do que se trata, mas temos que estar prontos para lidar com ela. Deixem todo o resto de lado.

Em uma hora, cinco correspondentes políticos haviam sido contatados com desculpas e um pedido para cancelarem o almoço. Foi pedido a dois deles que jurassem guardar segredo quanto à revelação de que "algo grande estava acontecendo na Downing Street". Não era preciso ser um participante do "Brain of Britain" para concluir que provavelmente era algo relacionado ao "caso Collingridge".

O assistente de produção Manny Goodchild foi um dos que tiveram que cancelar o almoço. Em vez de perder tempo, ele usou a formidável rede de contatos e favores que construíra ao longo dos anos para confirmar que cada um dos membros do Gabinete havia cancelado compromissos a fim de estar na Downing Street naquela manhã, embora a assessoria de imprensa do número 10 daquela rua se recusasse a confirmar aquilo. Ele era um velho cão de caça esperto e experiente e sentiu cheiro de sangue, então teve o palpite de ligar para a assessoria de imprensa do Palácio de Buckingham. Esta, assim como a assessoria da Downing Street, não tinha coisa alguma a declarar – pelo menos oficialmente. Mas o subsecretário de imprensa havia trabalhado com Goodchild por muitos anos no *Manchester Evening News* e confirmou – em caráter totalmente extraoficial e com o compromisso de não ser citado – que Collingridge havia solicitado uma audiência às 13h00.

Por volta das 11h25, a fita do assistente estava carregando a história da reunião secreta do Gabinete e da audiência não programada que ocorreria no palácio. Tratava-se de um relato inteiramente factual. Por volta do meio-dia, a rádio IRN local soltou uma notícia sensacionalista de que o primeiro-ministro "se dirigiria logo mais a uma reunião secreta com Sua Majestade a Rainha. Houve muita especulação em Westminster na última hora, algumas pessoas achando que ele está prestes a demitir vários de seus ministros e informar a Rainha sobre uma grande reestruturação do Gabinete… outras achando que ele está indo lá admitir sua culpa nas recentes acusações de fornecer informação privilegiada ao irmão. Há ainda rumores de que a Rainha está sendo aconselhada a exercer sua prerrogativa constitucional e demiti-lo".

A Downing Street estava agitada, ansiosa, lotada com o pessoal da imprensa. A calçada oposta à da famosa porta preta ficou coberta por uma selva de câmeras e luzes de tevê montadas às pressas. Às 12h45, Collingridge saiu caminhando pela porta do número 10. Concluiu que a presença daquela multidão denotava uma traição. Alguém o havia traído, mais uma vez. Sentiu como se pregos perfurassem seus pés. Ignorou os gritos das equipes da imprensa, não ergueu o olhar, não iria dar a eles essa satisfação. Partiu de carro e pegou a avenida Whitehall, perseguido por carros com câmeras. Podia ouvir um helicóptero pairando acima de sua cabeça, perseguindo-o. Outra multidão de fotógrafos o aguardava em frente aos portões do Palácio de

Buckingham. Sua tentativa de uma renúncia digna transformara-se numa crucificação pública.

* * *

O primeiro-ministro pedira para não ser incomodado, exceto em caso de absoluta necessidade. Depois de retornar do palácio, recolhera-se a seu apartamento privado no andar de cima da Downing Street a fim de ficar sozinho com a esposa por algumas poucas horas, porém uma vez mais seus desejos não foram levados em conta.

– Sinto muitíssimo, primeiro-ministro – desculpou-se seu secretário particular – mas é o doutor Christian. Ele disse que é importante.

O telefone deu um zumbido leve enquanto a chamada era transferida.

– Doutor Christian. Em que posso ajudá-lo? E como está o Charlie?

– Acho que temos problemas – começou o doutor, em tom de desculpas. – O senhor sabe que tentamos mantê-lo isolado, distante dos jornais, para que não fosse perturbado por todas essas acusações que estão sendo feitas contra ele. Normalmente, deixamos a televisão desligada e arrumamos alguma coisa para distraí-lo na hora do noticiário, mas… O fato é que não estávamos esperando as edições extraordinárias sobre a sua renúncia. Sinto muito que o senhor tenha tido que renunciar, primeiro-ministro, mas o Charles é minha prioridade. Tenho de colocar os interesses dele em primeiro lugar, o senhor entende?

– Sim, entendo, doutor Christian, e suas prioridades estão absolutamente corretas.

– Hoje de manhã, ele ficou sabendo de tudo, de todas essas acusações sobre as ações. E da sua renúncia. Ele está profundamente abalado, sofreu um grande choque. Ele acredita ser o culpado por tudo o que aconteceu e, sinto informá-lo disso, mas está falando em causar dano a si mesmo. Achei que ele vinha fazendo um progresso real, mas agora receio estarmos à beira de uma crise. Não queria alarmá-lo, mas ele precisa de sua ajuda. E muito.

Sarah viu a expressão angustiada que se espalhou pelo rosto de seu marido. Sentou-se ao lado dele e segurou sua mão. Estava trêmula.

– Doutor, o que eu posso fazer? Faço qualquer coisa, o que o senhor mandar.

– Precisamos encontrar um jeito de reconfortá-lo. Ele está confuso, de um jeito desesperador.

– Posso falar com ele, doutor? Agora? Antes que essa coisa vá ainda mais longe.

Houve uma espera de vários minutos até que seu irmão fosse trazido ao

telefone. Collingridge podia ouvir o som de protestos e de uma leve confusão pela linha.

– E aí, Charlie, como vai, garotão? – disse Henry baixinho.

– Henry, o que foi que eu fiz?

– Nada, Charlie, absolutamente nada.

– Eu arruinei você, eu destruí tudo, é isso?! – A voz soava estranhamente envelhecida, rouca de pânico.

– Charlie, não foi você que me prejudicou.

– Mas eu vi tudo pela televisão. Você indo falar com a Rainha para renunciar. Eles dizem que foi por culpa minha e por causa de algumas ações. Eu não entendi isso, Henry, mas eu acabei estragando tudo. Eu não mereço ser seu irmão. Nada faz mais sentido nenhum. – Houve um soluço enorme, sufocado, no outro lado da linha.

– Charlie, quero que você me escute com muita atenção. Está me ouvindo?

Outro soluço cheio de mucosidade, lágrimas e pesar.

– Você não precisa me pedir desculpas por nada. Eu é que tenho de me ajoelhar e pedir perdão. A você, Charlie.

– Bobagem…

– Não, Charlie, ouça! Nós sempre enfrentamos nossos problemas juntos, como uma família. Você lembra quando eu dirigia a empresa, naquele ano em que a gente quase foi à falência? A gente estava indo pro buraco, Charlie, e era culpa minha. Eu andava envolvido demais com política. E quem foi que trouxe aquele novo cliente, aquele pedido que salvou a empresa? Sim, eu sei, não foi o maior pedido que a gente já havia tido, mas ele não poderia ter chegado em melhor hora. Você salvou a empresa, Charlie, e me salvou. Como fez daquela vez que agi como um idiota imbecil e fui pego dirigindo bêbado, naquele Natal.

– Na realidade, eu não fiz nada…

– O sargento da polícia local, aquele que jogava golfe com você, você deu um jeito de convencê-lo a alterar o teste do bafômetro na delegacia. Se tivesse perdido minha habilitação, eu jamais teria sido escolhido para concorrer. Nunca teria colocado o pé na Downing Street. Tá vendo, seu tonto, em vez de me arruinar, foi você que tornou tudo isso possível. Você e eu, nós sempre enfrentamos as coisas juntos. E é assim que tem de continuar sendo.

– Eu não mereço…

– É, você não merece, Charlie, não merece ter um irmão como eu. Você sempre esteve por perto quando eu precisei de ajuda, e o que foi que eu fiz por você? Eu sempre estive ocupado demais, sem tempo para você. Quando a Mary foi embora, eu sabia o quanto você tinha ficado arrasado. Eu devia ter

apoiado você, devia mesmo. Você precisava de mim. Mas parece que sempre havia outras coisas para eu cuidar. Eu sempre planejava ir ver você no dia seguinte. Sempre no dia seguinte, Charlie, sempre no dia seguinte. – A emoção fazia falhar a voz de Collingridge. – Eu tive meu momento de glória, fiz as coisas que queria fazer. E, enquanto isso, vi você virando um alcoólatra e praticamente se matando.

Era a primeira vez que um dos dois admitia aquela verdade. Antes, sempre se dizia que Charles estava mal, exausto, ou sofrendo dos nervos – nunca descontroladamente bêbado. Agora, não havia mais segredos, não havia mais como voltar atrás.

– Sabe de uma coisa, Charlie? Eu vou sair da Downing Street e vou poder dizer "Até que enfim! Fodam-se todos vocês!", se souber que ainda posso contar com meu irmão. Eu fico em pânico só de pensar que talvez seja muito tarde, que eu tenha negligenciado você demais e não seja mais capaz de pedir seu perdão, que você tenha ficado sozinho por tanto tempo que não veja mais sentido em melhorar.

Havia lágrimas de uma angústia cortante dos dois lados da linha. Sarah abraçava o marido como se estivessem em um navio e ele estivesse prestes a ser atirado ao mar pela tempestade.

– Charlie, a não ser que você possa me perdoar, qual terá sido o sentido disso tudo? Não terá valido nem um pouco a pena.

Fez-se silêncio.

– Diga alguma coisa, Charlie! – implorou o irmão em desespero.

– Que grande tonto você é – Charlie deixou escapar. – Você é o melhor irmão que qualquer um poderia ter.

– Vou aí ver você amanhã. Prometo. Agora nós dois vamos ter muito mais tempo um para o outro, não é?

– Desculpa toda essa confusão.

– Para ser sincero com você, fazia anos que eu não me sentia tão bem assim.

26

As sombras da infidelidade devem estar sempre espreitando à porta, senão um casamento fica cada vez mais sem graça.

– Mattie, que surpresa – disse Urquhart ao abrir a porta da frente da sua casa e vê-la em pé sob a luminária. – Você andou me evitando.

– Sabe que isso não é verdade, senhor Urquhart. Quem andou me evitando foi o senhor. Praticamente fugia toda vez que eu tentava chegar perto na convenção.

– Bem, os dias andaram meio agitados lá em Bournemouth. E você é do *Chronicle*. Tenho de admitir que teria sido pouco… – ficou procurando a palavra – *apropriado* para mim ser visto falando com uma de suas jornalistas, particularmente uma tão, como posso dizer… tão loira quanto você.

Os olhos dele dançavam de alegria e, no entanto, ela hesitava mais uma vez, como havia feito tantas vezes, pegando o telefone para ligar para ele mas pondo-o de volta no gancho. Ela não sabia ao certo a razão. Sabia que aquele homem era perigoso, que a fazia sentir coisas que não deveria; ainda assim, quando estava com ele, ela vibrava de excitação até os dedos dos pés.

– As pessoas poderiam interpretar mal se vissem você e eu encostados em algum canto escuro, Mattie – ele prosseguiu, mais sério agora. – E aquela sua primeira página causou um dano mortal ao meu primeiro-ministro.

– Quem causou esse dano foi quem vazou a pesquisa, não eu.

– Bem, *timing* é tudo. E agora você está aqui de novo. Para me fazer perguntas.

– É o meu trabalho, senhor Urquhart.

– E já está fazendo um belo frio para essa época do ano, eu acho. – Deu uma olhada ao longo da rua como se checasse o tempo, e aproveitou para ver se tinha alguém olhando. – Por que não entra um pouco?

Ele pegou o casaco dela, acomodou-a numa grande poltrona de couro em seu escritório, providenciou um uísque para os dois.

– Espero que isto também não seja impróprio – comentou ela.

– Diferentemente de Bournemouth, aqui não tem ninguém espiando.

– A senhora Urquhart…

– Está na ópera com um amigo. Vai demorar para voltar, se é que volta.

Assim, com poucas palavras, ele os havia recoberto com um manto de conspiração, que ela sentiu se aninhar confortavelmente sobre seus ombros.

– Que dia, hein? – disse ela, bebericando.

– Não é sempre que um cometa aparece no céu e arde de modo tão espetacular.

– Posso lhe falar com franqueza, senhor Urquhart, saindo um pouco dos termos do lobby?

– Então é melhor me chamar de Francis.

– Vou tentar… Francis. O que acontece é que… Meu pai tinha uma personalidade muito forte. Olhos azuis bem claros, mente lúcida. Em alguns aspectos, você me lembra ele.

– Seu pai? – disse Urquhart, um pouco surpreso.

– Preciso do seu conselho. Para entender as coisas.

– Como pai?

– Não. E nem mesmo como líder da bancada. Como um… amigo?

Ele sorriu.

– Tudo isso é coincidência?

– Tudo isso o quê?

– Esses vazamentos. A pesquisa de opinião. Alguém colocou na minha porta, sabe.

– É extraordinário.

– Depois, as ações da Renox. Não tenho como não concluir que há alguém por trás disso.

– Um plano para tirar Henry Collingridge do cargo? Mas, Mattie, como poderia ser isso?

– Soa ingênuo, talvez, mas…

– Vazamentos são parte do negócio, Mattie. Há alguns políticos que não conseguem passar pelas portas do *Guardian* sem entrar e abrir a torneira.

– Não se destrói um primeiro-ministro por acidente.

– Mattie, Henry Collingridge não foi destruído por seus opositores, mas pela evidente jogada do irmão dele com as ações da Renox. Foi uma pisada de bola, não uma conspiração.

– Mas, Francis, eu conheci o Charlie Collingridge. Passei várias horas com ele na convenção do partido. Ele me impressionou por ser um bêbado agradável e franco, que não parece ter duzentas libras no bolso, e muito menos ser capaz de levantar dezenas de milhares para começar a especular com ações.

– É um alcoólatra.

– Será que ele colocaria em risco a carreira do irmão por alguns milhares de libras de lucro na Bolsa?

– Alcoólatras raramente são responsáveis.

– Mas Henry Collingridge não é um alcoólatra. Você realmente acha que ele se rebaixaria a fornecer dicas privilegiadas sobre ações ao irmão para financiar os porres dele?

– Eu entendo suas dúvidas. Mas será que é mais aceitável então acreditar que houve alguma forma de complô de alto nível envolvendo figuras

importantes do partido para criar esse caos absoluto?

Ela enrugou os lábios e franziu a testa.

– Não sei – admitiu. – Mas seria possível – acrescentou, teimosa.

– Talvez você esteja certa. Vou refletir a respeito disso. – Ele terminou seu drinque, era o fim daquele momento. Pegou o casaco dela, acompanhou-a até a porta. Pôs a mão no trinco, mas não abriu a porta. Estavam bem perto um do outro.

– Olha, Mattie, é possível que seus temores tenham fundamento.

– Não são temores, Francis – ela corrigiu.

– De qualquer maneira, as próximas semanas serão tumultuadas. Será que a gente poderia fazer isso de novo, discutir essas ideias, sejam quais forem as voltas e reviravoltas que venhamos a descobrir, só você e eu? Algo totalmente particular?

Ela sorriu.

– Sabe? Eu ia propor a você exatamente a mesma coisa.

– A senhora Urquhart não passa a semana inteira em Londres. Ela costuma ficar fora ou envolvida em suas outras atividades. Eu costumo ficar sozinho aqui nas noites de terça e quarta. Por favor, sinta-se à vontade para aparecer.

O olhar dele, firme, penetrante, deixou-a mexida, com uma sensação de perigo.

– Obrigada – disse ela, baixinho. – Eu vou aparecer.

Ele abriu a porta. Ela já havia descido o degrauzinho quando se virou.

– Você vai concorrer, Francis?

– Eu? Será que deveria? Afinal, sou apenas o líder da bancada, nem mesmo sou membro efetivo do Gabinete.

– Você é forte, entende o poder. E é um pouquinho perigoso também.

– Bondade sua, acho. Mas a resposta é não, não vou concorrer.

– Acho que você deveria.

Ela deu mais um passo, mas ele a chamou.

– Você se dava bem com seu pai, Mattie?

– Eu amava meu pai – disse ela, antes de desaparecer noite adentro.

* * *

Ele se acomodou de novo em sua poltrona, com mais um uísque, a mente agitada com os eventos do dia e daquela hora que acabara de passar. Mattie Storin era excepcionalmente inteligente e bonita, e deixara claro que estava disponível. Mas para que, exatamente? As possibilidades pareciam tão infinitas quanto atraentes. Ele meditava satisfeito sobre o assunto quando o

telefone tocou.

– Frankie?

– Ben, que bom ouvir sua voz, mesmo a esta hora da noite.

Landless ignorou o sarcasmo.

– Tempos interessantes, Frankie, tempos interessantes. Não é assim que eles falam na China?

– Eu acho que dizem isso quando se referem a alguma maldição.

– Acho que o velho Harry Collingridge concordaria!

– Eu estava aqui sentado pensando exatamente nisso.

– Frankie, você não tem tempo para ficar com o traseiro na cadeira. O jogo começou. Você está pronto?

– Pronto para o que, Ben?

– Não seja tão… qual é a palavra?

– Obtuso?

– É, levanta a bunda. Preciso de você comigo, Frankie.

– No quê?

– Você quer concorrer? – pressionou Landless, impaciente.

– À liderança? Eu sou apenas o líder da bancada. Eu não sou de aparecer no palco, prefiro me sentar nos bastidores e orientar os atores.

– Certo, certo, mas você quer? Porque, se quiser, meu filho, eu posso ser muito útil para você.

– Eu? Primeiro-ministro?

– Frankie, estamos jogando um novo jogo agora, as apostas são mais altas. E suas apostas são quase tão altas quanto as minhas. Eu gosto do que você vem fazendo e da sua maneira de atuar. Você entende como o poder deve ser usado. Então, quer jogar ou não?

Urquhart não respondeu imediatamente. Seu olho foi parar numa pintura a óleo na sua parede, com uma moldura dourada toda ornamentada, que mostrava um cervo encurralado por cães de caça. Será que ele teria estômago para aquilo? As palavras vieram lentamente. Pegaram-no de surpresa.

– Eu gostaria de jogar, gostaria muito.

Era a primeira vez que confessava aquela ambição a alguém além de si, mas, sendo a um homem como Landless – que expressava seus desejos mais improfessáveis a cada badalada do relógio –, não sentiu vergonha.

– Isso é bom, Frankie. Isso é ótimo! Então vamos começar daí. Vou te contar o que o *Chronicle* vai publicar amanhã. É um artigo analítico da nossa correspondente política, Mattie Storin. Aquela loirinha linda com pernas compridas e peitinhos maravilhosos; sabe quem é?

– Acho que sei.

– Ela vai dizer que se trata de uma corrida aberta, todo mundo com as mãos sujas do sangue do Collingridge, e que há muito mais caos pela frente.

– Eu acho que ela está certa.

– Caos. Eu gosto de caos. Vende jornal. Então, em quem você apostaria?

– Bem, vamos ver… Essas coisas normalmente duram apenas umas duas semanas. Então os caras mais espertinhos, os que se dão bem nas câmeras de televisão, esses são os que vão ter o melhor início. O que importa é a onda; se você consegue pegá-la, ela o leva para onde você quer.

– E qual dos espertinhos em particular?

– Talvez o Michael Samuel.

– Hmm, jovem, boa pinta, tem princípios, parece inteligente – não é lá do meu total agrado. Quer interferir o tempo todo, transformar o mundo. Consciência demais, experiência de menos.

– Então, o que você sugere, Ben?

– Frankie, as ondas mudam. Uma hora você está nadando em direção à praia, no minuto seguinte está à beira de um cano de esgoto logo depois de eu ter dado descarga.

Urquhart ouviu o outro homem despejando bebida numa taça e dando um longo gole antes de continuar.

– Frankie, vou lhe dizer uma coisa. Essa tarde, eu dei instruções a uma equipe pequena e extremamente confidencial do *Chronicle* para que comecem a contatar o maior número possível de membros do Parlamento do seu partido e perguntar como pretendem votar. A gente vai publicar isso na quarta-feira – e eu prevejo com bastante confiança que o jovem Mickey Samuel vai mostrar uma vantagem pequena porém clara sobre o resto.

– O quê? Como você sabe disso? A pesquisa ainda nem foi concluída. – Um suspiro de compreensão. – Ah, sei, Ben, estou sendo ingênuo, não é?

– Acertou na mosca, Frankie. Você está esperto. Por isso eu gosto de você. Eu sei o que o diabo da pesquisa vai dizer já que sou o diabo do editor.

– Sim, você está dizendo que manipulou a pesquisa. Mas por que está empurrando o Samuel para frente?

– Ele vai ser o primeiro a ir para o cano de esgoto. Ah, Frankie, e você vai estar lá na pesquisa também, em algum lugar mais para o fim da lista, só que não numa posição vergonhosa para um líder da bancada. Mas o Mickey estará lá na frente, assim todos os outros terão um bom alvo; ele será o homem que todos eles vão querer derrubar. Aposto que não vai demorar duas semanas para ele ficar impressionado com o número de maus amigos que conseguiu juntar.

– E onde é que eu me encaixo nesse grande plano?

– Você vem de trás, como disse a atriz para o arcebispo. Como candidato de conciliação. Enquanto todos os filhos da puta ficarem um tentando afogar o outro, você surge devagarzinho como o homem que eles todos odeiam menos.

– Quando todas as outras árvores são derrubadas, até um arbusto parece alto.

– Como?

– Nada. Posso confiar em você?

– Confiar em mim? – ele se mostrou horrorizado. – Eu sou um homem de jornal, Francis.

Urquhart desandou numa risada sombria. Era a primeira vez que o proprietário se dirigia a ele pelo nome apropriado. Landless falava a sério.

– E então, você não vai perguntar o que eu quero com tudo isso? – o proprietário perguntou.

– Eu acho que já sei, Ben.

– E o que é?

– Um amigo. Um amigo na Downing Street. Um bom amigo. Um amigo exatamente como eu.

27

Um político não deve gastar tempo demais pensando. Isso tira a atenção que ele deve manter em vigiar sua retaguarda.

TERÇA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO

O escritório privado do primeiro-ministro, seu santuário interior. Urquhart encontrou-o na mesa, assinando uma grossa pilha de cartas. Usava óculos de leitura, algo que raramente fazia quando havia alguém por perto. Mais incomum ainda, não havia um único jornal por ali.

– Henry, não tive oportunidade de conversar com você desde ontem. Nem sei dizer o quanto fiquei chocado… Arrasado, eu diria.

– Sem compaixão, Francis, nada de trajes fúnebres e cinzas. Eu me sinto estranhamente satisfeito com a situação. Como se tivesse me livrado de um fardo. E todos esses outros chavões.

– Enquanto eu estava lá, ouvindo você, me senti como… como se estivesse caindo das alturas, literalmente.

– Bem, boa aterrissagem. – O primeiro-ministro pôs seus óculos de lado e se levantou da mesa, conduzindo Urquhart até as duas poltronas bem estofadas que davam para o parque. – De qualquer maneira, sinto que não tenho tempo para autopiedade. Humphrey Newlands deve estar chegando agora para que a gente possa preparar a eleição da liderança. Depois, vou sair e passar o resto do dia com o Charlie. É uma maravilha ter tempo para essas coisas.

Urquhart ficou espantado ao ver que ele falava a sério.

– Você queria uma conversa em particular, Francis?

– Sim, Henry. Olha, eu sei que você não vai apoiar nenhum candidato em particular nessa eleição, pelo menos não publicamente…

– Seria absolutamente inadequado.

– Sim, mas isso não impede que você tenha um ávido interesse acadêmico nessa questão. Nós dois sabemos que muitos dos seus colegas deixaram você na mão recentemente.

– Sim, a expressão “filhos da puta ingratos” de algum modo me vem à mente.

– Você tem o direito… eu diria até que tem o dever de garantir que o partido ficará em boas mãos. Bem, como líder da bancada, é claro que não vou concorrer. Vou ficar totalmente neutro. Mas isso não me impediria de mantê-lo informado sobre o que está acontecendo.

Ambos sabiam que um primeiro-ministro, mesmo em seus últimos dias, ainda exerce influência – há seus seguidores políticos, os amigos pessoais, além da questão não sem importância dos seus indicados para compor a Lista das Honras da Cerimônia de Renúncia, com todas as suas hierarquias nobiliárquicas, que compõem as prerrogativas de todo primeiro-ministro que deixa o cargo. Para muitos dos membros veteranos do partido, essa seria a última oportunidade de sobressair na multidão e alcançar o status social que suas esposas almejavam havia tempos.

Collingridge coçou o queixo.

– Você tem razão, Francis. Eu não trabalhei esses anos todos simplesmente para ver alguém jogar tudo pela janela. Então, me diga, como estão as coisas?

– Nesses primeiros dias, é difícil avaliar. Acho que a maior parte da imprensa está certa em sugerir que se trata de uma corrida aberta. Mas acho que as coisas vão se configurar logo, assim que forem postas em movimento.

– Não tem ninguém saindo na frente, então?

– Bem… – Urquhart balançou a cabeça de um lado para o outro, do jeito que Jhabwala havia feito.

– Vamos lá, Francis. Só me dê um palpite, já é suficiente para mim.

– Meu faro me diz que o Michael Samuel tem uma pequena vantagem inicial.

– Michael? Por quê?

– Numa corrida curta e furiosa, não há tempo para desenvolver argumentos sólidos, é tudo uma questão de imagem. Michael é bom em frente às câmeras de tevê.

– Um homem de mídia.

– E inevitavelmente ele terá um sutil apoio do Teddy e da sede do partido.

O rosto de Collingridge ficou sombrio.

– É, eu entendo o que você quer dizer. – Ele tamborilou os dedos no braço de sua poltrona, fazendo um som alto, pesando as palavras com cuidado. – Francis, eu não tenho intenção de interferir, mas tampouco vou bancar o ingênuo. Para que o partido tenha uma disputa livre e justa, não podemos deixar que a sede do partido fique interferindo. Não depois de seu recente desempenho; a triste eleição, todos esses vazamentos, para não falar da maldita pesquisa de opinião. – Ele cuspiu as últimas palavras. Apesar de todas as suas declarações de satisfação, ainda havia uma tempestade dentro dele. – E tem uma coisa que eu não vou esquecer. Sabe, alguém vazou a notícia da minha visita ao palácio ontem. Fiquei sabendo que isso veio dos bastidores da Smith Square. Como eles ousam? Quer dizer que eu virei o palhaço de um cirquinho da mídia! – Seu punho acertou o braço da poltrona.

– Você merecia ser tratado com mais dignidade, Henry.

– Não é só por mim, é por Sarah também. Ela não merecia isso. – Ele respirava mais pesado agora, de raiva. – Não, eu não vou deixar isso ficar assim. Não vou deixar que o bando de homens alegres do Teddy interfira nessa maldita eleição! – Inclinou-se na direção de Urquhart. – Não acho que você tenha muito amor pelo Teddy, também, não depois do boicote dele a suas propostas de remanejamento. Tenho certeza de que você presumiu isso na época.

Urquhart assentiu, feliz por ter sua suspeita confirmada.

– Me diga, Francis, o que eu posso fazer? Como eu posso garantir que essa eleição seja conduzida da maneira adequada?

– Os meus interesses coadunam com os seus, eu simplesmente quero garantir um jogo limpo. As pessoas precisam de tempo para pensar, em vez de serem empurradas para julgamentos precipitados.

– E então?

– Então, dê a eles um pouco mais de tempo para que façam suas escolhas. Desacelere o ritmo. Desfrute de suas últimas semanas no cargo. Não tenho nada contra o Michael, mas você precisaria garantir que o cargo fosse transmitido a um sucessor escolhido pelo partido, e não pela mídia.

– E menos ainda por aquela raposa velha do Teddy.

– Como primeiro-ministro, você pode dizer isso, mas, como líder da bancada, eu não estou em posição de comentar.

Collingridge riu baixinho.

– Não quero estender esse período de incerteza por mais tempo do que o necessário, mas suponho que mais uma semana ou algo assim não vá trazer muito prejuízo.

– Pelas regras, o tempo é algo que está inteiramente nas suas mãos, Henry.

Collingridge deu uma espiada no relógio.

– Bom, o Humphrey deve estar lá fora esperando. Melhor não deixá-lo à toa mais tempo. Ele vai oferecer seu conselho e eu tenho de ouvi-lo com a máxima atenção, embora eu suspeite que a especialidade dele seja mais a área de *resorts* de praia do que as disputas de liderança. Vou pensar no assunto de hoje para amanhã, e amanhã cedo eu lhe conto o que decidi. Você será o primeiro a saber, Francis. – Acompanhou o líder da bancada até a porta. – Sou muito grato a você. Não imagina como é reconfortante ter alguém como você por perto, alguém sem interesses pessoais.

* * *

Eles haviam ido ao apartamento dela, fecharam a porta com um pontapé, riram enquanto tiravam a roupa, deitaram no chão, não conseguiram nem

chegar até a cama. Agora Mattie e Krajewski estavam deitados, com braços e pernas entrelaçados. Ele pensava que nunca havia sido tão feliz antes, enrolado com ela no sofá; mas a mente dela já estava em outro lugar.

– Collingridge? – ele murmurou, enquanto tirava as mãos de seus seios impecáveis.

Ela pareceu não notar a pontinha de desapontamento.

– Andei pensando, Johnnie. Sobre o Charlie Collingridge.

– Eu aqui deitado, suando no meio das tuas pernas, e você pensando em outro homem – ele reclamou, meio brincando.

– Sei que ele é um alcoólatra e tudo mais – continuou ela, meio divagando –, e que os alcoólatras muitas vezes não são responsáveis por seus atos.

– Eu também não sei se sou muito responsável quando estou com você.

– Mas é tudo simples demais.

– Mas será que a vida precisa ser complicada? – ele implorou, pressionando seu corpo contra a região lombar dela.

– Eu simplesmente não acredito que o Charlie Collingridge tenha sido capaz de fazer aquilo, e ainda menos que tivesse os recursos.

– Só tem um homem que sabe – murmurou Krajewski–, e ele tá trancado em alguma clínica de recuperação.

Ela virou o rosto para ele.

– Mas onde?

Ele suspirou enquanto sentia sua paixão esfriar.

– Acho que deve ser um segredo de família muito bem guardado.

– Eu quero encontrá-lo.

– E como é que a nossa Repórter do Ano pretende fazer isso?

Ela se afastou dele, enrolou-se num cobertor e sumiu na cozinha. Ele se levantou procurando sua cueca, achou-a atrás do televisor, e com alguma relutância se enfiou dentro dela, enquanto ela voltava com duas taças de vinho. Acomodaram-se no tapete, em frente à lareira vazia.

– Quando foi a última vez que alguém viu Charles Collingridge? – ela perguntou.

– Bem, ahn… Quando ele foi levado de carro da casa dele há uma semana.

– Quem estava com ele?

– Sarah Collingridge.

– E…?

– Um motorista.

– Exatamente. E quem era o motorista, Johnnie?

– Sei lá?

– Mas podemos começar por aí. – Uma vez mais ela se afastou dele e engatinhou até a televisão, que estava rodeada por um monte de fitas de

vídeo espalhadas. – Deve estar por aqui – ela disse, bagunçando ainda mais tudo aquilo. Encontrou a fita que procurava e logo a tela da televisão era uma torrente de imagens conforme ela avançava a fita rapidamente por uma compilação de noticiários. Estava tão absorta que nem percebeu que o cobertor caíra de seus ombros. Krajewski se sentou e ficou lá, perdido, contemplando os mamilos dela e ficando ainda mais excitado. Estava pensando em pegar a tevê e atirá-la pela janela quando, em meio à enxurrada de imagens, Charles Collingridge emergiu, enfiado no banco de trás de um carro em fuga, e o cobertor estava de volta aos ombros dela.

– Olha lá, Johnnie!

Ele suspirou desgostoso quando a viu apertar outro botão para passar o programa desde o início. E ali, por menos de um segundo, conforme o carro disparava pela rua principal, eles puderam ver o rosto do motorista pelo para-brisa. Ela apertou o botão de pausa e os dois se perceberam fitando o rosto de um homem careca e de óculos.

– E quem diabos é esse cara? – Krajewski murmurou.

– Vamos imaginar quem ele não deve ser – disse Mattie. – Não é um motorista do Governo… O carro não é oficial e os motoristas do Governo são bem fofoqueiros; a notícia já teria se espalhado. Não é nenhuma figura política, se não a gente já teria reconhecido… – Ela parou de olhar o rosto na tela e voltou-se para Krajewski, sem perceber a carranca de frustração que ele fazia. – Johnnie, para onde eles estavam indo?

Ele se viu dividido entre sua própria curiosidade jornalística e seu desejo de se atirar em cima dela. Raios, cresça um pouco, Krajewski, ele se repreendeu.

– Ok, não estavam indo para Downing Street. Nem para nenhum hotel ou outro lugar público. – Ele avaliou as opções. – Direto para a clínica, eu suponho.

– Justamente! Esse homem é motorista da clínica. Se a gente descobrir quem ele é, vai saber para onde o Charlie foi levado!

– Acho que eu posso conseguir uma cópia em papel do rosto dele a partir do vídeo. Posso falar com o Freddie, nosso velho fotógrafo da redação. Ele tem uma memória excelente para rostos e também é alcoólatra, faz uns dois anos que parou. Ainda vai toda semana ao Alcoólicos Anônimos. Talvez consiga nos colocar na pista certa. Não há tantos centros de recuperação assim, talvez a gente consiga fazer algum progresso.

– Você é incrível, Johnnie.

E, pela primeira vez naquela noite, ele sentiu que ela estava falando aquilo para valer.

– Eu sou um filho da puta dum mercenário. Eu exijo pagamento – ele arriscou. – Mattie, posso dormir aqui?

Os olhos dela se encheram de remorso, ela negou com a cabeça.

– Johnnie, lembre-se das nossas regras do jogo.

– A gente não tá tendo um caso, né? Bom, como você já conseguiu o que queria de mim, acho que é melhor eu ir embora – disparou, consumido pelo que chamava de sua "paixão por mamilos". Ficou em pé e se vestiu depressa, mas a meio caminho da porta seus ombros caíram, ele se viu vencido. – Desculpe, Mattie – ele disse. – Mas é que… você é muito especial para mim. Eu vivo na esperança.

Ele estava junto à porta. Virou-se.

– Tem mais alguém na jogada, Mattie?

– Não, Johnnie, é claro que não – ela disse. – Não é nada disso.

Contudo, conforme ele fechava a porta, ela ficou ponderando se estava sendo honesta com Krajewski. E como poderia? Não tinha certeza nem se estava sendo honesta consigo mesma. Não era o que se esperava das garotas certinhas.

Algumas campanhas políticas começam a todo pique. Outras simplesmente vão a pique.

QUARTA-FEIRA, 27 DE OUTUBRO

DAILY CHRONICLE. PÁGINA 1:
SAMUEL NA FRENTE. UMA VANTAGEM SURPREENDENTE.

Michael Samuel, o jovem secretário do Meio Ambiente, estava ontem à noite em primeiro lugar na corrida para o cargo de primeiro-ministro.

Numa pesquisa exclusiva realizada durante os últimos dois dias pelo *Chronicle* entre quase dois terços dos membros governistas do Parlamento, 24% indicaram-no como sua primeira escolha, bem à frente de outros potenciais candidatos.

Espera-se que Samuel anuncie sua candidatura nos próximos dias. Num golpe bastante duro para seus rivais, especula-se que ele poderá conquistar o apoio de figuras influentes do partido, como Lorde Williams, seu presidente. Segundo algumas fontes, esse apoio pode ser crucial.

Nenhum outro nome atraiu mais do que 16%. Cinco potenciais candidatos obtiveram entre 10% e 16%. São eles: Patrick Woolton (secretário do Exterior), Arnold Dollis (secretário do Interior), Harold Earle (Educação), Paul McKenzie (Saúde) e Francis Urquhart, o líder da bancada.

A inclusão de Urquhart na lista, com 12%, causou surpresa em Westminster. Ele nem sequer é membro efetivo do Gabinete, mas, como líder da bancada, tem forte base parlamentar. Para alguns observadores, ele pode se mostrar um candidato forte, correndo por fora. No entanto, fontes próximas de Urquhart enfatizaram ontem à noite que ele não havia tomado decisão alguma de participar da disputa, e espera-se que venha a definir sua posição ao longo do dia…

* * *

O primeiro-ministro mudara de ideia. Lera todos os jornais naquela manhã.

Os comentários que na semana anterior haviam arrancado sua pele a tiras estavam agora, embora de maneira intermitente e inconstante, elogiando seu autossacrifício, que iria permitir ao Governo um reinício – "se bem que ele ainda precisa resolver várias questões importantes, pessoais e familiares, para dar uma satisfação ao público", alardeava o *Times*. Como sempre, a imprensa não tinha o menor constrangimento em dormir dos dois lados da cama, como uma boa piranha.

Ele leu o *Chronicle* com um cuidado especial, como havia lido atentamente outros jornais. Um consenso parecia emergir: tratava-se de uma corrida aberta, mas Samuel era o líder. Collingridge jogou o jornal num canto, onde ficou dobrado como um cisne moribundo, e convocou seu secretário político.

– Grahame. Uma instrução a Lorde Williams, com cópia para Humphrey Newlands. Ele precisa emitir um comunicado à imprensa às 12h30 para o noticiário da hora do almoço. As indicações para a eleição da liderança irão se encerrar em três semanas, na quinta-feira, 18 de novembro, com a primeira votação ocorrendo na terça-feira seguinte, 23 de novembro. Se for necessária uma segunda votação, ela será realizada, como prescrito nas normas do partido, na terça-feira seguinte, dia 30 de novembro, com um eventual segundo turno decisivo dois dias depois. Isso ficou claro?

– Sim, primeiro-ministro. – O secretário assentiu, mas desviou o olhar. Era a primeira vez desde seu anúncio de renúncia que eles ficavam a sós e em condições de falar.

– Você sabe o que isso quer dizer, Grahame? Em exatamente seis semanas e um dia, você e eu estaremos desempregados. Não tenho encontrado tempo para lhe agradecer devidamente por esses anos que passamos, mas gostaria que você soubesse que me sinto muito grato.

O assistente desviou o olhar, embaraçado.

– Você deve começar a pensar no seu futuro. Tem a minha Lista das Honras da Cerimônia de Renúncia. Você estará nela. Assim como vários senhores que terão acabado de ser condecorados Cavaleiros na cidade e que ficarão felizes em lhe fazer uma oferta generosa. Vou garantir que isso ocorra. Pense no que você quer, e me informe. Eu ainda tenho alguns favores a cobrar.

O secretário ergueu o olhar, com pesar e gratidão.

– A propósito, Grahame, é possível que Teddy Williams queira me localizar para tentar me convencer a encurtar o processo de eleição. Eu não estarei disponível. Deixe claro para ele que se trata de instruções, e não de termos negociáveis, e que essas disposições deverão ser expedidas sem falta por volta de 12h30.

Houve uma pequena pausa.

– Diga a ele que, caso contrário, serei obrigado a vazá-las eu mesmo.

* * *

A maré não espera por ninguém e já estava baixando para Michael Samuel. Tão logo Collingridge anunciara sua renúncia, ele já estava consultando seu mentor, Teddy Williams.

– Paciência, Michael – aconselhara o velho estadista. – Você com certeza será o candidato mais jovem. Eles vão tentar dizer que você é muito "verde", inexperiente demais e ambicioso em excesso. Por isso, tente não dar muito a impressão de que você quer o cargo. Mostre um pouco de contenção e deixe que eles venham até você.

O que provou ser um excelente conselho, mas inteiramente irrelevante diante das circunstâncias. Logo depois de o *Chronicle* sair às ruas promovendo o nome de Samuel, Urquhart apareceu diante das câmeras de tevê para confirmar que não tinha intenção de concorrer. "Estou lisonjeado por meu nome ter sido mencionado, é claro, mas sinto que vou defender melhor os principais interesses do partido se, como líder da bancada, eu permanecer totalmente imparcial nessa disputa", disse ele, acrescentando um gesto autodepreciativo antes de se retirar, perseguido pelas perguntas gritadas pela multidão, mas deixadas sem resposta.

Samuel estava sendo procurado para dar declarações, e a publicação do cronograma detalhado da eleição, feita mais tarde naquela manhã, pôs mais lenha na fogueira. No momento em que os inquisidores ofegantes no meio da multidão o localizaram no Intercontinental Hotel junto ao Hyde Park, pouco antes de uma reunião de almoço, não havia clima para que respostas condicionais fossem aceitas. Samuel não podia dizer não; talvez eles não aceitassem, ainda mais quando descobrissem que ele já havia nomeado o núcleo de uma equipe de campanha. Assim, depois de um considerável assédio, ele foi obrigado a anunciar, na escadaria do hotel, rodeado por um caos de bagagens e guarda-chuvas abertos, que iria de fato concorrer.

O noticiário das 13h00 ofereceu um claro contraste entre Urquhart, o político digno e mais velho, abrindo mão de concorrer, e o aparentemente ansioso Samuel, numa coletiva de imprensa improvisada na rua, lançando-se ele mesmo como primeiro candidato oficial, quase um mês antes da data da primeira votação.

Urquhart estava assistindo a esses desdobramentos com satisfação quando o telefone tocou. Ouviu então o som de uma descarga de banheiro, que foi sumindo e permitindo ouvir o som inconfundível da risada de Ben Landless, antes que a linha ficasse muda.

29

Algumas carreiras políticas são como um livro que foi mal arquivado na Biblioteca Britânica. É um pequeno erro, no que se refere a erros, mas o resultado é o eterno esquecimento.

SEXTA-FEIRA, 29 DE OUTUBRO – SÁBADO, 30 DE OUTUBRO

– É isso que você queria?

O tom de Krajewski ainda carregava a mágoa do último encontro entre os dois. Ele vinha evitando Mattie na sala da redação desde então, mas agora estava inclinado sobre o ombro dela, tomando cuidado para não chegar perto demais. Segurava um grande envelope pardo na mão, que deixou cair na frente dela, e de dentro ela tirou uma foto colorida de 25x30 centímetros. O motorista a fitava, granulado e distorcido, mas com uma clareza razoável.

– Freddie foi além da encomenda – continuou Krajewski. – Ontem à noite, ele levou isso para a reunião do AA, e o líder do grupo reconheceu o cara na hora. É o doutor Robert Christian, uma autoridade reconhecida no tratamento da dependência de drogas e álcool. Ele dirige um centro de tratamento numa grande casa particular perto do litoral sul, em Kent. Se você localizar o doutor Christian, aposto que encontra o teu Charlie.

– Johnnie, eu não sei como lhe agradecer – disse ela, animadíssima.

Mas ele já tinha ido embora.

* * *

O dia seguinte, sábado, não era dia de trabalho para Mattie. Ela almoçou cedo e imediatamente entrou no seu velho BMW, pôs combustível e embicou na direção de Dover. Encontrou trânsito pesado ao tentar abrir caminho pela multidão que ia às compras em Greenwich, e por fim conseguiu pegar a A2, a antiga estrada romana que vai de Londres ao centro de Kent. Passou pela cidade de Canterbury, com sua catedral, e 10 quilômetros adiante virou para a pitoresca vila de Barham. Seu mapa rodoviário não foi lá muito útil para encontrar a vila ainda menor de Norbington, mas logo depois, com a ajuda de vários habitantes locais, ela se viu diante de uma grande casa vitoriana, ostentando uma placa desbotada em meio a arbustos, que declarava ser ali o Fellowship Treatment Centre.

Havia vários carros estacionados no acesso frondoso e a porta da frente estava aberta. Ela se surpreendeu ao ver pessoas perambulando com aparente

liberdade, sem qualquer sinal das temíveis enfermeiras todas de branco, que ela imaginara encontrar patrulhando a área para evitar potenciais fugas. Estacionou seu carro na rua e, chupando uma bala de hortelã para criar coragem, subiu cautelosamente o acesso para carros.

Um senhor avantajado, de terno de tweed, com um bigode militar branco, aproximou-se, e seu coração encolheu. Com certeza era o segurança, atrás de intrusos.

– Desculpe, querida – disse ele, com um sotaque antiquado e pomposo, interceptando-a junto à porta de entrada. – Você viu algum membro da equipe da clínica? Eles gostam de ficar menos visíveis nos dias de visita dos familiares, mas nós deveriamos ter o direito de encontrar um deles quando necessário.

Mattie desculpou-se e sorriu aliviada. A sorte estava do seu lado e ela escolhera o melhor dia possível para evitar perguntas indesejadas. O lugar tinha uma elegante atmosfera de retiro rural, mais do que de uma instituição; nada de camisas de força, de proibições, de fechaduras nas portas, de cheiro de hospital. Na parede do corredor, ela encontrou um mapa de segurança contra incêndio com uma planta detalhada da casa, que usou para se orientar no local à procura de sua presa. Encontrou-a do lado de fora, num banco de jardim, contemplando o vale sob o fugidio sol de fim de outono. Sua descoberta não lhe deu alegria. Viera para enganar.

– E aí, Charlie! – exclamou, sentando-se ao lado dele. – Que surpresa encontrar você por aqui.

Ele olhou para ela sem entender nada. Parecia fatigado, com reações lentas, como se sua mente estivesse em algum lugar distante.

– Eu… Eu sinto muito – murmurou. – Não estou reconhecendo você…

– Mattie Storin. Você se lembra de mim, claro que lembra. A gente passou uma noite muito divertida juntos em Bournemouth, há umas duas semanas.

– Ah, sinto muito, senhorita Storin. Eu não lembro. Como vê, eu sou alcoólatra, é por isso que estou aqui, e receio que há algumas semanas eu não estivesse em condições de me lembrar de muita coisa.

Ela foi pega de surpresa pela franqueza dele, que sorria com ar sereno.

– Por favor, não se sinta embaraçada, minha querida – ele disse, dando um tapinha na mão dela, como um tio idoso. – Eu sou dependente. Tentando me curar. Costumava arrumar um milhão de jeitinhos para esconder isso dos outros, mas só consegui enganar a mim mesmo. Estou querendo ficar bem. É para isso que este centro de tratamento existe.

Mattie ficou vermelha. Ela invadira o mundo privado de um homem doente e sentiu vergonha por isso.

– Charlie, se você não lembra quem eu sou, não deve lembrar que sou jornalista.

A mão foi retirada, o sorriso desapareceu, substituído por um olhar de resignação.

– Droga. E parecia uma garota tão legal. Bem, suponho que isso tinha de acontecer alguma hora, se bem que o Henry tinha a esperança de que eu fosse deixado em paz aqui…

– Charlie, por favor, acredite em mim, não vim aqui para dificultar sua vida, eu quero ajudar.

– Todos dizem isso, não é?

– Não diga nada por enquanto, deixa eu falar um pouco.

– Ah, está certo. Eu não tenho muito para onde ir mesmo.

– Seu irmão, o primeiro-ministro, foi forçado a renunciar por causa das acusações de que teria ajudado você a comprar e vender ações para obter lucro rápido.

Ele começou a fazer um gesto com a mão, para que ela parasse, mas ela desconsiderou seu protesto.

– Charlie, nada disso faz qualquer sentido para mim. A coisa simplesmente não bate. Acho que alguém está agindo de propósito para tentar prejudicar seu irmão acusando você.

– Como assim? – Seus velhos olhos de ostra começaram a se mexer com interesse. – Quem faria isso?

– Eu não sei, são só suspeitas. Vim aqui vê-lo para descobrir se você pode me indicar algo mais concreto.

– Senhorita Storin… Mattie, posso chamá-la assim? Você disse que éramos velhos amigos… Eu sou um bêbado. Não consigo lembrar nem que já conhecia você. Então como posso te ajudar? Minha palavra não tem peso nenhum.

– Eu não sou nem juiz, nem promotor, Charlie. Só estou tentando montar um quebra-cabeça a partir de mil pecinhas espalhadas.

Os olhos fatigados de Charlie procuravam algo para além das montanhas, em direção a Dover e o Canal, como se ali houvesse algum mundo diferente.

– Mattie, eu fiz muita força para tentar me lembrar, acredite. O pensamento de que eu arruinei o Henry e o forcei a renunciar é quase maior do que eu sou capaz de suportar. Mas eu não sei qual é a verdade. Não posso ajudá-la. Não posso nem me ajudar.

– Você não se lembra de nada a respeito de ter comprado aquele monte de ações?

– Eu andei muito doente. E muito bêbado. E são muitas as coisas das quais eu não tenho a mais vaga lembrança.

– Você não lembra onde poderia ter conseguido o dinheiro, ou o que fez com o lucro obtido?

– Não parece muito provável que eu tenha tido uma pequena fortuna a

minha disposição e que não lembre mais disso, ou mesmo, o que seria mais provável, que eu tenha gastado tudo em álcool. E não tenho a menor ideia de onde poderia ter ido parar esse dinheiro. E eu não seria capaz de gastar 50 mil libras bebendo em apenas algumas semanas.

– E sobre o endereço falso em Paddington?

– Sim, eles mencionaram algo a respeito. É um completo mistério. Nem sóbrio eu sei onde fica essa tal de Praed Street em Paddington, por isso é absurdo supor que eu tenha encontrado a tal rua bêbado. É do outro lado de Londres em relação a onde eu moro.

– Mas você usou o endereço – eles dizem – para a sua conta de banco e para receber as publicações de propaganda política do partido.

De repente, Charles Collingridge explodiu numa gargalhada, tão intensa que ficou com lágrimas nos cantos dos olhos.

– Mattie, minha querida, você está começando a me fazer recuperar a fé em mim mesmo. Por mais bêbado que eu estivesse, nunca tive o menor interesse em propaganda política. Eu jogo fora tudo o que aparece na minha caixa de correio na época de eleições; pagar por isso todo mês seria um insulto!

– Nenhuma publicação sobre política?

– Nunca!

Folhas de outono revoavam pelo gramado. O sol já se punha bem baixo e quente. Um resplendor vermelho preenchia o céu, iluminando o rosto dele, que visivelmente parecia estar recuperando a saúde, e satisfeito.

– Não posso provar nada. Mas… dou minha palavra de honra… não acredito que eu seja culpado das coisas que eles dizem que fiz. – Ele pegou a mão dela de novo e a apertou. – Mattie, seria muito importante para mim se você acreditasse nisso também.

– Eu acredito, Charlie, de verdade. E vou tentar provar isso por você. – Ela se levantou para ir embora.

– Adorei sua visita, Mattie. Agora que somos velhos amigos, por favor, venha mais vezes.

– Pode deixar. Mas, por enquanto, há algumas coisas que eu preciso desencavar.

* * *

Já era tarde quando ela voltou a Londres naquela noite. As primeiras edições dos jornais de domingo já estavam nas bancas. Ela comprou uma pilha pesada de jornais e, com revistas e folhetos escorregando de seus braços carregados, atirou tudo no banco de trás do carro. Foi então que viu a

manchete do *Sunday Times*.

O secretário da Educação, Harold Earle, que não era nenhum simpatizante do Greenpeace, acabava de anunciar sua intenção de concorrer à liderança e lançava sua campanha com um discurso intitulado "Vamos limpar nosso país".

"Temos falado muito sobre os problemas de nossas cidades do interior, mas elas continuam em declínio, e a condição depauperada de nossas cidades do interior vem acompanhada pela degradação da nossa área rural", afirmava ele, segundo o *Sunday Times*. "Estamos negligenciando esses problemas há muito tempo. Reciclar declarações de preocupação não substitui uma ação efetiva. É tempo de sustentar nossas belas palavras com belas ações. As pesquisas de opinião mostram que o ambiente é uma questão na qual nossos eleitores dizem que temos falhado. Depois de mais de doze anos no poder, eles têm razão em dizer que isso é inaceitável, e devemos acordar para essas preocupações."

"Bem, mas por que o secretário da Educação está fazendo essa barulheira toda sobre questões ambientais?", ela perguntou a si mesma ao terminar de ler aquele enfático discurso. "Como eu sou tonta! Acho que meu pensamento está ficando lento com a idade. Já não consigo mais ler nas entrelinhas. Qual era mesmo o ministro do Gabinete responsável pelas questões do meio ambiente e, portanto, responsável por essa bagunça toda?"

A batalha pública para tirar Michael Samuel da jogada havia começado.

30

Não existe forma de malícia que não leve um político ao deleite ou um jornalista à presunção. O exagero histérico é a marca registrada de ambos.

QUARTA-FEIRA, 3 DE NOVEMBRO

Mattie tentou um contato com Kevin Spence várias vezes na semana seguinte. Apesar das repetidas promessas de sua educadíssima secretária, ele nunca retornou as ligações, então ela esperou passar do horário em que as secretárias costumam sair do trabalho e ligou de novo. O segurança do turno da noite passou a ligação da portaria direto para Kevin.

– Não, senhorita Storin, não a tenho evitado – mentiu Spence. – É que andei muito ocupado. As coisas andam bastante enlouquecidas por aqui ultimamente.

– Kevin, preciso da sua ajuda mais uma vez.

Houve uma pausa. Ele se mostrava mais corajoso e focado quando não estava encarando os olhos dela.

– Lembro da última vez que lhe prestei minha ajuda. Você disse que iria escrever um texto sobre pesquisas de opinião. Em vez disso, escreveu um artigo caluniando o primeiro-ministro. Agora ele já era. – Kevin falava com uma tristeza tranquila. – Ele sempre foi muito decente comigo, muito bom. Acho que você e o resto da imprensa foram de uma crueldade inqualificável.

– Kevin, aquele texto não era meu, eu juro. Meu texto foi tomado de mim, eu não assinei aquilo. Fiquei ainda mais furiosa do que você deve ter ficado.

– Acho que eu fui muito ingênuo. Bem, boa noite, senhorita Storin.

Ele estava quase colocando o fone no gancho.

– Kevin, me dê só um minuto. Por favor! Tem alguma coisa muito estranha nessa renúncia do senhor Collingridge.

Ele ainda estava na ligação.

– Pessoalmente, não acredito no que está sendo dito a respeito dele e do irmão. Gostaria de ser capaz de limpar o nome dele.

– Não vejo de que modo eu poderia ajudá-la – disse Spence, em tom meio desconfiado. – De qualquer maneira, ninguém de fora da assessoria de imprensa está autorizado a ter contato com a mídia durante a campanha pela liderança. São ordens estritas do presidente.

– Kevin, tem muita coisa em jogo aí. Não é só a liderança do partido ou se vocês vão vencer ou não as próximas eleições. Tem algo muito mais pessoal,

que é se a história vai considerar Henry Collingridge um corrupto ou se ele terá a oportunidade de esclarecer as coisas. Você não acha que a gente deve isso a ele?

Outra pausa cautelosa, e então:

– Se eu pudesse ajudar, em que consistiria essa ajuda?

– Uma coisa muito simples. Você conhece bem o sistema de computação aí da sede do partido?

– Sim, é claro, eu uso o sistema o tempo todo.

– Eu acho que o seu sistema foi invadido.

– Invadido? Isso é impossível. A gente tem o melhor esquema de segurança. Ninguém de fora tem acesso ao sistema.

– O problema não é gente de fora, Kevin. É gente de dentro.

O silêncio do outro lado da linha foi mais prolongado dessa vez.

– Pense nisso, Kevin. Sua pesquisa de opinião vazou de dentro. É a única explicação. E agora, o que você me diz?

Ela ouviu Spence cochichar um palavrão enquanto se debatia com suas dúvidas.

– Olha, estou trabalhando na Câmara dos Comuns. Posso estar aí com você em menos de dez minutos, e acho que o seu prédio está bem tranquilo a esta hora da noite. Ninguém vai perceber, Kevin. Estou indo aí.

– Entre pelo estacionamento – ele murmurou. – Pelo amor de Deus, não use a recepção principal.

Menos de sete minutos depois, ela estava lá.

Sentaram-se no escritório dele, no sótão, lotado de pilhas de pastas que caíam de toda superfície plana que havia e se espalhavam pelo chão. Uma tela verde brilhante se destacava na sua mesa, e eles se sentaram bem perto, um do lado do outro, atrás da tela. Ela abriu um botão de sua blusa; ele percebeu. Mattie decidiu que iria se recriminar por aquilo só mais tarde.

– Kevin, Charles Collingridge encomendou material do serviço de Vendas e Publicações do Partido e pediu que fosse entregue num endereço em Paddington. Certo?

– Certo. Eu chequei isso assim que ouvi falar, mas está aí, tudo direitinho. Dê uma olhada.

Ele digitou uns caracteres no teclado, e a prova incriminadora apareceu na tela. “Chas Collingridge Esq 216 Praed St Paddington London W2 – 001A/01.0091.”

– O que significam esses outros hieróglifos?

– O primeiro conjunto significa simplesmente que ele é assinante do nosso serviço geral de publicações. O segundo mostra quando a assinatura dele expira. É o jeito que temos de saber do que ele gosta – se ele se interessa por tudo, ou só pelas principais publicações, ou se é membro de nosso clube do

livro, esse tipo de coisa. Cada um dos nossos programas de marketing tem um conjunto diferente de números de referência. Também mostra como ele paga, se está em dia ou atrasado com a mensalidade.

– E no caso do Charles?

– Estava tudo quitado desde o início do ano.

– Mesmo ele sendo um alcoólatra sem dinheiro, que não é capaz nem de ler quando chega o final do dia.

Spence se mexeu na cadeira, inquieto.

– E essa informação fica disponível em todos os monitores do edifício?

– Fica. Não é uma informação que a gente considere confidencial.

– Então me diga uma coisa, Kevin. – Ela se inclinou um pouco para a frente, respirou fundo; os homens são uns tontos, aquilo funcionava sempre. – Se você quisesse burlar as regras, só um pouquinho, e quisesse me tornar assinante do seu sistema de publicações gerais, teria como fazer isso? Entrar com meus dados a partir deste terminal, por exemplo?

– Bem… sim, poderia. – Spence estava começando a acompanhar o raciocínio dela. – Você está achando que os dados do Charles Collingridge foram introduzidos à revelia por alguém ou inventados. Sim, isso pode ser feito. Veja isso.

Seus dedos voaram como os de um pianista de concerto, e em alguns segundo a tela mostrava uma assinatura de publicações gerais em nome de "M Mouse Esq, 99 Disneyland Miami".

– Mas isso não é suficiente, Mattie. Não é possível colocar uma data anterior, no começo do ano, por exemplo, porque… Espera aí! Que burro que eu sou! É claro! – ele teve o estalo e começou a digitar de novo no teclado. – Se a pessoa sabe os detalhes do funcionamento do sistema, coisa que pouca gente no edifício sabe, pode digitar os dados no subdiretório do *mainframe*…

O som de suas palavras quase submergiu em meio ao *tec tec* do teclado.

– Está vendo, isso dá acesso aos dados financeiros. Desse jeito, você consegue verificar a data exata em que a conta foi paga, se foi paga com cheque ou cartão, quando foi que a assinatura começou…

A tela do monitor começou a brilhar.

– Mas, para isso, você precisa ter a senha. Ah, minha mãe do céu! – Ele deu um pulo para trás, como se a tela o tivesse xingado. Então olhou para a tela de novo. – Mattie, você não vai acreditar nisso…

– Seja lá o que for, eu acho que eu vou acreditar, sim.

– O registro da contabilidade diz que Charles Collingridge nunca pagou pelo serviço de publicações, nem este mês nem em qualquer outro. Seus dados só constam do arquivo de distribuição, e não do arquivo de pagamento.

– Kevin, você sabe me dizer quando o nome dele apareceu pela primeira

vez no arquivo de distribuição? – perguntou ela, bem baixinho.

Mais toques no teclado, dessa vez com cautela, de maneira deliberada.

– Minha nossa. Faz duas semanas exatamente hoje.

– Deixa ver se eu entendi, Kevin. Quero deixar isso bem claro para mim. Alguém do edifício, e não do pessoal da contabilidade ou alguém que domine muito bem computadores, alterou o arquivo e incluiu o nome de Charles Collingridge pela primeira vez há duas semanas.

Ele assentiu. Seu rosto estava branco.

– Você tem como me dizer quem alterou o arquivo, ou em que terminal foi feita a alteração?

– Não. Pode ter sido feito a partir de qualquer terminal deste edifício. O programa de computador confia em nós… – Ele balançou a cabeça negativamente, como se tivesse sido reprovado no teste mais importante de sua vida.

– Não se preocupe, Kevin, você foi brilhante. – Ela tirou os olhos da tela e o fitou, inclinando-se em sua direção. – A gente está na pista certa. Mas é muito importante que você não diga uma palavra sequer sobre isso a ninguém. Eu quero pegar quem quer que tenha feito isso, e se a pessoa souber que estamos procurando, vai encobrir seu rastro. Por favor, você me ajudaria a manter isso em segredo até a gente conseguir algo mais concreto para seguir adiante?

Os olhos dele encontraram os dela.

– De qualquer jeito, quem iria acreditar em mim? – murmurou.

31

A beleza está nos olhos de quem vê.
A verdade está nas mãos de seu editor.

SEGUNDA-FEIRA, 8 DE NOVEMBRO – SEXTA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO

Os jornais do fim de semana nem sequer se deram o trabalho de esconder sua irritação. Samuel, Earle e os ministros do Gabinete que eram prováveis concorrentes tinham todos se comportado bem, sem ataques pessoais diretos a seus rivais. Então, a imprensa fez isso por eles.

O *Observer* declarou que havia sido, "até o momento, uma campanha decepcionante e sem inspiração, ainda esperando que algum dos candidatos instile um pouco de vida no partido". O *Sunday Mirror* desvalorizou a campanha, tachando-a de "irrelevante e irritante", enquanto o *News of the World*, para não ficar atrás, descreveu-a em seu estilo característico como "flatulenta, uma brisa passageira na noite". "Samuel e Earle?", indagava o *People*. "Se a resposta é essa, então a pergunta deve ter sido muito idiota."

Essas críticas sacudiram a campanha e a fizeram se avivar na segunda-feira de manhã. Estimulados pela visão da mídia de que o concorrente certo ainda não havia surgido, mais dois ministros do Gabinete adentraram o ringue – Patrick Woolton e Paul McKenzie, o secretário da Saúde. Ambos foram avaliados como tendo uma chance razoável de sucesso. McKenzie ganhara boa reputação vendendo o esquema de hospitais populares e conseguira se eximir da culpa pelo seu adiamento apontando o dedo para o Tesouro e para Downing Street. "Estou dentro!", ele anunciou.

Desde sua conversa com Urquhart na convenção do partido, Woolton havia feito um intenso trabalho de bastidores. Almoçara com praticamente todos os editores da Fleet Street, tomara drinques com os mais destacados parlamentares *backbenchers* e não dormira com ninguém exceto a esposa. Ele também imaginou ter uma vantagem, ou pelo menos uma singularidade, devido a suas raízes na região Norte, o que esperava estabelecê-lo como o candidato de "consenso nacional", em contraste com os antecedentes mais exóticos da maioria dos outros principais concorrentes. Não que isso tivesse chance de impressionar os escoceses, é claro, cuja tendência era ver a coisa toda como uma incursão totalmente estrangeira. Woolton vinha retardando sua entrada formal na disputa, com o intuito de poder ver como as campanhas de seus rivais se configuravam, mas a pressão do fim de semana

havia sido como um chamado às armas e ele decidira que não devia mais adiar. Convocou uma coletiva de imprensa no aeroporto de Manchester para fazer o anúncio no que ele chamou de "um terreno conhecido", confiando que ninguém iria perceber que ele havia voado de Londres para poder estar lá.

As críticas da imprensa incitaram todos a definir melhor suas posições. Earle repetiu suas críticas relativas ao meio ambiente, mas, dessa vez, preferiu atacar o desempenho de Michael Samuel dando nome aos bois; sem mais mensagens cifradas. Samuel revidou dizendo que a conduta de Earle era condenável e incompatível com seu *status* de colega de Gabinete, além de ser um péssimo exemplo aos jovens, por se tratar de um secretário da Educação. Enquanto isso, o discurso vago de Woolton em Manchester sobre a necessidade de se "restaurar os valores ingleses com um candidato inglês" foi vigorosamente atacado por McKenzie, que tentava desesperadamente redescobrir suas raízes celtas e dizia que aquilo era um insulto a 5 milhões de escoceses. O *Sun* foi além, interpretando as palavras de Woolton como um perverso ataque antissemita a Samuel; ativistas judeus inundaram as ondas de rádio e as colunas de cartas com queixas, enquanto na cidade natal de Samuel um rabino convocava o Comitê de Relações Raciais para investigar o que chamou de "o ataque mais atroz de uma figura política de destaque desde Mosley". Woolton não estava totalmente infeliz com essa reação desmedida, declarando, mas apenas no âmbito privado, que "nas duas próximas semanas, todo mundo vai prestar mais atenção ao formato das orelhas do Samuel do que ao que ele diz".

Quarta-feira à tarde, Urquhart sentiu que a situação havia se desenvolvido o suficiente e fez uma conclamação pública a "um retorno às boas maneiras e aos padrões de conduta pessoal pelos quais nosso partido é conhecido". Isso teve forte repercussão nas colunas de editoriais, mesmo quando as primeiras páginas dos mesmos jornais estampavam os últimos surtos de mau comportamento.

Assim, quando, na sexta-feira à tarde, Mattie entrou na sala de Preston dizendo que tinha mais coisas, ele balançou a cabeça negativamente, cansado.

– Teria que ser algo diferente – disse ele, jogando o último comunicado à imprensa de Earle num canto.

– Isso aqui é diferente – ela avisou.

Ele pareceu não dar muita bola.

– Uma primeira página diferente – disse Mattie.

– Então faça meus joelhos tremerem.

Ela fechou a porta, certificando-se de que ninguém mais iria ouvi-los.

– Collingridge renunciou por causa de acusações de que ele ou seu irmão

haviam trapaceado com negócios de ações, usando uma revistaria de Paddington e um banco turco de segunda linha. Eu acho que consigo provar que ele, quase com certeza, foi vítima de uma série de armadilhas.

– Sobre o que você está falando?

– Foi tudo armação.

– Você tem como provar?

– Acho que sim.

A secretária dele enfiou a cabeça pela porta, mas foi expulsa de lá de forma brusca.

– Bem, veja só o que temos, Grev. – Com paciência, ela explicou que havia checado os arquivos de computador da sede do partido e descobrira que o arquivo de distribuição havia sido manipulado.

– Mas por que alguém faria isso?

– Para que o endereço falso em Paddington pudesse ser atribuído diretamente a Charles Collingridge.

– E por que você acha que é falso?

– Qualquer um poderia ter aberto aquele endereço de correspondência. Não acredito que Charles Collingridge tenha sequer passado perto de Paddington alguma vez. Alguém fez isso em nome dele.

A porta abriu de novo; outra interrupção.

– Cai fora! – Preston rosnou e o intruso saiu correndo.

– Então por que alguém iria abrir um endereço falso em nome de Charlie Collingridge?

– Porque estavam querendo fazer uma armação para ele. E para o irmão.

– Complicado demais – comentou Preston, mas continuou ouvindo.

– Eu fui até Paddington pessoalmente hoje cedo. Abri um endereço de correspondência na mesma revistaria com um nome totalmente fictício. Depois, peguei um táxi até a Seven Sisters Road e fui ao Union Bank da Turquia, onde abri uma conta com o mesmo nome fictício – não com 50 mil libras, só com 100 libras. A coisa toda me tomou menos de três horas, do começo ao fim.

– Meu Deus…

– Portanto, agora posso começar a fazer pedidos de revistas pornográficas, pagas com a minha nova conta bancária, e que serão entregues no endereço em Paddington, o que poderia causar um baita prejuízo à reputação de um político totalmente inocente.

– Quem?

Em resposta, ela colocou um extrato bancário e o recibo do dono da revistaria sobre a mesa do editor. Ele olhou aquilo com curiosidade, e então explodiu.

– O líder da oposição! – ele gritou, alarmado. – Mas que porra é essa que

você fez?

– Não fiz nada – disse ela, com um sorriso de vitória. – Só demonstrei que é quase certo que Charles Collingridge foi vítima de uma armação; que ele provavelmente nunca chegou nem perto da revistaria ou do Union Bank da Turquia e que, portanto, não poderia ter comprado aquelas ações.

Preston segurava os documentos com o braço estendido, como se pudessem pegar fogo.

– E isso significa que Henry Collingridge não passou informação nenhuma ao irmão dele sobre a Renox Chemicals… – A inflexão dela sugeria que havia mais.

– E? E? – exigiu Preston.

– Ele é inocente. Não precisaria ter renunciado.

Preston se jogou para trás na cadeira. Uma gota de suor começara a se formar em sua testa. Sentiu como se estivesse sendo despedaçado. Com um olho, pôde detectar os elementos de uma história excelente, mas esse era justamente o problema, porque, com seu outro olho, ele não pôde deixar de ver o imenso impacto que tal história teria no mundo de Westminster. Viraria tudo de cabeça para baixo, talvez até salvasse Collingridge. Era isso o que eles queriam? Landless acabara de avisá-lo que tinha peixe fresco para fritar e que todas as notícias importantes que pudessem afetar a disputa pela lideraça tinham que ser discutidas com ele antes de serem publicadas. Notícias importantes eram pouco mais que um produto para Landless; o que ele desejava era influência, poder. Preston não sabia como seu chefe poderia reagir, ele precisava de tempo.

– Você andou bastante ocupada, hein, mocinha?

– É uma tremenda história, Grev.

– Mas eu não me lembro de você ter me informado sobre isso antes, nem de ter me pedido autorização para gastar dinheiro abrindo endereços de correspondência.

A reticência dele a pegou de surpresa.

– Grev, isso se chama iniciativa.

– Não nego que você tenha feito um bom trabalho… – Sua mente ficou procurando em seu catálogo de evasivas uma maneira de não se comprometer com aquilo. E era um catálogo que ele conhecia bem. De repente, ele soube o que fazer e fechou o catálogo com um estalo. – Mas vamos ver direito o que temos aqui, Mattie. Você está mostrando que é possível sair por Londres abrindo contas no nome de Collingridge, mas isso não é suficiente. Você não conseguiu provar que não foi o próprio Collingridge. E essa ainda é a explicação mais fácil de aceitar.

– Mas e o arquivo de computador, Grev? Ele foi invadido.

– Você não considerou outra possibilidade: que o arquivo de computador

possa ter sido alterado não para incriminar Collingridge, mas, sim, por ele ou um de seus amigos com o objetivo de conseguir um álibi. Uma isca para pegar um peixe pequeno como você.

– Você está brincando…

– Pelo que sabemos, não foi o arquivo da distribuição, mas o arquivo da contabilidade que foi alterado. Isso pode ter sido feito apenas alguns minutos antes de você ter visto.

– Mas poucas pessoas têm acesso aos arquivos da contabilidade – protestou Mattie. – E como Charles Collingridge poderia ter feito isso se ele está em recuperação num centro de tratamento?

– O irmão dele.

Mattie não conseguia acreditar.

– Você não pode estar falando sério! Acreditar que o primeiro-ministro correu o risco incrível de mandar alterar o computador da sede do partido só para plantar uma prova falsa… e ainda mais depois de ele ter anunciado sua renúncia!

– Mattie, repense as coisas. Ou você é ingênua demais para lembrar? Watergate. Arquivos foram queimados, fitas foram apagadas… pelo presidente. Durante o escândalo Irã-Contras, uma secretária tirou material incriminatório da Casa Branca escondendo-o na calcinha.

– Aqui não é o Velho Oeste…

– Ok, Jeremy Thorpe. Líder do Partido Liberal. Levado a julgamento no Old Bailey por tentativa de assassinato. John Stonehouse foi para a cadeia depois de simular seu próprio suicídio. Lloyd George vendia títulos de nobreza pela porta dos fundos da Downing Street enquanto comia sua secretária na mesa do Gabinete. É assim que acontece na política, Mattie, o tempo todo. – Preston agora já fazia aquecimento para abordar seu tema predileto. – O poder é uma droga, como uma vela para uma mariposa. Os políticos são atraídos para ele, não dão a menor atenção aos perigos. Preferem arriscar tudo, casamentos, carreiras, reputações, até a própria vida. Ou seja, ainda é mais fácil acreditar que os Collingridge foram pegos com a mão na massa e estão tentando acobertar as coisas.

– Não vá me dizer que não vai publicar a história! – reclamou, categórica.

– Acalme-se, pelo amor de Deus. O que estou dizendo é que você ainda não coletou evidências suficientes para que a história se sustente. Tem um monte de merda aí e você precisa de uma pá maior. Precisa trabalhar mais nisso.

Se a intenção dele era que aquilo funcionasse como uma recusa e um retorno à vida tranquila, ele iria ficar desapontado. Mattie apoiou as mãos em cima da mesa dele e se inclinou em sua direção, para olhá-lo diretamente em seus olhos fugidios.

– Grev. Eu sei que eu sou uma baita duma estúpida, mas então só me explique uma coisa, eu gostaria de entender. Ou alguém fez alguma armação pros Collingridge, ou então o primeiro-ministro é culpado por falsificar provas. Só que, de um jeito ou de outro, é uma história excelente, e a gente vai ter material para colocar o jornal na dianteira por uma semana.

– Mas qual das histórias vai ficar valendo? A gente precisa ter certeza. Ainda mais no meio de uma disputa pela liderança.

– Mas é justamente por causa da disputa pela liderança que a gente deve publicar! Qual é o sentido de ficar esperando até que a disputa termine e o dano já tenha sido causado?

Preston lutara muito, mas seus argumentos lógicos haviam se esgotado. Ficou irritado também por estar recebendo uma aula de jornalismo de uma das pessoas mais jovens de sua equipe, ainda por cima uma mulher. Para ele, aquilo já era demais.

– Escuta aqui, tira os peitos de cima da minha mesa e tira os seus tanques do meu gramado. Você invade meu escritório com uma história totalmente fantástica, mas sem qualquer prova concreta. Você não escreveu uma só linha de texto. Como diabos eu posso saber se você tem uma boa história ou se simplesmente teve um bom almoço?

Para surpresa dela mesma, Mattie não gritou com ele; em vez disso, baixou a voz, em tom de ameaça.

– Tudo bem, Grev. Se é isso que você quer, você vai ter um texto em 30 minutos. – Deu as costas e saiu, quase incapaz de resistir à tentação de bater a porta com força e arrancá-la das dobradiças.

Quarenta minutos mais tarde, ela voltou a entrar na sala, sem bater, segurando seis laudas de texto em espaço duplo. Sem qualquer comentário, deixou as páginas em cima da mesa e ficou em pé bem na frente de Preston, para deixar claro que não iria embora até ter sua resposta.

Ele a deixou lá, em pé, enquanto lia as páginas devagar, tentanto dar a impressão de que estava chegando a alguma importante decisão. Mas era pura cena. A decisão já havia sido tomada em uma ligação telefônica que ele fizera pouco depois que Mattie saíra de sua sala.

– Ela está determinada, Ben. Ela sabe que conseguiu os elementos de uma grande história e não vai aceitar um “não” como resposta.

– E daí? A gente não publica – disse Landless. – Não faz parte da minha pauta neste momento.

– Que diabos você quer que eu faça?

– Aja como editor, Grev. Convença a menina de que ela está errada. Bota ela no caderno de Culinária. Dê férias. Promova. Mas faça ela ficar quieta!

– Não é tão simples assim. Ela não só é teimosa como o capeta, como também é uma das melhores cabeças de Política que a gente tem.

– Eu estou realmente surpreso por ter que lembrá-lo que você já tem a melhor cabeça para Política no setor. A minha!

– Eu não quis dizer…

– Veja, temos apenas duas semanas até que essa maldita disputa de liderança termine. Há coisas muito importantes em jogo aqui, não só o futuro desse país, mas também o do meu negócio… E o do seu emprego. Você está entendendo?

Ele ia dizer que era claro que entendia, mas o telefone já havia sido batido na sua cara. Agora ela estava lá em sua sala de novo, a causa de todas as suas aflições. Ele continuou folheando as páginas de seu texto, já nem lia mais nada, concentrado, em vez disso, no que iria dizer, sem saber como lidar com ela. Por fim, deixou o texto dela em cima da mesa e se alongou no encosto da cadeira.

– A gente não pode publicar isso. É arriscado demais. Eu não estou a fim de esculhambar a disputa de liderança com base em especulações.

Era o que ela temia. Mattie replicou num sussurro que atingiu Preston como uma luva de boxe.

– Não vou aceitar um "não" como resposta.

Que merda. Por que ela simplesmente não aceita, dá de ombros, encara como mais uma experiência ou desanda a chorar como os outros? A calma insolência por trás das palavras dela o deixou ainda mais determinado.

– Não vou publicar a sua história. Sou seu editor, minha decisão está tomada. Ou você aceita, ou…

– Ou o quê, Grev?

– Ou você se dá conta de que não tem futuro na nossa equipe de Política.

– Você está me mandando embora? – Isso de fato a surpreendeu. Como ele se dava o luxo de deixá-la ir embora, ainda mais no meio de uma disputa de liderança?

– Não, eu estou transferindo você para a página feminina, a partir de agora. Francamente, eu acho que você ainda não desenvolveu o senso crítico necessário para a nossa seção de Política, ainda não, talvez dentro de um ano ou dois…

Ela partiu direto para cima dele.

– Quem foi que dobrou você, Grev?

– Que diabos você está dizendo?

– Normalmente, você tem dificuldade para decidir até que tipo de cueca vai usar. Quem decidiu me mandar embora foi outra pessoa, não foi?

– Eu não estou mandando você embora! Você está sendo transferida…

Ele começava a perder muito do controle que até então mantinha a duras penas. Sua expressão parecia a de alguém que prende a respiração.

– Ah, você não está me mandando embora?

– Não!

– Então quem vai embora sou eu.

As bochechas dele pareciam um canteiro de cerejas. Ele tinha de mantê-la no *Chronicle*, pelo menos por um tempo; era o único jeito de poder controlá-la. Mas que diabos ele podia fazer? Forçou um sorriso e abriu bem os braços, numa tentativa de imitar um gesto de generosidade.

– Olha, Mattie, não vamos ser precipitados. Aqui você está entre amigos.

As narinas dela inflaram-se de desprezo.

– Quero que você ganhe mais experiência no jornal. Você é talentosa, ninguém está negando isso, apesar de eu achar que você ainda não conseguiu aplicar direito seu talento ao assunto da política. A gente quer manter você aqui, portanto passe o fim de semana refletindo um pouco, pensando em que outra seção do jornal você gostaria de trabalhar.

Ele viu pelos olhos dela que aquilo não estava funcionando.

– Mas, se você de fato sente que tem de ir, não entre em qualquer canoa furada. Escolha bem o que quer fazer, me fale, a gente vai tentar apoiá-la e dar-lhe seis meses de salário para ajudá-la a se recolocar no mercado. Não quero que sobrem ressentimentos. Pense nisso.

– Já pensei. E, se você não vai publicar minha história, eu estou pedindo as contas. Aqui e agora.

As palavras doces dele viraram aço.

– Nesse caso, eu devo lembrá-la que você tem um contrato de trabalho, e que ele estipula que você tem de me dar três meses de aviso prévio. Ele também estipula que, até que esse período vença, nós mantemos direitos exclusivos sobre todo o seu trabalho jornalístico. Se você insistir, a gente pode fazer valer essa cláusula rigidamente, nos tribunais se necessário, o que iria arruinar sua carreira para sempre. Encare os fatos, Mattie: seu texto não vai ser publicado nem aqui nem em lugar nenhum. Seja sensata, aceite a oferta. É a melhor coisa que você vai conseguir.

De repente, ela viu o rosto de seu avô, sorrindo enquanto ela se encolhia a seus pés diante de uma lareira no inverno.

"Você é uma pestinha, minha querida Mattie, sempre fazendo perguntas, perguntas e mais perguntas."

"Mas eu quero saber, *Farfar*."

Então seu avô lhe contou como havia partido de sua vila pesqueira nos fiordes noruegueses em sua busca por liberdade, deixando tudo para trás, sabendo que depois de começar não teria como voltar atrás. "Eu sabia o que estava esperando por mim lá fora", disse ele. "Coisas terríveis. Havia barcos de patrulha alemães, campos minados e mais de mil quilômetros de mares tempestuosos pela frente."

"Então por que você fez isso?"

“Porque sabia que também estava esperando por mim a coisa mais aterradora e maravilhosa de todas. O futuro.” E então ele riu e beijou seu cabelo cacheado.

Mattie juntou as páginas em cima da mesa de Preston, fez uma pilha bem-arrumada, rasgou tudo lentamente e deixou os pedaços esvoaçando em cima do colo dele.

– Você pode ser o guardião das palavras, Grev. Mas não é o senhor da verdade. Aliás, eu acho que você nem seria capaz de reconhecer a verdade.

Desta vez, ela bateu a porta.

Os políticos são como os escritores veteranos e as mulheres mais velhas. A fase perigosa de suas vidas é quando eles não se satisfazem mais com o respeito dos amigos e exigem a adulação de uma plateia.

DOMINGO, 14 DE NOVEMBRO – SEGUNDA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO

Imediatamente após a devastadora matéria sobre a pesquisa de opinião publicada no *Chronicle* e a renúncia de Collingridge, Urquhart escrevera a todos os seus colegas parlamentares em sua condição de líder da bancada.

> No decorrer da eleição da liderança, vocês com certeza serão procurados pelos jornais e por institutos de pesquisa de opinião, que irão tentar obter sua declaração sobre o candidato que provavelmente irão apoiar. Incentivo vocês a não responder. Na melhor das hipóteses, tais enquetes servem apenas para perturbar a condução adequada daquilo que pretende ser uma votação confidencial. Na pior das hipóteses, poderão ser usados com más intenções. Podemos passar sem manchetes sensacionalistas e comentários despropositados. Pode-se servir melhor aos interesses do partido recusando-se a cooperar com tais atividades.

A maioria mostrava-se muito satisfeita em aceitar seu conselho, mas pelo menos um terço dos políticos em geral é constitucionalmente incapaz de manter qualquer coisa em segredo, até mesmo segredos de Estado. Como resultado, quase 40% dos 337 membros do Parlamento do Governo com votos na eleição responderam às insistentes chamadas telefônicas das pesquisas de opinião encomendadas por dois jornais dominicais. Ficou a impressão de que os parlamentares ainda estavam muito distantes de um consenso geral. Além disso, as declarações daqueles que haviam respondido tampouco esclareciam muita coisa. Samuel estava na frente, mas por uma margem pequena e em um nível que as pesquisas enfatizavam não ser "estatisticamente significativo". Woolton, McKenzie e Earle vinham depois, bem perto um do outro, com outros quatro candidatos que haviam dado opiniões polêmicas bem mais atrás.

A apenas quatro dias do encerramento das indicações, as conclusões a serem extraídas dessas evidências eram frágeis, mas isso não parecia

incomodar aqueles que redigiam as manchetes. “SAMUEL DERRAPA – A VANTAGEM INICIAL FOI PERDIDA”, alardeava o *Mail* no domingo, enquanto o *Observer* era pouco menos contido ao declarar que “O PARTIDO SE AGITA COM A INCERTEZA REVELADA PELA PESQUISA”.

A consequência inevitável foi um enxame de editoriais criticando tanto a qualidade dos candidatos quanto suas campanhas. “Este país tem o direito de esperar mais de seu partido governante do que esse saco de gatos de sempre”, enfatizou o *Sunday Express*. “Estamos vendo um partido governista que agora se mostra sem ideias e sem liderança, depois de tanto tempo no poder.”

A edição do *Chronicle* da manhã seguinte pretendia analisar tudo isso. Faltando apenas três dias para o encerramento das indicações, o jornal deixou de lado as convenções e, pela primeira vez em sua história, colocou seu editorial na primeira página. A tiragem foi aumentada e uma cópia foi entregue em mãos nos endereços londrinos de todos os membros governistas do Parlamento. Não foram poupados esforços no sentido de fazer que seus pontos de vista fossem ouvidos pelos corredores de Westminster.

> Este jornal tem apoiado sistematicamente o Governo, não por meio de um preconceito cego, mas porque sentimos que ele atende aos interesses da nação melhor do que as alternativas existentes. Ao longo dos anos Thatcher, nossas convicções estavam bem fundamentadas pelo progresso feito, porém, nos últimos meses, começamos a sentir que Henry Collingridge não era o melhor líder para escrever o próximo capítulo. Sendo assim, apoiamos sua decisão de renunciar ao cargo.
>
> Entretanto, a falta de um bom julgamento, demonstrada pelos atuais concorrentes ao cargo, ameaça uma volta aos velhos e precários moldes de fraqueza e indecisão, que esperávamos ver deixados para trás em definitivo.
>
> Em vez da mão firme de que precisamos para consolidar os avanços econômicos e sociais dos últimos anos, está nos sendo oferecida uma escolha entre inexperiência jovem, agitação social em função de questões ambientalistas e surtos insensatos baseados em intolerância racial. Este leque de escolhas não agrada. Precisamos de um líder que tenha maturidade, senso de discrição e capacidade comprovada de trabalhar com todos os seus colegas.
>
> Existe no partido ao menos uma figura veterana que desfruta de todos esses atributos e que nas últimas semanas foi praticamente o único a manter a dignidade do Governo, mostrando-se capaz de colocar de lado sua ambição pessoal em nome dos interesses mais amplos de seu partido.

> Ele tem anunciado que não é sua intenção buscar a eleição como líder do partido, mas que ainda tem tempo para reconsiderar sua posição antes do prazo de encerramento das indicações na quinta-feira. Acreditamos que será para o melhor interesse do partido se o líder da bancada, Francis Urquhart, decidir concorrer. Acreditamos que os interesses do país serão favorecidos caso ele seja eleito.

Um apoio como esse equivalia a um bote salva-vidas atravessando mares agitados. Na hora em que Urquhart saiu de sua casa na Cambridge Street, às 8h10, já havia todo um pessoal da mídia esperando para cumprimentá-lo. Ele ficara dentro de casa, aguardando, certificando-se de sair num momento apropriado, que coincidisse com o horário do programa de rádio *Today* da BBC e de todos os programas de tevê matinais, a fim de entrar ao vivo. Atraídos por aquela confusão de jornalistas, muitos passantes e passageiros da vizinha Victoria Station haviam se aglomerado para tentar descobrir o motivo daquela agitação, e as imagens transmitidas sugeriam uma multidão de pessoas comuns, de "pessoas reais", como descreveu um comentarista, que demonstravam considerável interesse pelo homem que agora surgia na porta de sua casa.

Os jornalistas gritaram; ele acenou com a mão para acalmá-los. Trazia consigo um exemplar do *Chronicle* daquela manhã. Ele sorriu, numa expressão que denotava estar tanto intrigado quanto confiante.

– Senhoras e senhores, como líder da bancada quero crer que vocês todos estão aqui reunidos em função de seu interesse pelos detalhes do próximo evento legislativo do Governo. Mas suspeito que também tenham outras coisas em mente.

Uma brincadeira oportuna, risadas simpáticas da parte dos jornalistas; Urquhart estava agora com controle firme da situação.

– Li com boa dose de surpresa e com óbvio interesse a edição desta manhã do *Chronicle*. – Ergueu novamente o jornal para que as câmeras pudessem enquadrá-lo bem. – Fico honrado pelo fato de eles terem expressado uma opinião tão boa a respeito de minhas capacidades, aliás uma opinião que supera bastante a que eu mesmo tenho a respeito do assunto, posso assegurar. Como vocês sabem, deixei claro que não tenho intenção de concorrer, pois penso que é do interesse do partido que seu líder da bancada fique acima dessa disputa.

Ele limpou a garganta; todos esperaram, em silêncio, pressionando o cordão de isolamento, canetas a postos, microfones empunhados ainda mais à frente.

– E, em termos gerais, essa ainda é a minha posição. No entanto, o *Chronicle* levanta pontos importantes que devem ser ponderados com

atenção. Sei que vocês irão me perdoar se eu não emitir agora um julgamento de improviso ou apressado, aqui nesta calçada, nem mesmo em consideração a vocês, senhoras e senhores. Quero dedicar um tempo a consultar alguns colegas, avaliar suas opiniões. Também pretendo ter uma conversa longa e séria com a minha esposa, cujas opiniões serão as mais importantes de todas. Então, eu irei refletir detidamente sobre todos os aspectos da questão e amanhã comunicarei a vocês a decisão tomada. Até lá, nada mais a declarar, eu receio. Até amanhã!

Assim, com um último aceno de mão, ainda segurando o jornal, e mantendo a pose por alguns segundos para atender aos pedidos dos fotógrafos, Urquhart retirou-se para dentro de casa e fechou a porta com firmeza atrás dele.

* * *

Mattie estava começando a se perguntar se não havia sido precipitada em tomar de assalto o escritório de Preston. Ela passara um fim de semana solitário, tentando avaliar em que jornais gostaria de trabalhar, mas enquanto fazia isso logo percebeu que nenhum deles tinha qualquer lacuna evidente em suas equipes de reportagem política. Fez várias ligações telefônicas, mas elas só levaram a algumas poucas indicações e contatos. Também descobriu que circulava um boato de que ela havia saído chorando da sala depois que Preston questionara sua opinião, e essas explosões de suscetibilidade feminina geralmente não são uma boa recomendação para os machos alfa do clube dos jornalistas. Tampouco melhorou seu humor a notícia de que o Banco da Inglaterra havia elevado a taxa de juros para proteger a libra esterlina de especuladores durante aquele período de incerteza. Os índices dos financiamentos de casas também subiram em questão de horas. Mattie pagava o financiamento de sua casa, e era uma prestação pesada. Pagá-la já era suficientemente difícil tendo salário. Sem salário, as hienas logo estariam batendo a sua porta.

Naquela tarde, ela foi até a Câmara dos Comuns atrás de Urquhart. O nome dele estava por toda parte, era o prato do dia, mas ele se mostrara esquivo e não retornara suas ligações. Foi por acaso que quase trombou com ele quando ela descia a escadaria circular de refinados entalhes que sai do Saguão Central. Ele vinha subindo os degraus de mármore com o vigor de um homem bem mais jovem e ela foi pega tão de surpresa que quase escorregou. Ele reagiu na hora, segurando-a pelo braço, amparando-a, e então a puxou de lado.

– Oi, Mattie, que bom ver você.

– Andei tentando entrar em contato.

– É, eu sei. Eu tenho evitado encontrá-la. – Ele riu de sua própria sinceridade espantosa. – Não fique ofendida, estou me escondendo de todo mundo. Tentando ser discreto. Por enquanto.

– Mas vai concorrer? Acho que você deveria.

– Eu realmente não estou em posição de comentar sobre isso, Mattie, você sabe, nem mesmo com você.

– Hoje à noite? Posso aparecer?

Seus olhos se encontraram. Ambos sabiam que aquilo não era estritamente profissional. Só nessa hora ele largou o braço dela.

– A senhora Urquhart estará lá. Vou precisar passar um tempo com ela.

– Claro.

– E eu suspeito que você encontraria dezenas de fotógrafos esperando para registrar quaisquer idas e vindas.

– Desculpe, bobagem da minha parte.

– É melhor eu ir, Mattie.

– Espero… – ela mordeu a língua.

– Sim… Você espera o quê, Mattie?

– Espero que você ganhe.

– Mas eu ainda nem sou candidato.

– Mas será, Francis.

– Como é que você pode saber?

– Vamos chamar de… intuição feminina.

De novo, aquele olhar longo, penetrante, que não era inteiramente profissional.

– Eu sou um grande admirador de tais qualidades, Mattie.

Ele ainda fitava os olhos dela, que, recíproca, dominava seu olhar.

– Mas preciso me apressar. Mal posso esperar pelo nosso próximo encontro.

E ele foi embora.

* * *

A maré subia rapidamente e a plataforma de madeira que compunha parte do píer da Charing Cross oscilava na corrente do rio. Era começo de noite, mas já estava bem escuro, com uma brisa gelada que iniciara sua jornada em algum lugar do mar do Norte, além do estuário, e se desprendia da água para envolver os tornozelos dela. Mattie afivelou melhor seu casaco e enfiou as mãos de volta nos bolsos. Ficou aliviada ao ver o táxi aquático particular do *Chronicle* entrando em seu campo visual. Ele trazia os funcionários da unidade do jornal em Docklands rio abaixo para as partes mais centrais da

cidade. Era o táxi que Mattie usava para ir do jornal até Westminster pelo rio. Agora, Krajewski havia pedido para encontrar-se com ela, com uma mensagem.

– O Grev diz que você precisa voltar – disse Krajewski, andando pelo passadiço ao sair do barco.

– Eu pedi demissão.

– Ele sabe. A redação inteira te ouviu. Não imaginava que fosse possível bater uma porta com aquela força sem derrubar a parede. – Seu tom era leve, tentando deixá-la de bom humor. – De qualquer modo, ele diz que te quer de volta, mesmo que seja só para cumprir teus três meses de aviso prévio.

– Eu preferiria ficar congelando aqui – disse ela, virando as costas.

– Você vai congelar se não estiver trabalhando, Mattie. – Ele a segurou pela manga para desacelerá-la. – Cumpra teu aviso prévio trabalhando.

– Sim, no caderno feminino! – ela bufou com desprezo.

– Use o jornal como base para encontrar outra coisa. Grev diz que, por ele, tudo bem.

– Ele quer me controlar.

– E eu quero te ver.

As palavras dele ficaram entre os dois, paradas no ar.

– Seja qual for tua decisão, Mattie. Faça as coisas com calma, vamos ver o que acontece. A não ser que você não me suporte, não é?

– Não, Johnnie, não é isso.

– Então é o quê…?

Ela voltou a andar, mas não tão rápido. Eles ficaram caminhando pela beira do rio, seguindo suas curvas desconcertantes, com as vistas iluminadas do Royal Festival Hall e das Câmaras do Parlamento ao longe.

– E então, o que você acha de toda essa questão do Urquhart? – ele acabou perguntando, tentando achar algum assunto para compartilhar.

– É extraordinário. E estimulante.

– Como um messias num cavalo branco de batalha, galopando para salvar todo mundo.

– Um Messias não vem a cavalo, seu tonto, ele anda de jumento.

Os dois riram, sentindo-se mais à vontade. Ele chegou mais perto, ela entrelaçou seu braço no dele enquanto andavam por um caminho cheio de pilhas de folhas varridas pelo vento, acumuladas atrás das árvores.

– Por que o jornal fez aquilo? – ela perguntou.

– Não sei. O Grev simplesmente chegou tarde ontem, não abriu a boca com ninguém, virou o jornal pelo avesso e produziu o editorial da primeira página da cabeça dele. Nenhuma advertência, nenhuma explicação. De qualquer jeito, parece que causou um belo rebuliço. Talvez ele tenha acertado, apesar de tudo.

Mattie balançou a cabeça, discordando

– Não acho que tenha sido da cabeça dele. É preciso muito colhão para posicionar o jornal daquele jeito, e ele tem um pintinho desse tamanhinho. Não, só pode ter vindo de um lugar: da mesa do nosso… aliás, do seu!… querido patrão. Da última vez que ele interferiu, destronou o Collingridge; agora, está tentando passar a coroa para outra pessoa.

– Mas por quê? Por que o Urquhart? Ele surge como algúem solitário, aristocrático, nobre, do círculo social tradicional, você não acha?

– O tipo forte, silencioso.

– Não é um dos caras de sempre, não tem um grande fã-clube.

– Mas talvez seja isso mesmo, Johnnie. Perfil discreto. Ninguém o odeia o suficiente para fazer campanha contra, não como estão fazendo com o Samuel. – Ela virou o rosto para olhá-lo nos olhos, seu hálito formando espirais no ar da noite. – Sabe, ele pode simplesmente surgir do nada, enquanto os outros estão se matando. Talvez o Landless tenha escolhido um vencedor.

– Você acha que ele vai concorrer, então?

– Tenho certeza.

– Como pode estar tão certa?

– Eu sou repórter de política. A melhor. Mas…

– É duro pra você estar fora do nosso clubinho, não é?

– Eu perdi meu emprego, Johnnie, não a minha curiosidade. Acho que tem alguma coisa maior acontecendo, que ninguém nem imagina. Maior do que o Landless, maior do que o “Pintinho desse tamanhinho”. E grande demais até para o *Chronicle*.

– Como assim?

– Woodward e Bernstein?

– Eles tinham um jornal para publicar as coisas deles, Mattie.

– Também escreveram um livro.

– Você vai escrever um livro?

– Quem sabe.

– Quer que eu conte isso pro Grev?

– Só se isso for deixá-lo muito puto.

33

Quanto mais alto um gato sobe na árvore, maior é a queda. Com os políticos é a mesma coisa, só que os políticos não caem em pé.

TERÇA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO

Será que vai? Será que não vai? As notícias do dia seguinte eram principalmente especulações a respeito de Urquhart, se iria concorrer ou não. A mídia excitara a si mesma a tal ponto que ficaria profundamente decepcionada se ele não concorresse. No entanto, no meio da tarde ele ainda não se pronunciara.

A mesma coisa com Roger O'Neill. No dia anterior, Mattie havia ligado para a sede do partido buscando uma declaração oficial sobre computadores, venda de publicações e procedimentos contábeis, mas isso só serviu para ela descobrir que Spence estava absolutamente certo quanto à proibição de o pessoal entrar em contato com a mídia durante a fase de campanha. Ela só conseguiu contato com a assessoria de imprensa, mas ninguém lá pareceu capaz ou disposto a conversar com ela.

– Dá impressão de que você está investigando nossas contas – uma voz ao telefone havia insinuado. – Venda de publicações? A gente está ocupadíssimo nesse momento, Mattie. Ligue daqui a umas duas semanas.

Então ela pediu para entrar contato com o escritório de O'Neill e foi colocada na linha com Penny Guy.

– Oi, aqui é Mattie Storin, do *Chronicle* – ela disse, sentindo uma ponta de desonestidade. – A gente chegou a se ver umas duas vezes, lá na convenção, lembra?

– Sim, Mattie. Como posso ajudar?

– Estava aqui pensando… eu sei que está meio em cima e tudo mais… mas estava pensando se eu poderia dar um pulo aí em algum momento amanhã e ter uma conversinha rápida com o Roger.

– Ah, desculpe, Mattie, mas ele gosta de deixar a manhã livre para arrumar sua papelada e para reuniões internas. – Era mentira, e uma mentira que ela era obrigada a usar cada vez mais, pois os horários de O'Neill vinham ficando espetacularmente imprevisíveis. Agora, era raro ele chegar ao escritório antes das 13h00.

– Que chato, eu realmente tinha a esperança…

– E qual seria o assunto?

– Eu tive algumas ideias e queria comentá-las com ele. É sobre o repentino

interesse de Charles Collingridge por publicações sobre política. E sobre o endereço da Praed Street.

Houve uma pausa, uma dispersão, como se Penny tivesse deixado cair o telefone no chão.

– Eu ligo para você mais tarde – ela disse, e cortou a ligação.

* * *

Penny achou que o alarme que sentira com a chamada de Mattie iria virar um vulcão de pânico quando ela ligasse para O'Neill, mas ele se mostrou surpreendentemente confiante.

– Ela não descobriu nada, Pen – insistiu ele. – Ouvi dizer que ela está encrencada de algum jeito lá no jornal dela. Não é nenhum problema.

– Mas o que será que ela ficou sabendo, Rog?

– E como é que eu vou saber, porra? Vamos deixar ela vir aqui e a gente descobre.

– Rog?

– Você está achando que eu não sou mais capaz de dar aquele meu velho drible de corpo, Pen? Ela é só uma garotinha!

Penny ainda tentou insistir que era loucura, que ele deveria ter cuidado, mas O'Neill não já não se importava mais em ter cuidado. Também já não trabalhava mais pela manhã, então Mattie foi convidada a vê-lo na tarde seguinte.

Penny amava O'Neill, mas seus sentimentos a fizeram se aproximar demais dele. Ela achava que seu problema era estresse, trabalho demais, sofrimento; não percebeu os efeitos devastadores da cocaína em sua mente. A droga mantinha O'Neill hiperativo até de madrugada, incapaz de dormir, até que uma cascata de comprimidos antidepressivos vencia a cocaína e o forçava a entrar num esquecimento de si, do qual ele raramente emergia antes do meio-dia, às vezes mais tarde. Assim, ela foi ficando cada vez mais confusa e constrangida ao ver Mattie sentada, esperando O'Neill chegar. Ele prometera chegar na hora, mas conforme o relógio na parede avançava sem remorsos, a capacidade de Penny para inventar novas desculpas começou se esgotar por trás de seu espanto com o desplante dele, seu sofrimento privado, seu comportamento incoerente e suas explosões irracionais. Ela trouxe mais uma xícara de café para Mattie.

– Eu vou ligar para a casa dele – sugeriu Penny. – Vai ver que ele precisou voltar lá, esqueceu alguma coisa, ou não está se sentindo muito bem…

Ela entrou no escritório dele para fazer a ligação, longe de Mattie. Sentou-se no canto de sua mesa, pegou o telefone e digitou o número. Com alguma

aflição, cumprimentou Roger ao telefone, explicou num tom sussurrado que Mattie estava esperando por ele havia mais de meia hora e… Fora da vista de Mattie, o rosto dela foi aos poucos se contorcendo de preocupação conforme ela ouvia. Tentou dizer algo, mas foi inútil. Seu lábio começou a tremer; ela o mordeu com força, até que não conseguiu mais resistir. Deixou cair o telefone e saiu correndo do escritório, passando por Mattie, chorando.

A primeira reação instintiva de Mattie foi correr atrás da angustiada Penny; sua segunda reação, mais forte, foi tentar descobrir o que a perturbara daquele jeito. O fone ainda estava dependurado ao lado da mesa, balançando, do jeito que havia sido largado. Ela o levou ao ouvido.

A voz que ainda vinha do aparelho era a de um Roger O'Neill irreconhecível. As palavras eram incoerentes, indecifráveis, lentas e pastosas, a ponto de soarem como uma boneca com as baterias quase no fim. Respirações ofegantes, gemidos, longas pausas, choro, a música louca de um homem em agonia emocional e destruindo a si mesmo. Ela voltou a colocar o telefone no gancho, com delicadeza.

* * *

Mattie encontrou Penny no banheiro, abafando o choro na toalha de papel. Ela colocou a mão sobre seu ombro, consolando-a. Penny se virou, assustada, como se tivesse levado um tapa, os olhos vermelhos e inchados.

– Quanto tempo faz que ele anda assim, Penny?

– Não posso dizer nada! – as palavras escaparam dela, sua confusão misturada com uma dor terrível.

– Olha, Penny, ele obviamente está muito mal. Não vou publicar nada disso, pelo amor de Deus. Acho que ele precisa de ajuda. E eu acho que você precisa de um abraço.

Mattie estendeu os braços e Penny mergulhou neles como se fosse a mulher mais solitária do planeta. Ela ficou lá, aconchegada no abraço de Mattie, até não sobrarem mais lágrimas. Quando ela se recuperou o suficiente, as duas foram dar um passeio perto do Parque Victoria para respirar um pouco do ar que soprava do Tâmisa, e onde poderiam falar sem interrupções. Penny já não se debatia mais consigo mesma. Ela pediu a Mattie que garantisse que nada do que dissesse seria publicado, e, quando Mattie concordou, começou a se abrir. Contou de que modo a renúncia do primeiro-ministro havia colocado O'Neill naquela agitação toda, que ele sempre havia sido um pouco "extravagante emocionalmente", mas que vinha piorando muito.

– Acho que a renúncia realmente o deixou muito perto de um colapso

nervoso.

– Mas por quê, Penny? Com certeza eles não eram tão próximos assim.

– Ele gostava de pensar que era próximo de toda a família Collingridge. Ele sempre tomava providências para mandar flores e fotos especiais para a senhora Collingridge, fazia pequenos favores sempre que podia. Ele amava tudo isso.

Mattie suspirou, respirando aquele ar frio, o mesmo vento que havia levado seu avô em sua viagem pelo mar. Como ele teria se sentido em relação ao que ela estava fazendo? Sentiu-se culpada; sabia que não estava simplesmente sendo amiga de Penny; mas seu avô não havia deixado todos os amigos para trás, até mesmo a família, em troca do que ele sabia ser certo? Ela, assim como o avô, devia seguir em frente.

– Roger está encrencado, não é? Nós duas o ouvimos agora há pouco, Penny. Alguma coisa está acontecendo com o Roger, alguma coisa que está corroendo ele por dentro.

– Eu acho… acho que ele fica se culpando assim por causa da história das ações.

– As ações? Você quer dizer as ações da Renox? – pressionou Mattie, tentando esconder seu súbito sobressalto.

– O Charlie Collingridge pediu para ele abrir uma caixa postal porque queria usá-la para sua correspondência privada. Roger e eu fomos até Paddington de táxi e ele me mandou entrar para preencher a papelada. Eu sabia que ele estava se sentindo desconfortável com isso na época, acho que ele farejou que havia algo de errado. E quando percebeu que havia sido usado e viu o tanto de confusão que acabou causando, ele simplesmente começou a desabar.

– Mas por que Charlie Collingridge pediu ao Roger para abrir o endereço em vez de fazer isso ele mesmo?

– Não tenho ideia, foi só um favor à toa que o Rog aceitou fazer para ele. Talvez o Charlie se sentisse culpado por causa do que ele pretendia fazer com o endereço depois. Trapacear com as ações.

Elas estavam apoiadas na amurada, olhando para o rio cinza, indolente. Uma gaivota pousou ao lado delas e olhou com seus ameaçadores olhos amarelos, esperando ganhar comida. Mattie encarou a ave de volta e ela bateu as asas e desapareceu, gritando de desapontamento.

– Tenho certeza de que deve ter sido alguma coisa assim – Penny continuou –, alguma coisa que o Charlie tinha vergonha de assumir. Ele se aproveitou da gente. Um dia, Roger simplesmente entrou no escritório como um raio e disse que tinha uma pequena tarefa a cumprir, que era muito confidencial e que eu não poderia dizer uma palavra sequer sobre aquilo. Silêncio total, como se eu estivesse chupando o pau de um bispo, ele disse.

Você conhece o Rog. Ele tenta ser um poeta irlandês. Acha que tem jeito com as palavras.

– Então você nunca viu o Charlie Collingridge pessoalmente?

– Não. Nunca encontrei com ele. Rog gosta de lidar com as coisas importantes sozinho.

– Mas você tem certeza de que era o Charlie Collingridge?

– Claro, o Rog me contou. E quem mais poderia ser? – Uma rajada do vento de novembro carregou folhas mortas de outono, que roçaram em seus tornozelos como ratos, e Penny tremeu. – Ah, meu Deus, é tudo uma confusão terrível.

– Relaxe, Penny! Vai dar tudo certo. Essas coisas se ajeitam por si mesmas. – Mattie enlaçou seu braço ao de Penny e as duas voltaram a andar. – Por que você não tira uns dois dias de folga? O Roger pode sobreviver sem você por um ou dois dias.

– Será que ele consegue mesmo? Eu não sei.

– Ele não pode ser tão inútil assim. Ele sabe fazer um chá e usar o computador, não sabe?

– Ele só toma café, e digita com um dedo.

– Devagar, mas com precisão.

– Não, só devagar.

Fez sentido para Mattie. Quem quer que tivesse mexido no arquivo de computador não era nenhum especialista. O'Neill não era um especialista. Bem, isso não queria dizer que tinha sido ele necessariamente, mas fazia sentido. Havia muitos dedos apontando para O'Neill.

Elas já estavam de volta à Smith Square, à sombra da igreja.

– Você sabia que eles ainda usam iluminação a gás nessa praça? – comentou Mattie, apontando para a luminária de rua ornamentada acima de suas cabeças.

– É mesmo? – Penny olhou para cima e sacudiu a cabeça, surpresa. – Sabe, eu ando por essa praça todo dia e nunca tinha percebido. Você tem um olho bom.

– Eu me esforço.

Elas estavam em frente ao prédio da sede. Penny deu um suspiro ao ver que teria que entrar de novo e voltar para todas as coisas que a aguardavam lá dentro. Apertou a mão de Mattie.

– Eu gosto dele, sabe. Esse é o problema.

– O amor nunca deveria ser um problema.

– E eu aqui achando que você sabia das coisas! – Penny riu, sentindo suas forças voltarem. – Muito obrigada por me ouvir. Foi ótimo simplesmente poder falar um pouco com alguém.

– Ligue para mim. Quando quiser. E cuide bem de você.

– Você também.

Mattie andou lentamente as poucas centenas de metros de volta à Câmara dos Comuns, sem ligar para o frio, aquecida pelos pensamentos que ardiam de impaciência, e por um pensamento que queimava mais forte que todos os outros. Por que diabos Roger O'Neill havia montado aquela armação contra Charles e Henry Collingridge?

Todo político tem seus princípios. Simplesmente, o fato é que alguns desses princípios estão numa frequência de onda tão baixa que você precisaria de um radiotelescópio do Jodrell Bank para localizá-los.

TERÇA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO – QUARTA-FEIRA, 17 DE NOVEMBRO

Urquhart declarou sua intenção de concorrer à liderança numa coletiva de imprensa na Câmara dos Comuns, programada para ser coberta pelo primeiro noticiário da noite e pelas primeiras edições do dia seguinte. Essa não teve confusão alguma na calçada: foi um anúncio apoiado pela atmosfera histórica do Palácio de Westminster, com suas nobres lareiras de pedra, seus painéis de carvalho escuro e seu ambiente de autoridade perene. Foi digna, contida, quase humilde. Ninguém acusou Samuel ou Woolton de nada. Mortima estava a seu lado e ele enfatizou que essa havia sido uma decisão familiar. Passou a impressão de um homem que estava sendo arrastado com relutância para o assento do poder, colocando seu dever para com seus colegas e para com seu país acima de seus interesses pessoais. Era um teatro político, é claro, a partir de um roteiro cuidadosamente ensaiado, mas ele atuou muito bem.

No dia seguinte, na quarta-feira de manhã, Landless também deu uma coletiva de imprensa; outro espetáculo de teatro, mas com uma atmosfera totalmente diferente. Ele sentou-se numa das palacianas salas de recepção do Ritz Hotel, numa longa mesa cheia de microfones, enfrentando as câmeras e as perguntas da imprensa financeira. Ao lado dele, e parecendo ainda menor devido ao imenso vulto de Landless, sentou-se Marcus Frobisher, o diretor-geral do United Newspapers Group, que, apesar de ser um magnata da indústria por mérito próprio, estava claramente desempenhando um papel secundário naquela ocasião. Ao lado deles, uma grande tela de vídeo exibia as melhores peças de propaganda do *Chronicle*, intercaladas com trechos de Landless sendo cumprimentado por trabalhadores, puxando alavancas para acionar as rotativas e comandando seu império num estilo caloroso e pessoal. E lá estava o próprio homem, sorrindo para as câmeras.

– Bom dia, senhoras e senhores. – Landless pediu ordem àquela pequena multidão numa voz que era bem menos próxima do *cockney* coloquial do que a voz que ele adotava em situações mais íntimas. – Muito obrigado por

estarem aqui apesar de a comunicação ter sido feita às pressas. Convidamos vocês para falar de um dos passos mais importantes para as comunicações britânicas desde que Julius Reuter criou seu serviço de telégrafo em Londres, há mais de cem anos. – Ele trouxe um dos microfones mais para perto, criando alguns instantes de demora para que aquela sensação de expectativa se instalasse. – Queremos fazer um anúncio histórico hoje. Decidimos criar o maior grupo de jornais do Reino Unido, que irá constituir uma plataforma para tornar este país o líder mundial em serviços de informação novamente. – Ele sorriu para a sala toda, e depois para Frobisher. – A Chronicle Newspapers fez uma oferta para adquirir todo o capital de ações emitidas pelo United Newspapers Group a um preço que monta a 1,4 bilhão de libras. Este é um valor 40% superior ao valor de mercado atual. E tenho a satisfação de dizer que a diretoria do United Newspapers Group aceitou a oferta de maneira unânime. – Mais sorrisos. Frobisher também sorria, mas Landless tinha um magnetismo e uma presença física que atraíam todas as atenções, deixando o resto à sombra. – Também chegamos a um acordo sobre os termos da futura administração do grupo associado. Eu me tornarei o diretor-geral e executivo chefe da nova companhia, e meu bom amigo e antigo concorrente, hoje colega… – ele estendeu sua imensa pata para agarrar o ombro de Frobisher, parando pouco antes de seu pescoço –… será nosso presidente.

Por toda a sala, várias cabeças inteligentes assentiram concordando. Conheciam Landless; não tinham dúvida de que ele sozinho comandaria a nova organização. Frobisher fora chutado para cima tão alto que a única visão que qualquer um poderia ter dele seria a de seu traseiro. Ele estava lá sentado esforçando-se para fazer uma cara boa.

– Este é um passo imenso para o setor de comunicação impressa britânico, e para o país como um todo. A empresa associada irá controlar mais títulos nacionais e regionais do que qualquer outro grupo de jornais. A fusão de nossas subsidiárias internacionais fará de nós o terceiro maior grupo de comunicações do mundo. Será um trampolim para nossas ambições, que podem ser resumidas em termos simples: constituir o maior grupo de comunicação impressa do planeta. E sediado bem aqui, na Grã-Bretanha. – Ele estava radiante, com sua imensa face tomada por uma amplo sorriso predatório. – Empolgante, não é mesmo? – declarou, revertendo para seu sotaque do leste de Londres, e as câmeras dispararam seus flashes como se estivessem sob seu comando. Ele deixou que tivessem seu momento antes de retomar as rédeas uma vez mais. – Bem, sei que vocês estão cheios de perguntas agora… portanto, vamos lá!

Uma burburinho de excitação varreu a sala e uma floresta de mãos se ergueu para chamar sua atenção.

– Suponho que seria justo se eu escolhesse responder primeiro a uma

pergunta de alguém que não trabalhe para o grupo – sugeriu Landless. – Será que temos alguém aqui com a falta de sorte de se encaixar nessa descrição? – Com exagero teatral, ele cobriu os olhos para protegê-los das luzes e procurou uma vítima adequada na multidão. Todos riram de seu atrevimento.

– Senhor Landless – gritou o editor de negócios do *Sunday Times*. – Nos últimos anos, o governo tem deixado claro que, na visão dele, a propriedade dos jornais britânicos já está concentrada demais em poucas mãos. Eles deixaram claro que tentariam recorrer a seu poder de evitar monopólios e fusões, a fim de evitar concentrações ainda maiores. Como é que o senhor espera conseguir a necessária aprovação do governo?

Várias cabeças da sala assentiram em concordância. Boa pergunta. Landless pareceu pensar o mesmo.

– Excelente questão – disse, abrindo bem os braços, como se abraçasse a pergunta e a trouxesse para perto de seu peito para sufocá-la lentamente até a morte. – Você está certo, é claro, o governo vai ter que decidir. Os jornais são parte de um setor mundial de informação. Um setor que está crescendo e que muda a cada dia. Vocês todos sabem disso. Há cinco anos, vocês todos trabalhavam na Fleet Street com aquelas máquinas de escrever antigas e com rotativas que deviam ter sido jogadas fora quando o Kaiser se rendeu. Hoje, o setor está modernizado, descentralizado, informatizado.

– O que é uma pena! – gritou uma voz, e a sala irrompeu num riso nostálgico daqueles dias de longos almoços com bebida na taverna El Vino's e de longas greves dos gráficos, que permitiam semanas e às vezes meses sem trabalhar, um período em que todos podiam escrever livros ou construir barcos e sonhar sonhos, ou qualquer outra coisa, continuando a receber salário integral.

– Vocês sabem que isso tinha de mudar. E precisamos continuar mudando, não podemos ficar parados. Temos que enfrentar a concorrência não só entre nós, mas da televisão por satélite, das rádios locais, do noticiário de tevê no café da manhã, e do resto. Mais pessoas exigirão informação 24 horas por dia, de todas as partes do mundo. As pessoas não vão mais comprar jornais que chegam horas depois da ocorrência da notícia e que as cobrem com tinta de impressão imunda. Para conseguir sobreviver, temos que deixar de ser jornais provincianos e passar a ser fornecedores de informação no âmbito mundial. E para isso precisamos de respaldo. – Ele levantou seus ombros numa contração portentosa, e depois os deixou cair com a sutileza de uma avalanche. – Portanto o governo vai ter que decidir. Bancará o avestruz, enterrando sua cabeça enquanto o setor de comunicações britânico vai à falência, como aconteceu com a indústria automobilística, que estará morta em dez anos, ultrapassada pelos americanos, japoneses, e até australianos? Ou será visionário e apoiará o melhor da Grã-Bretanha? Uma proposição

simples. Devemos nos intimidar e decair? Ou enfrentar o resto do mundo e vencer?

Uma saraivada de flashes o saudou, enquanto ele se recostava na cadeira e os jornalistas que ainda faziam anotações à mão rabiscavam furiosamente para não perder o que ele dizia. Aquele que havia feito a pergunta virou-se para o colega ao lado.

– O que você acha? Será que o filho da puta vai se dar bem?

– A lógica industrial é persuasiva, não há dúvida, e há algo de muito cativante num rapaz da classe trabalhadora que venceu na vida, não é? Mas se eu conheço direito o nosso Ben, ele não vai confiar apenas no poder de persuasão da lógica ou do carisma. Ele é o tipo de cara que já preparou o terreno, cada centímetro, cada brecha. Acho que em breve a gente vai saber quantos políticos devem favores a ele.

* * *

A resposta parecia ser que havia todo um séquito de políticos que devia favores a Landless. Com as indicações encerrando-se no dia seguinte e a primeira votação prevista para dali a uma semana, ninguém parecia preparado para enfrentá-lo e correr o risco de se antagonizar com aquela combinação do poder do *Chronicle* com o do grupo United. Houve uma corrida para endossar sua ideia, e em questão de horas aquilo virara um estouro de boiada entre os concorrentes, todos lutando para não ficar para trás. Afinal, o homem certamente era não só esclarecido como profundamente patriótico. Uma vez mais, parecia que Landless havia descoberto o jeito de estimular a fantasia de um político. Por volta da hora do chá, ele pôde se recostar em uma poltrona com sua usual caneca de Bovril e estalar seus suspensórios vermelhos, feliz da vida.

Nem todo mundo entrou nessa, é claro. O *Independent* não conseguiu resistir à tentação de tirar uma casquinha.

> O anúncio de Landless explodiu como uma granada no meio da disputa pela liderança – o que presumivelmente era sua intenção. Nunca desde o escândalo Profumo, tantos políticos foram pegos arriando as calças. Isso não só é indigno, mas para um político é uma condição perigosa ser flagrado assim.

Nem todos os aspirantes ao cargo se juntaram a esse estouro da boiada. Samuel foi cauteloso, reservado – ele tinha muitas feridas de faca nas costas para dar mais declarações polêmicas. Disse que queria consultar os

empregados dos dois grupos antes de chegar a uma decisão e, antes mesmo que o Bovril de Landless esfriasse, representantes do sindicato já estavam denunciando o plano. Eles ressaltaram que não foram dadas garantias de estabilidade no emprego e que não haviam esquecido ou perdoado um gracejo muito pouco diplomático de Landless, que afirmara ter tido que despedir 10 mil pessoas para cada milhão que havia ganho. Diante da oposição dos sindicatos, Samuel percebeu que seria absurdo ele apoiar o negócio agora, e portanto buscou refúgio no silêncio.

Urquhart também se manteve longe da multidão. Uma hora depois do anúncio, apareceu diante das câmeras fazendo uma análise muito bem elaborada do mercado global de informação e suas prováveis tendências. Sua competência técnica ofuscou muito a de seus rivais, mas ele foi cauteloso. "Embora eu tenha o maior respeito por Benjamin Landless, acho que seria equivocado da minha parte tirar conclusões precipitadas, antes que eu tenha a oportunidade de considerar todos os detalhes. Na minha opinião, os políticos devem ser cautelosos; a política ganha uma má imagem quando todos nós damos a impressão de estar correndo para todo lado tentando comprar o apoio das colunas de editoriais. Assim, para evitar qualquer possibilidade de ser mal interpretado, só deverei anunciar meu ponto de vista depois que a disputa de liderança tiver sido encerrada. E a essa altura, é claro", ele acrescentou, modestamente, "talvez minha opinião nem tenha mais qualquer interesse."

"Que bom seria se todos os seus colegas pudessem assumir também a postura digna e amparada em princípios de seu líder da bancada", comentou o *Independent*, fazendo chover elogios em cima dele. "Urquhart está estabelecendo um tom de estadista em sua campanha, e com isso se destaca do resto, com certeza aumentando suas possibilidades."

Outros editoriais repercutiram também nessa linha, incluindo o *Chronicle*.

> Incentivamos Francis Urquhart a concorrer à liderança por nosso respeito a sua mente independente e a sua integridade. É uma satisfação vê-lo aceitar o desafio e estamos convencidos de que nossa recomendação foi correta. Sua recusa em fazer um julgamento apressado sobre a fusão dos jornais *Chronicle* e *United* está dentro do que poderíamos esperar dele.
>
> Temos a expectativa de que, após as devidas considerações, ele também endosse sinceramente os planos de fusão, mas nossa visão de Urquhart se baseia em bem mais do que interesses comerciais. Ele é, até agora, o único candidato que demonstrou ter uma característica fundamental, ausente em muitos outros: a capacidade de liderança.

Pelos corredores de Westminster, era possível ouvir o som de portas batidas com frustração, conforme os ambiciosos políticos percebiam que, uma vez mais, eram ultrapassados por Urquhart. Uma suíte no sótão com vista para o Hyde Park oferecia uma visão diferente. Landless apreciava o topo das árvores e o mundo que, ele esperava, seria seu em breve.

– A você, Frankie, meu garoto – ele murmurou dentro de seu copo. – A nós.

35

Para alguns, é o fim da linha. Para outros, é apenas o começo.

QUINTA-FEIRA, 18 DE NOVEMBRO

Quando o prazo para as indicações fechou ao meio-dia da quinta-feira, a única surpresa foi a retirada na última hora de Peter Bearstead. Embora tivesse sido o primeiro a anunciar sua intenção de concorrer, a corrida para ele estava terminada. "Fiz o que havia me proposto fazer, que era colocar uma eleição adequada em andamento", ele anunciou, provocativo. "Sei que não tenho chances de vencer, então vamos deixar que os outros prossigam com isso. Estarei lá para ajudar a remover os corpos da arena."

Na verdade, a intenção dele era dizer que "estaria lá para ajudar a tratar dos feridos", mas não era a primeira vez que seu amor por frases de efeito atrapalhava seu discernimento. Ele imediatamente se comprometeu com o *Daily Express* a escrever perfis pessoais e indiscretos dos candidatos durante a eleição.

Portanto, agora eram nove, um número sem precedentes, mas prevalecia a opinião de que apenas cinco deles tinham alguma chance real – Samuel, Woolton, Earle, McKenzie e Urquhart. Com a lista dos combatentes completa, os institutos de pesquisa de opinião redobraram seus esforços para contatar membros governistas do Parlamento e farejar para onde sopravam os ventos.

Paul McKenzie estava determinado a mostrar o gume mais afiado de sua lâmina. O secretário de Estado da Saúde era um homem frustrado. Estava encarregado daquela pasta havia mais de cinco anos e desejara, tão ardentemente quanto Urquhart, um novo desafio num remanejamento pós-eleições. Os longos anos à frente de uma burocracia desestimulada faziam-no sentir-se diminuído. Alguns anos antes, ele fora visto como uma das figuras em ascensão do partido, um homem capaz de combinar um intelecto poderoso com um profundo sentido assistencial. Muitos previram-lhe uma carreira brilhante. Mas o serviço de saúde revelou-se uma besta burocrática que ele foi incapaz de subjugar e muito menos de treinar, e seus encontros com enfermeiros e pessoal de ambulância em greve enfraqueceram muito sua imagem. O adiamento do plano de expansão hospitalar havia sido a gota d'água. Ele perdera o estímulo, e até já havia conversado com a esposa sobre abandonar a política nas eleições seguintes; por isso, celebrara a queda de Collingridge com a euforia de alguém que está se afogando e vê terra próxima. Ele entrou nos cinco últimos dias antes da primeira votação

transbordando de entusiasmo e energia, ansioso para causar um impacto imediato, determinado a erguer a cabeça acima da multidão. Então, pediu a sua equipe que criasse uma boa oportunidade para fazer uma foto, algum pretexto para tentar recuperar sua imagem combalida – mas nada dos malditos hospitais, instruiu. Ele já tivera seus dedos pisoteados com excessiva frequência. Passara os três primeiros anos de seu mandato no ministério conscienciosamente visitando hospitais e tentando aprender algo sobre cuidados com pacientes, e isso só servira para fazê-lo passar maus momentos com enfermeiros em greve queixando-se de "salários de escravo" e momentos ainda piores com manifestações violentas de equipes de apoio protestando contra os "cortes selvagens". Recebera o apelido de "Doutor Corte", embora os sindicatos com frequência o chamassem por nomes piores. Até mesmo as associações de médicos pareciam inclinadas a achar que os orçamentos para a saúde tinham melhores chances de ser estabelecidos a partir do nível de barulho que se fizesse, do que pelo grau de real necessidade. Às vezes, mas apenas na intimidade, isso levava McKenzie a chorar de frustração.

Ele quase nunca conseguia ver os pacientes. Mesmo quando tentava se infiltrar num hospital pela porta dos fundos, os manifestantes sempre pareciam saber de antemão exatamente onde ele estaria, prontos para lançar-lhe ofensas no exato momento em que as equipes de televisão chegavam. Ser vencido em público por um anjo da misericórdia nunca fora bom para sua imagem ou sua autoestima. Então McKenzie simplesmente parou de visitar hospitais. Em vez de apanhar, procurou lugares mais tranquilos. Era uma questão de autopreservação.

Portanto, seu plano era simples e seguro. Em vez de um hospital – "seria totalmente equivocado usar doentes para meus propósitos políticos particulares" –, sua equipe de campanha havia arrumado para ele uma visita aos Laboratórios Humanifit, em sua sede junto à rodovia M4. A Humanifit produzia uma linha de equipamentos para deficientes e acabara de desenvolver uma cadeira de rodas revolucionária, operada por comandos de voz. Até mesmo tetraplégicos incapazes de mover seus membros podiam usá-la. A combinação da nova tecnologia britânica com uma atenção especial aos deficientes era justamente o que McKenzie estava procurando, e assim, menos de duas horas depois de se encerrarem as indicações, o carro do secretário de Estado estava correndo apressado pela rodovia à procura de sua salvação.

McKenzie havia sido cauteloso. Não tomara como certo que a visita seria um sucesso. Não havia problema com as fábricas, mas um capeta espevitado era mil vez mais atraente para as câmeras. Ele já havia sofrido muitas emboscadas, então teve o cuidado de assegurar que sua equipe só informaria

a mídia três horas antes de sua chegada, com tempo suficiente para instalar suas equipes de filmagem, porém insuficiente para reunir uma pequena multidão de manifestantes. Conforme se aproximava da fábrica da Humanifit, aninhou-se no banco de couro traseiro, ensaiou seu sorriso e congratulou a si mesmo por sua precaução. Tudo iria funcionar muito bem.

Mas infelizmente para McKenzie, sua equipe havia sido eficiente demais. Os governos precisam saber o tempo inteiro onde seus ministros estão; como todos os demais membros do Parlamento, eles precisam estar disponíveis caso haja alguma emergência ou uma votação repentina na Câmara dos Comuns. Assim, na sexta-feira anterior, seguindo suas instruções à risca, a secretária de McKenzie havia enviado a lista completa de suas atividades para o escritório da autoridade de coordenação do Governo – também conhecida como líder da bancada.

Enquanto era levado de carro pelos últimos 100 metros da estrada secundária até o local da fábrica, situada no meio de um belo gramado, McKenzie penteou o cabelo e se preparou. O carro ministerial passou pelo muro curvo de tijolos vermelhos em volta do local e atravessou os portões, enquanto, no banco de trás, o ministro se certificava de que sua gravata estava alinhada.

Nem bem o carro havia entrado, o motorista acionou o freio, fazendo McKenzie ir de encontro ao banco da frente, espalhando papéis pelo chão do carro e estragando seus cuidadosos preparativos. Antes que ele tivesse tempo de xingar o motorista e pedir uma explicação, a causa do problema apareceu bem a sua frente e a sua volta. Uma visão que superava seus piores pesadelos.

O pequeno estacionamento diante do escritório da recepção da fábrica estava cheio de manifestantes exaltados, todos com uniformes de enfermagem e gritando xingamentos, tudo sendo gravado por três câmeras de tevê que haviam sido devidamente convocadas pela assessoria de imprensa de McKenzie e posicionadas num ponto ideal no alto do edifício da administração. O carro oficial nem bem havia entrado pelos portões e a multidão já ia para cima dele, chutando a carroceria e batendo as placas com dizeres no teto. Em dois segundos, a antena já havia sido arrancada, bem como os limpadores de para-brisa. O motorista teve a presença de espírito de pressionar o botão de emergência, adaptado em todos os carros ministeriais, que fechava automaticamente as janelas e travava as portas, mas não antes que alguém conseguisse cuspir bem no rosto de McKenzie. Punhos e rostos contorcidos foram pressionados bruscamente contra os vidros, todos ameaçando com violência contra ele; o carro balançava conforme a multidão se amontoava em cima dele, oprimindo, sufocando, até que McKenzie não conseguia mais sequer ver o céu, as árvores, alguma eventual ajuda, apenas o ódio, e bem de perto.

– Sai daqui! Sai daqui! – ele gritou, mas o motorista levantou as mãos, sem poder fazer nada. A multidão havia cercado o carro, bloqueando qualquer esperança de fuga. – Sai! – ele continuou gritando, tomado pela claustrofobia, mas era inútil. Não era uma questão de avaliar bem a situação, e sim de usar os instintos, falíveis, e McKenzie, em desespero, inclinou-se para frente e agarrou a alavanca do câmbio automático, engatando-a na marcha a ré. O carro deu um tranco e andou para trás não mais do que uns 30 centímetros antes de o motorista acionar o freio, mas era tarde demais. O carro atingira a multidão. Uma cadeira de rodas havia sido derrubada, uma mulher vestida de enfermeira atingida. Parecia estar com muita dor.

A multidão abriu caminho e, aproveitando a oportunidade, o motorista saiu de ré pelos portões. Ao chegar à estrada, numa manobra espetacular, ele puxou o freio de mão e conseguiu embicar a frente do carro e realizar uma fuga rápida. Acelerou a toda, deixando marcas da borracha dos pneus na superfície da estrada.

A carreira política de McKenzie ficou lá no chão, junto com aquelas feias marcas de pneu queimado. Não fez diferença que a cadeira de rodas estivera vazia, ou que a mulher não se ferira gravemente, ou que não se tratara de uma enfermeira de verdade, e sim de uma ativista do sindicato em tempo integral, experiente em transformar uma manifestação de grevistas numa crise digna de aparecer no noticiário. Ninguém se dara o trabalho de querer saber, e por que deveriam? Já tinham a história pronta. A maré havia se voltado contra o homem que se afogava e arrastado uma vez mais o pobre McKenzie para o mar aberto.

36

Já foi dito uma vez que todas as carreiras políticas terminam em fracasso. É por isso que os políticos têm frente e fundo. Assim fica mais fácil empilhá-los.

SEXTA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO

Tinha sido uma semana difícil para Mattie. O ritmo das atividades na corrida pela liderança havia aumentado muito, mas ela se via boiando, sentindo-se deixada para trás pelos acontecimentos. Suas entrevistas de emprego não haviam dado em nada. Ficou claro para ela que havia sido colocada na lista negra por todos os jornais no império em expansão de Landless e que nenhum dos concorrentes que haviam restado se mostrava muito disposto a se antagonizar com ele. Espalhara-se a notícia de que ela era uma pessoa "difícil". E, na manhã da sexta-feira, o valor da prestação da casa havia subido.

Mas o pior de tudo era a frustração que sentia em relação a ela mesma. Embora tivesse juntado mais peças do quebra-cabeça, ainda não conseguia enxergar um padrão nelas. Nada parecia encaixar direito. Sobrara uma dor chata, latejante, nas suas têmporas, que já a acompanhava havia alguns dias, então ela tirou seu tênis e sua roupa de corrida do armário e começou a dar seus trotes pelas trilhas e alamedas frondosas do Holland Park, na esperança de que aquele exercício físico tão necessário pudesse desintoxicar corpo e mente. Mas, ao contrário, pareceu apenas aumentar suas dores e fazer seu pulmão e suas pernas começarem a se queixar. Ela estava ficando sem ideias, sem pique e sem tempo. A primeira votação iria ocorrer em apenas quatro dias, e a única coisa que ela estava fazendo era assustar os esquilos do parque.

Na luz minguante do anoitecer, ela corria pela ampla alameda de castanheiros que se erguiam magníficos e desfolhados acima dela, e pelo Passeio das Tílias, onde à luz do dia os pardais eram tão mansos quanto animais de estimação, e depois para além das ruínas de tijolos vermelhos da velha Holland House, incendiada meio século antes e que continuava lá, envolvida em sinistras memórias de glórias passadas. Nos dias que antecederam a transformação de Londres em uma voraz extensão urbana, a Holland House havia sido a mansão rural de Charles James Fox, o lendário radical do século XVIII, que passaria a vida defendendo causas revolucionárias e tramando a derrubada do primeiro-ministro. Sempre em

vão. Todavia, quem já fora bem sucedido onde ele falhara?

Ela voltou a pensar no assunto, no campo de batalha em que Collingridge havia tombado, na campanha eleitoral, nos vazamentos, nos escândalos, nas personalidades que haviam sido tragadas pela lama – não só Henry Collingridge e seu irmão Charlie, mas Williams, O'Neill, Bearstead, McKenzie, Sir Jasper Grainger e Landless, é claro. Era isso. Era tudo o que ela tinha. Então, que rumo seguir a partir dali? Conforme ia ladeira acima até a parte mais alta daquele parque cheio de bosques, pisando na terra macia, ela pesava suas alternativas, imaginando se alguma delas daria certo.

"Collingridge não está dando entrevistas. Williams só fala por meio de sua assessoria de imprensa. O'Neill não parece em condições de responder perguntas e Landless não iria frear seu carro nem se eu estivesse atravessando a faixa de pedestres. Portanto, sobra apenas…" Ela parou de repente, espalhando as folhas mortas no chão. "Sim, isso mesmo, o senhor Kendrick."

Ela voltou a correr uma vez mais, com os pés mais leves ao chegar ao alto da ladeira, e começou a fazer alongamentos na extensa descida até sua casa. Sentia-se melhor agora. Ganhara seu segundo fôlego.

* * *

SÁBADO, 20 DE NOVEMBRO

Quando Harold Earle se levantou da cama sutilmente, de modo a não perturbar o sono da mulher, e foi tomar sua ducha, sentiu-se satisfeito com sua semana de trabalho. Havia sido considerado um dos cinco candidatos "mais prováveis", depois viu a popularidade de Samuel empacar e McKenzie sair dos trilhos. Havia ainda o líder da bancada, é claro, com sua louvável apresentação, mas Earle não conseguia acreditar que Urquhart pudesse ter sucesso; não tinha experiência como ministro, nunca comandara um grande departamento do Estado, e experiência era algo que contava muito. Particularmente experiência como a de Earle.

Ele iniciara sua escalada havia muitos anos como secretário parlamentar particular de Maggie Thatcher, um posto sem qualquer poder formal, mas cuja posição próxima da chama eterna inspirava respeito nos demais. Sua promoção ao Gabinete fora rápida e ele desempenhara funções importantes, incluindo, nos últimos dois anos sob Collingridge, a responsibilidade pela grande reforma educacional do governo como secretário de Estado da Educação. Diferentemente de alguns de seus predecessores, conseguira um bom entendimento com a categoria dos professores, embora houvesse quem

o acusasse de ser incapaz de tomar decisões realmente difíceis e de ser conciliador.

Mas será que o partido na sua fase atual não precisava justamente de um toque de conciliação? A luta interna em torno de Collingridge deixara cicatrizes e a campanha por sua sucessão, cada vez mais abrasiva, estava esfregando sal nas feridas abertas. Woolton, em particular, mostrava-se um tormento, com suas tentativas de reavivar memórias de seu antigo estilo político agressivo do norte do país; falar sem papas na língua só servia para antagonizar os espíritos mais tradicionais dentro do partido. O tempo era propício para Earle, o mais propício possível.

Hoje, sábado, seria o grande dia, o dia da reunião dos que apoiavam o partido agitando bandeiras, um salão todo enfeitado cheio de militantes que ele podia chamar pelo primeiro nome – diante das câmeras, é claro. E ele iria anunciar uma importante iniciativa. Ele e seus auxiliares vinham trabalhando naquilo havia algum tempo e com um pouco mais de incentivo logo teriam o projeto pronto. O governo já oferecera a recém-formados ainda desempregados uma colocação garantida em um curso profissionalizante, mas agora eles teriam a oportunidade de concluir esse curso em outro país do Mercado Comum, recebendo instrução formal e aprendendo um idioma.

Earle confiava que isso seria bem recebido. Seria um discurso que destacaria menções a novos horizontes e oportunidades para os jovens, futuros mais brilhantes e quaisquer outros chavões que ele conseguisse enfiar na cabeça deles.

E o *coup de grâce*. Ele lhe daria esse nome, em francês, o que seria totalmente apropriado. Earle tinha conseguido que os burocratas de Bruxelas pagassem tudo. Ele já era capaz de sentir o estrondoso aplauso que iria receber, e que o levaria direto para Downing Street.

Uma grande multidão de militantes animados esperava por ele em frente à prefeitura de Essex quando chegou. Agitavam bandeirinhas da Grã-Bretanha e antigos cartazes de eleição que o chamavam de “O conde de Essex” e que haviam sido trazidos para conceder à ocasião toda a atmosfera de uma campanha eleitoral. Havia até uma fanfarra de metais, que começou a tocar assim que ele entrou pela porta do saguão, avançando pelo corredor central e cumprimentando a todos. O prefeito o levou até a baixa plataforma de madeira enquanto as câmeras e o pessoal da iluminação procuravam o melhor ângulo. Ele subiu os degraus, beijou a esposa, deu uma olhada na multidão, protegeu os olhos das luzes, acenou em resposta aos aplausos, enquanto o prefeito anunciava “o homem que dispensa apresentações, e não só a vocês, mas, em breve, a todos nesse país!”. Naquele momento, Harold Earle sentiu como se estivesse próximo do maior triunfo pessoal de sua vida.

E foi nesse momento que ele o viu. Em pé, na fileira da frente, espremido

entre outros correligionários, acenando e aplaudindo com os demais. Simon. A única pessoa no mundo de quem ele esperava nunca mais ter notícia ou ver de novo.

Eles haviam se conhecido num vagão de trem, tarde da noite, quando Earle voltava de um comício no Noroeste. Estavam a sós, Earle bêbado, e Simon se mostrara muito, mas muito amigável. E bonito. E exerceu um encanto sobre um lado de Earle que ele lutava para esquecer desde os tempos da faculdade. Enquanto o trem cruzava a noite com seu estrondo, ele e Simon entraram num mundo protegido dos holofotes e das responsabilidades que eles acabavam de deixar. Earle descobriu-se cometendo atos que lhe valeriam uma sentença de prisão alguns anos antes e que ainda eram legais apenas entre adultos, com consentimento mútuo, em situação privada, e, com certeza, não dentro de um vagão da British Rail a vinte minutos de Birmingham.

Earle saiu do trem em Euston, cambaleando, enfiou duas notas de 20 na mão de Simon e passou a noite em sua boate. Não conseguiu encarar uma volta para casa naquele momento.

Ele não vira Simon nos seis meses seguintes, até que ele apareceu do nada no Saguão Central do Parlamento, perguntando aos atendentes policiais se poderia vê-lo. Quando o ministro, paralisado de pânico, chegou, o jovem não havia criado qualquer estardalhaço, só explicou que havia reconhecido Earle pela tevê em um programa do partido recente e pediu algum dinheiro, de uma maneira bastante educada. Earle então pagou a ele pelas "despesas" de sua viagem a Londres e lhe desejou boa sorte.

Simon aparecera de novo algumas semanas mais tarde, e Earle soube então que não iria mais ter descanso. Ele pediu que Simon esperasse um pouco. Então procurou refúgio num dos cantos da Câmara, passou dez minutos olhando aquele cenário que ele aprendera a amar, sabendo que o jovem do lado de fora ameaçava tudo que ele mais prezava na vida. Ao não encontrar resposta para aquela situação, arrastou-se até o escritório do líder da bancada e abriu o jogo. Havia um jovem sentado no Saguão Central chantageando-o por causa de um breve e estúpido momento de diversão que haviam tido havia muitos meses. Ele estava acabado.

– Esse moleque está querendo te foder, hein? – comentou Urquhart, e depois se desculpou pelo trocadilho pouco feliz. – Mas não se preocupe, Harold, coisas piores aconteceram na retirada de Dunquerque, para não mencionar a Sala do Comitê no Corredor Superior. Só me aponte o merdinha.

Urquhart foi tão bom quanto prometera; na verdade, foi magnífico. Ele se apresentou ao rapaz e garantiu-lhe que, se não estivesse fora do local em cinco minutos, a polícia seria chamada e ele seria preso por chantagem.

– Ah, e não pense que você é o primeiro – assegurou-lhe Urquhart –,

acontece com muita frequência. Só que nesses casos sórdidos, a detenção e o julgamento subsequente são realizados com divulgação desesperadoramente ínfima. Ninguém vai ficar sabendo quem foi que você chantageou, e pouquíssimas pessoas vão ficar sabendo a quanto tempo você foi condenado. Talvez apenas a sua pobre mãe.

Sem incentivos adicionais, o jovem chegou à conclusão de que havia cometido um erro terrível e que devia sumir de lá e da vida de Harold Earle o mais rápido possível, mas Urquhart tivera a precaução de anotar os dados de sua carteira de habilitação, para o caso de ele continuar a causar problemas.

E agora ele estava de volta, espremido em um assento na primeira fileira, pronto a fazer sabe-se lá que exigências, cujo teor só fazia atormentar a imaginação febril de Earle. E o tormento prosseguiu durante todo o discurso, que terminou com uma considerável decepção por parte de seus seguidores. O conteúdo estava lá, impresso em fonte grande nas suas pequenas páginas de papel reciclado, mas o ânimo estava ausente. Ele foi tropeçando pelo texto tedioso escrito por seus assessores, com o suor pingando do nariz, embora fosse um dia frio de novembro, com a mente parecendo estar em outro lugar mesmo enquanto ele lia as frases. Ainda assim, seus seguidores aplaudiram e soltaram brados entusiasmados quando ele terminou, mas não adiantou. O prefeito quase teve que arrastá-lo até o centro do saguão para satisfazer o clamor da multidão, que pedia um último aperto de mão e a oportunidade de desejar boa sorte a seu filho dileto pessoalmente. Conforme o cumprimentavam e lhe davam tapinhas nas costas, foi levado cada vez mais para perto dos olhos jovens, penetrantes e astutos de Simon. Era como se estivesse sendo arrastado para os portões do inferno. Mas Simon não fez cena, não fez nada, a não ser apertar sua mão fria e úmida e sorrir enquanto, inquieto, brincava com o medalhão que balançava ostensivamente em seu pescoço. E depois sumiu, tornou-se um rosto a mais na multidão.

* * *

Quando Earle chegou em casa, havia dois homens em pé do lado de fora, na rua fria, esperando.

– Boa noite, senhor Earle, senhora Earle. Simmonds e Peters do *Mirror*. Muito interessante seu comício. Nós temos o release para a imprensa, o texto, mas precisamos de um pouco de tempero para os nossos leitores. Por exemplo, saber como foi a reação da plateia. O senhor tem algo a dizer a respeito da sua plateia, senhor Earle?

Ele correu para dentro sem dizer palavra, arrastando a esposa e batendo a porta. Viu pela janela acortinada quando deram de ombros e se retiraram

para a caminhonete estacionada do outro lado da rua. Puxaram um livro e uma garrafa térmica, depois se acomodaram para a longa noite que teriam pela frente.

37

É da natureza da ambição a necessidade de vítimas.

DOMINGO, 21 DE NOVEMBRO

Eles ainda estavam lá na manhã seguinte, logo depois que amanheceu, quando Earle deu uma espiada. Um estava dormindo, tirando uma soneca debaixo de um chapéu de feltro *trilby* puxado sobre os olhos, o outro estava dando uma olhada nos jornais de domingo. Aquelas edições lembravam muito pouco as da semana anterior. A campanha pela liderança, que estivera em banho-maria, agora, com a intervenção de Urquhart e a catástrofe de McKenzie, ganhara vida.

Além disso, as pesquisas começavam a vencer a resistência dos membros do Parlamento. "EMPATADOS!", declarou o *Observer*, anunciando que os 60% dos parlamentares do partido que eles haviam convencido a revelar sua preferência davam como resultado uma divisão igual entre os três principais candidatos – Samuel, Earle e Woolton, com Urquhart perto deles. McKenzie desaparecera sem deixar vestígios, e o mesmo ocorrera com a pequena vantagem de que Samuel desfrutara no início.

As notícias não trariam alegria alguma para Earle. Ele passara a noite em claro, andando pela casa e defendendo-se das perguntas de sua esposa, cada vez mais preocupada. Tentara encontrar algum alívio, mas só conseguia ver o rosto de Simon. A presença dos dois jornalistas continuava a incomodá-lo. Quanto será que eles sabiam? Por que estariam lá acampados na sua porta? Conforme os primeiros raios da manhã se espalhavam no céu frio e cinzento de novembro, ele se viu esgotado. Não podia mais aguentar aquilo. Precisava saber.

Peters deu um cutucão em Simmonds para acordá-lo quando a figura de Earle com a barba por fazer e seu roupão de seda bem amarrado saiu pela porta da frente de sua casa e foi em direção a eles.

– A coisa funciona como um sonho, toda vez – disse Peters. – Como um ratinho atrás do queijo. Vamos ver o que ele tem a dizer espontaneamente, Alf… e liga a porra do gravador.

– Bom dia, senhor Earle – gritou Peters, conforme Earle se aproximava. – Não fique aí nesse frio, sente-se aqui dentro um pouco. Uma xícara de café?

– O que vocês querem? Por que estão me espionando? – perguntou Earle, ignorando a oferta.

– Espionando, senhor Earle? Não seja ingênuo, estamos só procurando um

pouco de tempero. O senhor é um dos principais candidatos a se tornar primeiro-ministro. Já viu os jornais? Está à frente dos demais. As pessoas estão inclinadas a se interessar mais pelo senhor… seus hobbies, o que o senhor faz. Quem são seus amigos.

– Não tenho nada a declarar!

– Será que a gente poderia entrevistar sua esposa então? – perguntou Simmonds.

– Mas do que se trata, afinal? – perguntou Earle, em um tom de voz agudo, contorcido.

– Mas o que é isso? Não é nada, não, senhor. A propósito, já viu as fotos do seu comício de ontem? Ficaram muito boas, muito nítidas. Estamos pensando em usar uma delas na nossa primeira página de amanhã. Aqui, dê uma olhada.

Uma mão passou uma grande foto lustrosa pela janela e a brandiu sob o nariz de Earle. Ele a pegou, e então engasgou. Ela o mostrava segurando a mão e olhando direto nos olhos de Simon, que estava todo sorridente, de maneira afetada. Os detalhes eram impressionantemente claros. Parecia que alguém havia acrescentado um pouco de delineador em volta dos grandes olhos de Simon, e seus lábios carnudos, petulantes, pareciam mais escuros, mais proeminentes. Os dedos brincando com o medalhão em volta de seu pescoço exibiam unhas bem feitas em manicure.

– Conhece bem esse cavalheiro, senhor? – perguntou Simmonds.

– Por acaso, ele seria um dos seus apoiadores mais próximos? E como exatamente ele o apoia, senhor Earle? – acrescentou Peters.

A mão de Earle tremia. Ele atirou a foto de volta pela janela do carro.

– O que vocês estão tentando fazer? Eu nego tudo. E vou relatar esse assédio ao seu editor!

– Ao meu editor, senhor? Bom, ainda bem que foi ele mesmo que me mandou aqui, então.

38

Não há o menor problema em se oferecer para liderar à frente de um exército, mas esse é o ponto que o inimigo visa logo de início. O melhor é se posicionar alguns passos atrás, dar-se tempo para escolher bem seu caminho em meio às pilhas de corpos.

SEGUNDA-FEIRA, 22 DE NOVEMBRO

O saguão dos Parlamentares, que é a entrada principal para a Câmara, tem como destaque as grandes figuras de bronze de Churchill, Attlee e Lloyd George. As pontas dos pés das estátuas brilham de tanto serem tocadas pelos dedos dos membros do Parlamento na esperança de serem contagiados por sua grandeza. O saguão tem duas sólidas portas de carvalho que protegem a Câmara e nas quais aldravas pretas são batidas para se convocar os membros do Parlamento para a abertura da sessão. A porta fica em um arco de pedras danificadas que ainda traz as marcas da destruição da Câmara original promovida pelos bombardeios de 1941. Quando a Câmara foi reconstruída, Churchill pediu que o arco desfigurado e chamuscado fosse mantido. "Para nos lembrar."

O saguão também é onde os membros do Parlamento recolhem suas mensagens.

– Olá, senhor Kendrick.

Ele ergueu os olhos, concentrados em sua inspeção de vários pedaços de papel, e descobriu Mattie bem a seu lado. Sorriu.

– Você é…

– Mattie Storin.

– Sim, isso mesmo. – Os olhos dele passearam antes de voltar ao rosto dela. – E o que posso fazer por você, Mattie?

– Gostaria de lhe fazer umas poucas perguntas, se concordar.

– Será um prazer. Mas não agora, eu receio – disse ele, olhando para o relógio. – Que tal na hora do chá? No meu escritório? Às 16h30? Aí terei todo o tempo do mundo para você.

Kendrick era um *backbencher* da Oposição, e seu escritório era uma pequena sala no Norman Shaw North, o edifício de tijolos vermelhos que ficou famoso em muitos filmes em branco e preto como o local da New Scotland Yard, sede da Polícia Metropolitana. As forças da lei e da ordem há tempos haviam se mudado para a fortaleza cinza de concreto na Victoria Street e as autoridades parlamentares acharam ótimo ocupar aquele local

vago, apesar de dilapidado, que ficava logo atravessando a rua em frente às Câmaras do Parlamento, proporcionando o tão necessário espaço adicional para escritórios. Kendrick saltou de sua mesa assim que ela entrou.

– Mattie, entre na minha casa e invada meu espaço pessoal. Tem tanto charme quanto a cela de um monge, não é verdade?

– Não saberia dizer. Eu não entrevisto monges – retrucou ela.

Ele a ajudou a tirar o casaco, seus olhos mais acolhedores do que predatórios, o suéter de lã dela propositalmente justo, a saia curta o suficiente para exibir seus joelhos. Ela precisava de sua atenção e a estava conseguindo.

– Chá, ou… – ele perguntou, erguendo a sobrancelha.

– Ou – ela respondeu.

Ele tirou uma garrafa de *chardonnay* de uma pequena geladeira que ficava num canto e pegou duas taças de uma estante. Ela sentou-se no pequeno sofá enquanto ele servia.

– Ao seu lar – disse ela, levantando sua taça num brinde.

– Isso aqui não é nenhum lar e quero que nunca seja. – Grunhiu. – Como se pode esperar que a gente conduza um império carcomido instalados em pocilgas como esta? Só Deus sabe. Mas, de qualquer modo, vou brindar com você.

– Você não deve odiar o lugar tanto assim. Passou anos batalhando para entrar aqui.

– Que cara ingrato eu sou, não? – disse ele, e abriu um sorriso cativante.

– E conseguiu chegar ao seu objetivo bem rápido.

– Ah, bajulação? E essas pernas… Você deve estar querendo muito alguma coisa. – Ele a olhou com olhos fixos, perspicazes. Era a vez dela de sorrir.

– Senhor Kendrick…

– Ah, mas que coisa, a gente já deixou para trás essa coisa de “senhor” Kendrick, eu espero?

– Stephen, eu estou querendo escrever algo sobre como o Parlamento funciona e como a política pode ser cheia de surpresas. E no que se refere a surpresas, a sua foi uma das maiores.

Kendrick deu algumas risadinhas.

– Eu ainda estou perplexo em ver como a minha reputação se destacou a partir desse… bem, como você poderia chamá-lo? Golpe de sorte? Lance de dados? Especulação?

– Está tentando me dizer que não sabia realmente que o projeto dos hospitais havia sido arquivado, que estava apenas conjeturando? – ela perguntou, em tom incrédulo.

– Você não acredita?

– Vamos dizer que… eu sou uma cínica sorridente.

– Bem, contanto que você esteja sorrindo, Mattie… – Ele serviu outra taça para ela. – Vamos dizer que… eu não tinha certeza absoluta. Corri um risco.

– E então, o que você sabia?

– Extraoficialmente?

– Bem extraoficialmente, se é o que você quer.

– Eu nunca contei toda a história a alguém antes… – Ele olhou para baixo, onde Mattie esfregava a mão em seus tornozelos, com se procurasse aliviar alguma dor nas canelas. – Mas eu gosto da sua técnica de interrogatório. E acho que não há mal nenhum em contar para você um pouco sobre os antecedentes. – Ele ponderou por um segundo, decidindo quão longe deveria ir. – Eu descobri que o Governo, ou melhor, a sede do partido, havia planejado uma grande campanha publicitária para promover o novo plano de expansão hospitalar. Eles trabalharam muito em cima disso, gastaram um monte de dinheiro nos preparativos… bem, seria de se esperar, com um plano desse porte, não é? Mas, na última hora, cancelaram a coisa toda. Simplesmente jogaram tudo para o ar. Refleti sobre isso por um bom tempo, e, quanto mais pensava, mais concluía que a única explicação que fazia sentido era a de que eles não estavam jogando para o ar apenas a campanha publicitária, mas o plano inteiro. Então, decidi desafiar o primeiro-ministro… e ele caiu como um patinho! Eu mesmo não poderia ter ficado mais surpreso.

– Não me lembro de nenhuma discussão sobre alguma campanha publicitária na época.

– Eles queriam aproveitar o elemento surpresa. Acho que todo o planejamento disso foi altamente confidencial.

– Você obviamente tem fontes confidenciais.

– E é exatamente nessa condição que elas devem permanecer, até mesmo para você. Confidenciais! É o tipo de coisa que eu não contaria nem à minha ex.

– Você é…

– Divorciado. Absolutamente solteiro.

Mattie suspeitou que ele estava propondo alguma coisa, mas, por mais atraente que ele fosse, ela não estava disposta a pagar o preço. Sua vida já andava suficientemente complicada.

– Eu sei quanto as fontes podem ser valiosas – disse ela, trazendo a conversa novamente aos trilhos –, mas você não poderia me dar alguma pequena pista? O vazamento só poderia ter vindo de uma de duas fontes, o partido ou o Governo, certo…?

– Perspicácia, além de belos tornozelos.

– O clima tem andado pesado entre a sede do partido e Downing Street

desde a eleição. Você disse que foi uma iniciativa de publicidade do partido, portanto seria lógico supor que a informação tenha vindo da sede.

– Você é muito boa, Mattie. Mas, veja bem, para todos os efeitos, você não obteve essa informação da minha parte, certo? E eu não vou dizer mais nada a respeito da minha fonte. – Seu tom perdera o ar de brincadeira; ele agora estava no modo de negócios, e mais cauteloso.

– Não precisa se preocupar. Os segredos de Roger estão bem guardados comigo.

Kendrick estava na metade de um gole de vinho. Ele deixou que o gole escoasse de novo para sua taça. Os olhos, quando vieram encontrar os dela, eram como aço antes de ser martelado.

– Você acha que eu sou venal o suficiente para entregar um velho amigo só porque você balançou os seios na minha frente?

Um velho amigo? As peças dessa parte do quebra-cabeça começavam a se encaixar.

– Eu sei que foi o Roger. Não preciso que você me confirme isso. E eu não estou numa inquisição. Ele já tem o bastante com que se preocupar sem mais isso. E nada vai aparecer na imprensa.

– Então por que você está aqui?

– Informação. Estou tentando entender.

– Que pena, eu estava começando a gostar de você… Acho que está na hora de você ir, Mattie.

* * *

Os homens do *Mirror* estavam lá na hora do almoço e seguiram lá ao anoitecer, lendo, palitando os dentes, observando. Ficaram esperando por Earle em seu pequeno e sórdido veículo por 48 horas quase ininterruptas, testemunhando cada oscilação da cortina, fotografando cada um que batia à porta, incluindo o carteiro e o leiteiro. E sua esposa, é claro. Sua única migalha de consolo vinha do fato de ela ter saído cedo para ir visitar a irmã. Mulher doce e cega, ela imaginou que os jornalistas estavam espreitando sua casa por causa da campanha pela liderança – o que, de certa forma, era verdade.

McKenzie não tinha a quem recorrer, ninguém para partilhar sua infelicidade ou lhe dar um bom conselho. Era uma figura solitária, um homem sincero e até devotado, que cometera um erro pelo qual sabia que um dia iria pagar.

Eles haviam ficado cansados de esperar. Então bateram à porta.

– Desculpe incomodar, senhor Earle. Simmonds e Peters de novo. Apenas

uma perguntinha, que o nosso editor quis que a gente fizesse. Há quanto tempo o senhor o conhece?

Esfregaram-lhe na cara outra foto de Simon, dessa vez tirada não no comício, mas num estúdio fotográfico, vestido da cabeça aos pés em couro preto, com um monte de zíperes. A jaqueta aberta, expondo um corpo esbelto, afunilado, enquanto em sua mão direita ele segurava um longo chicote de tiras de couro cru.

– Vão embora. Vão embora. Por favor… Vão embora! – gritou ele, tão alto que os vizinhos foram até a janela ver do que se tratava.

– Se for inconveniente, podemos voltar outra hora, senhor. – Em silêncio, eles voltaram para o carro e retomaram sua vigilância.

Aqueles que desejam escalar as árvores mais altas devem aceitar, como consequência, que isso provavelmente deixará expostas suas partes mais vulneráveis.

TERÇA-FEIRA, 23 DE NOVEMBRO

Eles ainda estavam lá na manhã seguinte, esperando por ele. Earle já não tinha mais reservas emocionais. Sentou-se e chorou baixinho no seu escritório, com suas unhas, ou o que restara delas, enterradas fundo no braço da poltrona. Trabalhara tanto, fizera tanto por merecer, para ficar reduzido àquilo.

Ele sabia que devia colocar um ponto final. Não fazia sentido continuar. Não acreditava mais em si mesmo e sabia que havia perdido o direito de fazer que os outros acreditassem. Com os olhos marejados de lágrimas, abriu a gaveta de sua escrivaninha, pegou a agenda pessoal de telefones. Digitou os números como se mergulhasse os dedos no mais cruel dos ácidos. Lutou para controlar a voz naquela breve conversa. Pronto. Estava terminado, e ele podia chorar de novo.

* * *

A notícia de que Earle havia pulado fora da disputa deixou todo mundo chocado quando se espalhou por Westminster mais tarde, na manhã de terça-feira. Era algo tão inesperado que não houve tempo para alterar as cédulas de votação, mantidas com um humilhante risco em cima de seu nome, feito a caneta esferográfica. Sir Humphrey não ficou satisfeito ao ver seus cuidadosos preparativos afetados por um caos de última hora e tinha palavras duras para qualquer um que se dispusesse a ouvir, mas, às 10h00 em ponto, a Sala de Comitê número 14, que havia sido reservada para a votação, abriu suas portas, e os primeiros dentre os 335 membros governistas do Parlamento que iriam votar começaram a fazer fila. Haveria duas abstenções de destaque – o primeiro-ministro, que anunciou que não iria votar, e Harold Earle.

A intenção de Mattie havia sido passar o dia na Câmara dos Comuns conversando com os parlamentares e avaliando suas opiniões. A maioria parecia ver uma tendência de que a saída de Earle ajudaria Samuel: “Os conciliadores tendem a apoiar os mercadores de consciências”, explicou um

velho quadro do partido, “portanto, os que apoiam Earle vão passar para o jovem Disraeli. Não têm imaginação para fazer algo mais positivo”. Disraeli, o judeu. A campanha assumia contornos desagradavelmente pessoais.

Ela estava na cantina do setor de imprensa, tomando café com outros correspondentes, quando o sistema de alto-falantes anunciou que havia uma ligação para ela. Esperava que fosse alguma oferta de emprego, que alguém tivesse mudado de ideia; largou o café e foi até o telefone mais próximo. O choque que a atingiu quando ela ouviu aquela voz foi maior ainda do que o da notícia da retirada da candidatura de Earle.

– Oi, Mattie. Soube que você andou procurando por mim na semana passada. Desculpe, houve um desencontro, eu estava em casa. Peguei a tal gripe. Você ainda quer marcar alguma coisa?

Roger O’Neill soou tão amistoso e animado que ela teve dificuldades em relacioná-lo àquela voz que ouvira babando ao telefone alguns dias antes. Soava um homem completamente diferente.

– Se você ainda estiver interessada, por que não dá uma passada aqui na Smith Square hoje, mais tarde? – propôs ele.

Isso deixou Mattie tentando imaginar em que caótico número de circo O’Neill estava metido. No entanto, sua reação não foi nada, se comparada com a que Urquhart tivera um pouquinho antes. Ele havia ligado para instruir O’Neill a fazer os arranjos adequados para Simon comparecer ao encontro de fim de semana de Earle, e também assegurar que o *Mirror* fosse informado anonimamente sobre as ligações entre os dois. Só que, do mesmo modo que Mattie e Penny, ele encontrara O’Neill mergulhando fundo em sua viagem induzida por cocaína e perdendo contato com os eventos fora daquele seu mundo caleidoscópico, cada vez mais reduzido. Houve um confronto. Urquhart não podia se dar o luxo de perder os serviços de O’Neill, mas tampouco podia deixar as coisas com pontas soltas.

– Uma semana, Roger, só mais uma semana e aí você tira uma folga, esquece tudo isso por um tempo. Volte para essa sua vocação de Cavaleiro que você sempre alimentou. Isso vai mudar tudo para você. Com um título de nobreza, eles nunca mais vão olhá-lo de nariz empinado. E eu posso arrumar isso, você sabe que eu posso. Mas, se você me largar na mão agora, se perder o controle, olha, juro que eu vou dar um jeito de você se arrepender pelo resto da vida. Porra, vê se você se controla um pouco. Não há o que temer. É só segurar a onda mais alguns dias!

O’Neill não tinha muita certeza sobre o que Urquhart estava falando. Segurar a onda? É claro que ele podia segurar. Certo, ele estava meio mal, e seu cérebro entorpecido andava um pouco teimoso e ainda se recusava a aceitar que havia algum problema importante com seu comportamento. Mas ele podia dar conta. De tudo. Não havia espaço para dúvidas em sua vida,

especialmente a respeito de si mesmo. Podia lidar com tudo aquilo, particularmente com uma ajudinha, só um pouco… Era só aguentar mais alguns dias, puxar mais umas cordinhas, driblar mais algumas dificuldades, e ele iria varrer aqueles sorrisos condescendentes do rosto deles. Avante, Sir Roger! Valia a pena mais um pequeno esforço.

– Claro, Francis. Sem problemas. Eu juro.

– Não vá estragar tudo, Roger. Nem pense nessa possibilidade.

E O'Neill riu, apesar de seus olhos e nariz escorrerem como os de um idoso num dia frio e chuvoso. Quando ele finalmente havia se aprumado o suficiente para poder voltar ao escritório, Penny lhe contou da visita de Mattie, e que ela estivera fazendo perguntas sobre o endereço de correspondência de Paddington.

– Não esquenta, Pen. Eu sei como lidar com isso! – ele exclamou, sepultando aquela repentina centelha de susto, e voltando àquela arrogante confiança dos seus anos de homem de vendas. Afinal, as pessoas não diziam que ele seria capaz de vender até neve na Sibéria, que as velhas senhoras atravessavam a rua para poder ganhar um beijinho seu? Era só uma questão de determinação, de um pouco de autoconfiança. Mattie não passava de uma maluca, uma merdinha.

Assim, quando ela chegou a seu escritório depois do almoço, ele estava lúcido, alerta, com aqueles seus olhos estranhos ainda incrivelmente animados, e parecendo ansiosos para ajudar.

– Foi só uma gripe, mas atacou o estômago – ele explicou. – Desculpe eu tê-la feito esperar naquele dia; de qualquer modo, não sei o que foi que o médico me deu, mas sem dúvida me pôs em pé de novo. – Ele sorriu, com todo aquele seu charme irlandês. – Estou bem melhor agora. Então, a Pen me falou que você andou perguntando sobre o endereço de correspondência do senhor Collingridge.

– Exato. Era o endereço de Charles Collingridge?

– Isso mesmo.

– Mas não foi ele mesmo que abriu.

Os olhos de O'Neill estavam num frenesi renovado, como se fossem objetos tentando escapar da ação da gravidade, mas o sorriso confiante continuava. E Mattie estava fazendo de tudo para não entregar sua fonte – Penny –, então inventou algo na hora.

– Sabe, o balconista de lá diz que nunca viu o Collingridge, não reconheceu a foto dele, jura que ele nunca apareceu por lá – continuou ela.

– Algum amigo, então – disse O'Neill, pegando ansiosamente um cigarro.

– Mas quem?

– Bem, com certeza não era eu! – disse O'Neill, gargalhando, emergindo de uma nuvem de fumaça de cigarro. – Olha aqui, Mattie, se você está

procurando alguma coisa para publicar, sabe que eu serei obrigado a dizer que os assuntos particulares do senhor Collingridge são só da conta dele e aí não vai fazer sentido você continuar por aqui, nem mesmo para terminar seu chá. – Ele se inclinou na direção dela, avançando sobre a mesa. – Mas se você quer falar extraoficialmente, e não para fazer sua reportagem…

– Eu estou gostando do chá – ela respondeu.

Ele deu mais uma tragada profunda de seu cigarro, enchendo seus pulmões, expandindo sua confiança.

– Ok. Você sabe que, mesmo em *off*, há um limite para o quanto eu posso falar, mas, como você deve estar sabendo, o Charlie andou bem mal recentemente. Ele não tem sido… como posso dizer?… "totalmente responsável" por suas ações. – O'Neill curvou os dedos para enfatizar as aspas. – Seria algo muito lamentável se você saísse da linha e remexesse nisso, punindo-o ainda mais. A vida dele está em frangalhos. Seja lá o que ele tiver feito de errado, será que ele já não sofreu o bastante? Pelo amor de Deus, Mattie, dê ao homem a chance de reconstruir sua vida.

O humor de Mattie começou a azedar dentro dela conforme ela o via transferindo a culpa para ombros inocentes, ainda mais sob um manto de caridade desinteressada. Mesmo assim, ela sorriu incentivando-o.

– Sim, é muito justo, Roger. Ninguém iria ganhar nada causando ainda mais transtornos. Vamos passar para outro assunto.

Nesse momento, ela viu seus olhos se assentarem por um segundo, o sorriso ficar mais relaxado. Ele achava que havia vencido. Derrotado aquela garota tonta, fazendo o próprio jogo dela. Outro drible de corpo, outra esquiva, e ele estaria livre. Vamos lá, Roger, você é bom nisso, cara!

– Vamos falar sobre vazamentos – ela continuou. – Houve muitos nos últimos meses. Parece que o primeiro-ministro andou culpando Smith Square por muitos de seus problemas.

– Duvido que isso seja justo, mas não é nenhum segredo de Estado que as relações entre ele e o presidente do partido têm estado bem abaladas.

– Abaladas o suficiente para fazer aquela pesquisa de opinião que a gente publicou durante a convenção do partido vazar de propósito de dentro da sede do partido?

Os olhos dele começaram a se mexer de novo.

– As pessoas sempre querem achar um culpado. E a culpa é sempre dos outros. Bem, em parte é por isso que nós dois estamos aqui. – Ele riu, como quem ri de si mesmo. – É muito fácil apontar o dedo para alguém, mas acho que essa suposição é muito difícil de justificar. Além do presidente do partido, são apenas, sei lá, umas cinco pessoas neste prédio que recebem essas pesquisas de opinião na íntegra. Eu sou uma delas, e posso lhe dizer que a gente leva essa questão da confidencialidade muito a sério. – Acendeu outro

cigarro. Tempo para pensar. – Mas as pesquisas também são enviadas a cada um dos ministros do Gabinete, a todos os 22, até para a Câmara dos Comuns, onde podem ter que passar primeiro pelas mãos de uma secretária fofoqueira, ou pelos seus escritórios, e geralmente esses lugares são ninhos de víboras, com servidores públicos que não têm a menor simpatia por esse governo. Por isso, no que se refere a vazamentos, acho que os lugares óbvios para se começar a procurar são esses.

– Certo, mas os papéis vazaram no hotel da sede, em Bournemouth. Secretárias ou servidores públicos hostis não vão à convenção do partido nem ficam vagando pelo hotel onde a sede do partido está instalada.

– Bem, quem é que pode saber, não é, Mattie? Mesmo assim, é muito mais provável que tenha vindo de uma fonte como essa. Pelo amor de Deus, você seria capaz de imaginar o Lorde Williams de quatro junto à porta de um quarto de hotel?

Ele riu alto para enfatizar o quanto isso seria ridículo, e Mattie o acompanhou. Mas O'Neill havia acabado de admitir que sabia de que maneira a pesquisa de opinião havia sido vazada. E só havia um meio pelo qual ele poderia saber daquilo. Seu excesso de confiança tornara-se uma corda que o estava enforcando.

– Então me deixe passar para outro vazamento, aquele do projeto dos hospitais. Eu soube que você estava planejando uma grande ação publicitária que precisou ser cancelada na última hora por causa de uma mudança de planos.

– Como? Quem diabos lhe contou uma coisa dessas? – perguntou O'Neill, sua mente correndo a mil por hora até chegar a seu velho amigo Kendrick. Aquele filho da puta estúpido, o ponto fraco dele sempre fora uma mulher bonita. – Não importa, não vou pressioná-la a me dizer, sei que você não vai revelar suas fontes. Mas isso me soa exagerado. O nosso Departamento de Publicidade está sempre pronto a apoiar as políticas do Governo, afinal, esse é o nosso trabalho. Se o plano tivesse sido implantado, então com certeza a gente teria ajudado a promovê-lo, mas não tínhamos nenhuma campanha específica em mente.

– O que eu soube é que você teve que jogar fora uma grande ação publicitária que havia sido cuidadosamente planejada e estava prontinha para ser lançada.

A cinza vacilante de seu cigarro desistiu de desafiar as leis da gravidade e caiu em cima de sua gravata; O'Neill a ignorou, com suas sobrancelhas franzidas de concentração.

– Se foi isso que você ouviu, Mattie, está mal informada. Para mim, soa como se alguém estivesse agindo em causa própria. Você tem certeza de que sua fonte conhece todos os fatos? Talvez ele esteja apenas querendo vender

seu peixe.

Com um sorriso amarelo, O'Neill tentava descartar Kendrick como fonte confiável. O sorriso ficou mais rígido quando ele percebeu que havia se referido à fonte como "ele", mas não era possível que aquela meninota pudesse ter notado um tropeço tão sutil. Mesmo assim, ela estava fazendo perguntas demais, e O'Neill começou a se sentir desconfortável. E isso despertou nele uma vontade de conseguir um apoio mais substancial do que aquele que um cigarro podia lhe proporcionar, não importando o que Urquhart tivesse lhe dito.

– Mattie, olha, eu tive um dia muito cheio, e ainda temos pela frente o resultado da votação mais tarde, à noite, e tudo o mais. Que tal se a gente encerrasse por aqui?

– Muito obrigada por me ceder seu tempo, Roger. Acho que foi imensamente útil.

– E eu não lhe contei nada.

– Mas você foi muito convincente.

– A hora que precisar, já sabe – disse ele, enquanto a conduzia até a porta. No caminho, passaram pelo terminal de computador localizado no canto de seu congestionado escritório. Ela se inclinou para dar uma olhada nele e sua blusa abriu para frente uns 5 centímetros. Ele chegou mais perto, adorando aquele pretexto.

– Seu partido está bem à frente dos outros em matéria de tecnologia. Suponho que todos os terminais desse edifício estejam conectados ao computador central, não é?

Ele se aprumou, com todos os alarmes soando de algum lugar dentro dele e num volume alto o suficiente para distraí-lo das curvas dos seios dela.

– É… eu acho que sim – disse. Colocou uma mão na região lombar dela e a empurrou sutilmente em direção à porta.

– Eu acho que sou meio tapada com computadores. Talvez uma hora você possa me dar algumas aulas, Roger.

– Você deve estar bem desesperada para pedir isso para mim – ele brincou.

– Você parece ser um cara capaz de lidar bem com um monte de coisas.

– Bem, todos nós passamos por um treinamento, mas eu mal sei ligar o danado – disse ele. – Quase nem uso. Só para e-mails internos, esse tipo de coisa. – Seus olhos piscavam violentamente, ele já não mantinha mais o mesmo controle. – Desculpe, preciso correr – ele murmurou, e saiu a mil do próprio escritório.

* * *

Às 17h00, as portas da sala 14 do Comitê dos Comuns foram cerimoniosamente fechadas para barrar quaisquer tentativas adicionais de depositar votos. Tratava-se de um gesto totalmente vazio, pois o último dos 335 votos já havia sido depositado dez minutos antes. Atrás das portas trancadas e sob as imensas pinturas a óleo e o papel de parede texturizado de tons escuros, Sir Humphrey e sua pequena equipe de inspetores se reuniram, satisfeitos pelo dia ter transcorrido tranquilo, apesar do início terrível que a atitude de Earle causara a seus preparativos. Uma garrafa de uísque rodou enquanto eles se fortaleciam para a contagem. Em salas diferentes do palácio, os oito candidatos aguardavam em diversos estados de excitação e sobriedade as convocações que iriam mudar suas vidas.

O Big Ben já soara 18h15 quando a chamada foi feita; às 18h30, as portas da sala do comitê foram destravadas e um enxame de parlamentares entrou para testemunhar o momento histórico. O número era excessivo para que pudessem ser todos acomodados nas longas mesas, semelhantes a carteiras de escola, e até mesmo em pé, por isso as portas foram deixadas abertas e o grupo transbordava para o corredor. Somas substanciais estavam sendo apostadas conforme os parlamentares faziam seus cálculos de última hora quanto ao provável resultado; no corredor, entre os que haviam ficado para fora, o pessoal da mídia tentava captar cada cochicho.

Sir Humphrey desfrutava daquele seu momento. Estava no ocaso de sua carreira, já vivera seu auge parlamentar em tempos de outrora, e até o pequeno mal-entendido acerca de suas férias no Caribe havia ajudado a trazer-lhe um reconhecimento no circuito de Westminster maior do que aquele de que desfrutara nos últimos anos. “É um vento deveras desfavorável que não levanta uma saia sequer”, ouvira-se ele comentar na Sala de Fumo. Agora ele se sentava na plataforma elevada da Sala do Comitê, tendo ao lado seus lugares-tenentes; alisou os bigodes e pediu silêncio à sala.

– Já que tivemos um número de nomes tão sem precedentes na cédula de votação, proponho que os resultados sejam lidos em ordem alfabética – começou ele.

Essa não foi uma notícia bem recebida por David Adams, o vaidoso ex-líder da Casa, que fora exilado no primeiro remanejamento de Collingridge por ter declarado de maneira excessivamente pública que passava mais tempo com a Rainha do que o primeiro-ministro. Ele esperava obter uma votação respeitável, que desse respaldo a suas pretensões de voltar ao Gabinete. O lenço de seda em seu bolso pareceu desfalecer desanimado quando Newlands anunciou que ele recebera apenas doze votos. Haviam-lhe prometido muito mais enquanto ele despejava um bom clarete goela abaixo de muitos de seus colegas. “Raposas velhas!”, ouviu-se ele murmurar.

Sir Humphrey continuou anunciando os resultados. Nenhum dos nomes

seguintes, incluindo o de McKenzie, conseguiu mais do que vinte votos de seus colegas. Paul Goddard, o dissidente católico que havia firmado posição unicamente na questão de banir todas as formas de aborto legalizado, recebeu apenas 3 votos. Ele sacudiu a cabeça desafiadoramente; suas recompensas não seriam deste mundo terreno.

Sir Humphrey tinha apenas mais três nomes para anunciar – Samuel, Urquhart e Woolton – e um total de 281 votos para repartir entre os três. O nível de tensão subiu na sala lotada. Era necessário obter um mínimo de 169 votos para vencer no primeiro turno. Mais duas apostas em paralelo foram concluídas às pressas num canto, com dois Honoráveis Membros apostando se haveria ou não um resultado já no primeiro turno.

– Michael Samuel… – entoou o presidente, olhando em volta da sala como um Hamlet sobre o túmulo. – 99 votos.

A sala ficou em um silêncio sepulcral até que um rebocador subindo o Tâmisa soou seu apito três vezes. Uma onda de bom humor aliviou a tensão e Samuel murmurou que era uma pena que mestres de rebocador não conseguissem nem um voto sequer. Ele estava claramente desapontado por ficar a uma distância tão grande da linha de chegada.

– Francis Urquhart… 91 votos.

Ele fora acomodado em uma das longas mesas da frente; deu um assentimento silencioso de gratidão.

– Patrick Woolton… 91 votos.

E pronto, estava concluído. A sala irrompeu. Ninguém mais prestava atenção a Newlands. Ele ainda tentou se fazer ouvir.

– Como nenhum candidato foi eleito, haverá um segundo turno daqui a uma semana, contando a partir de hoje. Quero lembrar a todos que aqueles que desejarem participar da segunda votação devem submeter suas indicações a mim novamente até quinta-feira. Declaro esta sessão encerrada!

Entretanto, ninguém mais estava prestando a menor atenção ao que ele dizia.

Amizades políticas são meras impressões, facilmente apagadas.

O escritório de Urquhart transbordava de colegas e de bebida. A celebração corria solta. Era um dos melhores escritórios reservados a um parlamentar, com uma graciosa janela oferecendo uma linda vista do rio e do antigo palácio gótico do arcebispo de Canterbury em Lambeth. "Lados diferentes", como ele às vezes ponderava. Ia oferecendo bebida conforme mais pessoas chegavam para apertar sua mão e dar-lhe os parabéns. Era a primeira vez durante a campanha que ele via alguns daqueles rostos, mas isso não importava. Novos rostos eram novos votos.

– Esplêndido, Francis. Um resultado absolutamente excelente. Você acha que pode seguir adiante e ganhar? – perguntou um de seus colegas mais veteranos.

– Acho que sim – Urquhart respondeu com uma confiança tranquila. – Tenho tantas chances quanto os outros.

– Acho que você tem razão, sabia? – disse seu colega, efusivo, aplacando seu fogo interior com um gole imenso de algo branco. – O jovem Samuel pode estar na frente, mas a campanha dele está em baixa. Agora, a coisa fica nas mãos dos mais experientes: você e Patrick. E veja, Francis, quero que saiba que você tem o meu mais sincero apoio.

Claro, e você quer que eu lembre disso quando, como primeiro-ministro, tiver nas mãos a decisão sobre o Gabinete, Urquhart pensou consigo, dando uma risadinha enquanto oferecia sua gratidão, no momento em que Mortima, deslizando como um serafim apesar de todo o aperto, voltava a encher a taça vazia e oferecia um sorriso afetuoso.

Um de seus correligionários mais jovens havia arrumado uma caixa com distintivos de lapela e circulava pela sala espetando-os nos ternos. Nos distintivos lia-se apenas "F.U.". O jovem político, de estatura napoleônica e rosto afogueado, viu-se de repente diante de Mortima. Em sua excitação, foi levando um dos distintivos em direção ao peito dela. Seus olhos mostravam-se afetuosos, mas, conforme sua mão se aproximava dos seios dela, foram ficando cada vez mais hesitantes. Então, encontraram os olhos dela, e ele empalideceu e se deteve.

– Ah, meu Deus. Desculpe. Acho que isso é para ir em outro lugar – disse, e sumiu no meio da multidão.

– Onde foi que você arrumou esse pessoal? – cochichou Mortima, maliciosa, no ouvido do marido. – Quando ele crescer, quem sabe vire um grande homem.

– Se ele crescer, mande-o para mim. Aí eu lhe conto.

Novas caras ainda chegavam à sala.

– De onde vem todo esse povo? – perguntou Mortima, preocupada que a bebida não fosse suficiente para todos.

– Ah, alguns deles andaram bem ocupados – ele retrucou. – Já fizeram aparições curtas mas bem visíveis tanto na recepção do Samuel quanto na do Woolton, partindo do princípio de que nunca se sabe ao certo. E você também não sabe, não é, minha querida? Afinal, quem é que sabe?

– Eu gosto de saber em que pé estou em relação àqueles que estão à minha volta, Francis.

– É claro, minha querida. E é por isso que eu tenho um amigo chegado, tanto na festa do Michael quanto na do Patrick, contando cabeças, memorizando rostos. Tentando saber ao certo.

Eles ficaram olhando fixamente um para o ouro, alheios àquele tumulto em volta deles.

– Custe o que custar, Francis.

– Você gostaria de saber ao certo?

Ela balançou a cabeça negando.

– Não, meu amor, não mais do que você gostaria. – Ela se virou e se apressou em dar conta de suas providências.

Ao fundo, o telefone havia tocado com insistência, com mensagens de congratulações e perguntas. A secretária de Urquhart atendia as ligações ao mesmo tempo que abria garrafas e batia papo, se bem que agora chegava perto de Urquhart com uma careta de preocupação.

– É para você – cochichou em tom urgente. – Roger O'Neill.

– Diga a ele que eu estou ocupado e que ligo mais tarde – instruiu.

– Mas ele já ligou antes. Parece muito ansioso. Pediu para eu dizer que é "algo tremendamente importante", para citar suas palavras exatas.

Com um palavrão de impaciência, ele se afastou de seus convidados e foi até a janela, onde sua mesa lhe dava um pouco de abrigo do tumulto da celebração.

– Roger? – Seu tom era amável enquanto exibia uma cara feliz para todos na sala, tentando esconder a irritação que sentia por dentro. – É realmente importante? Estou com a sala cheia de gente aqui.

– Ela está atrás de nós, Francis. Aquela maldita putinha. Ela sabe, tenho certeza. Ela sabe que fui eu e logo vai chegar em você, aquela vaquinha. Eu não contei nada a ela, mas ela já pescou a coisa, sabe Deus como, mas…

– Roger, ouça com atenção. Controle-se. – O tom de Urquhart continuava sereno, mas ele virou o rosto para a janela, evitando uma possível leitura labial.

Mas O'Neill estava enrolando a língua, e sua conversa perdia o rumo como

um trem sem maquinista.

Urquhart o interrompeu:

– Roger, diga, devagar e com clareza, o que está acontecendo.

Mas a confusão começou de novo e Urquhart foi obrigado a ouvir, tentando entender aquela mistura caótica de palavras, ruídos e fungadas.

– Ela veio aqui falar comigo, aquela vaca do lobby de imprensa. Eu não sei como, Francis, não fui eu, não contei nada para ela. Dei um jeito de tirar ela de cima, acho que ela foi embora satisfeita. Mas de algum modo ela está por dentro de tudo, Francis. Do endereço de Paddington, do computador. Até daquela porra daquela pesquisa de opinião que vazou. Aquele filho da puta do Kendrick deve ter soltado a língua. Meu Deus, Francis. E se ela não acreditou em mim?

– Pare de falar um minuto – cortou Urquhart, com raiva, ainda mantendo o sorriso. – Me diga quem é, Roger? De quem estamos falando?

– Storin. Mattie Storin. E ela disse…

– Ela tinha alguma prova concreta? Ou está só nas suposições?

O'Neill fez uma pausa, curtíssima.

– Não tem nada de concreto, eu acho. São só palpites dela. Só que…

– Só que o quê?

– Alguém disse para ela que eu tenho alguma coisa a ver com a abertura daquele endereço em Paddington.

– Como é possível…?

– Eu não sei, Francis, eu não sei. Mas, tudo bem, não precisa se preocupar, ela acha que eu fiz isso para o Collingridge.

– Roger, eu teria o maior prazer em…

– Olha, fui eu que fiz todo o trabalho sujo para você, corri todos os riscos. Você não tem motivo para se preocupar, mas eu estou enfiado nisso até o pescoço. Francis, eu preciso de ajuda, eu estou em pânico! Eu fiz um monte de coisas para você que eu não devia ter feito, mas eu nem perguntei nada e fiz do jeito que você mandou. Você precisa me livrar dessa, eu não posso aguentar isso muito mais tempo… e eu *não vou* aguentar isso muito mais. Você precisa me proteger, Francis. Está ouvindo? Ah, meu Deus, por favor, você tem de me ajudar!

– Roger, tenha calma – ele disse, baixinho, bem perto do bocal, fazendo concha com as duas mãos. – Ela não tem como provar absolutamente nada e você não tem nada a temer. Estamos nisso juntos, está entendendo? E vamos sair disso juntos, direto para a Downing Street.

Do outro lado da linha, apenas soluços descontrolados.

– Quero que você faça duas coisas, Roger. Quero que continue lembrando do seu título de Cavaleiro. Ele está a apenas alguns dias de você.

Urquhart imaginou ter detectado uma expressão trôpega de gratidão.

– E enquanto isso, Roger, quero que você fique bem longe da senhorita Storin. Entendeu?

– Mas…

– Eu disse, fique bem longe!

– Como você quiser, Francis.

– Eu vou dar um jeito nela – cochichou Urquhart, e desligou.

Ele ficou lá, ombros tensos, olhando pela janela, deixando que suas emoções se espalhassem por seu corpo. De trás, vinha o burburinho de homens poderosos que poderiam levá-lo a Downing Street. A sua frente, aquela vista secular do rio, que havia inspirado tantos grandes homens. E ele acabara de bater o telefone na cara do único homem capaz de arruinar sua vida.

O que um político diz a São Pedro quando os dois finalmente se encontram? Queixa-se do número de votos nulos? Argumenta que, caso as seções de votação tivessem ficado abertas um tempinho a mais, tudo teria sido diferente?
Eu tenho meu próprio plano. Pretendo olhar bem nos olhos daquele velho safado e dizer que ele está despedido.

Ele ligou para ela mais tarde naquela noite.

– Mattie, você se incomodaria em dar um pulinho aqui?

– Francis, eu adoraria, realmente, mas com essa confusão toda aí na porta da sua casa?

– Venha bem mais tarde, quando todos tiverem ido embora.

– E… a senhora Urquhart? Não gostaria de incomodá-la.

– Ela já voltou para o campo e vai ficar por lá alguns dias.

Era quase meia-noite quando Mattie entrou discretamente pela porta da frente da Cambridge Street, certificando-se de que não havia alguém olhando. Sentiu-se um pouco sorrateira, mas cheia de expectativa. Ele tirou seu casaco, bem devagar, olhando para ela bem de perto. Ela se sentiu esquisita e de repente deu um beijo no rosto dele.

– Desculpe – ela corou. – É que… Bem, parabéns. Pouco profissional, não é?

– Até pode ser, Mattie. Mas eu não vou reclamar nem um pouco. – E começou a rir.

Em seguida, estavam sentados no escritório dele, com aquela atmosfera íntima, quase conspiratória, nas poltronas de couro rachado, cada um com seu uísque na mão.

– Mattie, parece que você tem aprontado bastante, pelo que ouvi dizer.

– O que você ouviu dizer? – perguntou ela, alarmada.

– Entre outras coisas, que você deixou o Greville Preston maluco.

– Ah, isso. É, acho que eu enlouqueci um pouco o cara.

– Você acha?

– O Grev não quer publicar nada que eu escreva. Eu fui banida. Estou de aviso prévio, mas sem trabalhar.

– Bem, isso pode ser bastante interessante.

– Não quando o mundo inteiro está mudando e eu não posso fazer parte disso. Não quando… – Ela hesitou.

– Não quando o quê, Mattie? Posso apostar que tem alguma coisa

incomodando muito você.

– Quando alguma coisa realmente perversa está acontecendo.

– Isso é política.

– Não, isso não é só política. É bem pior.

– Me conte tudo… Se quiser contar, é claro. Faça de conta que eu sou seu padre confessor.

– Não, eu nunca conseguiria fazer isso, Francis.

– Bem, você falou que eu lembrava seu pai.

– Mas só a sua força.

As bochechas dela empalideceram um pouco, parecia constrangida; ele sorriu. E de repente Mattie sentiu o ambiente preenchido por um turbilhão de cores – o azul cristal dos olhos dele, o redemoinho âmbar do uísque, os tons escuros profundos do couro envelhecido, o tapete persa com seus púrpuras. Ela conseguia ouvir seu coração batendo naquele silêncio uterino. Ela estendeu seu copo para ele voltar a enchê-lo, sabendo que havia iniciado algo ao ir lá, algo que ela teria que terminar.

– Eu acho que alguém quis prejudicar o Collingridge de propósito.

– Estou ouvindo fascinado.

– As pesquisas que vazaram, a informação vazada. Acho que o endereço de Paddington era uma armação, e isso significa que…

– O que isso significa?

– Que o negócio das ações também foi uma armação.

Urquhart parecia assustado, como se alguém tivesse beliscado sua bochecha.

– Mas por quê?

– Para se livrar do primeiro-ministro, é claro! – exclamou ela, frustrada por ele se mostrar tão lento em ver o que agora ela entendia claramente.

– Mas… mas… quem, Mattie? Quem?

– Roger O'Neill é parte disso.

– Roger O'Neill? – Urquhart riu com desdém. – Mas o que ele teria a ganhar?

– Eu não sei! – Ela deu um murro no sofá de couro, fervendo de frustração.

Urquhart se levantou de sua poltrona e foi sentar-se ao lado dela. Pegou sua mão, desenrolou lentamente cada um de seus dedos e esfregou a palma com o polegar.

– Você está transtornada.

– É claro que estou transtornada. Sou uma jornalista, tenho a maior história do século, só que ninguém quer publicá-la.

– Eu acho que você está transtornada demais para poder pensar com clareza.

– Como assim? – perguntou ela, ofendida.

– Roger O'Neill… – ele repetiu, zombando. – O cara não consegue nem controlar os vícios dele, quem dirá articular as diversas engrenagens de um plano elaborado como esse?

– Eu percebi.

– Então…? – ele provocou, incentivando-a.

– Ele deve estar agindo com mais alguém. Alguém mais importante, mais poderoso. Alguém que pudesse se beneficiar da troca de liderança.

Ele assentiu, concordando.

– Deve ter outra pessoa em algum lugar, manipulando O'Neill. – Ele a estava conduzindo por uma trilha perigosa, mas sabia que ela acabaria chegando lá por conta própria. Melhor então levá-la pela mão.

– Portanto, estamos procurando um homem misterioso, que dispõe de meios e tem um motivo. E em posição de controlar O'Neill. Com acesso a informações políticas cruciais.

Ele olhava para ela com admiração crescente. Ela não só era bonita, mas, depois que se envolvia em algo, percorria seus meandros com destreza surpreendente. Ela prendeu a respiração ao dar no fim da trilha e de repente teve uma visão do quadro geral.

– Alguém que tenha se envolvido numa ferrenha batalha com o primeiro-ministro.

– Tem um monte de gente que se enquadra nessa descrição.

– Não! Não! Você não está vendo? Há apenas um homem que se enquadra exatamente nisso. – Ela estava ofegante com a excitação da descoberta. – Apenas um. Teddy Williams.

Ele se recostou no sofá, boquiaberto.

– Meu Deus. Isso é terrível.

Desta vez, foi ela quem segurou a mão dele, apertando-a.

– Agora você consegue entender por que eu me sinto tão frustrada. É uma história extraordinária, mas Grev não quer publicar.

– Por quê?

– Porque eu não posso provar. Não há nenhuma prova concreta. Por isso, estou de mãos amarradas. Eu simplesmente não sei o que fazer, Francis.

– Essa é uma das razões pelas quais pedi para você vir aqui hoje, Mattie. Você está passando por um momento difícil. Acho que eu posso te ajudar.

– Sério?

– Você precisa de algo a mais para oferecer ao Preston, alguma coisa que se mostre irresistível para ele.

– Mas o que seria isso?

– Os bastidores da campanha de Urquhart. Quem sabe… eu posso até ganhar. E nesse caso, aqueles que tiverem acesso facilitado estarão numa

posição de muito poder na Fleet Street. E posso assegurar a você, Mattie, que, se eu ganhar, você terá acesso especialmente facilitado.

– Você está falando sério, Francis? Faria isso por mim?

– Com toda certeza.

– Mas por quê?

– Porque sim! – Os olhos dele se iluminaram, risonhos, e em seguida ficaram sérios de novo, olhando bem fundo dos olhos dela. – Porque você é extremamente brilhante no seu trabalho, Mattie. Porque você é tremendamente bonita… Posso me permitir expressar esse tipo de opinião?

Ela sorriu, sedutora.

– É claro, você tem total permissão para dizer isso. Eu é que não estou em posição de comentar.

– E também, Mattie, porque eu gosto de você. Muito.

– Obrigada, Francis. – Inclinou-se para frente e o beijou, não no rosto desta vez, mas sim nos lábios. Ela recuou. – Desculpa, eu não devia ter feito isso.

Ele não se movera, inabalável, como uma rocha. Ela o beijou mais uma vez.

* * *

Foi bem mais tarde naquela noite, bem depois de 1h00, depois que Mattie voltara para a casa dela, que Urquhart saiu de casa e voltou para sua sala na Câmara dos Comuns. A secretária já havia esvaziado os cinzeiros, tirado os copos, ajeitado as almofadas. A sala ainda fervia de barulho quando ele saiu, mas agora estava silenciosa como os mortos. Fechou a porta atrás dele, trancou-a com cuidado. Atravessou a sala até o arquivo de quatro gavetas com sua sólida barra de segurança e uma fechadura com segredo. Girou o dial quatro vezes, para frente e para trás, até que se ouviu um delicado clique e a barra de segurança caiu nas mãos dele. Removeu-a e curvou-se para abrir a última gaveta.

A gaveta rangeu ao ser aberta. Estava abarrotada de pastas, cada uma com o nome de um membro do Parlamento, cada uma contendo material embaraçoso ou mesmo incriminador, que ele havia cuidadosamente retirado do cofre do escritório do líder da bancada. Levara quase três anos para reunir aqueles segredos, aqueles atos de total estupidez.

Ajoelhou-se no chão enquanto examinava as pastas. Achou o que estava procurando, um envelope acolchoado, já endereçado e selado. Colocou-o de lado, fechou a gaveta e travou de novo o arquivo, testando-o como sempre fazia para certificar-se de que a fechadura e a barra de segurança estavam

devidamente acopladas.

Não foi diretamente para casa. Em vez disso, dirigiu-se a um dos muitos serviços 24 horas de entrega de encomendas que lotam os mais inóspitos subsolos do Soho. Enfiou o envelope no compartimento e pagou em dinheiro para que fosse entregue no destino. Teria sido mais fácil para ele, é claro, postar o envelope na Câmara dos Comuns, que dispõe de um dos serviços de correio mais eficientes do país. Mas ele não queria um carimbo da Câmara dos Comuns em parte alguma daquele envelope.

A crueldade, de qualquer natureza, é imperdoável. Portanto, não faz sentido algum ser cruel pela metade.

QUARTA-FEIRA, 24 DE NOVEMBRO

As cartas e jornais chegaram quase simultaneamente, com um baque surdo no capacho da porta de Woolton, em Chelsea. Ao ouvir o barulho logo cedo, ele desceu a escada de roupão e os recolheu, espalhando os jornais por sobre a mesa da cozinha e deixando a correspondência em cima de um banco antigo no corredor. Ele recebia mais de trezentas cartas por semana de seu eleitorado e de outros correspondentes, e há muito desistira de tentar ler tudo. Por isso, deixava a tarefa a cargo de sua esposa, que era também quem fazia o trabalho de atendimento do eleitorado, e para quem ele conseguira uma generosa verba de secretaria das autoridades parlamentares, para complementar seus vencimentos como ministro do Gabinete.

Como não poderia deixar de ser, os jornais cobriam principalmente a disputa pela liderança. As manchetes pareciam ter sido escritas por jornalistas de turfe, e frases como "Pescoço a pescoço", "Páreo de três cavalos" e "Decisão por *fotochart*" ocupavam as primeiras páginas. Dentro, os comentários menos exaltados explicavam que era difícil prever qual dos três concorrentes que lideravam estava mais bem colocado no momento. Ele se deteve na análise do *Guardian*, que normalmente não era sua primeira escala. O jornal com frequência postulava inutilmente suas visões de esquerda mas, como acabaria não apoiando nenhum dos candidatos à próxima eleição, talvez fosse mais comedido e objetivo em relação ao provável resultado. O artigo começava:

> O partido agora se defronta com uma escolha clara. Michael Samuel é de longe o mais popular e o mais bem preparado dos três, com uma trajetória clara como alguém capaz de perseguir uma carreira política sem jogar fora sua consciência social. O fato de vir sendo atacado por alguns elementos do partido como "excessivamente liberal" é um rótulo que ele deve ostentar com orgulho.
>
> Patrick Woolton é um político totalmente inusitado. Muito orgulhoso de suas origens nortistas, ele se posiciona como um homem capaz de unir as duas metades do país. A capacidade de seu estilo político robusto de unir as duas metades de seu partido é algo bem mais

questionável. Apesar de seu tempo no ministério do Exterior, ele admite ter pouca paciência com diplomacia e faz seu jogo político como se ainda estivesse disputando a bola no seu velho time de rúgbi. O líder da oposição o descreveu uma vez como um homem vagando pelas ruas de Westminster procurando briga, não importando muito com quem seja.

Woolton soltou um grunhido abafado de satisfação, devorou metade de uma torrada e fez o jornal farfalhar de novo.

Francis Urquhart é mais difícil de avaliar. Apesar de ser o menos experiente e menos conhecido dos três, ele teve um desempenho notável no primeiro turno. Três razões parecem explicar seu sucesso. Primeiro, como líder da bancada, ele conhece o Partido Parlamentar muito bem, e vice-versa. Como são seus colegas no Partido Parlamentar, e não o eleitorado todo que irá decidir essa eleição, seu perfil público discreto é menos desvantajoso do que muitos poderiam supor.

Segundo, ele conduziu sua campanha num estilo digno, o que o coloca à parte das batalhas verbais e dos infortúnios dos outros concorrentes. O que se sabe de sua política sugere que ele está firmemente vinculado à linha tradicionalista, um pouco aristocrático e autoritário talvez, mas com suficiente indefinição para não ser antagonizado por nenhuma das alas do partido.

Por fim, talvez seu maior trunfo seja não ser nenhum dos outros dois. Com certeza, muitos parlamentares o apoiaram no primeiro turno para não terem de se comprometer com nenhum dos outros dois candidatos, mais controversos. Ele é a escolha óbvia para aqueles que desejam ficar em cima do muro. Mas é exatamente isso que pode acabar fazendo sua campanha sair dos trilhos. Se a pressão por uma capacidade de decisão mais forte crescer, Urquhart será o candidato que irá sofrer mais.

Assim, a escolha é clara. Aqueles que querem um canal para sua consciência social irão apoiar Samuel. Aqueles que têm sede de uma política violenta irão apoiar Woolton. Aqueles que não conseguem se decidir dispõem de uma escolha óbvia em Urquhart. Qualquer que seja a decisão, inevitavelmente eles terão o que merecem.

Woolton riu enquanto dava conta de sua última torrada e sua esposa chegava para se juntar a ele, carregando nos braços a correspondência da manhã.

– O que eles estão dizendo? – perguntou ela, indicando os jornais com a cabeça.

– Que eu sou uma Maggie Thatcher sem peitos – ele respondeu. – Tranquilo e seguro.

Ela voltou a encher sua caneca de chá e suspirou, sentando-se ao lado da pilha de cartas e começando a ver do que se tratava. Transformara aquele processo quase em uma arte. Seu processador de texto estava meticulosamente programado com uma série de respostas-padrão e, com o simples toque de uma tecla, fazia a resposta parecer personalizada. Depois as cartas eram assinadas com o auxílio de uma pequena máquina de autografar que ele trouxera dos Estados Unidos. Embora muitas das cartas fossem do usual bando dos descontentes, lobistas, profissionais da reclamação e doidos que escreviam com tinta verde,[1] todos recebiam uma resposta. Ela não iria arriscar que seu marido perdesse um único voto por não oferecer algum tipo de resposta, mesmo àqueles que se mostravam mais ofensivos.

Ela deixou o envelope marrom acolchoado por último. Fora entregue pessoalmente e estava todo grampeado; deu trabalho abri-lo, e ela pôs sua manicure em risco na operação. Quando conseguiu puxar o último grampo teimoso, uma fita cassete caiu em seu seu colo. Não havia mais coisa alguma no envelope, nenhuma carta, nenhuma tira de papel com cumprimentos, nenhuma etiqueta na fita para indicar de onde vinha ou o que continha.

– Povo imbecil. Como é que eles esperam que a gente responda desse jeito?

– Deve ser uma gravação do discurso do último fim de semana ou de uma entrevista recente – ele sugeriu distraidamente, sem sequer se dar ao trabalho de tirar os olhos do jornal. – Serve mais um pouquinho de chá para nós, amor, e vamos pôr a fita para rodar. – Ele acenou na direção do aparelho de som.

Sua esposa, solícita como sempre, fez como ele pediu. Ele bebericava seu chá, a atenção firme ao editorial do *Sun*, quando uma luzinha vermelha no indicador do playback do toca-fitas mostrou que o aparelho lia alguma coisa. Ouviu-se uma série de chiados e estalos, em volume baixo, claramente não se tratava de uma gravação profissional.

– Aumenta o volume desse negócio aí, amor – ele pediu –, deixa a raposa ouvir o barulho das galinhas.

A risada de uma garota encheu a sala. Foi seguida, momentos depois, por sua respiração ofegante, baixinha, profunda. O som hipnotizou os Woolton, deixando-os paralisados. Ninguém mais sorveu chá, nenhuma página de jornal foi virada durante vários minutos, enquanto dos alto-falantes saíam vários ruídos: respirações pesadas, palavrões a meia-voz, um colchão se

queixando, um gemido de felicidade, a batida rítmica da cabeceira de uma cama contra a parede. A fita deixava pouca coisa por conta da imaginação. Os suspiros da mulher ficaram mais frequentes e mais agudos, paravam apenas para ela recuperar o fôlego e continuavam, cada vez mais altos.

E então, com gritos mútuos de êxtase e satisfação, houve a conclusão. As risadinhas agudas de uma mulher misturadas à respiração ofegante e grave de seu companheiro.

"Nossa, isso foi maravilhoso", disse o homem arfando.

"Nada mau pra um coroa."

"É isso que a gente ganha com a idade. Vigor, resistência!"

"Vamos de novo, então?"

"Bom, só se você prometer que não vai acordar Bournemouth inteira com seus gritos", dito com um inconfundível sotaque de Lancashire.

Nem Woolton nem sua esposa haviam movido um dedo desde que a fita começara a tocar, mas então ela atravessou a sala lentamente e desligou o som. Uma lágrima delicada rolou suavemente pelo rosto dela quando se virou para olhar seu marido. Ele não conseguiu encará-la.

– O que posso dizer? Sinto muito, amor – ele sussurrou. – Eu não vou mentir e dizer que isso é fictício. Eu sinto muito, de verdade. Nunca teria a intenção de magoá-la dessa maneira.

Ela não respondeu. O olhar de dor em seu rosto foi mais pungente do que qualquer palavra que ela pudesse ter dito com raiva.

– O que você gostaria que eu fizesse? – ele perguntou com delicadeza.

Ela falou brava com ele, o rosto inundado de dor. Precisou enterrar as unhas fundo na palma da mão para manter o controle.

– Pat, eu fiz vista grossa muitas vezes nos últimos 23 anos e não sou estúpida a ponto de achar que essa foi a única vez. Você poderia ao menos ter tido a decência de manter isso longe de mim e ter tomado cuidado para que isso não fosse esfregado na minha cara. Você me devia isso.

Ele abaixou a cabeça de vergonha. Ela esperou até que sua raiva fizesse efeito nele antes de continuar.

– Mas se há uma coisa que o meu amor-próprio não vai tolerar é que uma putinha dessas tente acabar com meu casamento e me fazer de tonta. Isso eu não vou deixar. Descubra o que essa vagabundinha chantagista quer, compre ela ou vá até a polícia se for preciso. Mas livre-se dela. E livre-se disso também! – Ela atirou a fita no marido; o objeto ricocheteou em seu peito e caiu. – O lugar disso não é na minha casa. E nem o seu, se eu tiver que ouvir essa nojeira de novo!

Ele olhou para ela e seus olhos também traziam lágrimas.

– Eu vou dar um jeito. Eu juro. Você não vai mais ouvir falar disso.

43

O amor alcança o coração de um homem. O medo, por outro lado, chega a suas partes mais persuadíveis.

QUINTA-FEIRA, 25 DE NOVEMBRO

Penny fez uma careta de desagrado olhando aquele céu de aço e, coberta de lã, pôs os pés cautelosamente na calçada do bloco de casas de Earl's Court onde morava. A previsão do tempo falava há dias da possibilidade de uma nevasca repentina e agora ela havia chegado, decidida a permanecer indefinidamente. Conforme tentava achar onde pôr os pés entre os charcos congelados, começou a se arrepender de ter saído de salto e não de botas. Andava devagar pela beirada da calçada, soprando hálito quente nos dedos, quando a porta de um carro foi aberta, bloqueando sua passagem.

Ela estava se curvando para dizer ao maldito motorista que devia ter mais cuidado quando viu Woolton na direção. Abriu um sorriso para ele, que não retribuiu sua acolhida. Ele olhava fixamente para frente, não para ela, que obedeceu sua instrução concisa e se enfiou no assento do carona.

– O que você quer? – ele perguntou numa voz gélida como o ar da manhã.

– O que você oferece? – ela sorriu, mas uma ponta de hesitação já se insinuava quando viu os olhos dele. Sem alma.

Os lábios afinados, retraídos, expunham seus dentes enquanto ele falava.

– Você precisava ter mandado aquela fita para a minha casa? Foi muito cruel. Minha esposa ouviu tudo. E foi algo totalmente imbecil também, porque agora ela já sabe, então você não pode mais me chantagear. Nenhum jornal ou estação de rádio vai querer encostar um dedo na fita, os potenciais danos por difamação farão todos eles procurarem se resguardar, portanto você não tem como fazer bom uso dela.

Não era verdade. A fita ainda podia lhe causar danos imensos se caísse em mãos erradas, mas ele achava que Penny era tapada demais para enxergar isso. Seu blefe parecia ter funcionado, a julgar pela cara de espanto dela.

– Pat, mas de que diabos você está falando?

– A porra da fita que você me mandou, sua piranha estúpida. Não venha dar uma de desentendida para cima de mim!

– Eu… eu não mandei fita nenhuma! Não tenho a menor ideia do que você está falando.

O inesperado ataque a seus sentimentos foi um considerável choque e ela

começou a soluçar e a ofegar, tentando recuperar o fôlego. Ele agarrou o braço dela com fúria e então lágrimas de dor física começaram a brotar de seus olhos.

– A fita! A fita! Você me mandou a fita!

– Mas que fita, Pat? Por que você está me machucando…?

As lágrimas agora vinham em torrente. A rua lá fora começou a sumir por trás dos vidros embaçados da janela do carro, e ela se viu trancada num mundo de loucura.

– Olhe para mim e diga que você não mandou nenhuma fita de nós dois em Bournemouth.

– Não. Não. Que fita? – De repente, ela engasguou e as lágrimas sumiram diante de seu horror. – Você está dizendo que existe uma fita de nós dois trepando em Bournemouth? Pat, isso é abominável. Mas quem?

Ele soltou o braço dela e deitou a cabeça lentamente por sobre o volante.

– Ah, meu Deus, é pior do que eu pensava – ele murmurou.

– Pat, eu não estou entendendo.

O rosto dele estava cinza, envelhecido, sua pele esticada como um velho pergaminho sobre seu rosto.

– Ontem chegou uma fita cassete na minha casa. Era uma gravação de nós dois na cama, na convenção do partido.

– E você achou que eu tinha mandado, seu miserável de merda!

– Minha esperança era que tivesse sido você, Pen.

– Por quê? Por que eu? – ela vociferou, enojada.

Ele agarrou a direção com força, os nós dos dedos brancos, olhando para frente, mas não para a rua.

– Minha esperança era que fosse você, Pen, porque se não é você, então eu não tenho a menor ideia de quem está armando isso. E não pode ser apenas coincidência que tenha chegado justo agora, tantas semanas depois de ter sido gravada. Não estão tentando me chantagear por dinheiro. Querem me ver fora da disputa pela liderança. – A voz dele sumiu num sussurro. – Terça-feira que vem, eu estou ferrado.

* * *

Woolton passou o resto da manhã tentando pensar de modo construtivo. Não tinha mais qualquer sombra de dúvida de que o repentino surgimento da fita era uma consequência da disputa pela liderança. Levantou uma dezena de hipóteses a respeito de quem poderia estar por trás daquilo – considerou até mesmo os russos –, mas nada fazia sentido. Ele não tinha mais a quem recorrer. Ligou para a mulher. Devia-lhe isso, no mínimo. Depois convocou

uma coletiva de imprensa.

Ao deparar com um problema como esse, alguns homens podem decidir sair de cena discretamente e rezar para que seu recolhimento silencioso não seja perturbado, mas não Woolton. Ele era do tipo que preferia cair lutando, tentando salvar o que fosse possível em meio aos destroços de seus sonhos. Não tinha nada a perder.

Estava determinado na hora que a coletiva de imprensa se reuniu, pouco antes do almoço. Sem tempo para fazer mais arranjos formais, convocara a mídia para encontrar-se com ele no Albert Embankment, no lado sul do rio, bem em frente ao Parlamento. Precisava de um cenário impactante, e o palácio com a torre do Big Ben proporcionaria isso. Assim que os operadores de câmera terminaram seus preparativos, ele começou.

– Boa tarde. Tenho uma curta declaração a fazer e sinto muito, não terei tempo depois para responder perguntas. Não acho, porém, que vocês irão ficar desapontados.

Esperou enquanto outra equipe de televisão chegava e montava seu equipamento.

– Depois da votação de terça-feira, parece que apenas três candidatos têm alguma probabilidade real de sucesso. Na verdade, pelo que sei, todos os demais já anunciaram que não irão concorrer no segundo turno. Assim, como os senhores mesmo definiram, este é um páreo de três cavalos.

Fez uma pausa. Não, não era fácil. Ele esperava que todos eles estivessem congelando, também.

– É claro, fico muito satisfeito em ser um desses três, é uma grande honra, mas três também pode não ser um bom número. Na realidade, não existem três alternativas nesta eleição, apenas duas. Ou o partido pode adotar uma abordagem política prática, que se mostrou tão bem-sucedida e nos manteve no poder por mais de uma década. Ou então pode desenvolver uma nova série de políticas, às vezes chamadas de políticas de consciência, que deixarão o governo muito mais profundamente envolvido, alguns diriam enredado, em tentar resolver cada um dos problemas do mundo. Isso se chama Big Brother e, como vocês sabem, essa nunca foi a minha preferência.

Os repórteres se agitaram. Todos sabiam que havia divisões dentro do partido, mas era raro exporem isso publicamente dessa forma.

– Embora seja bem-intencionada, não acredito que uma nova ênfase na consciência política possa se mostrar apropriada. Na verdade, acho que seria um desastre para o partido e para o país. Acredito que essa também seja a visão da clara maioria dentro do partido. No entanto, é nessa trilha que poderíamos acabar caindo se essa maioria ficasse dividida entre dois candidatos. Os dois candidatos que apoiam as políticas pragmáticas são Francis Urquhart e eu. Bem, eu sou um homem prático. Não quero que

minhas ambições pessoais atrapalhem a consecução das políticas nas quais sempre acreditei. Mas é exatamente isso que poderia acontecer.

Apesar do ar frio, suas palavras estavam pegando fogo, soltando espirais pelo ar.

– Esse lugar – ele apontou o polegar para o edifício do parlamento atrás dele – significa demais para mim. Quero ter certeza de que seja conduzido pelo homem certo, com as políticas certas. Portanto, senhoras e senhores – deu uma última olhada para a massa de câmeras e pessoas que se apertavam em volta dele, brincando com elas por mais um segundo –, eu não vou correr quaisquer riscos. Há coisas demais em jogo. Então, declaro que estou me retirando do páreo. Darei meu voto a Francis Urquhart, que eu sinceramente espero que seja nosso próximo primeiro-ministro. Nada mais tenho a dizer.

Suas últimas palavras quase se perderam em meio à algazarra de uma centena de obturadores de câmeras. Ele não esperou mais e já começou a andar decidido para a margem do rio, em direção ao carro que o esperava. Alguns o perseguiram, correndo atrás dele, mas foram capazes apenas de conseguir a imagem dele sendo conduzido de carro pela ponte de Westminster. Os demais ficaram num estado de perplexidade. Ele não reservara tempo para perguntas, não dera oportunidade para que fossem desenvolvidas teorias ou detectados sentidos ocultos por trás de suas palavras. Tinham apenas o que ele lhes dera, portanto teriam que fazer apenas um relato direto e factual – que era precisamente o que Woolton pretendia.

Ele foi dirigindo até sua casa, onde a esposa o aguardava, em pé, junto à porta, não menos confusa do que os outros. Ele exibia um sorriso triste enquanto entravam; ela permitiu que ele lhe desse um beijo no rosto; ele fez o chá.

– Você decidiu dedicar mais tempo à família, Pat? – ela perguntou, cética, enquanto se sentavam em lados opostos na mesa da cozinha.

– Não seria ruim, seria?

– Mas. Com você, tem sempre um “mas” em algum lugar. Eu entendo por que você teve que recuar e suponho que isso já será punição suficiente.

– Você vai continuar comigo, meu amor? Isso é mais importante do que qualquer coisa, você sabe disso.

Ela escolheu bem as palavras, não queria deixar que ele escapasse tão fácil do anzol.

– Eu vou continuar *apoiando* você, como sempre fiz. Mas…

– Essa maldita palavra de novo.

– Mas por que diabos você decidiu apoiar o Francis Urquhart? Eu não sabia que vocês eram tão próximos assim.

– Aquele chato arrogante? Não somos próximos. Eu nem sequer gosto

dele!

– Então por quê?

– Porque eu estou com 65 anos e o Michael Samuel tem 48, o que significa que ele poderia ficar na Downing Street por vinte anos, até eu estar morto e enterrado. Francis Urquhart, por outro lado, tem quase 62. Não é provável que ele fique no cargo mais do que cinco anos. Portanto, com o Urquhart há uma chance de outra disputa de liderança antes que eu seja reduzido a carne de cachorro. Nesse meio-tempo, se eu conseguir descobrir quem está por trás dessa fita, ou se eles sofrerem algum acidente realmente brutal e horrivelmente doloroso, como eu sinceramente espero que sofram, então eu poderei ter uma segunda oportunidade.

Seu cachimbo soltava uma densa fumaça azul em direção ao teto enquanto ele urdia sua lógica.

– Seja como for, eu não ganho nada me mantendo neutro. Samuel jamais iria me tolerar no seu gabinete. Então, em vez disso, eu ofereci a eleição de bandeja para Urquhart, e ele terá que mostrar alguma gratidão por isso publicamente.

Olhou para a esposa, forçou um sorriso pela primeira vez desde que haviam ouvido a fita.

– Diabos, poderia ter sido pior. Você não gostaria de ser a esposa do ministro da Fazenda por alguns anos?

44

Mentir sobre a própria força é a marca da liderança; mentir sobre os próprios erros, a marca da política.

SEXTA-FEIRA, 26 DE NOVEMBRO

Na manhã seguinte, o tempo ainda estava gelado, mas uma nova frente havia passado pela capital trazendo céus cristalinos em lugar das nuvens de chumbo do dia anterior. Era como um reinício. Da janela de seu escritório, Urquhart olhava lá fora para o que lhe parecia ser um futuro tão claro quanto o céu. Após o apoio de Woolton, ele se sentiu invulnerável. Estava quase lá.

Então a porta abriu de repente com um som similar a uma explosão, e dos escombros emergiu a figura combalida de Roger O'Neill. Mesmo antes que Urquhart pudesse perguntar que raios ele estava fazendo lá, a falação começou. As palavras eram disparadas como balas, fuzilando Urquhart como se quisessem dominá-lo pela força.

– Eles já sabem, Francis. Descobriram que a pasta sumiu. As travas estavam forçadas, uma das secretárias notou e o presidente chamou todos nós para conversar. Tenho certeza de que ele suspeita de mim. O que a gente vai fazer? O que a gente vai fazer?

Urquhart lhe deu um chacoalhão para ver se ele parava com aquele falatório incompreensível.

– Roger, pelo amor de Deus, cala a boca!

Ele o empurrou com força para sentá-lo numa cadeira e lhe estapeou o rosto. Só então O'Neill parou para respirar.

– Agora fale devagar, Roger. Devagar. O que você está tentando dizer?

– Os arquivos, Francis. Os arquivos confidenciais do partido sobre Samuel, aqueles que você me pediu para mandar para os jornais de domingo. – Ele estava ofegante, de exaustão tanto física quanto emocional. As pupilas de seus olhos estavam dilatadas, o contorno dos olhos parecia em carne viva, o rosto tinha cor de cinzas de cigarro. – Veja, eu consegui usar minha chave mestra para entrar sem problemas no subsolo, lá onde ficam os depósitos, mas as pastas são guardadas em arquivos trancados. Eu tive que forçar a fechadura, Francis. Desculpa, mas eu não tinha escolha. Não foi muito, mas entortou um pouco. Era tanta poeira e teia de aranha que parecia que ninguém ia lá desde a Guerra dos Bôeres, só que ontem alguma vagabunda duma secretária precisou ir até lá e percebeu a fechadura forçada. Aí eles checaram o lote inteiro e descobriram que a pasta do Samuel tinha sumido.

– Você mandou para eles a pasta original? – perguntou Urquhart, horrorizado. – Não copiou só os trechos interessantes, como eu lhe disse para fazer?

– Francis, a pasta era grossa que nem meu braço, ia demorar horas para copiar tudo. Eu não sabia que trechos eles poderiam achar mais interessantes, então… mandei o lote inteiro. Poderiam ter passado anos até alguém perceber que a pasta tinha sumido, e aí eles simplesmente iriam achar que estava arquivada fora de lugar.

– Você é um completo imbecil, você…

– Francis, não grita comigo! – berrou O'Neill. – Sou eu que estou correndo todos os riscos, não você. O presidente está interrogando pessoalmente todo mundo que tenha uma chave mestra, e são só nove pessoas. Ele pediu para me ver hoje à tarde. Tenho certeza de que ele suspeita de mim. E eu não vou assumir a culpa de tudo sozinho. E por que deveria? Eu só fiz o que você me mandou fazer… – Ele chorava. – Francis, não consigo continuar mentindo. Eu simplesmente não aguento mais isso. Eu estou desabando!

Urquhart congelou quando percebeu a verdade por trás das palavras desesperadas de O'Neill. Aquele homem tremendo na frente dele não tinha mais nem resistência nem discernimento; estava começando a ruir como um muro velho sem alicerces. O'Neill não conseguiria se controlar nem mesmo por uma semana, especialmente naquela semana. Estava à beira de sua catástrofe pessoal; a mais leve brisa iria fazê-lo despencar rumo à destruição. Levando Urquhart junto.

Quando falou, sua voz era firme mas conciliatória.

– Roger, você está descontrolado. Você não tem nada a temer, ninguém pode provar nada e você precisa lembrar que eu estou do seu lado. Você não está sozinho nisso. Olhe, não volte para o escritório, ligue dizendo que está doente e vá para casa. O presidente pode esperar até segunda-feira. E amanhã eu gostaria que você viesse se encontrar comigo e fosse meu hóspede em Hampshire. Venha almoçar e passe a noite, para a gente poder conversar melhor sobre a coisa toda, nós dois, juntos, só os dois. Gostou da ideia?

O'Neill agarrou a mão de Urquhart como um aleijado se agarra a sua muleta.

– Só você e eu, Francis… – ele disse, chorando.

– Mas você não deve falar para ninguém que está vindo me visitar. Seria muito embaraçoso se a imprensa descobrisse que um funcionário importante do partido está hospedado na minha casa bem antes da última votação. Não iria parecer adequado para nenhum de nós dois. Portanto, isso deve ficar só entre a gente. Nem sua secretária pode ficar sabendo.

O'Neill tentou balbuciar algumas palavras de gratidão, mas foi impedido

por três enormes espirros que fizeram Urquhart se revirar de nojo. O'Neill pareceu não perceber, ficou limpando o rosto e sorrindo, com a recém-recuperada vivacidade de um cocker spaniel.

– Eu vou aparecer por lá, Francis. Pode confiar.

– Posso mesmo, Roger?

– É claro que pode. Eu vou, nem que seja a última coisa que eu faça.

* * *

SÁBADO, 27 DE NOVEMBRO

Urquhart saiu da cama antes do amanhecer. Não havia dormido, mas não se sentia cansado. Estava sozinho; a mulher passava o fim de semana fora, ele não tinha muita certeza onde, mas havia sido a pedido dele. Ela examinara seu rosto atentamente, tentando localizar em seus olhos os indícios de alguma amante ou de alguma complicação mais preocupante. Ele não seria tão estúpido, é claro, não no fim de semana que antecedia uma semana como aquela, embora os homens tenham essa inexplicável capacidade de serem absolutamente estúpidos.

– Não, Mortima – ele havia sussurrado, percebendo sua preocupação. – Eu preciso de um tempo para refletir, caminhar um pouco, ler um pouco de Burke.

– O tempo que você precisar, Francis – respondeu ela, e foi embora.

Era cedo, e a primeira luz da manhã ainda não surgira nos brejos de New Forest. Ele vestiu sua jaqueta de caça favorita, calçou suas botas e foi, no ar gélido da manhã, andar por uma trilha para cavalos que cruzava Emery Down em direção a Lyndhurst. A névoa rente ao chão, agarrando-se às cercas vivas, afastava os pássaros e abafava todos os sons, formando um casulo onde apenas ele e seus pensamentos tinham existência. Já andara uns 5 quilômetros quando começou uma longa e lenta escalada até a face sul de uma montanha, e aos poucos a neblina começou a se dissipar, conforme o sol nascente cruzava o ar úmido. Ele acabara de emergir de uma nuvem espiralada de neblina quando viu um trecho de encosta iluminado pelo sol, que aquecia os arbustos úmidos. Enfiou-se sutilmente atrás de um arbusto baixo, de tocaia.

Não era muito propenso a introspecção, mas havia momentos em que precisava perscrutar seu íntimo, e nesse espaço interior encontrou o pai, ou elementos dele. Fora num trecho de brejo similar a esse, mas nas Terras Altas da Escócia, sob uma moita de arbustos de flores amarelas, que eles haviam encontrado o corpo do pai. Ao lado dele, sua Purdey favorita, calibre 20,

herdada de seu próprio pai, apenas um cartucho usado. Foi tudo que ele precisou para explodir metade da própria cabeça. Um homem estúpido, fraco. Trouxe vergonha para o nome dos Urquhart, uma vergonha que ainda fazia o filho se remexer por dentro e se sentir de algum modo diminuído.

O veado, um cervo amarelo-escuro, mantinha sua cabeça alta, cheirando o ar da manhã, seus chifres longos como remos captando o sol tímido, uma cicatriz em seu flanco mosqueado, sugerindo que poderia ter se envolvido numa luta recente, disputando alguma fêmea, e perdido. Era um macho jovem, ainda teria outras oportunidades, mas Urquhart sabia que ele mesmo não teria a mesma sorte. A luta em que estava envolvido seria sua última, não teria uma segunda chance.

O cervo chegou mais perto conforme continuava seu passeio, alheio a sua presença, seu belo pelo castanho brilhando na luz, seu rabo curto se agitando. Uma visão que, se fosse mais jovem, Urquhart poderia ter ficado observando por horas, mas agora não conseguiria, não com seu pai. Urquhart se levantou, a menos de trinta metros do animal. Este congelou, confuso, sentindo que já deveria estar morto. Então deu um salto para o lado e num instante havia sumido. A risada de Urquhart seguiu-o pela neblina adentro.

Quando voltou para casa, foi direto para o escritório, sem se trocar, e pegou o telefone. Falou com os editores dos quatro principais jornais de domingo. Descobriu que dois deles estavam redigindo editoriais de apoio, um deles em favor de Samuel e o outro sem pender para lado algum. No entanto, todos os quatro, em graus variados, achavam que ele tinha uma clara vantagem, algo confirmado pelas pesquisas de opinião do *Observer*, que àquela altura conseguira contatar uma substancial maioria do Partido Parlamentar. A enquete previa que Urquhart venceria confortavelmente, com 60% dos votos.

– Parece que será necessário um terremoto para evitar que você vença agora – comentou o editor.

– Ou a verdade – sussurrou Urquhart, depois de colocar o fone no gancho.

Urquhart ainda estava sentado em seu escritório quando ouviu o carro de O'Neill se aproximando decidido pelo acesso de cascalho lá fora. O irlandês estacionou de qualquer jeito e desceu do carro com ar cansado. Assim que pôs os pés no corredor, Urquhart não teve como não perceber que seu hóspede estava quase irreconhecível, muito diferente daquele homem que levara para almoçar em seu clube menos de seis meses antes. Aquela elegância casual se transformara num desleixo total, o cabelo, antes informal, estava agora malcuidado, as roupas amarrotadas, o colarinho desabotoado e amassado. Aquele comunicador suave e antenado de antes parecia agora um homem comum da rua, e aqueles olhos profundos e brilhantes, que tanto as

mulheres quanto os clientes haviam achado tão cativantes, estavam sumidos sem deixar vestígio, substituídos por duas orbes arregaladas e loucas, que agora sondavam pelo corredor numa constante busca por algo que nunca conseguiam encontrar.

Urquhart levou O'Neill para um quarto de hóspedes no segundo andar. Falou pouco enquanto subiam as escadas, pois todo o tempo vago era preenchido pela tagarelice de O'Neill e seus comentários, feitos quase sem respirar. O hóspede mostrou pouco interesse pela linda vista de New Forest que se podia apreciar daquele quarto; jogou sua mala de pernoite de qualquer jeito em cima da cama. Voltaram pelo mesmo caminho, descendo dois lances de escada, e Urquhart abriu uma velha porta de carvalho para introduzi-lo em seu escritório, cheio de livros pelas paredes.

– Francis, isso aqui é lindo, muito lindo – disse O'Neill, olhando a coleção de livros encapados em couro, as pinturas a óleo sobre uma série de temas tradicionais, de navios com velas enfunadas em mares revoltos a membros do clã com suas características roupas de *tartan* verde, e um par de globos terrestres antigos. Não que fosse belíssimo, era um pouco de exagero típico, mas era intimista e totalmente Urquhart. Copos de cristal rodeavam dois decantadores colocados num recesso da estante de livros em madeira escura.

– Sirva-se, Roger – convidou Urquhart. – Tem um Speyside raro e um uísque da ilha com aroma de turfa e algas marinhas. Escolha. – Ficou observando com uma concentração clínica enquanto O'Neill enchia um copo de uísque até a borda e começava a tomá-lo.

– Ops, posso servir um para você, Francis? – disse O'Neill, no susto, percebendo de repente que estava deixando os bons modos de lado.

– Meu caro Roger, neste *exato momento* acho melhor recusar. Preciso manter a mente muito lúcida, entende? Mas, por favor, sirva-se à vontade.

O'Neill encheu mais um copo quase até a borda e desabou numa poltrona. E conforme conversavam, o álcool começou a brigar com o que quer que estivesse dentro de seu sistema, e a fúria de seus olhos se tornou um pouco menos frenética, ao mesmo tempo que sua língua ficou mais lenta e sua fala foi gradualmente perdendo a coerência. O calmante contra o estimulante, sem nunca alcançarem paz ou equilíbrio, deixando-o constantemente prestes a despencar no abismo.

– Roger – continuou Urquhart –, parece que vamos estar na Downing Street lá pelo final da semana. Andei refletindo um pouco sobre o que eu vou precisar. Acho que poderíamos conversar um pouco também sobre o que você deseja.

O'Neill deu outro grande gole antes de responder.

– Francis, estou grato por você se lembrar de mim. Você será um primeiro-

ministro de alto nível, Francis, com certeza. Por acaso, também andei pensando um pouco nisso tudo e fiquei imaginando que talvez você pudesse aproveitar alguém como eu na Downing Street, sabe, como um consultor ou mesmo como seu assessor de imprensa. Você vai precisar de ajuda e parece que a gente tem se dado bem trabalhando juntos, e eu também andei pensando…

Urquhart fez um aceno de mão pedindo silêncio.

– Roger, há montes de funcionários públicos para assumir essas responsabilidades, pessoas que já estão fazendo esse trabalho. O que eu preciso é de alguém exatamente como você para ficar encarregado do lado político das coisas, alguém em quem eu possa confiar para evitar todos esses tristes equívocos que a organização do partido vem cometendo nos últimos meses. Eu gostaria muito que você permanecesse na sede do partido, sob as ordens de um novo presidente, claro.

Uma expressão de preocupação fez enrugar a testa de O'Neill. O mesmo emprego sem sentido, vendo de fora o serviço público comandando o espetáculo? Continuar a engolir aquilo que ele já vinha engolindo aqueles anos todos?

– Mas para fazer uma coisa assim com eficiência, Francis, eu preciso de apoio, de algum *status* especial. Lembro que a gente havia mencionado algo como um título de Cavaleiro.

– Sim, Roger, é verdade. Aliás, isso não seria nada além do que você merece. Você tem sido absolutamente indispensável para mim e quero que saiba o quanto me sinto grato. Mas andei me informando a respeito. Esse tipo de reconhecimento talvez não seja possível, pelo menos no curto prazo. Tem muita gente na fila para ser honrada quando um primeiro-ministro se demite, e há um limite no número de honrarias que um primeiro-ministro pode conceder. Eu receio que talvez leve um bom tempo…

O'Neill tinha desmontado na poltrona, meio inclinado para a frente no assento de espuma, mas nessa hora se endireitou todo, confuso, indignado.

– Francis, não foi isso que você me prometeu.

Urquhart estava determinado a testar O'Neill, a provocá-lo, espicaçá-lo, enfiar-lhe um dedo no olho ou no traseiro, cobri-lo de ofensas e deixá-lo bem decepcionado, colocá-lo um pouco sob a pressão que inevitavelmente recairia sobre ele nos meses seguintes. Queria ver o quanto O'Neill era capaz de resistir antes de chegar ao limite. Não precisou esperar muito para descobrir.

– Não, não; não foi nada disso, Francis. Você prometeu! Isso era parte do acordo! Você me deu sua palavra e agora está dizendo que não é bem assim. Nada de emprego. Nada de título de Cavaleiro. Nem agora, nem em breve, ou seja, nunca! Você conseguiu o que queria e agora acha que pode se ver livre de mim. Bom, é melhor pensar bem! Eu menti, eu enganei, eu forjei e

eu roubei para você. Agora você vem e me trata que nem trata todo o resto. Eu não vou mais aturar as pessoas rindo de mim pelas costas e me olhando de cima como se eu fosse algum caipira irlandês fedido. Eu mereço esse título de Cavaleiro, e eu exijo isso de você!

O copo estava vazio e O'Neill, tremendo de nervosismo, levantou-se a muito custo da poltrona para enchê-lo novamente no decantador. Escolheu o segundo, sem se importar com o que havia dentro dele, e despejou o líquido maltoso escuro, metade dentro do copo, metade fora. Deu um longo gole antes de se virar para Urquhart e retomar sua avalanche de ressentimentos.

– A gente passou por tudo isso junto, trabalho em equipe, Francis. Tudo o que eu fiz foi por você, e você não teria chegado nem perto de Downing Street sem mim. Ou a gente se dá bem junto ou a gente se fode junto. Se for para eu ir parar num monte de lixo, Francis, pode ter certeza que eu não vou sozinho. Não dá para você se dar esse luxo, considerando tudo que eu sei. Você me deve! – Ele estava tremendo, derramando mais uísque pelo chão. Suas pupilas eram como pontas de agulha. Ele babava.

As palavras haviam sido ditas, a ameaça estava feita. Urquhart havia despejado em cima de O'Neill uma série de provocações que, quase sem parar para respirar, ele havia agarrado e atirado de volta na cara de Urquhart. Estava claro que já não era mais uma questão de saber se O'Neill perderia ou não o controle, mas sim com que rapidez isso se daria, e ficou claro que não demoraria muito. Fazia pouco sentido continuar a testá-lo. Urquhart encerrou aquele momento rapidamente, com um amplo sorriso e um aperto de mão.

– Roger, meu caro amigo. Você não entendeu direito o que eu disse. Estou afirmando apenas que será difícil desta vez, na Lista de Honra de Ano-Novo. Mas há outra lista na primavera, para o aniversário da Rainha. Na verdade, são só mais algumas semanas. Eu só estou pedindo que você espere até lá. – Ele pousou a mão sobre o ombro de O'Neill, que tremia. – E se você quer um emprego na Downing Street, então vamos providenciar isso. Nós dois trabalhamos em equipe, você e eu. Você fez por merecer. Dou-lhe minha palavra de honra, Roger, eu não vou esquecer daquilo que você merece.

O'Neill não conseguiu proferir algo além de um murmúrio. Sua determinação havia se exaurido, o álcool escavara seu caminho dentro dele, suas emoções antes despedaçadas agora estavam emendadas. Voltou a desabar na poltrona, pálido, exausto.

– O'Neill, dê uma dormida antes do almoço. A gente pode ver os detalhes do que você quer mais tarde – sugeriu Urquhart, enchendo o copo de O'Neill de novo ele mesmo.

Sem dizer mais palavra, O'Neill fechou os olhos. Esvaziou o copo uma vez mais e em questão de segundos sua respiração desacelerou, embora mesmo

dormindo seus olhos ainda tremessem atrás das pálpebras, em transtorno constante. Por onde quer que a mente de O'Neill estivesse vagando, não encontrara paz.

Urquhart sentou-se olhando para aquela figura encolhida. Pingava muco do nariz de O'Neill. A visão fez Urquhart se lembrar uma vez mais de sua infância, e de um labrador que o acompanhou por anos, prestando fielmente seus serviços de cão de caça e companheiro assíduo. Um dia, o ajudante de caça veio e contou que o cão sofrera um ataque cardíaco; teria que ser sacrificado. Urquhart ficou arrasado. Correu até o estábulo onde o cão dormia e lá viu o animal perdendo o controle de si mesmo. As pernas traseiras estavam paralisadas, sujara-se com a própria evacuação, e seu nariz e boca, como os de O'Neill, escorriam incontrolavelmente. Foi o máximo que o animal conseguiu fazer para esboçar uma expressão de acolhimento aos visitantes. Havia uma lágrima no olho do velho ajudante de caça enquanto ele afagava sua orelha. "Pois é, amigo, agora você não vai mais caçar coelhos", ele cochichou. Virou-se para o jovem Urquhart. "Hora do senhor ir, mestre Francis."

Mas Urquhart se recusou a ir. "Eu sei o que é preciso fazer", ele disse.

Então, cavaram juntos a sepultura nos fundos do pomar, perto de uma densa cerca viva de teixos, levaram o cachorro até um ponto ensolarado ali perto, onde ele pudesse sentir o calor do sol de outono. Então Urquhart atirou nele. Deu um fim ao sofrimento do animal. Olhando agora para O'Neill, lembrou das lágrimas que derramara, das vezes que visitara aquele lugar onde havia enterrado o cão, e ficou refletindo por que certos homens merecem menos pena do que simples animais.

Ele deixou O'Neill na biblioteca e foi tranquilo até a cozinha. Debaixo da pia, encontrou um par de luvas de cozinha, de borracha, enfiou-as no bolso, junto com uma colher de chá, e seguiu pela porta dos fundos até o galpão atrás da casa. A velha porta de madeira gemeu com suas dobradiças enferrujadas quando ele entrou no barracão dos vasos. Sentiu o cheiro de mofo. Raramente usava aquele lugar, mas sabia exatamente o que procurava. No alto da parede dos fundos, havia um velho armário de cozinha, que fora removido da antiga copa havia muitos anos e que agora servia para guardar latas de tinta na metade do uso, alguns latões de óleo e um bem nutrido exército de cupins. No fundo, atrás de outras caixas, encontrou uma lata muito bem tampada. Calçou as luvas de borracha antes de tirá-la da prateleira e voltar para a casa, segurando a lata como se estivesse carregando uma tocha acesa.

De volta à casa, viu que O'Neill dormia profundamente e roncava como o som de uma tempestade longínqua. Subiu silenciosamente até o quarto de hóspedes e ficou aliviado ao descobrir que O'Neill não tinha trancado sua

mala. Encontrou o que procurava na bolsa de toilete, espremida entre a pasta dental e os apetrechos de barba. Era uma latinha de talco para homem, cuja tampa saiu sem problemas quando ele lhe deu um leve puxão. Dentro não havia talco, mas um saquinho de plástico com fecho, contendo o equivalente a uma colher de sopa grande cheia de um pó branco. Levou o saquinho até a escrivaninha de mogno polido que ficava perto da janela e tirou três grandes folhas de papel de carta azuis da gaveta. Deitou uma folha em cima da mesa e despejou o conteúdo do saquinho sobre ela, formando um montinho. Colocou uma segunda folha do lado e, ainda com luvas de borracha, abriu a latinha que havia trazido do barracão de vasos, então formou outra pilha de pó branco com a colher, mais ou menos do mesmo tamanho. Usando o cabo da colher como espátula, começou a dividir os dois montes de pó branco em metades iguais cuidadosamente, e depois passou metade de cada folha para a terceira folha de papel de carta, que ele dobrara pela metade. As partículas tinham cor e consistência praticamente idêntica, e ele misturou as duas metades dissimulando bem as diferenças para que dessem a impressão de sempre terem sido uma coisa só. Fez um vinco na metade do papel e se preparou para despejar a mistura de volta no saquinho de plástico.

Olhou fixamente para a folha de papel e para sua mão. Ela tremia um pouco. Seria o nervosismo, a idade, a indecisão? Algo que ele herdara do pai? Não, isso nunca. Podia ser qualquer coisa, menos isso! O pó deslizou facilmente para dentro do saquinho de plástico, que ele voltou a lacrar. Dava a impressão de nunca ter sido tocado.

Cinco minutos mais tarde, num canto do jardim perto do salgueiro chorão, onde seu jardineiro sempre deixava uma pequena pilha de lixo de jardim pronta para ser queimada, Urquhart acendeu uma fogueira. A lata estava vazia agora, seu conteúdo fora jogado fora, e ele a colocou bem no meio das chamas junto com o papel de carta azul e as luvas de borracha. Ficou apreciando as chamas enquanto ardiam, depois viu como se extinguiam e soltavam apenas fumaça, até que restou pouco mais do que uma velha lata queimada coberta de cinzas.

Voltou para a casa, serviu-se de uma boa dose de uísque, bebeu-o quase da mesma forma gulosa que O'Neill, e só então relaxou.

Estava feito.

Foi aquele sábio velho marinheiro de mares tempestuosos, Francis Drake, que observou que as asas da oportunidade estão cobertas com as plumas da morte. De preferência, a morte dos outros.

O'Neill tinha dormido umas três horas quando foi acordado por alguém chacoalhando-o com força pelo ombro. Lentamente, focalizou os olhos e viu Urquhart curvado em cima dele, tentando acordá-lo.

– Roger, uma mudança de planos. Acabei de receber uma ligação da BBC perguntando se eles podem mandar uma equipe de filmagem para cá, para colher algumas imagens para a cobertura de terça-feira deles. Parece que o Samuel já concordou com isso, então achei que eu não tinha outra escolha a não ser aceitar. Eles vão ficar por aqui algum tempo. É exatamente o que a gente menos quer. Se eles virem você aqui, isso vai gerar a maior especulação sobre como a sede do partido interfere na disputa pela liderança. Melhor evitar confusão. Desculpe, mas acho que você tem de ir embora imediatamente.

O'Neill ainda estava tentando engatar uma segunda marcha na sua língua enquanto Urquhart despejava um pouco de café nela, explicando uma vez mais que sentia muito pelo fim de semana, mas que estava muito feliz por eles terem esclarecido qualquer dúvida entre os dois.

– Lembre-se, Roger. Um título de Cavaleiro no próximo Pentecostes, e a gente ainda vai conversar sobre o seu emprego na semana que vem. Fiquei muito feliz por você ter vindo. E realmente sou muito grato a você – ia dizendo Urquhart, já enfiando O'Neill no carro.

Ficou observando O'Neill ir dirigindo pelo acesso lateral com todo cuidado e sumir portão afora.

– Adeus, Roger – ele sussurrou.

O tesão amplia os horizontes. O amor os restringe até levar à cegueira.

DOMINGO, 28 DE NOVEMBRO

O coro matinal dos principais jornais do domingo foi como música para os ouvidos do líder da bancada e seus apoiadores.

"URQUHART NA FRENTE", declarou o *Sunday Times* na primeira página, complementando isso com o apoio de suas colunas editoriais. Tanto o *Telegraph* quanto o *Express* apoiaram Urquhart abertamente, enquanto o *Mail on Sunday* tentou de maneira canhestra ficar em cima do muro. Só o *Observer* deu um editorial apoiando Samuel, mas mesmo esse foi atenuado por sua admissão de que Urquhart tinha nítida vantagem.

Coube a um dos jornais mais sensacionalistas, o *Sunday Inquirer*, dar à campanha um chacoalhão de verdade. Numa entrevista feita com Samuel a respeito dos "primeiros anos", o jornal o citou admitindo envolvimento passageiro com várias associações universitárias diferentes. Ao ser pressionado, ele confessou que até os 20 anos havia sido simpatizante de várias causas em voga, que trinta anos mais tarde parecem ingênuas e inapropriadas. Só quando o repórter insistiu que o jornal conseguira provas documentais que sugeriam que essas causas incluíam as campanhas para o desarmamento nuclear e o republicanismo é que Samuel percebeu que estava sendo vítima de uma armação.

– Não me venham com essas velhas bobagens de novo – respondeu Samuel, irritado. Ele achou que havia colocado um ponto final àquelas acusações estúpidas vinte anos antes, da primeira vez que concorreu ao Parlamento. Um adversário enviara uma carta de acusação à sede do partido; as acusações foram investigadas a fundo pelo Comitê Permanente de Candidatos do Partido e ele recebeu um diagnóstico de boa saúde política. Mas lá estavam elas de novo, ressurgindo dos mortos depois de todos aqueles anos, a poucos dias da última votação. – Fiz todas as coisas que um universitário de 18 anos de idade fazia naqueles dias. Fui a duas passeatas das campanhas de desarmamento nuclear e até me convenceram a fazer uma assinatura de um jornal estudantil que mais tarde descobri ser dirigido por republicanos. – Ele tentou forçar uma risada diante dessa lembrança, determinado a não dar qualquer impressão de que tinha algo a esconder. – Eu também apoiava decididamente o movimento antiapartheid e até hoje

sou frontalmente contrário ao apartheid – disse ao jornalista. – Arrependido? Não, não tenho arrependimento algum desses envolvimentos do passado; não destaco tanto seu aspecto de equívocos da juventude, e sim o fato de terem sido um excelente campo de provas para as opiniões que eu defendo hoje. Sei o quanto as campanhas de desarmamento nuclear eram uma bobagem… eu participei daquilo. E amo minha Rainha!

Mas esta não foi a fala que o entrevistador decidiu enfatizar.

"SAMUEL ERA COMUNISTA!" – foi o que ele destacou em mais da metade da primeira página, falando em "revelações chocantes", que o jornalista classificou como "exclusivas", de que Samuel havia sido um ativista de esquerda na universidade. Samuel não conseguia acreditar na maneira como suas observações haviam sido interpretadas; por um momento, cogitou que aquilo pudesse ser algo intencionalmente difamatório. E, depois da manchete, o artigo seguia por um caminho ainda pior.

> Ontem à noite, Samuel admitiu ter marchado pelas ruas de Londres em favor dos russos nos seus dias como membro da campanha pelo desarmamento nuclear, na década de 1960, quando as passeatas para banir a bomba costumavam acabar em violência e tumulto.
>
> Ele também apoiou financeiramente um grupo militante antimonarquista, fazendo pagamentos mensais regulares ao Movimento Republicano Cambridge, que tinha vários de seus líderes apoiando ostensivamente o IRA.
>
> O envolvimento esquerdista de Samuel em sua juventude há tempos vem sendo fonte de preocupação para os líderes do partido. Em 1970, quando tinha 27 anos de idade, ele se apresentou para concorrer como candidato oficial do partido nas eleições gerais. O presidente do partido ficou preocupado a ponto de escrever para ele pedindo explicações sobre "a frequência com que seu nome esteve associado na universidade com causas que não contam com a simpatia do nosso partido". Ele deu um jeito de passar no teste e conseguiu se eleger. Mas ontem à noite Samuel ainda se mostrava desafiador.
>
> "Não me arrependo", declarou ele, acrescentando que ainda sentia forte simpatia por alguns desses movimentos de esquerda que costumava apoiar…

O restante do dia foi preenchido por agitações e tumulto. Ninguém acreditava de verdade que ele fosse um comunista enrustido; era mais uma daquelas matérias ocas, sensacionalistas, feitas mais para aumentar a circulação do que a consciência do público, mas era algo a se conferir. O

resultado inevitável foi mais caos, num momento em que Samuel tentava desesperadamente tranquilizar seus apoiadores e refocalizar a atenção nas questões sérias da campanha.

Por volta de meio-dia, Lorde Williams havia expedido uma denúncia irada contra o jornal por usar documentos confidenciais que ele dizia terem sido roubados. O *Inquirer* imediatamente respondeu que, enquanto o próprio partido parecia imperdoavelmente incompetente com a guarda de seu material confidencial, o jornal estava satisfeito por cumprir seu papel público e que iria devolver a pasta em seu poder a seus legítimos donos na sede do partido – o que o jornal fez mais tarde naquele dia, a tempo de o fato aparecer no noticiário noturno de tevê e proporcionar àquela história algumas horas a mais de vida.

Ninguém achou que a história fizesse muito sentido. A maioria descartou-a como sendo mais sobre a típica incompetência da sede do partido do que do próprio Samuel. Contudo, sua campanha havia caído em desgraça desde que começara. Napoleão pedira generais com sorte e a Grã-Bretanha não podia exigir menos. Nada daquilo era positivo para alguém que alegava estar acima dos eventos. E não era o melhor uso para se dar às últimas horas que antecediam a batalha.

* * *

Ele ligou para Mattie.

– Preciso de você. Pode vir aqui?

Ela foi praticamente correndo até ele, até sua casa na Cambridge Street, e, na hora em que ele fechou a porta na cara do mundo lá fora, ele passou a estar com ela, em cima dela, e logo dentro dela. Parecia ter uma energia extraordinária, um homem com uma necessidade desesperada de se desafogar. Ele deu um grito ao terminar, um som solitário, que por um momento ela confundiu com angústia, ou seria culpa? A busca por poder desperta muitas paixões que nem sempre se acomodam bem umas às outras. Ela sabia disso por experiência própria.

Quando terminaram e ela soltou seu corpo do dele, ficaram deitados em silêncio, um ao lado do outro durante um tempo, perdidos em pensamentos.

– Por que você me chamou, Francis? – ela acabou perguntando.

– Eu precisava de você, Mattie. De repente, me senti tremendamente sozinho.

– Logo mais você estará rodeado pelo mundo inteiro. Não vai ter um momento sequer para ficar a sós com você mesmo.

– Acho que em parte foi isso. Estou um pouco assustado. Preciso de

alguém em quem eu possa confiar. Eu posso confiar em você, não posso, Mattie?

– Você sabe que pode. – Ela o beijou. – Isso não vai durar para sempre, eu sei, mas quando você terminar comigo eu vou entender mais a respeito de mim mesma e de todas as coisas pelas quais me interesso.

– Que são?

– O poder. Seus limites. As concessões que ele exige. As decepções.

– Será que fui eu que tornei você tão cínica?

– Eu quero ser a melhor correspondente política do país, talvez do mundo inteiro.

– Você está me usando! – ele riu baixinho.

– Espero que sim.

– Somos diferentes em muitas coisas, você e eu, Mattie, mas de algum modo eu sinto que se eu puder ter certeza do seu… – ele procurou uma palavra adequada – da sua lealdade, então por algum tempo o mundo inteiro poderia seguir seu exemplo.

Ela deslizou suavemente seu dedo pelos lábios dele.

– Acho que é mais do que lealdade, Francis.

– Não podemos ir fundo demais, Mattie. O mundo não deixaria.

– Mas aqui somos só você e eu, Francis. – Ela deslizou para cima dele uma vez mais, e dessa vez ele não gritou de angústia.

47

Às vezes eu me odeio por causa das minhas inadequações.
Mas acho mais fácil odiar os outros.

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE NOVEMBRO

O zelador encontrou o corpo logo depois de ter batido o ponto às 4h30 de uma madrugada escura e coberta de geada, assumindo seu turno no posto de serviço da Rownhams, localizado na M27, na periferia de Southampton. Ele estava limpando os banheiros quando descobriu que uma das portas dos cubículos não abria. Já estava perto de completar seus 68 anos e xingou por ter que abaixar seu velho esqueleto a fim de espiar por debaixo da porta. Teve dificuldade para chegar lá embaixo, mas acabou localizando dois sapatos. Como havia meias e pés enfiados nos sapatos, não precisou de mais nada para satisfazer sua curiosidade. Havia um homem dentro do cubículo e, estivesse bêbado, doente ou morrendo, iria atrasar toda a programação de limpeza. Aquele homem idoso saiu xingando e meio cambaleando à procura de seu supervisor.

O supervisor usou uma chave de fenda para tentar abrir a fechadura pelo lado de fora, mas parecia que os joelhos do homem estavam firmemente entalados contra a porta, e por mais que ele empurrasse não podia forçá-la a abrir mais do que alguns centímetros. O supervisor enfiou a mão pelo lado da porta tentando deslocar os joelhos do homem, mas em vez disso acabou agarrando uma mão dependurada, que estava fria como gelo. Ele recuou horrorizado e insistiu em lavar meticulosamente suas mãos antes de sair de lá aos tropicões para chamar a polícia e a ambulância, enquanto o faxineiro montava guarda.

A polícia chegou pouco depois das 5h00 e, com bem mais experiência nessas questões do que o zelador e o supervisor, removeu a porta das dobradiças em segundos. O corpo de O'Neill, totalmente vestido, estava caído contra a parede. Seu rosto estava sem cor e esticado numa máscara mortuária, com um olhar de esguelha e os dentes à mostra. Os olhos estavam bem abertos. Em seu colo a polícia encontrou duas metades de uma latinha de talco vazia, e no chão do lado dele descobriram um saquinho de plástico contendo um pouquinho de um pó branco e uma valise cheia de panfletos políticos. Encontraram outras pequenas porções de pó branco ainda grudadas no revestimento de couro da valise, que evidentemente havia sido colocada no colo de O'Neill para propiciar uma superfície plana. De um punho cerrado,

eles conseguiram arrancar uma nota de 20 libras retorcida, que havia sido enrolada formando um tubo antes de ser amassada pela última convulsão fatal de O'Neill. Seu outro braço estava estendido acima da cabeça, como se o cadáver de dentes arreganhados estivesse dando um último e horrendo aceno de adeus.

– Mais um drogado tomando sua última dose – murmurou o sargento da polícia para seu colega mais novo. – É mais comum encontrar os caras com uma agulha espetada no braço, mas esse aqui parece que achou o seu canto do cisne cheirando cocaína.

– Não sabia que era letal – disse o policial.

– Deve ter sido demais para o coração dele. Ou então o bagulho estava adulterado. Tem um monte de droga assim sendo passada nos postos de combustível dessa rodovia, e os drogados nunca sabem direito o que estão comprando. Às vezes eles têm azar. – Começou a vasculhar os bolsos de O'Neill para tentar achar alguma pista de sua identidade. – Vamos em frente com isso, garoto, chamar os benditos fotógrafos para registrar essa cena sórdida. Não adianta nada a gente ficar aqui em pé tentando adivinhar o que aconteceu… Senhor Roger O'Neill – ele anunciou ao encontrar a carteira com alguns cartões de crédito. – Tem ideia de quem é? Ou de quem era?

O relógio marcava 7h20 quando o representante do médico-legista autorizou a remoção do corpo. Os homens da ambulância debateram-se para conseguir tirar o corpo contorcido do cubículo e colocá-lo na maca, quando veio a chamada pelo rádio. O corpo não só tinha um nome mas também um currículo.

– Que inferno – disse o sargento ao operador de rádio –, isso vai criar o maior bafafá. Vão vir os inspetores da Homicídios, os superintendentes, até o chefe da polícia para dar uma olhada nesse aí. – Ele coçou o queixo e virou para o policial mais jovem. – Com esse cara, com certeza tiramos a sorte grande. Parece que o nosso garoto debaixo do cobertor era uma figura política importante e tinha alguma coisa a ver com Downing Street. É bom você escrever um relatório muito bom, garoto. Com todos os pinguinhos nos "is". Vai dar um belo *best-seller*, eu acho.

* * *

Mattie estava no chuveiro, lavando os últimos vestígios da noite anterior, quando seu telefone tocou. Era Krajewski, ligando da redação do *Chronicle*.

– Porra, Johnnie, é um pouquinho cedo ainda, você não acha? – ela começou reclamando, antes que ele a cortasse.

– Você precisa saber da última. Mais uma das tuas impossíveis coincidências. A notícia acaba de chegar. Parece que a polícia de Southampton encontrou o teu Roger O'Neill morto num banheiro público, faz umas duas horas.

Ela ficou em pé, pingando em cima do tapete, totalmente perplexa com a confusão que se espalhava em torno dela.

– Me diga que isso é apenas o seu jeito estúpido de me dizer bom-dia, Johnnie. Por favor.

– Parece que o meu destino é sempre te decepcionar, Mattie. Mas é isso mesmo. Acabei de mandar um repórter para lá, mas parece que a polícia científica chamou o Esquadrão de Narcóticos. Corre o boato de que foi overdose.

Mattie tremeu conforme uma das peças se encaixava, como se fosse a porta de uma cela batendo.

– Então era isso. Um drogado. Não é de se estranhar que fosse tão confuso.

– Não é o tipo de cara que você gostaria de ver sentado junto à saída de emergência do avião, com certeza – ele respondeu, mas, no mesmo momento em que disse isso, um véu de mistério e frustração recaiu sobre a ligação telefônica. – Mattie, que porra significa tudo isso…?

– Ele era o nosso homem. O único que a gente sabia com certeza que estava envolvido em todos esses truques sujos, e que deixou seus rastros em tudo. O homem que poderia revelar o maldito mistério todo para a gente. Agora ele some de cena um dia antes de elegerem o novo primeiro-ministro, deixando a gente na estaca zero. Você não está percebendo, Johnnie?

– Percebendo o quê?

– Que isso não pode ser coincidência. Foi um assassinato, porra!

* * *

Mattie vestiu qualquer coisa, nem secou o cabelo, e foi correndo atrás de Penny Guy, embora isso parecesse uma caçada inútil. Ela tocou a campainha do bloco residencial de Penny por vários minutos seguidos, sem resposta, até que um jovem morador saiu apressado, deixou a porta entreaberta e Mattie conseguiu entrar. Subiu até o terceiro andar por um elevador que rangia e achou o apartamento de Penny. Ficou batendo na porta alguns minutos, até que ouviu uns barulhos lá dentro e o trinco foi destravado. A porta abriu lentamente. De início, não havia sinal de Penny, mas, quando Mattie entrou, encontrou Penny sentada, quieta, no sofá, as cortinas fechadas, olhando para o nada.

– Você já sabe – sussurrou Mattie.

A agonia que se desenhava no rosto de Penny foi resposta suficiente.

Mattie sentou-se ao lado dela e segurou sua mão. Aos poucos, os dedos de Penny foram agarrando a mão de Mattie, como alguém que se afoga e segura uma tábua boiando na água.

Quando finalmente Penny falou, sua voz fraquejava, encharcada de tristeza.

– Ele não merecia morrer. Era um cara fraco, tudo bem, mas não era um cara mau. Ele era muito bom.

– O que ele foi fazer em Southampton?

– Passar o fim de semana com alguém. Não disse quem. Um daqueles estúpidos segredos dele.

– Você tem alguma ideia?

Penny negou com a cabeça, rígida, com movimentos entrecortados.

– Você sabe por que ele morreu? – perguntou Mattie.

Penny se virou para olhá-la com olhos que ferviam de acusação.

– Você não está interessada nele, não é? Está interessada apenas na morte dele.

– Eu sinto muito que ele tenha morrido, Penny. Sinto também porque vão botar no Roger a culpa por um monte de coisas ruins que têm acontecido ultimamente. E eu não acho que isso seja justo.

Penny piscou os olhos lentamente, como um lerdo tentando entender uma questão de física avançada.

– Mas por que eles iriam colocar a culpa no Roger?

– Eu acho que ele foi vítima de uma armação. Alguém vinha usando o Roger, complicando a vida dele e forçando ele a fazer um jogo político sujo. Até que o Roger chiou.

Penny ponderou sobre aquilo por um bom tempo.

– Ele não foi a única vítima de uma armação – ela disse.

– Como assim?

– O Pat. Mandaram uma fita para ele. Ele achou que tinha sido eu.

– Pat? Que Pat?

– O Patrick Woolton. Ele achou que eu tinha gravado uma fita de nós dois na cama para depois chantageá-lo. Mas foi outra pessoa que gravou a fita. Não fui eu.

– Então foi por isso que ele saiu da disputa! – disse Mattie, com a respiração suspensa por aquela revelação súbita. – Mas… quem poderia ter gravado essa fita, Penny?

– Eu não sei. Praticamente qualquer um na convenção do partido, eu acho. Qualquer um que estivesse em Bournemouth, qualquer pessoa que estivesse no hotel.

– Penny, não deve ser nada disso! A pessoa que chantageou Patrick Woolton sabia que você estava dormindo com ele.

– Rog sabia. Mas ele nunca faria… Será que faria? – ela hesitou, de repente, buscando desesperadamente alguma confirmação. Dúvidas começavam a brotar dentro dela.

– E alguém chantageava o Roger, também. Alguém que descobriu que ele estava metido com drogas. Alguém que o obrigou a vazar a pesquisa de opinião, a adulterar os arquivos do computador e a fazer todas as outras coisas. Alguém que…

– Alguém que o matou?

– Eu acho que sim, Penny – disse ela, baixinho.

– Mas por quê…? – lamentou Penny.

– Para apagar suas pistas.

– Você conseguiria descobrir quem é para mim, Mattie?

– Eu vou tentar – ela disse. – Só não sei por onde começar.

* * *

O tempo havia ficado bem mais gélido, mas Mattie parecia nem perceber. Sua mente ficara igual a seu cesto de roupa suja, saturada de ideias descartadas, e ela passara o dia todo se punindo, na tentativa de fazer uma seleção dentre todas elas. Foi dar uma longa corrida no parque, depois fez uma boa faxina em tudo que se acumulara pelos cantos de seu apartamento, até passou a ferro algumas roupas íntimas, mas nada ajudou. A morte de O'Neill batia a porta com força em cada um dos pensamentos da cabeça dela. Já anoitecia quando ligou para Krajewski.

– Dê um pulo aqui, Johnnie. Por favor.

– Você deve estar desesperada mesmo.

O silêncio dela não contribuiu em nada para fazê-lo se sentir melhor.

– Porra, mas está nevando lá fora – ele protestou.

– Jura?

– Em vinte minutos eu estou aí – ele murmurou, antes de recolocar o telefone no gancho.

Fazia uns 4 graus. Ele chegou com uma caixa de pizza grande na mão.

– Para mim? – ela perguntou abrindo a porta. – Que gentileza.

– Não, na verdade é para mim. Imaginei que você já devia ter comido. – Ele suspirou. – Mas acho que dá para os dois. – Ele estava determinado a não dar moleza para ela. Mas ela não merecia.

Terminaram a pizza com as costas apoiadas contra a parede da sala dela, com migalhas espalhadas em volta dos dois, a caixa jogada de lado, deixando

aquele chão, recém-lavado, na maior bagunça de novo.

– Você contou para o Grev que eu estou escrevendo um livro? – perguntou ela.

Ele limpou os dedos num pedaço de papel toalha.

– Achei melhor não. Pensei que não seria uma ideia muito boa deixar ele saber que a gente ainda mantém contato. Você não anda lá com muito cartaz no *Chronicle*, Mattie. E, além disso – ele acrescentou, com um toque de irritação na voz –, todo mundo iria achar que eu estava te comendo.

– Eu magoei você, não foi?

– É.

– Desculpa.

– Há sempre uma chance de eu constar numa nota de rodapé nesse teu maldito livro, eu acho.

– A história só vai ficando cada vez mais comprida, mais comprida, Johnnie, mas eu ainda não achei o final, não encontrei a peça que está faltando.

– E qual é?

– Quem matou O'Neill.

– O quê? – ele soltou, alarmado.

– É a única alternativa que faz sentido – disse ela, séria e animada de novo. – Nada do que vem acontecendo foi coincidência. Eu descobri que o Woolton foi deliberadamente chantageado para cair fora da disputa. Alguém se livrou dele, assim como se livraram do Collingridge, do McKenzie e do Earle, eu suspeito. E do O'Neill.

– Você faz alguma ideia do que está dizendo? Aquele cara estúpido morreu de overdose! Não é com a KGB que a gente está lidando.

– No que diz respeito ao O'Neill, poderia muito bem ter sido.

– Meu Deus!

– Johnnie, tem alguém envolvido nisso que não vai parar por nada.

– Mas quem? Por quê?

– Esse é o problema. Eu não sei! Tudo leva de volta ao O'Neill, e agora o cara vai e morre! – Ela deu um chute na caixa de pizza, de frustração.

– Olha, não é muito mais fácil supor que cada um desses disparates possa ser atribuído ao próprio O'Neill?

– Mas por que ele teria se envolvido?

– Sei lá. Chantagem. Dinheiro para comprar a droga dele, talvez. Quem sabe alguma coisa a ver com poder. Drogado nunca sabe quando parar. Ele acabou se envolvendo demais, e aí se assustou. Perdeu o controle e se matou.

– Quem é que se mata num banheiro público? – disse ela, com desdém.

– A cabeça do cara tinha ido para o espaço!

– Sim, e quem o matou, quem quer que seja, se aproveitou disso!

Os dois bufavam de frustração, ombro com ombro, embora a um mundo de distância.

– Voltando – disse Krajewski, obstinado, tentando uma vez mais. – A questão dos vazamentos. Vamos brincar de motivo e oportunidade.

– Dinheiro não era o motivo. Não há qualquer indício disso.

– Portanto, deve ser algum joguinho sujo de poder.

– Certo. O que significa que O'Neill não era o homem por trás disso.

– Mas ele teve a oportunidade.

– Não para todos os vazamentos. Alguns deles vieram do Governo, não do partido. Material altamente confidencial que não estaria disponível nem aos membros do Gabinete, muito menos a um funcionário do partido.

– Nem mesmo Teddy Williams?

– Ele não teria necessidade de arrombar seus próprios arquivos, teria? Muito menos arquivos que mandassem seu amiguinho Samuel para a tubulação de esgoto.

– Portanto…

– Governo. Deve ser alguém de dentro do Governo.

Krajewski descobriu um pedacinho de pizza grudado perto da boca e o trouxe para dentro com a língua enquanto pensava.

– Você tem uma lista dos ministros do Gabinete?

– Numa gaveta, em algum lugar.

– Então levanta essa tua bunda maravilhosa e vai achar.

Depois de uma rápida busca que expôs as profundas limitações de seus esforços para arrumar o apartamento, ela descobriu a lista no meio de uma pilha de papéis e a passou para Krajewski. Ele foi até a mesa de trabalho de Mattie e com o braço afastou de lado as pilhas de livros e tralhas variadas, expondo o tampo da mesa, liso, de laminado branco. A brancura da mesa era como um caderno aberto esperando para ser preenchido. Pegou uma caneta de ponta grossa e começou a rabiscar os 22 nomes.

– Ok, quem pode ter sido o responsável pelos vazamentos? Vamos lá, Mattie. Pensa!

Ela ficou andando pela sala enquanto se concentrava, tentando achar seu caminho por aquele labirinto burocrático.

– Houve dois vazamentos que só poderiam ter saído de dentro do Gabinete – disse ela, por fim. – Os cortes do Exército Territorial e a aprovação do remédio da Renox. E eu tenho o palpite de que a gente pode acrescentar também o cancelamento do programa hospitalar; nunca comprei a ideia de que O'Neill e o partido estivessem muito envolvidos nisso.

– Bom, e quem no Governo poderia estar sabendo?

– Quem quer que estivesse na respectiva comissão do Gabinete.

– Estou pronto para jogar. Quando você quiser – disse ele, caneta a postos.

Devagar, ela começou a citar os membros dos vários grupos ministeriais que poderiam ter conhecimento prévio das decisões.

– Certo, os cortes no Exército Territorial – ela começou. – Temos o secretário de Defesa, o secretário das Finanças, talvez o da Fazenda. – A participação nas comissões do Gabinete era supostamente confidencial, mas fazia parte das fofocas bem informadas, trocadas por todos que eram do lobby. – E o primeiro-ministro, é claro. – Ela contava nos dedos. – E depois tem ainda o secretário do Trabalho e o secretário do Exterior.

Ele ia ticando os nomes na lista.

– O esquema do hospital deve ter sido uma comissão completamente diferente. O secretário da Saúde, os do Tesouro, do Comércio e Indústria, da Educação, do Meio Ambiente. Acho que é isso.

Mais tiques.

– Mas a aprovação do remédio da Renox… Que coisa, Johnnie, isso não teria ido para nenhuma comissão do Gabinete. Era uma coisa ministerial, não teria sido controlada pelo secretário da Saúde e seus assessores. O escritório do primeiro-ministro teria ouvido falar a respeito, é claro. Não consigo pensar em mais ninguém.

Agora ela estava ao seu lado, ambos inclinados sobre a mesa, olhando para o que ele rabiscava. Conforme ela procurava na lista, seus ombros foram caindo.

– Acho que a gente fez alguma coisa errada – murmurou Krajewski.

Havia apenas um nome com três tiques do lado, de um homem que teria acesso a todos os três detalhes de informação que vazaram, um homem que eles poderiam considerar culpado.

Henry Collingridge. O homem que fora a vítima daqueles vazamentos. Os esforços dos dois haviam levado à mais absurda conclusão de todas.

– Merda! – ela exclamou, irritada, e virou as costas, chutando de novo a caixa de pizza toda escangalhada e levantando mais migalhas pelo ar. Então sua frustração virou um choro suave, que foi descendo por seu rosto e caindo em seus seios.

Johnnie colocou os braços em volta dela.

– Desculpa, Mattie – ele sussurrou –, eu acho que foi só o Roger o tempo todo. – Ele beijou suas bochechas, sentindo o gostinho salgado das lágrimas, depois beijou-lhe os lábios de um jeito que pretendia afastá-la de sua tristeza. Ela deu um passo atrás, bruscamente.

– O que há de errado, Mattie? – ele perguntou, magoado. – Às vezes a gente fica tão próximo um do outro, e aí…

Ela não conseguiu responder, derramou mais algumas lágrimas; ele decidiu tentar mais uma vez.

– Posso passar a noite aqui?

Ela negou com a cabeça.

– Nem no sofá?

Outra negativa.

– Lá fora está nevando que nem no Alasca – ele reclamou.

Ela levantou o olhar, sussurrou.

– Sinto muito, Johnnie.

– Tem alguém na jogada, não é?

De novo, nenhuma resposta.

Ele saiu e bateu a porta com tamanha força que espalhou ainda mais papéis pelo chão da sala.

Westminster é um zoológico. Lá, você encontra portentosos animais selvagens em exposição, confinados atrás de grades, a força exaurida, o ânimo lentamente subjugado, objetos de escárnio – ou de mente pequena e profundo desinteresse por aqueles que nutrem ideias grandiosas. Prefiro a selva.

TERÇA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO

Os jornais da manhã foram atirados no capacho de um milhão de lares como sinos fúnebres para a candidatura de Samuel. Um por um, editor por editor, eles se alinharam com Urquhart, não apenas aqueles sobre os quais Landless havia colocado seu dedo, mas a maioria dos outros também. Às vezes, até os editores gostam da escolha mais segura, nadar com a maré, e ela agora fluía inexoravelmente na direção de Urquhart.

Apenas dois jornais da imprensa de maior qualidade nadaram por conta própria, o *Guardian*, por querer ser espírito de porco e insistir em apoiar Samuel, e o *Independent*, porque tinha opiniões divergentes demais e portanto se recusou a apoiar qualquer um deles.

O clima se refletiu nos dois campos, com os apoiadores de Urquhart achando difícil esconder seu ar de confiança, e os de Samuel já procurando desculpas.

Mesmo antes das 10h00, a hora designada, um grande grupo de parlamentares já se reunia em frente às portas de carvalho da Sala de Comitê número 14, todos esperando ser o primeiro a depositar o voto e se qualificar para uma nota de rodapé na história. A neve grossa que começava a cobrir Westminster deu aos procedimentos uma calma surreal. O Natal estava próximo, as luzes já brilhavam na Oxford Street. Paz na terra. Em poucas horas, a batalha estaria encerrada, com cumprimentos de mão em público e congratulações por toda parte quando o resultado fosse anunciado, mesmo que reservadamente os vitoriosos planejassem suas recriminações e os perdedores tramassem suas vinganças.

* * *

Mattie não conseguira dormir nada. Sentia-se oprimida, havia ideias demais brigando umas com as outras dentro de sua cabeça. Por que ela tratava Johnnie tão mal? Por que estava se apaixonando por um homem como

Urquhart, que nunca poderia ser seu? Por que ela não conseguia enxergar o padrão daquilo que estava acontecendo a sua volta? Becos sem saída demais. Isso a fazia se sentir um fracasso.

Ela passara a manhã andando com dificuldade pela neve, meio aérea, buscando inspiração mas conseguindo apenas ficar ensopada, com os pés congelados e o cabelo caído em cachos molhados. Era começo da tarde quando ela apareceu em Westminster. A neve parara de cair e o céu estava clareando, ficando azul cristal, deixando a cidade com cara de cartão de Natal vitoriano. As Câmaras do Parlamento estavam particularmente resplandecentes, como um fantástico bolo de gengibre com cobertura de açúcar cristalizado. A bandeira da Grã-Bretanha na Victoria Tower tremulava orgulhosamente, enquanto os Concordes cumpriam suas rotas de voo até Heathrow. No pátio da igreja de St. Margaret, abrigado sob uma ala da grande abadia medieval, um coral de canções natalinas enchia o ar de música e fazia coleta de donativos junto aos turistas. Nada daquilo chamou sua atenção.

As celebrações já haviam começado em várias partes da Câmara dos Comuns. Assim que ela passou sob a sombra do Big Ben, um de seus colegas da galeria de imprensa foi correndo até ela para compartilhar as últimas notícias.

– Cerca de 80% deles já votaram. Urquhart já ganhou, com certeza. Foi uma avalanche. – Ele lançou um olhar de curiosidade em direção a ela. – Meu Deus, Mattie, você está com um aspecto terrível – ele disse, antes de continuar seu caminho, apressado.

Mattie sentiu um tremor de excitação. Com Francis na Downing Street, ela teria uma chance de reconstruir sua vida. Mas, enquanto pensava em tais coisas, uma nuvem fria de dúvida se fechou em volta dela. Ela não merecia. Logo cedo naquela manhã, tinha andado até a casa de Urquhart na Cambridge Street, como uma tonta, atraída por ele, desesperada para poder compartilhar de sua sabedoria, e tudo que conseguiu foi vê-lo à distância na porta de casa, beijando a mulher Mortima para as câmeras. Mattie abaixou a cabeça e foi embora apressada, com vergonha dela mesma.

Mesmo assim, suas dúvidas e suas necessidades cresciam a cada minuto. Alguma maldade, alguma indignidade estava ocorrendo, mas o mundo parecia teimosamente cego àquilo. Com certeza, Francis entenderia, saberia o que fazer. Ela imaginava que nunca mais estaria a sós com ele, não depois que ele fosse para Downing Street, onde viveria rodeado de guarda-costas e secretários. Para se encontrar com ele, teria de ser agora. Era sua única chance.

Urquhart não estava em sua sala, nem em um dos bares ou restaurantes do Palácio de Westminster. Ela perguntou em vão pelos corredores, mas

ninguém pareceu capaz de ajudá-la. Estava quase concluindo que ele havia saído de lá para almoçar ou dar alguma entrevista, quando um dos amáveis guardinhas do palácio contou a ela que havia visto Urquhart não fazia nem dez minutos, indo em direção ao jardim da cobertura. Ela não tinha ideia de que esse lugar existia, menos ainda de onde ficava.

– É isso mesmo, senhorita – ele riu –, quase ninguém sabe que esse jardim existe. Na verdade, só os funcionários, os políticos não sabem. A gente gosta de manter um certo segredo a respeito dele, senão acabaria indo todo mundo para lá e causando estragos. Mas o senhor Urquhart, ele é diferente, parece conhecer cada canto desse lugar aqui.

– E onde fica? Você pode me contar?

– Fica bem em cima da própria Câmara. É um terraço de cobertura, com algumas mesas e cadeiras para que os funcionários possam aproveitar um pouquinho o sol do verão, comer um sanduíche e tomar um café. Mas, nesta época do ano, deve estar vazio. Quer dizer, com exceção do senhor Urquhart. Acho que ele quer meditar um pouco sozinho. E escolheu o lugar certo para isso, sem dúvida. Mas não vá lá perturbar ele, senão vou ter que te prender amanhã!

Ela sorriu para ele, ele não resistiu, e agora ela seguia suas orientações, indo pela escada depois da Galeria dos Convidados e subindo mais uma vez até passar pelo vestiário com painéis de madeira, reservado aos porteiros do palácio. Depois, viu uma porta de incêndio entreaberta. Assim que cruzou a porta, saiu na cobertura, banhada pela luz do sol, e perdeu o fôlego de espanto. A vista era magnífica. Bem na frente dela, erguendo-se rumo ao céu sem nuvens e brilhando com a luz do sol e a neve, estava a torre cor de mel do Big Ben. Cada detalhe da pedra lindamente cortada destacava-se com impressionante clareza, e ela podia ver o tremor dos grandes ponteiros do relógio conforme o antigo mecanismo seguia seu curso implacável. A sua esquerda, encontrou a vastidão do telhado do Westminster Hall, a parte mais velha do palácio, sobrevivente de incêndios, guerras, bombas, tumultos e revoluções; à direita, o irrepreensível Tâmisa, oscilando em seu curso atemporal.

Havia pegadas frescas na neve. Ele estava em pé junto à balaustrada no extremo oposto do terraço, olhar perdido na distância, por sobre os telhados de Whitehall até os muros de pedra branca do Home Office. Atrás, ficava o Palácio de Buckingham, aonde, mais tarde naquela noite, ele seria levado – triunfante.

Ela foi pisando nas pegadas dele, reconfortando-se com isso. Ele se virou de repente, assustado, ao ouvir os ruídos dos passos dela.

– Mattie! – exclamou ele. – Que surpresa!

Ela avançou na direção dele, os braços estendidos, mas algo nos olhos dele

lhe dizia que essa não era a melhor hora nem o melhor lugar. Deixou os braços caírem ao lado do corpo.

– Eu precisava ver você, Francis.

– Mas é claro. O que você quer de mim, Mattie?

– Não tenho muita certeza. Dizer adeus, talvez. Não acho que a gente vá ter muita oportunidade de se ver mais, pelo menos, não como…

– Não como ontem à noite? Acho que talvez você tenha razão, Mattie. Mas a gente sempre irá compartilhar essa memória. E você sempre terá a minha amizade.

– Eu também quero deixar você avisado.

– A respeito de quê?

– De alguma coisa ruim que está acontecendo.

– Onde?

– A nossa volta… a sua volta.

– Não estou entendendo.

– Houve muitos vazamentos.

– A política é um terreno pantanoso.

– Patrick Woolton foi chantageado.

– Sério? – Ele olhou para ela de repente, alarmado, como se tivesse levado um tapa.

– Os Collingridge foram vítimas de uma armação com aquela história das ações da Renox.

Ele ficou em silêncio.

– E eu acho que alguém matou Roger O'Neill. – Ela viu a incredulidade borbulhando nos olhos dele. – Você acha que eu estou louca?

– Não, de jeito nenhum. Você parece angustiada. Mas essa é uma acusação muito séria, Mattie. Você tem algum tipo de prova?

– Mais ou menos. Não uma prova suficiente. Não ainda.

– Mas quem é que está por trás disso tudo?

– Eu não sei. Por um tempo achei que podia ser o Teddy Williams, talvez seja ele, mas não posso concluir isso sozinha, Francis. Eu nem sequer disponho mais de um jornal para escrever. Eu tinha a esperança de que você pudesse me ajudar.

– E como você gostaria que eu te ajudasse, Mattie?

– Eu acredito que há um homem por trás disso tudo. Ele usou Roger O'Neill, e depois se livrou dele. Se a gente conseguir encontrar o elo que está faltando na corrente, só esse elo, quem sabe sejam as ações, então ele levará aos outros, e tudo vai aparecer, sempre aparece, e a gente pode fazer que isso…

Ela continuava falando sem parar, aos borbotões. Ele avançou um passo na direção dela e a segurou pelos braços, apertando-os delicadamente,

fazendo-a parar.

– Você parece cansada, Mattie. Você está muito alterada.

– Não acredita em mim?

– Muito pelo contrário. Talvez você tenha nas mãos a maior história que jamais irá escrever. Westminster é um canto escuro e às vezes sujo, onde os homens trocam seus princípios por alguns anos no poder. É um jogo muito antigo. Mas também é um jogo perigoso. Você precisa tomar muito cuidado, Mattie. Se você estiver certa e houver alguém responsável pela morte de Roger O'Neill, isso coloca você na linha de fogo, também.

– O que eu devo fazer, Francis?

– Você deixaria eu cuidar disso para você, por um breve tempo? Com sorte, amanhã estarei numa posição que me permitirá fazer todo tipo de pergunta, colocar alguns gatos na toca dos ratos. Veremos o que sai de lá.

– Você faria isso?

– Por você, eu faria praticamente qualquer coisa, Mattie; você, com certeza, já deve saber disso.

A cabeça dela caiu para frente, em cima do peito, em sinal de gratidão e alívio.

– Você é um homem muito especial, Francis. Melhor do que todo o resto.

– É você que está dizendo, Mattie.

– Há muitas pessoas dizendo isso.

– Mas, você sabe, eu não estou em posição de comentar.

Ele sorriu, seus rostos a centímetros um do outro.

– Você deve confiar totalmente em mim em relação a isso, Mattie. Mas, prometa: nem uma palavra a respeito disso, com ninguém.

– É claro.

– E um fim de semana desses, logo, logo nos feriados de Natal, talvez você possa dar um pulo na minha casa de campo. Eu arrumo alguma desculpa, digo que preciso organizar alguns papéis lá. Minha esposa provavelmente estará ouvindo Wagner em algum canto do continente europeu. Você e eu podemos ficar a sós de novo. Pense nisso.

– Tem certeza?

– New Forest fica linda nessa época do ano.

– Você tem casa em New Forest?

– Perto de Lyndhurst.

– Junto à M27?

– Isso mesmo.

– Foi onde Roger O'Neill morreu.

– É mesmo?

– Acho que são menos de 20 quilômetros.

Ele agora olhava para ela de um jeito estranho. Ela deu um passo para

trás, afastando-se, sentindo fraqueza, tontura, inclinou-se na balaustrada para se apoiar. E as peças do quebra-cabeça se mexeram em sua mente e de repente se encaixaram com precisão.

– O seu nome não estava na lista… – ela sussurrou.

– Que lista?

– Dos membros do Gabinete. Porque o líder da bancada não é um membro efetivo do Gabinete. Mas como você é responsável pela disciplina do partido, eles tiveram que consultar você a respeito do cancelamento do programa hospitalar. E dos cortes no Exército Territorial. Para que você pudesse… como é que você diz mesmo?… *colocar um pouco de ordem na casa.*

– Isso é uma grande bobagem da sua parte, Mattie.

– E todo departamento do Governo tem um assessor seu ligado a ele, para assegurar que haja uma boa coordenação. Para manter os dedos sobre o pulso, o ouvido grudado no chão, esse tipo de coisa. São seus homens, Francis, que se reportam a você depois. E como você é o líder da bancada, sabe tudo a respeito dos pequenos podres de cada um, quem é que anda cheirando cocaína demais, quem dorme com quem, onde é que você deve colocar o gravador…

O rosto dele ficou branco, perdera aquele brilho das bochechas, parecia uma máscara de alabastro, exceto pelos olhos.

– Oportunidade. E motivo – ela sussurrou, chocada. – Do nada, você vira primeiro-ministro em apenas dois meses. Como é que eu não percebi isso? – Ela balançou a cabeça, zombando de si mesma. – Eu não percebi porque acho que eu amo você, Francis.

– O que não torna você particularmente objetiva. Como você mesma disse, Mattie, você não tem o menor indício de prova.

– Mas vou conseguir, Francis.

– Há algum prazer na busca dessa verdade, Mattie?

Um floco de neve solitário caiu do céu. Ao observar aquilo, ele se lembrou de algo que um velho e mal-humorado colega seu havia lhe contado quando acabara de entrar na Câmara: que a vida na política é algo tão vão quanto tentar associar sua ambição a um floco de neve. Uma beleza efêmera. Que some de repente.

– Como foi que você matou o Roger? – ela perguntou.

Um fogo tomara conta dela, uma chama de entendimento que ardia com fúria. Ele sabia que não adiantaria tergiversar.

– Eu não o matei. Ele se matou. Eu não fiz nada, apenas lhe passei o revólver. Um pouco de veneno de rato misturado na cocaína dele. Ele era dependente, estava em plena autodestruição. Um cara muito fraco.

– Ninguém merece morrer, Francis.

– Você mesma disse isso na outra noite, eu me lembro das suas palavras

claramente. Lembro de tudo daquela noite, Mattie. Você disse que queria entender o poder. As concessões que ele exige, os enganos que ele propicia.

– Mas não isso.

– Se você entende o poder, sabe que às vezes o sacrifício é necessário. Se você me entende, sabe que eu tenho o potencial de ser um líder excepcional, alguém que pode de fato ser grande. – Havia uma paixão crescente em sua voz. – E se você entende o amor, Mattie, você é a única que pode me dar essa chance. Caso contrário…

– O quê, Francis?

Ele ficou quieto, seus lábios cada vez mais apertados, as bochechas fundas.

– Você sabia que meu pai se matou? – ele perguntou, falando tão baixo, que aquilo quase foi levado embora pela brisa do inverno.

– Não, não sabia.

– É isso que você quer que aconteça comigo?

– Não!

– É isso que você espera que eu faça?

– De jeito nenhum!

– Então, por que você me persegue? – Ele segurava seus braços com força, o rosto contorcido. – Há escolhas que a gente precisa fazer na vida, Mattie, escolhas desesperadoramente difíceis, escolhas pelas quais a gente se odeia, mas que se tornam inevitáveis. Você e eu, Mattie, a gente precisa escolher. Nós dois.

– Francis, eu amo você, amo de verdade, mas…

E com aquela conjunção pequena, lancinante, ele parou. Súbito, o caos dentro dele congelou, seus olhos encarando os dela, derretendo-se de mágoa, como o floco de neve que caíra do céu cristalino de Westminster. Ele soltou um soluço de angústia, desesperado, um animal sofrendo uma dor insuportável. Então ele ergueu Mattie e a jogou por sobre a balaustrada.

Ela gritou enquanto caía, mais de surpresa do que de terror. Os gritos cessaram quando ela bateu nas pedras lá embaixo e ficou estendida, inerte.

* * *

Era uma garota estranha. Acho que estava encantada por mim. Isso às vezes acontece, infelizmente, com pessoas que ocupam cargos públicos. Ela apareceu um dia na porta de casa, tarde da noite, assim, completamente do nada.

Perturbada? Bem, pode-se dizer que sim, mas eu não estou em posição de comentar, embora tenha conhecimento de que ela recentemente saíra de seu emprego no Chronicle *e ainda não tinha conseguido um novo trabalho. Não sei se foi ela que*

saiu ou se foi demitida. Morava sozinha, ao que parece. Um caso triste.

Quando ela se aproximou de mim na cobertura, parecia perturbada e toda desgrenhada. Várias pessoas, incluindo um colega dela, jornalista, e um dos nossos policiais no palácio, podem confirmar isso. Ela veio me pedir um emprego. Eu lhe disse que não seria possível, mas ela insistiu, foi ficando inconveniente, histérica. Tentei acalmá-la, mas ela ficou pior ainda. Estávamos em pé junto à balaustrada e ela ameaçou se atirar. Eu avancei para tentar segurá-la, mas aparentemente ela escorregou no gelo, as condições eram bem traiçoeiras, e num instante, sem que eu tivesse tempo de fazer nada, ela havia desaparecido. Se ela fez isso de propósito? Espero que não. Foi um trágico desperdício de uma vida jovem.

Não é a melhor maneira de se iniciar um mandato de primeiro-ministro, claro que não. Por um tempo, refleti se não seria o caso de abandonar tudo, e assim não ter de carregar esse fardo adiante. Mas, em vez disso, decidi dedicar um interesse especial à questão da doença mental entre os jovens. Temos que fazer mais nesse sentido. Nunca vou esquecer a tristeza daquele momento no terraço da cobertura. Pode parecer estranho, mas acredito que o sofrimento dessa jovem me dará força, será um desafio do qual precisarei estar à altura. Vocês entendem, não é?

Eu inicio meu período na Downing Street com uma renovada determinação de unir nosso povo, de colocar um fim ao constante gotejar de cinismo que tem erodido uma parte substancial de nossa vida nacional, e dedicar minha vida à causa do nosso país. Devo fazer de tudo para assegurar que a morte da senhorita Storin não tenha sido em vão.

E agora, se me permitem, tenho muito trabalho pela frente.

FIM

Epílogo

Foi um glorioso, esplendoroso e monumental pandemônio o que aconteceu há vinte anos. Mudou completamente minha vida. Foi este livro, *House of Cards*.

Eu estava na pequena ilha de Gozo e num mau humor terrível. Comecei a me queixar de tudo – do sol, do mar, e particularmente do mais recente *best-seller*. Logo minha parceira ficou cheia daquilo.

– Pare com essa sua maldita arrogância – disse ela. – Se você acha que consegue fazer melhor, então vá e faça. Eu não saí de férias para ficar ouvindo você reclamar o dia inteiro desse maldito livro!

Estimulado por seu incentivo, resolvi descer até a piscina. Nunca havia pensado em escrever um livro, mas agora eu estava armado com um caderno, uma caneta e uma garrafa de vinho, tudo o que eu precisava para virar um escritor – exceto, é claro, por aqueles detalhes maçantes, conhecidos como Personagem e Enredo. Sobre o que eu poderia escrever? Minha mente voltou atrás algumas semanas, até o motivo de eu estar aborrecido e me sentindo tão mal.

Sede do Partido Conservador, 1987. Uma semana antes do dia da eleição, eu era o chefe de pessoal de Margaret Thatcher. Ela estava prestes a vencer uma terceira eleição – um recorde –, mas Maggie havia sido convencida por uma combinação de dois fatores – uma pesquisa de opinião enganosa e um nervosismo pouco característico dela – de que poderia perder. Não dormia bem havia alguns dias, estava com uma dor de dente devastadora e decidiu que alguém mais tinha de sofrer. Esse alguém era eu. Num dia que ficou conhecido como a "Quinta-feira do Estremecimento", ela explodiu, criou uma tempestade, foi brutalmente injusta. A sua bolsa metafórica foi atirada na minha cabeça seguidas vezes. Eu estava prestes a virar mais uma nota de rodapé na história.

Quando saímos da sala, aquela velha e sábia raposa, o vice-primeiro-ministro Willie Whitelaw, revirou os olhos e declarou: "Eis uma mulher que nunca mais vai disputar outra eleição". Ele viu as sementes de autodestruição que em pouco tempo se tornariam aparentes para o mundo inteiro.

Quando me sentei à beira da piscina, as palavras de Willie ainda ressoavam nos meus ouvidos. Peguei minha caneta e minha garrafa de vinho. Três garrafas depois, achei que tinha encontrado meu personagem – suas iniciais seriam F.U. – e um enredo. Era sobre como se livrar de um primeiro-ministro. Assim nasceram Francis Urquhart e *House of Cards*.

Não imaginava que iria conseguir publicá-lo – para mim, aquilo não

passava de uma pequena terapia particular –, mas por obra de uma sorte magnífica e totalmente imprevista, o livro logo se tornaria um *best-seller*, e a BBC o transformaria numa série premiada, com o esplêndido Ian Richardson. Eu me retirei magoado da atividade política e virei escritor em tempo integral. Hoje, 25 anos depois da publicação do livro, F.U. está mudando minha vida de novo. Um passo adiante, com Kevin Spacey no papel principal, na nova série de tevê. Meu castelo de cartas foi reconstruído.

Para marcar esse novo sopro de vida para F.U., tive a oportunidade de retrabalhar o romance – sem grandes mudanças, já que ninguém que tenha lido o original irá achar que se trata de um novo livro, mas a narrativa ficou mais bem amarrada, os personagens têm mais vida e os diálogos estão talvez mais ágeis. Foi um reencontro que me permitiu retribuir alguns dos prazeres que *House of Cards* tem me dado ao longo desses anos. O que permaneceu inalterada foi a maldade desavergonhada que faz parte dele. Mergulhe nela. Aproveite.

Valeu a pena levar aquele sabão de Maggie Thatcher? Bem, como é mesmo a frase? Pode-se dizer que sim, mas eu não estou em posição de comentar.

Michael Dobbs
Lorde Dobbs de Wylye
www.michaeldobbs.com
@dobbs_michael

1 Bairro da região sul de Londres, no distrito de Wandsworth, a 5 km ao sul do centro da cidade. [N. T.]

2 “F.U.”, além de aludir às iniciais do nome de Francis Urquhart, é uma provável referência ao xingamento *fuck you* (“vá se foder”), pois em inglês a letra *U* e a palavra *you* compartilham o mesmo som. [N. T.]

3 No sistema de Westminster, os *backbenchers* são membros do Parlamento ou legisladores, ou seja, deputados de segundo escalão, eleitos mas sem cargo no governo e que tampouco têm voz ativa como deputados da Oposição. [N. T.]

1 “Grunhidos & Gemidos”. [N. T.]

1 O termo se refere a determinado tipo de escritor de cartas que alega ser vítima de uma injustiça, ou que compõe reclamações longas e veementes contra uma pessoa ou organização. [N. E.]

Copyright © Michael Dobbs, 2013
Título original: *House of Cards*

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Luiza Del Monaco e Paula Carvalho
Capa e edição de arte: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix

Preparação: Fábio Bonillo
Revisão: Amanda Coca, Roberto Candido Francisco e Cristiane Yagasaki / Tikinet
Projeto gráfico e diagramação: Aline Maya / Tikinet
Produção gráfica: Liliane Cristina Gomes
Imagens da capa: Duncan Walker/Getty Images e Julian Calverley/Corbis
Conversão eBook: Hondana

BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D661h
Dobbs, Michael, 1950-
House of Cards / Michael Dobbs ; tradução Luis Reyes Gil. - São Paulo : Benvirá, 2014.
recurso digital : il. ; 23 cm.

Tradução de: House of Cards
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8240-117-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. I. Gil, Luis Reyes. II. Título.

14-09199. CDD: 823

CDU: 821.111-3

1ª edição, 2014

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

Todos os direitos desta edição reservados à Benvirá, um selo da Editora Saraiva.

Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar
05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP
www.benvira.com.br

547.463.001.001